UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

GABRIEL MOREIRA MONTEIRO BOCCHI

Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de "atualização"

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de "atualização"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Autor: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr.

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Bocchi, Gabriel Moreira Monteiro
B664e Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de "atualização" / Gabriel Moreira Monteiro Bocchi ; orientador Heitor Frúgoli Jr.. - São Paulo, 2016.
236 f.

Dissertação (Mestrado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social.

1. Futebol. 2. Torcidas Organizadas. 3. Sociabilidade. 4. Espaço Urbano. I. Frúgoli Jr., Heitor, orient. II. Título.

Gabriel Moreira Monteiro Bocchi

Do Estádio do Pacaembu para a Arena Corinthians: etnografia de um processo de "atualização"

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr.

Aprovado em:_____

Banca examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição:_____ Assinatura:_____

Prof. Dr. _____

Instituição:_____ Assinatura:_____

Resumo

Esta pesquisa teve como objetivo principal investigar práticas de torcedores de futebol com relação aos novos estádios brasileiros, inaugurados para a Copa do Mundo de 2014. Para tanto, analisa-se o período compreendido como de mudança no local dos jogos da equipe do Sport Club Corinthians Paulista na cidade de São Paulo: o Estádio do Pacaembu e a Arena Corinthians. A realização da pesquisa de campo centralizou-se no acompanhamento das atividades dos torcedores em "dias de jogos", situações em que as diferenças entre os locais puderam ser observadas a partir da ação. Destaca-se a circulação dos atores pela cidade com o intuito de problematizar não só aspectos da atuação destes no interior das praças esportivas, como implicações decorrentes nos usos de espaços e equipamentos urbanos. A partir das situações observadas, temas como representações da cidade**,** formas de torcer e consumos específicos foram entrecruzados ao longo da etnografia e, por meio do acompanhamento de distintos agrupamentos de torcedores, em diferentes estádios e locais da cidade, foi possível classificar dicotomias: torcedor organizado/sócio torcedor, transporte público/veículo particular, estádio/arena, Pacaembu/Itaquera. Pode-se, desta maneira, averiguar regularidades na atuação dos sujeitos que passaram por impactos decorrentes da mudança de estádios, bem como, entremeios que despolarizam tais noções dicotômicas. Trata-se, por fim, de investigar mudanças mais amplas no modo de conceber o espectador do futebol de espetáculo.

Palavras-chave: Espaços urbanos; Estádios; Futebol; Sociabilidade; Torcedores.

Abstract

This research investigates practices of soccer supporters concerning new Brazilian stadiums, opened for the 2014 World Cup. The period analyzed was the change in the place of Sport Club Corinthians Paulista games: Estádio do Pacaembu (Pacaembu Stadium) and Arena Corinthians (Corinthians Arena). The field research was based on the accompaniment of supporters' activities on "game days", when the differences between places could be observed from the action. The flow of actors through the city is highlighted in order to question not only their action inside the sports arenas, but also implications from the uses of urban spaces and facilities. From the situations observed, subjects as city representation, supporting ways and specific consumption have been crossed along the ethnography and by following different supporter's groups in different stadiums and city places, some dichotomies may be classified, such as: organized supporter/associated supporter, public transport/private vehicle, stadium/arena, Pacaembu/Itaquera. So, it was possible to verify regular actions of those subjects that have passed through impacts due to the change in stadium as well as clarify such dichotomy ideas. Finally, wide changes have been investigated in the way of conceiving the spectators of soccer spectacle.

Keywords: Urban spaces; Stadiums; Football; Sociability; Supporters.

As/aos 54.501.118 eleitoras/es brasileiras/os que tiveram o voto dado em 2014, *cancelado* em 2016; entre tais: minha mãe, minha irmã, e meu pai.

AGRADECIMENTOS

Aprende-se muito fazendo pesquisa de campo etnográfica. Encontrar pessoas, lançar-se às incertezas do campo, dialogar, ouvir (sobretudo ouvir). Andar, entrar em um ônibus, sentir-se cansado, mas continuar ali, interagindo. Para tal, há de se ter boas/ns interlocutoras/es, e eu destarte agradeço aos sujeitos desse trabalho. Das caminhadas por Itaquera às horas em Diadema, do aperto no *Buzo 77* aos apertos nos metrôs, das descobertas e das saudades comentadas. Em nossos encontros vocês não me falavam sobre futebol, Corinthians, Arena, Pacaembu, Estopim da Fiel, Brigada Miguel Bataglia, Bar do Torcedor, cartões do Fiel Torcedor, cadeiras, sanduíches e cervejas. Vocês me falavam sobre suas vidas. Sou realmente grato por essa confiança.

Agradeço ao Profº. Dr. Heitor Frúgoli Jr., pela orientação sempre dedicada e atenta. Agradeço amplamente por seu apoio e confiança neste trabalho.

Agradeço ao CNPQ pela bolsa concedida.

Ao Profº. Dr. José Guilherme Magnani e ao Profº. Dr. Luiz Henrique de Toledo, agradeço pela dedicação na qualificação da presente pesquisa, uma tarde de apontamentos valiosíssimos para que o trabalho chegasse a este corpo final.

Ao Profº. Dr. José Paulo Florenzano e ao Profº. Dr. Luiz Henrique de Toledo, agradeço pela participação na defesa desta dissertação.

Às funcionárias e funcionários do Departamento de Antropologia.

Às professoras e professores do PPGAS/USP que, de maneira mais ou menos próxima, estiveram presentes no caminhar desta pesquisa. Em especial ao Profº. Dr. Pedro Cesarino, com quem realizei um proveitoso estágio em 2015.

Agradeço imensamente a minha irmã, com quem cresci junto, com quem aprendi a dividir o guaraná na festa junina e a importância que há em ser democrático e olhar para o social antes do ‘umbigal’. Em grandiosa medida, fizemos este trabalho juntos – afinal, corrigir as minhas linhas foi parte significativa do trabalho. Obrigado Lina, inclusive pela correção gramatical.

Obrigado mãe, por sempre me dar “aquela” força e por me acolher em sua casa nesse breve retorno a São Paulo.

Obrigado pai, pela paciência no período de escrita deste trabalho e por me acolher em sua casa nesse breve retorno a São Paulo.

Agradeço a minha avó e a minha tia Márcia, por todas as quartas-feiras de trabalho de campo em que o nobre horário da partida de futebol, iniciada às 22h, tornava impossível chegar em qualquer uma de minhas moradas fixas, e o sofá-cama estava à disposição para que eu organizasse as notas do campo e repousasse por lá.

Agradeço, em especial: a Ana Fiori, pelas boas palavras; ao Cassandro, pelas boas Cassandrices; a dupla José Gomes Neto & Milton, que me mostraram bons modos de tracejar caminhos pela cidade; a Deusa Magnânica, e suas meninices lindas/meninas lindices.

Agradeço também àquelas/es que me acolheram em suas moradas para as minhas escapadelas da capital paulista, tão vitais para retomar o trabalho: Mariângela, de encontros esparsos *por aí* e cuja amizade, lealdade e paciência foram essenciais para que eu escrevesse o projeto de pesquisa; Manolos and Friends and Family Association, em Florianópolis e Barretos; a família Topsyturvy e a rapaziada simpatissíssima de Mogi düs Crazy; ao louvável pessoal do Cão Pererê, em Marília; ao clã dos Gaeta & Odradek Crew, na deliciosa Piracicaba; às queridas Giovana, Jamile e a família Ângelo, na charmosa Santa Bárbara D’Oeste; a rapaziada das demais bandas e nossas breves *gigs* e assuntos intermináveis pelos interiores do estado.

As/aos colegas do Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade (GEAC), cujas reuniões foram de grande prazer e estímulo intelectual. Gostaria de salientar uma calorosa menção nominal a: Guilhermo, Enrico, Laís, Júlio, Maurício, Mariana, Eduardo, Bianca, Kibe, Júlia e Gabriela.

Agradeço também as/aos colegas de turma, pelo frescor de nossos encontros em aulas, almoços e ao léu: Juliana, Fernanda, Thiago, Carlos Alberto, Waldor, Marielli, Túlio, Carlos, Fernando, Léo, Hugo, Izabela, Thais, Milena, Janaína. E as/aos colegas de antropologia: Jacqueline, sempre sorridente, receptiva e conversadeira; Mariane, com quem, entre “falsos gringos”, investiguei a Copa do Mundo em São Paulo; Gustavo, de boas conversas sobre os rumos do futebol; Piva, breves encontros e muitas conversas

virtuais; Pantera, e nossas trocas de arquivos (essenciais na reta final do trabalho); Antônio, e nossas revigorantes trocas de e-mails.

Agradeço à minha mãe, à Thabata, ao Jã e ao Pelego por se empenharem, aos 48 do segundo tempo, para que o ajuste da numeração nas páginas ficasse correto.

E por fim, a todas e todos envolvidas/os nos processos de fabricação, montagem e distribuição da minha mesa de trabalho e da minha bicicleta.

SUMÁRIO

Introdução.....15

A) Uma tarde, algumas conversas.....15

B) Praças esportivas e suas atualizações.....21

C) Da experiência à prática, do Pacaembu à Arena.....29

D) Estrutura da dissertação.....34

Capítulo 1 – O sonho da "casa própria".....37

1.1) Estádios não construídos.....37

1.2) A construção de uma arena em Itaquera.....47

1.3) Os Churrascos da Fiel Torcida.....51

1.4) Uma praça futebolística sem nome definido.....58

1.4.1) Naming Rights.....63

1.5) A "casa própria" sob outra perspectiva.....68

ICONOGRAFIA.....79

Capítulo 2 – Entre o estádio e a arena, entre Pacaembu e Itaquera....84

2.1) Uma noite entre o comum e o incomum no Estádio do Pacaembu.....84

2.2) As praças esportivas na cidade.....96

2.2.1) Transitando por uma cidade viva.....99

2.3) Setores de arquibancadas.....111

2.3.1) Setores com cadeiras.....117

2.4) Dois “Tobogãs”.....125

ICONOGRAFIA.....138

Capítulo 3 – O torcedor-consumidor.....146

3.1) O ingresso do Corinthians em uma modernização.....148

3.2) Torcedores *on-line* e a revenda de ingressos.....159

3.3) O preço dos ingressos.....168

3.4) Vendedores ambulantes, torcedores e praças públicas.....175

3.4.1) Praça Charles Miller.....176

3.4.2) A procura pelo comércio informal na região de Itaquera.....181

3.4.3) Faixinhas de mão.....188

3.5) O shopping center dentro da praça esportiva.....190

ICONOGRAFIA.....199

Considerações finais.....201

O citadino-torcedor.....201

Entre o “tranquilo” e o “contraditório”: uma última situação.....205

Referências bibliográficas.....211

Anexos.....218

Anexo A – A procura por caminhos em um dia de “panes”.....218

Anexo B – Corinthians vs. São Paulo: a disputa por masculinidades.....225

Anexo C – Informativos a respeito do Fiel Torcedor.....229

Anexo D – A procura por ‘não-lugares’ para a realização de churrascos.....233

Anexo E – Boletim financeiro.....237

Nem todo brasileiro,

Que gosta de futebol,

Gosta do Neymar.

Fábio Mozine & Rogério Araújo

Introdução

A) Uma tarde, algumas conversas

No meio da tarde de uma quinta-feira, véspera do feriado de sexta-feira da Paixão do ano de 2014, me dirigi à sede social do Grêmio Escola de Samba Estopim da Fiel Torcida, uma torcida organizada que acompanha o Sport Club Corinthians Paulista (SCCP). Inicialmente nomeada "Estopim da Fiel de Diadema", a torcida foi fundada e mantém sua sede principal na região central do município de Diadema, na Grande São Paulo.

Caminhei poucos metros pela Rua São Jorge, próxima ao terminal central de ônibus de Diadema, até observar a construção de três andares com a fachada frontal estilizada em faixas verticais pretas e brancas, compostas em azulejos na proporção de três faixas pretas para cada faixa branca. O escrito "Estopim", com um símbolo do Corinthians ocupando o espaço da letra "o", afixado na parede confirma a finalidade daquele endereço.

Naquela data não haveria jogo do Corinthians nem festa da torcida, logo não havia motivo para qualquer aglomeração de torcedores no local. Deslocava-me para a sede da Estopim em uma situação ordinária, pois havia combinado previamente com Rogério, presidente da torcida[1], de entregar-lhe uma cópia de meu trabalho de conclusão de curso[2] e outra do projeto de pesquisa de mestrado que já desenvolvia na época, sobre o qual havíamos conversado rapidamente em jogos do Corinthians.

Entre janeiro de 2011 e março de 2012, como parte de minha pesquisa de iniciação científica, havia realizado constantes idas à sede da Estopim da Fiel e a jogos do Corinthians junto desta torcida. Pesquisara basicamente os valores simbólicos presentes na camisa oficial e os distintos usos e interpretações que eram feitos sobre esta peça por seus integrantes.

[1] Os nomes indicados para os interlocutores, quando não se referem a pessoas publicamente conhecidas, como é o caso de Rogério, não correspondem a seus nomes verdadeiros.
[2]Realizado enquanto discente do curso de Ciências Sociais da Universidade Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp), campus de Marília; ver Bocchi (2012).

No período de realização dessa pesquisa, os jogos da equipe de futebol profissional do Corinthians na cidade de São Paulo eram disputados no Estádio Paulo Machado de Carvalho, o Estádio do Pacaembu. Foi nesta época, a partir de maio de 2011, que uma importante mudança surgiu no horizonte dos torcedores corintianos: um novo estádio começou a ser construído na região de Itaquera, zona leste da cidade de São Paulo. Seria a sede paulista na Copa do Mundo de 2014 e local para os jogos do Corinthians.

Ainda no período da pesquisa de iniciação científica, tinha notado essa construção como tema recorrente nos assuntos entre os sujeitos frequentadores e componentes da Estopim. Assim, minha ida à sede da torcida naquela tarde, em abril de 2014, já como pesquisador para o mestrado, configurava-se como um retorno, evidentemente com novas questões, a um local em que eu já era conhecido por alguns frequentadores. Meu intuito era conversar sobre o novo estádio corintiano e abrir portas para o seguir fazendo pelos meses seguintes.

Fui recebido por Rogério na sala da "diretoria", conforme indicado por uma placa acima da porta. Junto dele, Henrique e Ezequiel, ambos secretários gerais da torcida, organizavam dados para a próxima viagem, rumo a Uberlândia/MG, onde o Corinthians jogaria no domingo de Páscoa contra o Atlético/MG. Ao dizer a frase "estou fazendo uma pesquisa sobre a Arena Corinthians[3]...", e relatar breve resumo sobre ela, interromperam momentaneamente tal atividade e realizaram alguns comentários sobre o assunto acionado.

Rogério, único que estava sentado atrás de uma mesa de escritório, em frente ao computador, interrompeu a digitação de dados sobre a viagem da torcida para se dedicar integralmente ao diálogo. O primeiro ponto que destacou sobre o novo estádio dizia respeito a mudanças nos trajetos a serem percorridos: "o pessoal ainda não definiu o caminho para lá, estamos meio temerosos com isso e vamos ter que repensar toda nossa logística para dia de jogo".

O trajeto entre a região central do município de Diadema e o bairro paulistano de Itaquera é indicado com propriedade na fala de Rogério. No entanto, algumas ressalvas

[3] Arena Corinthians, Arena em Itaquera, Itaquerão, Fielzão, Estádio em Itaquera, Estádio do Corinthians, Arena de São Paulo. A inexistência de um nome oficial para a praça esportiva construída em São Paulo para a Copa do Mundo de 2014 gerou uma série de nomes possíveis, frequentemente utilizados para se referir à mesma, como se verá no primeiro capítulo.

indicam que, apesar do conhecimento dos caminhos possíveis para realização do deslocamento, havia pontos indefinidos: "a gente viu que dá para ir pelo rodoanel[4], mas aí passou Mauá, vem São Miguel e Jacu Pêssego, passou Mauá, embaça, tem trânsito. Dá mais ou menos uma hora e meia em dia normal, mas dia de jogo, como vai ser? Dia de jogo vai ser diferente, não dá para ter ideia. Você pensa com o [Estádio do] Pacaembu, vai dobrar o público, no Fielzão vai dar o dobro de público todo jogo. Aí imagina sessenta e oito, setenta mil pessoas indo para lá na mesma hora?".

Embora naquele abril de 2014 a arena fosse uma obra em vias de finalização, a equipe de futebol profissional masculino do SCCP já havia, inclusive, treinado no gramado, e após visitas da Estopim àquele endereço, ocorridas com frequência nos três anos anteriores, era impossível para Rogério indicar qual trajeto seria o mais eficiente até que ocorressem os "dias de jogos", uma variável situacional indispensável e até então não ocorrida.

Ao ser convidado por Rogério para ir a Uberlândia, comento que com o aumento no preço do ingresso para os jogos seguintes do Corinthians em São Paulo, seria inviável acompanhar a torcida em caravanas. Na semana seguinte a equipe disputaria a partida anunciada como "o último jogo do Corinthians no Pacaembu", e o desconto oferecido pelo programa de sócio torcedor do clube[5] havia diminuído de 50% para 30%. Rapidamente Rogério utilizou uma calculadora comercial, posicionada ao lado do computador, para verificar o preço: "vai para 26 reais o preço do ingresso"[6].

Henrique, por entender que se trataria da primeira partida na arena em Itaquera, comentou: "26 reais para ver o jogo naquele luxo está bom". "Mas é para o jogo contra

[4] O Rodoanel Mário Covas é um extenso anel viário com cerca de 180km que contorna a cidade de São Paulo, dividido em quatro trechos: norte; sul; leste; e oeste. Perpassa municípios na região metropolitana e conecta distintas rodovias de acesso ao litoral e ao interior do estado. Foi construído visando diminuir a circulação de caminhões pelas principais vias da cidade. Sobre o Rodoanel Mário Covas, ver LABHAB (2005) e Silva (2015).

[5] A categoria sócio torcedor refere-se a um modo de venda de ingressos para jogos que se popularizou nos clubes brasileiros entre fins da década passada e a atual. O programa de sócio torcedor corintiano, nomeado "Fiel Torcedor", em que a adesão é realizada a partir do pagamento de uma associação renovável anualmente, oferece a compra de ingressos antecipada à das bilheterias físicas e com descontos. O Fiel Torcedor e os modos de venda de ingressos para jogos do Corinthians serão analisados a fundo no terceiro capítulo da dissertação.

[6] Para jogos do Campeonato Paulista de 2014 o preço do ingresso mais barato era R$30,00, com os descontos do Fiel Torcedor manteve-se entre R$18,00 e R$20,00, preço também praticado na venda realizada pela Estopim da Fiel. É relevante salientar que, no período, o salário mínimo nacional era R$724,00.

o Flamengo/RJ, será no Pacaembu", indicou Rogério, provocando estranhamento em Henrique: "esse preço já?".

O luxo a que se referiu Henrique eram os elementos adicionados à arena, construída sob os ditames do "Padrão FIFA"[7] e com rebuscado investimento em detalhes, tais como: paredes e pisos recobertos com peças de mármore e granito; corrimões em aço cromado; arquitetura composta com vidros importados e sob medida; banheiros com portas de vidro e grandes espelhos; setores destinados aos torcedores compostos de cadeiras retráteis[8].

Rogério explica assim o aumento no preço dos ingressos: "isso aí o Andrés já estava avisando há um tempão que ia acontecer". Andrés Navarro Sanchez foi presidente do SCCP entre 2007 e 2011[9] e principal articulador para a construção da arena em Itaquera[10]. Andrés Sanchez é citado com prestígio pelos associados da Estopim, pois durante sua gestão à frente do clube manteve bom diálogo com esta torcida, participando de festas e encontros em sua sede, de modo que o assunto sobre o preço dos ingressos se encerra com a citada argumentação de Rogério.

Uma ligação interrompeu a conversa, era necessário que finalizassem rapidamente o cálculo de quantos ingressos seriam necessários para os associados da Estopim para o jogo em Uberlândia/MG. Despeço-me deles, que agradecem pelos textos entregues e reafirmam que serei bem-vindo para o desenvolvimento da pesquisa.

Antes de ir embora parei na loja da Estopim, próximo à entrada da sede e passagem obrigatória para se acessar os demais espaços do prédio. Os produtos

[7] Nome com que ficaram popularizados os requisitos elaborados pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado), entidade organizadora da Copa do Mundo para os locais dos jogos. Organizados em um extenso documento com 248 páginas, o "Football Stadiums: technical recommendations and requirements" (2011), ou, como apontado por Hollanda (2014, p. 323) "caderno de encargos", termo que usarei ao longo do trabalho. Criado para orientar as reformas e construções de estádios que receberiam os jogos da Copa do Mundo de 2006, realizada na Alemanha. Em seguida foi indicado pela FIFA como padrão a ser seguido para as praças esportivas que receberiam jogos as duas edições seguintes do Mundial, em 2010 e 2014. A edição consultada foi republicada pela entidade no ano de 2011, no entanto, indica os mesmos padrões para as praças esportivas.

[8] Os torcedores tomavam conhecimento das novidades na obra da Arena Corinthians por distintos meios: visitas ao canteiro de obras (fotos eram publicadas em redes sociais virtuais como Facebook e Instagram), sites criados e mantidos por torcedores – tais como "O fiscal da fiel", abastecido semanalmente com fotos e vídeos referentes à construção da arena (http://www.ofiscaldafiel.com.br/ [acesso em 19/2/2016]) –, notas publicadas pelo clube e matérias veiculadas pela mídia convencional.

[9] Informação colhida no Memorial do Corinthians, museu anexo à sede social do clube que dispõe de material audiovisual diverso, troféus, objetos e textos para relatar a história do clube.

[10] As etapas que levaram à construção da Arena Corinthians em Itaquera e a atuação de Andrés Sanchez neste processo serão discutidas no primeiro capítulo.

vendidos estampam exclusivamente símbolos, logos e lemas da própria Estopim, são as marcas distintivas desta torcida[11] e importantes peças para sua manutenção financeira.

Converso então com Gilmar, torcedor responsável pela loja, comentando sobre uma camiseta à venda. Estampada na altura do peito com o escrito Estopim e o símbolo do Corinthians, como já dito, ocupando o espaço da letra "o", via-se abaixo uma ilustração do local que a torcida ocupou nas arquibancadas do Pacaembu entre 2004 e 2013, identificado como espaço da torcida pela presença de um bandeirão[12] e duas faixas. O tecido das costas é preenchido com uma ilustração iniciada com o nome da torcida, abaixo um símbolo do Corinthians cortado longitudinalmente e o Estádio do Pacaembu, tudo em vista aérea. De dentro do estádio surge um urso em dimensões gigantes, caracterizado por braços, bíceps e peitorais com músculos salientes, a postura viril marcada por um semblante facial agressivo: trata-se do mascote da Estopim, que veste a camisa oficial da torcida. Abaixo do urso, encerrando a composição, o escrito "...valeu por você existir... Pacaembu".

Gilmar então me relatou que aquele modelo de camiseta foi criado para "agradecer e homenagear o Pacaembu", tendo se esgotado em tamanhos masculinos, restando apenas cortes infantis e femininos. A camiseta não seria produzida novamente, e antecedeu outras camisetas, que passavam a enaltecer a Arena Corinthians. De minha parte expliquei brevemente o projeto de pesquisa.

Gilmar ouviu atentamente minha fala, e então destacou um ponto sobre a passagem dos jogos do Corinthians do Estádio do Pacaembu para a nova arena: "a gente está acompanhando a obra do Fielzão, e o que a gente quer é igual no Pacaembu, aquele cimentão[13], daquele jeito está bom para a gente. A gente pediu para o Corinthians só isso. A gente quer que o clube tire as cadeiras, [pois] torcedor organizado não quer sentar, e se deixar as cadeiras lá, vão quebrar, não porque o pessoal quer quebrar, mas

[11] Por "marcas distintivas" de uma torcida organizada entendo as peças que são utilizadas como "marcas de identificação, visibilidade e oposição entre torcedores e as Torcidas Organizadas" (Toledo, 1996, p. 52), notadamente estampados sobre peças de roupas, bandeiras e faixas.

[12] O bandeirão é desenrolado por cima dos torcedores, em um movimento que envolve agilidade dos responsáveis pelas bandeiras, que puxam um extenso e pesado pedaço de pano. É relevante a cooperação dos demais torcedores embaixo dele, para que permaneça bem esticado, exibindo as marcas da torcida, e que seja recolhido após dado período de exibição.

[13] Referência às arquibancadas compostas por andares de cimento, sem que haja cadeiras ou qualquer tipo de assento.

porque a gente fica em pé. Ninguém quer estragar nosso patrimônio, mas é o nosso jeito de ficar no estádio".

O ponto destacado em sua fala diz respeito a uma forma de torcer específica, moldado por torcedores organizados corintianos (e de outros times, evidentemente) ao longo de anos de frequência em estádios com setores de arquibancada destituídos de cadeiras, como o Estádio do Morumbi e o do Pacaembu. Havia em sua fala a preocupação de que as relações entre torcidas organizadas e clube sofressem abalos por conta de possíveis cadeiras quebradas, uma vez que estes objetos atrapalhariam as coreografias corporais e "o nosso jeito de ficar no estádio".

Gilmar saiu de trás do balcão, indicou que eu lhe acompanhasse até a calçada em frente à sede, onde continuou a relatar os pedidos da torcida com relação ao novo estádio: "querem deixar as [torcidas] organizadas num setor só. Aí você pensa, jogo grande, clássico, final, toda organizada coloca fácil dois mil membros no estádio. Isso as organizadas *menores*[14], você vê os Gaviões, eles colocam fácil dez mil[15]. Aí pensa dois mil de cada uma, dá dez mil, mais dez mil dos Gaviões, onde que vai caber esses vinte mil? Tinha que dividir em dois setores. Isso a gente está pedindo ainda, vamos ver".

Durante o período de construção da arena, acompanhado de perto por estes sujeitos, foram lançadas hipóteses sobre como seria o âmbito do torcedor nela. Acompanhar as obras envolvia projetar na arena a atuação das torcidas organizadas, a disputa por espaço nas arquibancadas, a relação com o clube.

O ponto central das conversas daquela tarde era sobre as alterações pelas quais passavam aqueles sujeitos em suas experiências torcedoras, com relação: aos trajetos pela cidade; aos modos e preços para aquisição de ingressos; às especificidades, tomadas de modo comparativo entre o Estádio do Pacaembu e a Arena Corinthians; às possibilidades para as formas de torcer. Tais conversas abordavam, basicamente,

[14] No período de realização dessa pesquisa, seis torcidas organizadas se fizeram presentes em jogos do Corinthians. Além da Estopim da Fiel, pode-se mencionar: Fiel Torcida Jovem Camisa 12; Grêmio Recreativo Esportivo Cultural e Social Torcida Fiel Macabra; Grêmio Recreativo Cultural Coringão Chopp Torcida; Grêmio Recreativo Cultural Social Bloco Torcida Centro Desportivo Pavilhão 9; Grêmio Recreativo Cultural e Escola de Samba Gaviões da Fiel Torcida – os grifos fazem menção ao modo como as torcidas são publicamente conhecidas e mencionadas, sendo os termos que utilizarei adiante.

[15] Torcida organizada corintiana mais antiga, fundada em 1º de julho de 1969, os Gaviões da Fiel contam com o maior número de associados dentre as organizadas corintianas, alcançado os cem mil sócios no ano de 2014. Sobre a torcida organizada Gaviões da Fiel, ver Hollanda & Negreiros (2015).

fenômenos em transformação – cuja conceituação mais precisa retomarei adiante. Cabe apresentar então, em caráter introdutório, o contexto destas transformações.

B) Praças esportivas e suas atualizações

A construção da Arena Corinthians, na zona leste da cidade de São Paulo entre maio de 2011 e maio de 2014, pode ser tomada como uma obra que comporta diversas concepções para o mesmo local[16] - e a própria diversidade de nomes para o mesmo local suscita tal argumento. É tanto o local que, sob o nome Arena de São Paulo, receberia jogos da Copa do Mundo de 2014, devendo ser adequado às exigências da FIFA (para tal não seria um "estádio", mas sim uma "arena", como se verá adiante), como o equipamento que, sob o nome Arena Corinthians ou Fielzão, dava forma ao projeto corintiano de possuir um estádio de grandes dimensões. Nesse último sentido, tal arena contextualizar-se-ia na etapa atual de um processo de mais de cem anos.

Concomitante ao crescente interesse suscitado pelo futebol nas populações de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro, desde o início do século XX são constantes as construções e reformas de praças futebolísticas, configurando um processo ininterrupto desde então. No entanto, o momento recente da matriz espetacularizada[17] do futebol brasileiro denota uma maior atenção em razão do volume de canteiros de obras abertos em um período de tempo que pode ser considerado curto: entre os anos de 2013 e 2014 foram inauguradas quatorze praças esportivas.

O tema destas reformas e construções de estádios é abordado por Arlei Damo e Ruben Oliven no capítulo "A era das arenas", no livro "Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico" (2014, p. 119-136). Para eles, o momento de reformas de praças futebolísticas no Brasil, vivenciado a partir da definição do país como sede da

[16] "Sendo assim, há em Itaquera o estádio dos políticos, o dos torcedores em geral, o da mídia, o da FIFA, ou mesmo aquele dos dirigentes dos clubes e, por fim, o dos próprios torcedores corintianos", (Toledo, 2013, p. 168).

[17] Arlei Damo pensa o futebol a partir de quatro diferentes maneiras de praticá-lo, em que a matriz espetacularizada é definida pela prática esportiva em que os atletas profissionalizados têm de desenvolvê-la sob alto desempenho e sob as regras do sistema FIFA-IB. Os jogos ocorrem em grandes praças esportivas, são destacados por transmissões ao vivo e mobilizam aparatos de mídia especializada (2007, p. 42-45).

Copa do Mundo de 2014 em 2007, seria contextualizado como a "quarta geração na historia do futebol brasileiro" (p. 119).

Frente ao termo "modernização dos estádios", frequentemente utilizado pela mídia e por torcedores, os autores indicam:

> "preferimos o termo atualização em vez de modernização, dado que este último vem sendo amplamente utilizado pela mídia e pelo público em geral para se referir ao processo em curso, de conversão dos estádios em arenas. No entanto, quando observamos o processo de longa duração, notamos que o termo modernização é empregado em todas as transições, embora seus significados variem de acordo com o contexto" (Damo & Oliven, 2014, p. 119).

Voltando-se brevemente para o "processo de longa duração" indicado pelos autores, vê-se que, no Brasil, os primeiros estádios para disputas de partidas de futebol com presença de público eram "improvisados, construídos em etapas, na medida em que aumentava a afluência de público (...) e pouco diferiam dos campos de várzea" (Damo & Oliven, 2014, p. 120). Exemplo dessa era de estádios improvisados – seguindo a linha diacrônica sugerida pelos autores, a "primeira geração" de estádios – seria o Velódromo Paulista. No centro da pista oval, dedicada ao ciclismo de velocidade (daí o nome da praça), foi construído o primeiro estádio para jogos dos campeonatos oficiais de futebol na cidade de São Paulo. Inaugurada no ano de 1892, a partir de 1902 o jardim gramado no centro da pista foi adaptado como campo para receber partidas de futebol (Negreiros, 1992, p. 24).

Como a afluência de público para acompanhar os jogos era crescente, e estes deixavam de mobilizar o interesse apenas das elites e setores médios da cidade, a área destinada aos assistentes[18] foi ampliada. Uma arquibancada foi construída em uma das laterais da pista, com capacidade para até mil pessoas, e a assistência dividida em dois setores: "a arquibancada para os mais ricos e a geral para os mais pobres" (Negreiros,

[18] Na crônica esportiva da primeira década do século XX o termo "assistência" e "assistentes" era utilizado para se referir ao público espectador das partidas, sendo substituído no fim deste período pelos termos "torcedoras" e "torcedores". Tal uso do verbo "torcer" foi cunhado a partir da descrição de cronistas sobre o hábito de algumas mulheres presentes nos setores de cadeiras torcerem luvas e lenços nos lances de maior tensão do jogo: "Bem vestidas, usando luvas, chapéus e longos vestidos, as moças presentes nos estádios torciam seus objetos com suas mãos delicadas (...) Esse era o comportamento inusitado que tanto chamou a atenção da imprensa e da sociedade e que configurou um novo personagem do futebol do período: as "torcedoras" (Santos, 2012, p. 64).

1992, p. 32). Entre a arquibancada e o gramado ficava o *ground*, termo utilizado pelos jornais da época para se referir à "geral", setor que comportava até duas mil pessoas. Assim, a capacidade de público no Velódromo não ultrapassava três mil pessoas.

As mudanças nos estádios que permitem pensar uma primeira atualização nas praças futebolísticas brasileiras se deram a partir do ano de 1919, quando o Torneio Sul-Americano de Seleções foi disputado no Brasil, e estádios construídos ou reformados ao longo das décadas de 1920 e 30.

Tal torneio de 1919 é apontado por João M. C. Malaia Santos como um "ápice dos esportes praticados até então" e responsável por iniciar "uma nova era na forma como o futebol, tanto de clubes como da seleção passou a ser percebido e vivido" (2012, p. 70). O campeonato foi disputado no Estádio das Laranjeiras, de posse do Fluminense Football Club, construído para receber as partidas do Torneio Sul-Americano de Seleções (Lourenço, 2013, p. 86). Apresentava capacidade para públicos de dezoito mil pessoas e gramado planejado especificamente para a prática do futebol (Damo & Oliven, 2014, p. 120).

Ainda na cidade do Rio de Janeiro, foi inaugurado em 1927, o Estádio de São Januário, pertencente ao Clube de Regatas Vasco da Gama, classificado à época como o maior da América do Sul, com capacidade de público para quarenta mil pessoas (Santos, 2010, p. 354).

Na cidade de São Paulo, com a desapropriação do Velódromo Paulista em 1915 (Negreiros, 1992, p. 34), o principal e maior estádio da cidade era o Parque Antarctica. Inaugurado em 1900, foi comprado pelo clube Palestra Itália em 1920 e passou por reformas significativas ao longo da década, sendo reinaugurado em 1933 (Ferreira, 2008, p. 50). Apresentava inovações como o uso de concreto armado, para a "construção da tribuna social e das arquibancadas que substituiriam as anteriores feitas de madeira, proporcionando melhores condições para um número maior de torcedores" (Atique, Gessi, Souza, 2015, p. 98).

Antes, ainda, em 1918 foi inaugurado na cidade de São Paulo o Estádio da Ponte Grande, construção financiada pelo Sport Club Corinthians Paulista. Com investimento em conforto tanto para torcedores quanto para jogadores, o estádio comportava públicos

de até dez mil pessoas, dispondo de "vestiários, banheiros, uma lanchonete e uma arquibancada mais ampla" (Lourenço, 2013 p. 87)[19].

Ao longo da década de 1930, uma série de fatores contribui para uma guinada na então crescente popularização do futebol. A profissionalização da prática, adotada em 1933 pelos principais clubes do país, e a regulamentação da profissão de jogador pela Confederação Brasileira de Desportos, posteriormente em 1937[20], abre novas perspectivas para aqueles envolvidos com o esporte (Ferreira, 2008, p. 44). O crescimento da imprensa esportiva faz circular maior quantidade de informações sobre clubes e campeonatos: emissoras de rádio iniciam a transmissão de partidas de futebol em 1931 (Ferreira, 2008, p. 49); no Rio de Janeiro é fundado no mesmo ano o "Jornal dos Sports" (Hollanda, 2009, p. 165); em São Paulo o periódico "A Gazeta" lançou a "Edição Esportiva", publicada semanalmente a partir do ano de 1928; dez anos mais tarde "A Gazeta Esportiva" se torna publicação autônoma ao jornal, e, em 1941, passa a ser publicada duas vezes por semana (Negreiros, 1998, p. 64).

A popularização do futebol transcende tal prática à condição de um espetáculo de massas, o que suscita investimentos do estado neste esporte como um símbolo da nação, "num momento de extrema valorização das atividades físicas e das manifestações cívicas envolvendo multidões" (Negreiros, 1998, p. 133).

Assim, em 1936 foi iniciada a construção de um novo estádio na cidade de São Paulo, conforme definição de João Fernando Ferreira, "um monumento de grande porte" (2008, p. 55). Construído com peças de concreto armado, valendo-se das encostas do vale do Pacaembu para a elaboração das arquibancadas, com arquitetura imponente e capacidade para públicos de até setenta mil pessoas, foi inaugurado em 1940, o Estádio Paulo Machado de Carvalho, ou Estádio do Pacaembu. Este foi um marco na transição entre os modelos de estádios brasileiros que permitem classificar uma terceira geração de estádios.

[19] Esse estádio foi vendido para a Associação Atlética São Bento, em 1927, (Unzelte, 2009, p. 19). Em seguida, quando essa agremiação mudou-se para o município de São Caetano do Sul, em 1935, a área foi adquirida pelo Clube de Regatas Tietê, conforme: http://www.acervosccp.com/pontegrande.htm# (acesso em 20/5/2016). Em 2012, em razão das dívidas do clube com a municipalidade, a concessão pública da área não foi renovada, e após ser requisitada pela prefeitura municipal, foi inaugurado ali, em 2014, o Centro Esportivo e de Lazer Tietê, aberto gratuitamente ao público; ver: http://capital.sp.gov.br/portal/noticia/3713#ad-image-0 (acesso em 20/5/2016).

[20] Não discutirei as etapas que levaram à profissionalização do futebol brasileiro, para tanto ver Santos (2010) e Negreiros (2003).

Seguindo os padrões de forma, tamanho e engenharia inaugurados com o Estádio do Pacaembu, outros foram erguidos no Brasil. O gigante Estádio do Maracanã, construído para comportar até duzentas mil pessoas em jogos da Copa do Mundo de 1950 no Rio de Janeiro/RJ, marcou esta nova era de estádios no Brasil[21].

Mais adiante, sob incentivo dos governos militares e de um campeonato nacional que a partir de 1971 aglutinava em sua tabela clubes do país inteiro, chegando a contar com 94 equipes na edição de 1979 (Francischini, 2006, p. 94), a construção de estádios em grandes dimensões foi realizada por todo o país, como indicado por Bernardo Borges Buarque de Hollanda: "a começar pelo Mineirão em 1965, sendo seguido por um sem-número de *aõs*: Batistão, Vivaldão, Castelão, Mangueirão, entre tantas outras praças desportivas congêneres" (2012, p. 95)[22]. A grandiosidade projetada nos nomes dialogava com arquiteturas monumentais, que comportassem públicos de mais de cem mil pessoas.

Este modelo de estádio, amplo e voltado a concentrar grandes massas torcedoras, começou a ser questionado ao longo das décadas de 1980 e 90, em que incidentes ocorridos no interior destas praças esportivas foram relacionados às estruturas dos estádios e à disposição dos torcedores dentro dos mesmos. Compreender o processo em voga com relação às mudanças nos estádios brasileiros exige precisar alguns desses acontecimentos.

Alguns incidentes são tomados como referenciais para pensar as mudanças promovidas nos estádios. Em 1985, antes do início da partida entre Liverpool (Inglaterra) e Juventus (Itália), no Estádio de Heysel, Bélgica, 38 pessoas morreram (Dunning, 2014, p. 216). Quatro anos mais tarde, no Estádio de Hillsborough, na Inglaterra, também antes do início do jogo, 95 pessoas morreram (Dunning, 2014, p. 224)[23].

---

[21] Sobre a construção do Estádio do Maracanã ver Curi (2012, p. 41-66) e Moura (1998).

[22] É interessante observar que com a popularização do futebol no nível nacional, estádios com tais características foram construídos também em cidades de menor porte e distantes das capitais. No estado de São Paulo, destaco a cargo de exemplo o Estádio Municipal Doutor Adail Nunes da Silva, construído no município de Taquaritinga para sediar jogos do Campeonato Paulista no início da década de 1980. Apelidado de "Taquarão", teve engenharia inspirada no Estádio do Pacaembu e capacidade de público para 25 mil pessoas (aproximadamente a metade da população atual do município, conforme dados do IBGE); ver: http://3toques.com.br/blogs/templodabola/2012/05/o-mutirao-de-taquaritinga/ (acesso em 14/2/2016).

[23] Sobre estes ocorridos destaco também a leitura de Nick Hornby (2013), que os descreve sob a perspectiva de um torcedor de futebol inglês que frequentava regularmente os estádios do país no período.

A responsabilidade por tais fatalidades foi creditada a agrupamentos de torcedores nomeados como *hooligans*[24], cujos comportamentos desordeiros causaram pânico em demais torcedores, que, em razão das especificidades dos estádios (corredores e portões estreitos e altas grades separando as arquibancadas do gramado) não tiveram por onde escapar. Em Hillsborough o despreparo dos policiais que atuavam naquela partida e a superlotação dos estádios também foram tomados como fatores que levaram a tais fatos[25].

O ocorrido em Hillsborough adiantou que novos modos de organização dos torcedores dentro dos estádios e novas arquiteturas para as praças futebolísticas fossem colocados em prática, inicialmente na Inglaterra, e ao longo da década de 1990 e do decênio seguinte em demais países europeus.

As normas mais rígidas estabelecidas para os estádios de futebol eram guiadas pelo discurso de aumentar a segurança dentro deles, o que implicava maior aparato policial para controle dos torcedores (com investimento em tecnologia para vigilância), sob a exigência de que todos os setores possuíssem assentos e a quantidade de espectadores dentro do estádio rigorosamente não fosse superior a de assentos.

No Brasil, alguns movimentos podem ser organizados em três períodos. Inicialmente, demarcando o final dos anos 1980 e o ano de 1995, o desenrolar da década de 1990 até o ano de 2003 e, por fim, o período entre 2007 e 2014.

Fenômeno crescente ao longo dos anos 1980 e início dos 1990 eram os confrontos entre torcedores no interior e nas proximidades das praças esportivas brasileiras – notadamente em capitais como Rio de Janeiro e São Paulo. Alguns acontecimentos podem ser tomados como marcos para pensar a criminalização das torcidas organizadas como protagonistas destes conflitos.

Em 1988, na cidade de São Paulo, o assassinato de Cleofasóstenes Dantas da Silva, fundador da Mancha Verde, torcida organizada palmeirense, em situação que não envolvia jogo de futebol e com arma de fogo, acirrou as rixas entre grupos torcedores

[24] Sobre o termo "hooligan", Eric Dunning indica que "Em primeiro lugar, é preciso dizer que o 'hooliganismo no futebol' é uma categoria construída por políticos e pelos meios de comunicação, mais especificamente jornais, televisão e rádio" (Dunning, 2014, p. 215); não se trata, portanto, de uma categoria nativa. Sobre *hooligans* e *hooliganismo*, ver também Bufford (1992) e Hollanda & Reis (2014).
[25] Sobre a apuração dos ocorridos em Hillsborough, ver http://trivela.uol.com.br/policia-tentou-culpar-torcedores-por-tragedia-em-hillsborough/ (acesso em 22/2/2016).

(Hollanda, 2014, p. 152). O segundo, no ano de 1995, ficou conhecido como "a guerra do Pacaembu" (Toledo, 1997), situação em que torcedores de São Paulo e Palmeiras protagonizaram uma batalha campal no gramado do Estádio do Pacaembu após a final da Super Copa de Futebol Juniores, cerca de cem pessoas saíram feridas e um torcedor foi vitimado fatalmente[26]. Este pode ser tomado como o ápice dos conflitos.

A partida fora transmitida ao vivo pela televisão aberta, e as imagens mostravam torcedores se valendo de pedaços de madeira, ferro e demais entulhos como armamentos desferidos mutuamente entre rapazes que vestiam vermelho, preto e branco e outros que vestiam verde e branco. A relevância deste embate é indicada por Luiz Henrique de Toledo:

> "Este confronto, diverso de dezenas de outros que o antecederam, inclusive com a ocorrência de vítimas, mas que não tiveram o mesmo impacto na mídia e desdobramentos judiciais posteriores como este, deu-se no gramado, fato que lhe conferia uma maior dramaticidade devido à subversão das características básicas das competições esportivas modernas, fazendo do próprio campo de jogo um espaço onde se ausentaram as regras da disputa, substituídas pelo confronto aberto entre torcedores" (Toledo, 2012, p. 143).

No intento de coibir a continuidade destes conflitos, no estado de São Paulo foi colocada em vigor a Lei nº 9470 de 27 de dezembro de 1996, que implantava, dentre outros, a obrigatoriedade de assentos numerados, a não venda de bebidas alcoólicas e a não entrada de bandeiras com mastro e fogos de artifício nas praças esportivas[27]. A atuação das torcidas organizadas no interior dos estádios foi proibida, fosse por meio da exibição de estandartes como camisas, bandeiras e faixas, ou de cânticos e gritos de guerra[28]. As torcidas organizadas Tricolor Independente e Mancha Verde, envolvidas na "guerra do Pacaembu", passaram por processos jurídicos que levaram ao encerramento

[26] Alguns dados sobre essa partida devem ser indicados, como ter sido realizada com ingresso gratuito e com o Pacaembu passando por obras em diversos setores, tendo sido o entulho resultante das reformas transformado em arma pelos sujeitos envolvidos no conflito.

[27] Cf. Artigo 5º da lei nº 9470, de 27 de dezembro de 1996: http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1996/lei-9470-27.12.1996.html (acesso em 22/2/2016)

[28] Por meio da resolução nº 33, sancionada em agosto de 1995 pela Federação Paulista de Futebol. Tal resolução pode ser melhor compreendida se observada a situação em que foi suspensa por meio de um mandado de segurança, no ano de 1999: http://www.dgabc.com.br/Noticia/275541/juiz-libera-torcedor-para-usar-camisa-de-organizada (acesso em 22/2/2016).

de suas atividades, tendo sido reabertas em anos seguintes, com nomes semelhantes (Toledo, 2012, p. 148).

O uso de aparato jurídico para regular a atuação de torcedores nas praças esportivas se desdobrou nos anos seguintes, em esfera federal, quando foi sancionada a Lei nº 10.671 de 15 de maio de 2003, revogada pelo "Estatuto do torcedor" em 2010. Por meio do estabelecimento de "normas de proteção e defesa do torcedor", a atuação do mesmo ficou condicionada a um status de consumidor, da qual decorreria a figura do "torcedor-consumidor"[29], como o sujeito ideal a frequentar as praças esportivas.

Na esteira dessas alterações no modo de organizar a fruição do futebol espetacularizado *in loco*, outras mudanças passam a ser implantadas nos estádios brasileiros a partir de 2007.

Em 2003 o Brasil se candidatou, por meio da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) para sediar a Copa do Mundo de 2014, que seria realizada em país vinculado à Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol). Como única candidatura, não houve grandes surpresas quando Joseph Blatter, então presidente da FIFA, anunciou que "decidiu dar a responsabilidade, não só o direito, mas a responsabilidade, de organizar a Copa Mundial da FIFA de Futebol 2014 ao Brasil" (Damo & Oliven, 2014, p. 80) [30].

Dentre os encargos envoltos nesta "responsabilidade", constava o de oferecer doze estádios com as condições estabelecidas pelo FIFA Stadium Book. O nível de excelência e os requisitos indicados pela entidade para os locais dos jogos, pouco a pouco tornados conhecidos por meio do acompanhamento da mídia sobre as obras, ficou popularizado no Brasil como "Padrão FIFA"[31].

[29] Categoria que será devidamente aprofundada no terceiro capítulo.

[30] Uma série de acordos diplomáticos e comerciais envolvendo FIFA, Conmebol, CBF e governo federal brasileiro resultou na concessão de tal responsabilidade pela FIFA em outubro de 2007 (Damo & Oliven, 2014, p. 71-82).

[31] Em junho de 2013 uma série de manifestações populares tomou ruas de cidades brasileiras, com protestos multifacetados em que as pautas orbitavam pela redução das tarifas de transporte público, contra a violência policial, contra a corrupção e contra os altos gastos de verbas públicas com megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de Futebol 2014 e as Olimpíadas 2016. Nestas manifestações, nomeadas "Jornadas de Junho", cartazes com os dizeres "Educação Padrão FIFA" e "Hospitais Padrão FIFA" tomavam o nível de excelência das novas arenas como um referencial para reivindicar melhorias em serviços públicos, ver (Damo & Oliven, 2014, p. 163-185).

O modelo destas praças futebolísticas, nomeadas "Arenas", não mais estádios, se propagou no Brasil entre os anos de 2007 e 2014[32], no intento de se adequar ao Padrão FIFA. Três principais mudanças são indicadas por Arlei Damo e Ruben Oliven entre arenas e estádios: a redução da capacidade de público, aproximação do público ao campo de jogo (e não existência de alambrados ou fosso separando ambos) e considerável espaço dedicado para lojas e restaurantes nas áreas acessadas pelos torcedores (2014, p. 121). Destaca-se também a presença de cadeiras em todos os setores, exigência realizada pela FIFA para os jogos do Mundial, até então inexistente em muitos estádios brasileiros e mantida em algumas arenas para jogos de campeonatos interclubes.

São as especificidades destas mudanças físicas nas praças esportivas, acompanhadas por outras tantas no que perpassa a experiência torcedora neste período, que permitem sua classificação como uma quarta etapa nas atualizações dos estádios brasileiros.

Este movimento de atualização nas praças esportivas configura-se, portanto, como o ponto central deste trabalho, o qual é investigado a partir da perspectiva dos torcedores corintianos sobre as especificidades das transformações envolvidas na mudança de local frequentado para acompanhamento das partidas do time de futebol profissional masculino do SCCP na cidade de São Paulo. Trata-se, portanto, de uma etnografia de tais atualizações, conforme se verá no próximo item.

C) Da experiência à prática, do Pacaembu à Arena

Sabia-se de antemão que 2014 seria o ano em que os torcedores corintianos deixariam de frequentar o Estádio do Pacaembu e passariam a frequentar a arena em

[32] É relevante indicar que tal modelo já era experienciado no Brasil com o Estádio Joaquim Américo Guimarães, conhecido como "Arena da Baixada". Inaugurado na cidade de Curitiba/PR no ano de 1999 pelo Clube Atlético Paranaense, foi a primeira praça futebolística do país a apresentar algumas destas inovações, como proximidade dos torcedores do campo de jogo, ausência de alambrados e espaços como camarotes e áreas para lojas (Damo & Oliven, 2014, p. 121).

Itaquera. O prazo inicial para que estivesse apta a receber partidas era janeiro de 2014[33], alterado após a queda de um guindaste que operava na obra, que vitimou fatalmente Ronaldo Oliveira dos Santos e Fábio Luiz Pereira, que trabalhavam na construção, em 27 de novembro de 2013[34]. As obras foram paralisadas, e após a remoção do guindaste, em 31 de janeiro de 2014 uma nova data para a inauguração foi estipulada: 15 de abril de 2014[35].

Em 29 de março de 2014, um segundo acidente ocorreu, em que o operário Fábio Hamilton da Cruz, que trabalhava na instalação de arquibancadas móveis[36], faleceu ao sofrer uma queda de quinze metros. Embora este segundo acidente tenha interrompido as obras apenas no local da ocorrência[37], o prazo para a inauguração da arena foi novamente alterado.

Os acidentes e as alterações na data de entrega das obras da arena influenciaram a organização do próprio calendário da presente pesquisa. Com a arena ainda em construção, o local para jogos do Corinthians nos primeiros meses de 2014 continuou sendo o Pacaembu. Este que, *a priori* pouco apareceria no trabalho, uma vez que seriam escassos os jogos do Corinthians disputados ali em 2014, tornou-se local ainda relevante na agenda da pesquisa de campo.

As idas ao Pacaembu, realizadas entre fevereiro e abril de 2014, permitiram de toda forma observar hábitos dos torcedores neste estádio, vivenciar uma série de ritos de despedida dos torcedores ao local e interagir com eles em um momento em que se

[33] Em setembro de 2013 estimava-se que a arena seria inaugurada em 20/1/2014; ver: http://www.portal2014.org.br/noticias/12252/ARENA+CORINTHIANS+TERA+PRIMEIRO+JOGO+ATE+O+DIA+20+DE+JANEIRO.html (acesso em 24/2/2016).

[34] A queda do guindaste utilizado para afixar um dos módulos da estrutura da cobertura atingiu parte de uma das laterais da arena: http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/11/acidente-nas-obras-do-estadio-do-corinthians-mobiliza-bombeiros.html (acesso em 24/2/2016).

[35] Cf. "A Fifa determinou que o estádio seja entregue no dia 15 de abril para a realização de alguns amistosos, antes do início da Copa do Mundo": http://www.portal2014.org.br/noticias/12833/PECA+METALICA+QUE+CAUSOU+ACIDENTE+E+RETIRADA+DA+ARENA+CORINTHIANS.html (acesso em 24/2/2016).

[36] Foram construídos, com estrutura de ferro desmontável, dois setores para aumentar a capacidade do estádio, de 48 mil para 68 mil pessoas. Chamadas "arquibancadas móveis" ou "provisórias", estes setores visavam atender a demanda estipulada pela FIFA para a capacidade mínima de público no jogo de abertura da Copa do Mundo: 60 mil pessoas, conforme: http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/assentos-da-arquibancada-movel-da-arena-corinthians-comecam-a-ser-instalados (acesso em 20/5/2016).

[37] Sobre esse acidente, o site "Portal 2014" indicou que: "Segundo um funcionário da Oderbrecht (empresa responsável pelas obras), ouvido pelo Portal 2014, as obras na Arena Corinthians não serão paralisadas, já que o incidente ocorreu em uma parte externa do estádio": http://www.portal2014.org.br/noticias/13093/OPERARIO+MORRE+NA+ARENA+CORINTHIANS.html (acesso em 24/2/2016).

propagavam hipóteses sobre a arena em Itaquera. Além disso, foi possível o aprofundamento de um olhar comparativo entre este estádio e a arena, e às próprias diferenças conceituais nas estruturas de ambos.

A pesquisa de campo, então, constituiu-se por um primeiro período, entre fevereiro e abril de 2014, em que acompanhei torcedores em jogos no Estádio do Pacaembu. Neste primeiro período as idas a campo caracterizaram-se como experiências etnográficas[38], em que retomei contato com associados da Estopim da Fiel e, valendo-me do Twitter (uma rede social virtual), ferramenta utilizada pelo programa de sócio torcedor corintiano para contato com os associados, comecei a etnografar torcedores não organizados.

Entre maio de 2014 e abril de 2015, acompanhei torcedores em jogos na Arena Corinthians e em uma partida no Estádio do Canindé[39]. Nesse segundo período, marcado pelas novidades e mudanças com a frequência em um novo local, dei continuidade à investigação observando como os torcedores lidavam com os próprios hábitos frente a tais mudanças.

Nesses dois períodos, notadamente demarcados pela etnografia centralizada em locais distintos, seguindo com a conceituação de (Magnani, 2009, p. 146) sobre "experiências" e "práticas" etnográficas, no primeiro observei hábitos tidos pelos torcedores como cristalizados com relação aos espaços, ao passo que no segundo era "tudo novo para a gente", como definira o presidente da Estopim. Sem o intuito de demarcar rigidamente a pesquisa de campo realizada no Pacaembu como "experiências" e na Arena Corinthians como "práticas", ou, entre fevereiro e abril de 2014, "experiências", e entre maio de 2014 a abril de 2015, "práticas", o que realizei foi o registro de hábitos dos torcedores entre praças esportivas e locais distintos na cidade, tendo alguns referenciais etnográficos, previamente observados em jogos no Pacaembu, para pensar a atuação dos atores como torcedores e citadinos com relação à arena.

---

[38] No artigo "Etnografia como prática e experiência", Magnani (2009) apresenta uma diferenciação entre "prática etnográfica" e "experiência etnográfica": "enquanto a prática é programada, contínua, a experiência é descontínua, imprevista" (Magnani, 2009, p. 136). A experiência etnográfica permitiria ao antropólogo "fazer bons contatos e obter insights e pistas interessantes" (Magnani, 2009, p. 146).

[39] Duas partidas com mando do Corinthians válidas pelo Campeonato Brasileiro de 2014, ocorridas em 21 e 28 de maio, foram disputadas neste estádio em razão de tanto a arena em Itaquera quanto o Estádio do Pacaembu estarem, a poucas semanas da Copa do Mundo, sob uso da FIFA: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2014/05/corinthians-x-atletico-pr-ingressos-venda-para-o-jogo-no-caninde.html (acesso em 24/2/2016).

Evidentemente, seguidas reorganizações foram realizadas ao longo da pesquisa, e, para melhor esclarecer os trânsitos por entre coletivismos torcedores que são descritos ao longo do trabalho, é relevante apresentar algumas passagens etnográficas.

Para jogos no Estádio do Pacaembu a venda de ingressos a preço mais barato era realizada para dois setores (ambos atrás das traves): a arquibancada de portão principal – dividida em dois setores, em que os ingressos para o setor amarelo eram vendidos para torcidas organizadas e os de setor verde para torcedores não organizados, não havendo uma separação física entre os dois setores, sendo que no caso corintiano, as torcidas organizadas se distribuíam entre ambos – e o tobogã, onde a entrada de indumentárias e bandeiras com nomes e símbolos de torcidas organizadas era proibida, sendo assim qualificado pelos torcedores organizados como um setor para torcedor "povão" ou "zé povinho"[40].

Era corrente que os espaços da arquibancada principal fossem partilhados por torcedores organizados e não organizados, e que os segundos partilhassem das coreografias e cânticos propostos pelos primeiros. Neste contexto, a pesquisa de campo, entre fevereiro e maio de 2014 ocorreu sem maiores problemas, visto que o espaço acessado pelos sujeitos era com frequência o mesmo – e as próprias interações entre torcedores organizados e não organizados era destacada em meus diários de campo.

No entanto, com a passagem dos jogos do Corinthians para a arena em Itaquera, tal possibilidade deixa de ocorrer. Os setores com ingressos mais baratos são o norte e sul, sendo que o acesso ao primeiro se dava com exclusividade para associados de torcidas organizadas[41], de modo que as interações entre organizados e não organizados

[40] Tais termos são citados em outros trabalhos de antropologia urbana e em distintos contextos, carregam, entretanto, um sentido de estigmatização do outro. Em uma etnografia sobre os circuitos jovens de lazer na cidade de São Paulo, o termo "povão" é apresentado como categoria utilizada por frequentadores de estabelecimentos que cobram "ingressos e consumação caros" para se referir pejorativamente aos frequentadores que não seguem códigos de conduta referentes aos modos de se vestir e portar em tais espaços; "povão", nesse contexto, surge em contraposição aos "selecionados", (Magnani, 2005, p. 187). Em etnografia sobre os modos de funcionamento do Primeiro Comando da Capital (PCC), "zé povinho" diz respeito a quem está alheio a tais lógicas, (Biondi, 2009, p. 36). Em termos de pesquisas sobre torcidas de futebol, o "torcedor povão" é apresentado por Teixeira (2001, p.11) como o torcedor não associado a torcidas organizadas.

[41] No planejamento da Federação Paulista de Futebol, a espacialização ideal dos estádios teria uma concentração dos torcedores organizados em um único setor. Estes são constrangidos à realização de um cadastro e à apresentação de um cartão magnético para o acesso a esses setores. No Estádio do Pacaembu havia um portão de acesso exclusivo para os torcedores organizados, na Arena Corinthians um setor inteiro fora reservado para eles. Tomei conhecimento, após o término da pesquisa de campo, de que a partir do segundo semestre de 2015 ingressos para o setor norte passaram a ser vendidos para torcedores não organizado.

deixou de ocorrer no interior da praça esportiva. Não sendo associado a nenhuma torcida organizada, não obtive acesso a estes ingressos, e após as cinco primeiras partidas do Corinthians na arena em que o meu contato com estes sujeitos não ocorreu no interior da arena[42], reorganizei o campo e os atores com os quais realizar a etnografia.

Entre maio e outubro de 2014, intensifiquei idas a campo junto à Estopim da Fiel, no entanto, por não adquirir ingressos para o setor norte, meus encontros com os associados à torcida se restringiam aos momentos anteriores e posteriores aos jogos. Acompanhava as partidas no setor sul, onde me encontrava com torcedores não organizados, associados ao Fiel Torcedor. A partir de outubro de 2014, e ate o término da pesquisa de campo, priorizei a interação com esses torcedores, partilhando os momentos dos jogos e a circulação pela cidade junto deles. Deste modo, a população alvo da etnografia compôs-se por torcedores que frequentavam os setores de ingressos mais baratos, entendidos como "setores populares".

A partir disso, decorreu uma pluralidade não só de atores, como de cenários e movimentos etnografados. Michel Agier (2011, p. 56) expõe a ideia de que "falar de uma antropologia da cidade é falar de tudo aquilo que faz a cidade", o que leva ao etnógrafo da cidade observar e reconstituir como seus interlocutores pensam e fazem, simbólica e concretamente, a própria cidade.

No intuito de compreender esse "fazer cidade" e a citadinidade dos atores, no "sentido de que as ações, as interações e suas representações são definidas a partir de uma dupla relação: a dos citadinos entre si e a deles com a cidade como contexto social e espacial" (Agier, 2011, p. 91), o recorte etnográfico não se limitou ao período dos jogos junto de torcedores nas dependências do Estádio do Pacaembu e da Arena Corinthians. Configuraram-se também como cenários da pesquisa de campo uma ampla dimensão de espaços: terminais de ônibus, estações e vagões da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) e do metrô; ônibus de usos públicos e particulares; bares, lanchonetes, praças de alimentação e barracas comercializando lanches; escadas entre

[42] Cogitei a possibilidade de me associar à Estopim e intensificar minha participação nos quadros da torcida para além dos dias de jogos. Seguindo esta opção, o trabalho poderia tomar os rumos de uma "participação observante", um pouco nos moldes realizados por Loïc Wacquant em uma academia de boxe em Chicago, quando o próprio pesquisador passou pelos procedimentos físicos e psicológicos para tornar-se um boxeador (Wacquant, 2002), ainda que na presente pesquisa não se trate de uma prática esportiva, mas de uma modalidade de torcida. De todo modo, o intuito com a pesquisa, tanto inicialmente quanto após a primeira reorganização do campo, não era esse.

vias, praças públicas, ruas e calçadas; sedes de torcida e pontos de encontro de torcedores.

Dessa pluralidade de sujeitos e locais emergiram polaridades, inicialmente, de maneira destacada, entre duas praças esportivas, acessadas em dois períodos distintos, suscitando destaque ao elemento espaço-temporal e colocando em xeque uma separação superficial entre "antes e depois". Outras polaridades, então, tomaram forma nos dados da pesquisa: o modelo de estádio *versus* o modelo de arena; um monumento histórico tombado (Ferreira, 2008, p. 17) *versus* uma novidade arquitetônica; arquibancadas de cimento *versus* setores com cadeiras; o ingresso em papel adquirido em bilheterias físicas *versus* a carteirinha de sócio-torcedor gerida via internet; a região do Pacaembu *versus* a região de Itaquera; vendedores ambulantes não regulamentados *versus* oferta de produtos e serviços no interior das praças esportivas; torcedores organizados *versus* torcedores não organizados; o ônibus da torcida organizada *versus* o uso de meios de transporte público; os caminhos conhecidos *versus* os caminhos a serem criados.

Pensar as diferenças entre as praças esportivas e os locais da cidade frequentados pelos torcedores, pautando a análise a partir das polaridades ressaltadas pelos sujeitos entre tais locais, poderia remeter a uma noção de evolucionismo, em nada cara aos intuitos da pesquisa. Optei por analisar os movimentos encenados pelos atores considerando os entremeios vivenciados por eles em suas atuações como torcedores-citadinos. Não desconsidero, evidentemente, as especificidades das praças esportivas, dos locais acessados na cidade e do pertencimento ou não a torcidas organizadas, no entanto, as análises partem antes das situações vivenciadas nos "dias de jogos" do que dos espaços acessados.

Os fenômenos envolvidos em acompanhar os jogos do Corinthians *in loco* são pensados a partir do entendimento de que o ano de 2014 configurou-se como um período de mudanças, tanto no modelo de praça esportiva quanto nos espaços da cidade frequentados pelos torcedores corintianos. Tais fenômenos são pensados a partir da perspectiva dos torcedores sobre os processos de transformação que se viram protagonizando junto às mudanças em voga.

D) Estrutura da dissertação

A presente dissertação parte da análise das formas de torcer e dos usos de espaços urbanos na cidade de São Paulo em um período de mudanças nas praças esportivas. Tem-se, como caso específico, o acompanhamento de torcedores corintianos, que, para acompanhar os jogos da equipe, deixam de frequentar o Estádio do Pacaembu e passam a frequentar uma nova arena. Por meio da etnografia pretende-se discutir não só aspectos específicos referentes às formas de torcer, mas, sobretudo, como alterações nas praças esportivas e no local da cidade a serem frequentados, atreladas a demais mudanças na concepção do futebol de espetáculo, podem ser lidas por torcedores-citadinos.

No primeiro capítulo discute-se a relevância simbólica que há para torcedores do Corinthians na construção de um estádio do clube. A partir de um recuo histórico abordo os estádios planejados, mas não construídos, que contribuíram para fortalecer, por um lado, a noção de "clube popular" e, por outro, a necessidade de que o clube investisse na construção de tal equipamento. Destacam-se também importantes etapas e mediações que permitiram a construção da arena em Itaquera. A partir do zelo dos torcedores com relação à obra, acompanhada por estes em encontros próximos ao canteiro de obras, problematiza-se a construção de um estádio de futebol tomado, na fala torcedora, como "casa própria".

Uma vez estabelecido o vínculo simbólico dos torcedores com a nova arena, o segundo capítulo demonstra hábitos destes com relação a deslocamentos e usos das praças esportivas nos "dias de jogos". A partir do contraste entre a elaboração de caminhos para Itaquera e os trajetos tidos como cristalizados para o Pacaembu, discute-se o "fazer cidade" dos torcedores, e clarifica-se uma das facetas do período tomado como "de mudanças". Igualmente, ao frequentar duas praças esportivas com projetos arquitetônicos distintos, discute-se de que maneira as variações entre ambas foram vivenciadas pelos torcedores; ressalta-se na narrativa, no entanto, relações e hábitos que foram mantidos. A etnografia apresenta neste capítulo, portanto, situações vivenciadas no Estádio do Pacaembu, na arena em Itaquera, na sede da Estopim da Fiel e em meios de transporte.

No terceiro capítulo se discute especificamente os consumos dos torcedores, questão compreendida, a partir de discussão teórica, como um dos principais pontos no

que diz respeito à atuação dos torcedores nas novas arenas construídas no Brasil. Destaca-se o acesso aos jogos por meio da análise dos modos de venda de ingressos, e rearranjos dos torcedores para lidar com estes. O acesso a espaços públicos para fins de sociabilidade, a interação com demais atores – sobretudo vendedores ambulantes e agentes policiais – e o consumo de produtos no interior das praças esportivas abrangem a discussão mais ampla sobre a formação da figura do "torcedor-consumidor", tema do capítulo.

Ao final da dissertação, após as considerações finais, à busca de aprofundar os temas discutidos, há anexos em que apresento passagens e desdobramentos da etnografia.

Capítulo 1 – O sonho da "casa própria"

1.1) Estádios não construídos

O SCCP compõe, junto de Sociedade Esportiva Palmeiras (SEP), Santos Futebol Clube (SFC) e São Paulo Futebol Clube (SPFC), o grupo dos quatro principais clubes futebolísticos do estado de São Paulo: acumulam a maior quantidade de títulos do Campeonato Paulista; conquistaram os títulos mais significativos (em níveis nacionais e internacionais) dentre os clubes do estado; mobilizam torcidas que estão entre as mais numerosas do país[43] e torcedores identificados como corintianos, palmeirenses, santistas ou são-paulinos; as torcidas organizadas possuem subsedes[44] espalhadas por diversas cidades do estado[45].

Dentre os quatro clubes, o Corinthians foi o único a iniciar o século XXI sem possuir entre suas conquistas uma Taça Libertadores da América (Libertadores) [46], bem como a não ser proprietário de um estádio que comportasse grandes públicos. Tais pontos eram tomados como carências dos corintianos por parte dos rivais próximos, vencedores de edições da Libertadores – SEP em 1999, SFC em 1962, 1963 e 2011, e

[43] Meios de mídia esportiva divulgam, de tempos em tempos, pesquisas quantitativas sobre "as maiores torcidas do Brasil". No mais recente destes índices, realizado em agosto de 2014 pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE), por encomenda do noticiário esportivo Lance, Corinthians, São Paulo, Palmeiras e Santos ocupavam, respectivamente, a 2ª, 3ª, 4ª e 10ª posições, ver: http://placar.abril.com.br/materia/em-nova-pesquisa-lance-ibope-atletico-mg-ultrapassa-cruzeiro-em-torcida (acesso 12/2/2016).

[44] Cada subsede (ou "sub", como são referidas verbalmente) é uma sede da torcida em outra localidade que não a matriz da torcida. As subsedes são abertas com o intuito de agregar torcedores de um mesmo time sob participação em uma mesma torcida organizada coletivizando o torcer à distância e viabilizando a realização de viagens para acompanhar jogos.

[45] Em julho de 2014 desembarquei de um ônibus na cidade de Piracicaba/SP, caminhei por dois quarteirões quando me deparei com um sobrado em uma esquina, todo pintado em preto, com detalhes brancos, em uma das paredes o escrito "Gaviões da Fiel, subsede Piracicaba" acompanhado do símbolo do clube e da ave mascote da torcida, o que identificava o espaço. Em outra situação, em novembro do mesmo ano, caminhava pela região central da cidade de Marília/SP quando fui surpreendido por um barulhento agrupamento de associados da Mancha Verde, torcida organizada palmeirense com subsede no município, em preparo para uma viagem.

[46] A Copa Libertadores da América é uma competição organizada pela Confederação Sul-Americana de Futebol (Conmebol) e disputada por clubes de distintos países sul-americanos: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Chile, Equador, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela, além de equipes do México, convidadas pela Conmebol. São selecionadas para disputá-la equipes que conquistaram títulos nacionais ou estiveram entre os primeiros colocados nos campeonatos de seu país – do Brasil são classificados para disputar a "Libertadores", como é citada pelos torcedores, os quatro primeiros colocados da "Série A" do Campeonato Brasileiro e o campeão da Copa do Brasil, do ano anterior.

SPFC em 1992, 1993 e 2005 – e proprietários de estádios: a SEP, antigo Palestra Itália[47], herdou dele o Parque Antártica, também referido pelo nome antigo da agremiação, atualmente nomeado Allianz Parque; o SFC proprietário do Estádio Urbano Caldeira, ou Vila Belmiro, construído na cidade de Santos no ano de 1916 e principal estádio no litoral paulista; o SPFC proprietário do Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Estádio do Morumbi, que desde sua inauguração, no ano de 1960, é a praça futebolística com maior capacidade de público na cidade de São Paulo[48].

Com frequência as conquistas da Libertadores e a posse dos estádios eram acionadas por palmeirenses, santistas e são paulinos como modos de posicionar inferiormente os corintianos. Tais jocosidades eram expressas por meio de músicas cantadas por torcedores[49], piadas replicadas cotidianamente, estandartes levados aos estádios[50] e material veiculado pela mídia especializada[51].

Durante anos, especialmente após a conquista da Libertadores pela SEP no ano de 1999, a obtenção de vaga para disputa do torneio pelo SCCP era motivo para intensas movimentações no clube, como a elaboração de camisas exclusivas para a disputa do certame e a contratação de jogadores de renome. Falar sobre conquistar uma

[47] O Palestra Itália, fundado em 1914, mudou o nome para Sociedade Esportiva Palmeiras em 1942, em razão da entrada do Brasil na 2ª Guerra Mundial, em oposição aos países que compunham as "Potências do Eixo", dentre elas, a Itália. Segundo Hilário Franco Jr. a mudança de nome foi uma alternativa para evitar que o clube sofresse represálias, tanto por parte do Estado quanto por parte da população, pois seus membros poderiam ser tomados como "inimigos infiltrados no país" (2007, p. 84).

[48] O laudo técnico realizado pelo 2º Batalhão de Polícia de Choque indica que a capacidade de público atual do Estádio do Morumbi é para 67.052 pessoas; http://laudosestadios.fpf.org.br/Laudo%20Seguran%C3%A7a-Morumbi-%20Est.%20Cicero%20P.de%20Toledo-%2028-10-14.pdf (acesso em 13/2/2016).

[49] Em música cantada pela torcida são-paulina, as ausências corintianas são acionadas juntamente a conquistas recentes do clube, tomando-as como conferentes da superioridade são-paulina frente aos rivais: "tenho Libertadores, não alugo estádio, sou hexa brasileiro, nunca fui rebaixado". A última estrofe faz menção aos rebaixamentos para a Série B (2ª divisão) do Campeonato Brasileiro de Corinthians e de Palmeiras. A citada música é comentada no documentário "o som das torcidas": https://www.youtube.com/watch?v=FegmnVOY07c&feature=youtu.be (acesso em 12/2/2016).

[50] Após a eliminação do Corinthians na Libertadores de 2011, torcedores do Palmeiras elaboraram um mosaico (formação previamente organizada em que folhas de papel em cores distintas são abertas e erguidas por torcedores e, quando vistos de longe, dão formas à imagens e letras) que formava a silhueta da taça da Libertadores e o escrito "ha ha ha". Outro estandarte de destaque é o bandeirão confeccionado por uma torcida organizada são-paulina após a conquista do tricampeonato mundial pelo clube, em 2005, que inferiorizava o conquistado pelo Corinthians no ano 2000, disputado no Brasil, com a frase: "para conquistar o mundo é necessário atravessá-lo".

[51] Marco Aurélio Cunha, dirigente do SPFC que frequentava programas futebolísticos na televisão, dizia que em razão da ausência de títulos internacionais pelo SCCP, o passaporte do corintiano era o bilhete de metrô: "Um dia após o time (SCCP) cair na Libertadores desse ano (2006), Cunha deu uma entrevista para a televisão no Centro de Treinamento do São Paulo. Sacou da carteira um bilhete de metrô e mostrou: "Esse é o passaporte dos corintianos, que não conseguem sair do Brasil"", ver: http://oglobo.globo.com/esportes/especial-marco-aurelio-cunha-baixinho-em-acao-4536393 (acesso em 15/2/2016).

Libertadores e suprir a ausência imputada ao clube pelos rivais mais próximos era corrente entre corintianos, e reforçava tal torneio como uma carência do clube, o que foi lembrado inclusive durante a festa do centenário, na fala de Andrés Sanchez, à época presidente do SCCP. Assim como falar de um estádio a ser construído para o Corinthians não era uma novidade. Gestões anteriores do clube elaboraram diversos projetos de estádios nas últimas quatro décadas, foram indicados locais na cidade em que seriam construídos, plantas, projetos arquitetônicos e maquetes apresentadas. Tais projetos, não finalizados, atrelados a noções históricas do Corinthians como um clube popular[52], ligado, assim, a estigmatizações de classe, conferiam ao Corinthians uma posição de clube do "quase" (Toledo, 2013, p. 154) nessas relações de rivalidade e jocosidade[53].

Em 1926, sob a presidência de Ernesto Cassano e com investimentos de dois sócios, Alfredo Schurig e Wladimir de Toledo Piza[54], o Corinthians adquiriu uma área pertencente ao Esporte Clube Sírio, na região do Tatuapé, zona leste de São Paulo. Na área, localizada no subdistrito do Parque São Jorge, ao lado do Rio Tietê e onde futuramente seria construído trecho da Marginal Tietê[55], o clube construiu uma ampla sede social, que já contava com um campo para a prática de futebol, nomeada conforme o subdistrito. O campo de futebol passou por um primeiro processo de reformas, sendo inaugurado no ano de 1928, em partida entre Corinthians e América/RJ, acompanhada por cerca de duas mil pessoas (Lourenço, 2013, p. 97).

Entre os anos de 1930 e 33, em que Alfredo Schürig foi presidente do clube, foram construídas as arquibancadas, com materiais fornecidos pelo próprio dirigente (Unzelte, 2009, p. 30). Em 1933 o estádio foi reinaugurado e renomeado em

[52] Tal noção é confirmada, por exemplo, pelo historiador Plínio Labriola Negreiros (1992), que investigou em sua dissertação de mestrado os primeiros anos do SCCP.

[53] "Sociologia nativa, tais faltas são tomadas como elogio à carência e à condição econômica subalterna e de classe que se impõe num misto de realismo e imaginário na relação com seus outros, historicamente são-paulinos e palmeirenses", (Toledo, 2013, p. 154).

[54] "A retaguarda social e econômica de ambos viabilizou a aquisição do terreno por 750 mil réis, quantia colossal perto dos 40 mil posteriormente alavancados com a venda da Ponte Grande" (Lourenço, 2013, p. 97). Ainda segundo o autor, Schurig foi um dos pioneiros da metalurgia no Brasil e um dos sócios da casa de ferragens Schill, e Piza era filho do primeiro delegado geral da polícia de São Paulo, herdou do pai o patrimônio e prestígio social, (Lourenço, 2013, p. 97).

[55] Via expressa para trânsito de carros construída nas margens do Rio Tietê entre os anos de 1950 e 81, atualmente tem 24 quilômetros de extensão. Tem início na altura da Ponte dos Remédios – próximo ao encontro do Rio Tietê com o Pinheiros –, se estende por toda região norte da cidade e interliga rodovias como a Presidente Dutra (que articula ao norte do estado) e a Anhanguera (que articula a oeste); sobre a construção da Marginal Tietê, ver Perez (2006) e Seabra (1987).

homenagem ao próprio Alfredo Schürig, sendo também referido como "Fazendinha"[56], que substituiu o Estádio da Ponte Grande como local dos jogos da equipe em São Paulo. O campo e as arquibancadas passaram por períodos de reformas ao longo das décadas seguintes, mas nenhuma delas tornou o espaço apto a receber partidas com públicos numerosos, como clássicos estaduais ou jogos decisivos.

Com a popularização do futebol nas décadas seguintes, especialmente entre 1940 e 1960, e o Corinthians figurando como um dos times com mais seguidores na cidade, os principais jogos de sua equipe (clássicos e partidas decisivas) passaram a ser disputados no Estádio do Pacaembu, e a Fazendinha passou a ser utilizada apenas para jogos de menor apelo de público, sendo a última partida oficial disputada em 3/8/2002 (Unzelte, 2009, p. 30).

Os rivais do SCCP inauguravam ou reformavam estádios de acordo com o crescimento de público interessado nos jogos. A SEP reformou o Parque Antártica, na década de 1950, e construiu um setor de arquibancadas em formato de semicírculo, atrás de uma das traves, com a qual o estádio passou a ter o formato de "U", semelhante a outras praças da época, como o Estádio do Pacaembu e o Estádio de São Januário, unindo as arquibancadas laterais e ampliando a capacidade de público (Atique, Gessi e Sousa, 2015, p. 98). O SPFC inaugurou em 1960 o Estádio do Morumbi, que chegou a receber públicos de até cento e cinquenta mil pessoas[57]; a Associação Portuguesa de Desportos inaugurou o Estádio do Canindé em 1972. O Corinthians, então, começou a traçar planos para construir e inaugurar o seu terceiro estádio, que fosse adaptado às crescentes demandas de público.

O primeiro projeto de estádio corintiano inspirado nas grandes praças esportivas construídas a partir da década de 1940 foi apresentado em 1978, com arquitetura circular e cobertura em todo o anel superior de arquibancadas, semelhante ao Maracanã, e capacidade planejada para até duzentas mil pessoas. A construção ocorreria em um terreno concedido pela prefeitura municipal ao empresário, e então presidente do clube, Vicente Matheus[58]. A apresentação de uma maquete, em um grandioso evento no

[56] O jornalista Celso Unzelte indica que "também ali havia antigamente uma pequena fazenda. Daí o apelido que ficou até hoje 'Fazendinha'" (Unzelte, 2009, p. 30).
[57] Estima-se que o público de uma das três partidas entre Corinthians e Ponte Preta, válidas pelas finais do Campeonato Paulista, foi 146.082 pessoas, cf. http://www.corinthians.com.br/noticias/ver/57568#.VwvbWfkrLIU (acesso em 17/3/2016).
[58] Sobre a relação de Vicente e da família Matheus com o Corinthians, ver (Spaggiari, 2015, p. 46-55).

ginásio poliesportivo do Parque São Jorge, foi seguida da entrega simbólica do terreno realizada pelo convidado de honra, o militar Ernesto Geisel, à época Presidente da República[59].

O terreno em que se planejava a construção do estádio era contíguo à área onde se daria a construção da estação de metrô de Itaquera, que seria a parada limite a leste na linha leste-oeste do metrô. O próprio planejamento da estação foi alterado em razão do possível estádio. Antecipando que, eventualmente, estação e estádio seriam acessados por centenas de milhares de pessoas, foi instalada no mesmo local uma estação da CPTM[60]. Aquela, então, tornara-se ponto de transferência entre a linha de metrô e a de trens que conecta o centro de São Paulo ao município de Mogi das Cruzes, e percorre bairros e municípios no extremo leste da Grande São Paulo.

Inaugurada em 1988, a estação foi nomeada Corinthians-Itaquera. A construção do estádio, no entanto, não prosperou para além da colocação da pedra fundamental.

No início dos anos de 1980, durante a "Democracia Corintiana"[61], o então presidente do clube Waldemar Pires apresentou um projeto de reforma para a Fazendinha. Os setores de arquibancadas seriam cobertos e ampliados, e o estádio comportaria quarenta mil pessoas. Em janeiro de 1981 uma chamada em vídeo era veiculada pela Rede Globo de Televisão, em que exibia imagens de uma maquete do estádio e convidava torcedores para o "lançamento da pedra fundamental do novo estádio do Corinthians"[62]. Nas eleições para presidente do clube, em 1985, Adilson Monteiro Alves era o candidato indicado por Pires para sua sucessão, e a vitória dele no pleito essencial para o desenvolvimento do projeto. Entretanto, Alves foi derrotado por

[59] Em debate promovido pelo Núcleo de Estudos do Corinthians (NECO), em 11/5/2015 no teatro do clube, o jornalista Celso Unzelte assim se referiu a tal evento: "nós nos orgulhamos pelo movimento da democracia corintiana, mas também vínhamos ao Parque São Jorge para aplaudir militar".

[60] "A estação inicialmente seria apenas do Metrô, sem transferências para o trem de subúrbio (hoje CPTM). Esta baldeação ficaria na estação anterior de Arthur Alvim, que já seria (e foi) construída ao lado da estação ferroviária, hoje desativada. Com a decisão de erguer ali o estádio do Timão, a estação foi repensada não só como terminal da linha do Metrô, como também a derradeira estação de transferência entre este serviço e o trem de subúrbio", cf. http://www.saopauloantiga.com.br/estadio-do-corinthians/ (acesso em 17/3/2016).

[61] Nome dado ao período em que o clube esteve sob a presidência de Waldemar Pires, e o diretor do departamento de futebol era Adilson Monteiro Alves, em que as decisões referentes ao time de futebol eram tomadas de maneira coletiva e democrática pelos jogadores, por meio de discussões e voto direto. Sobre a "democracia corintiana" ver Florenzano (2010) e Gozzi & Oliveira (2002).

[62] A chamada foi utilizada na abertura do vídeo intitulado "lutando por um sonho", publicado no Youtube (site para publicação de vídeos) em 2007, em que se apresentava outro projeto de estádio corintiano: https://www.youtube.com/watch?v=y5-kvZk4NWk (acesso em 17/3/2016).

Roberto Pasqua, candidato que se opunha à "democracia corintiana", e o projeto de reforma não prosperou[63].

Durante a presidência de Alberto Dualib, entre os anos de 1993 e 2007, a construção de um estádio foi retomada como uma meta corintiana e dois grandes projetos foram divulgados. O primeiro deles apresentado entre os anos de 1999 e 2000, quando o clube firmou parceria com o grupo de investidores estadunidenses da empresa Hicks, Muse, Tate & Furst (HMTF): "Timão S/A, além de time campeão parceria com fundo de investimentos norte-americano transforma o Corinthians numa máquina de ganhar dinheiro" (Revista Fiel Torcida, 2000, p. 32). Essa assertiva intitulava uma matéria publicada em fevereiro de 2000 na Revista Fiel Torcida[64], que explicava dados sobre tal parceria.

No contrato a empresa seria responsável pelo investimento de US$100 milhões no Corinthians enquanto "marca", a ser fortalecida mercadologicamente por meio do lançamento de produtos e contratação de jogadores. Um dos meios para investir no clube e obter retorno financeiro seria a construção de um estádio. O cerne da matéria era a apresentação de uma entrevista realizada com Marcos Caruso, diretor de marketing da TeamCo (empresa criada pela HMTF para administrar os negócios da multinacional no Brasil), que relatava detalhes do projeto do futuro estádio. Teria capacidade para até cinquenta e cinco mil pessoas e ofereceria inovações com relação às demais praças esportivas brasileiras, como espaço para duzentos e cinquenta camarotes, cinquenta lojas, área vip coberta, restaurantes, bares e estacionamentos, o que faria do estádio uma fonte de lucro para o grupo de empresários.

Caruso calculava que com tais instalações no interior do estádio, "para cada R$1 gasto no ingresso, a ideia é de que o torcedor deixe mais R$3 no estádio"[65]. Ilustrações do projeto eram acompanhadas da legenda: "moderno e arrojado, o projeto do estádio do Timão[66] oferecerá conforto, segurança e diversão para cinquenta e cinco mil torcedores".

---

[63] Cf. Revista Veja São Paulo, edição especial (2010, p. 91).
[64] Publicação oficial do SCCP veiculada mensalmente entre os anos de 1999 e 2000.
[65] Trechos dessa entrevista foram também veiculados na Revista Istoé: http://www.istoe.com.br/reportagens/detalhePrint.htm?idReportagem=32011&txPrint=completo (acesso em 17/3/2016).
[66] Apelido do SCCP em razão do símbolo do clube – criado em 1939 pelo artista plástico e ex-jogador do clube Francisco Rebolo Gonsales – apresentar uma boia, um par de remos e âncora, menção à prática de

O terreno para a construção foi comprado, uma área no quilômetro 18,5 da Rodovia Raposo Tavares, e o desenvolvimento do projeto financiado pelos investidores da HMTF ao custo de US$25 milhões. A estimativa era de que o estádio seria construído em dezoito meses após a autorização das obras pela prefeitura de São Paulo[67]. No entanto, a parceria entre Corinthians e HMTF foi encerrada em março de 2002, antes da liberação da prefeitura e o estádio não foi construído[68].

Na "Revista Oficial do Sport Club Corinthians Paulista", edição de setembro de 2002, foram apresentados dados da gestão de Alberto Dualib, dentre eles a recuperação do terreno nas imediações de Itaquera, (conforme indicado anteriormente, adquirido por Vicente Matheus em 1978) junto à Prefeitura de São Paulo e a construção de um centro de treinamento para categorias de base do clube em parte do terreno. Alberto Dualib traçava outros planos para o uso da área: "ali, se quisermos, poderemos construir um estádio de futebol que tanto poderia ser utilizado por nossas equipes menores, como pela própria equipe principal, desde que feitas algumas adaptações para atender às exigências da Federação Paulista de Futebol (FPF). É uma ideia que está guardada, mas que, de repente, pode ser viabilizada se tivermos recursos para tanto" (Revista Oficial..., 2002, p. 23), devidamente acompanhada de uma foto do terreno com a legenda "'aterro em U': local está preparado para receber estádio com 40.000 lugares". Não encontrei, em revistas ou em visita ao museu mantido pelo clube em sua sede social, mais informações a respeito de um projeto efetivamente elaborado para construção do estádio nesse terreno no período[69].

Em 2004, Alberto Dualib anunciou a inserção do Corinthians em outra parceria com investidores estrangeiros, então o grupo de investidores Media Sports Investments (MSI). Sediado na Inglaterra, tinha como representante no Brasil o empresário iraniano Kia Joorabchian. Dentre os compromissos envolvidos na parceria, novamente, estava a construção de um estádio. À MSI era outorgada a preferência para construí-lo, no

---

regatas que passaram a ser disputadas por atletas vinculados ao Corinthians no Rio Tietê, ao lado da sede social adquirida pelo clube em 1926 (Unzelte, 2009, p. 15).

[67] Informações obtidas em http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,hmtf-exige-cortes-no-corinthians,20020304p65966 (acesso em 17/3/2016).

[68] Conforme relatado por Antônio Roque Citadini, à época diretor de futebol do clube, em entrevista à Revista Veja São Paulo, "a crise econômica na Argentina, no começo dos anos 2000, tirou a HMTF do Brasil, e a parceria terminou" (Veja São Paulo, edição especial, 5/2010).

[69] No entanto, cabe indicar que a revista foi publicada meses antes das eleições presidenciais do SCCP, em janeiro de 2003. A considerar a quantidade de propostas para o clube associadas a Alberto Dualib, tal revista pode ser tomada como uma espécie de "material de campanha" do próprio, em que citar a construção de um futuro estádio colocaria o "sonho" como parte da atividade política no clube.

entanto, a demora na apresentação de um projeto fez com que o clube acionasse outro parceiro para tal.

Um grande projeto foi parcialmente revelado por meio da imprensa esportiva em março de 2006, época em que o presidente do SCCP evitava comentar publicamente sobre o tema. Em 8/3/2006, no entanto, trechos de uma entrevista com o conselheiro do clube Edgar Soares, tido como "homem de confiança de Alberto Dualib", foram publicados no jornal O Estado de São Paulo, em que indicava: "não posso dar detalhes. Só digo que conseguimos algo sério. O clube não resiste à outra ideia furada. O estádio sempre foi uma novela e virou gozação"[70].

Assim como nos demais projetos, um local na cidade também foi apontado, próximo ao Autódromo de Interlagos, na zona sul de São Paulo, e a capacidade de público seria de até sessenta mil pessoas. A construção envolveria a empresa WTorre Engenharia, que realizaria os investimentos necessários à obra e, como retorno, teria direito à participação financeira na renda dos jogos, prioridade para a venda dos camarotes, áreas destinadas a lojas e lanchonetes e, tratando-se de uma arena multiuso, realização de outros eventos no local, como grandes concertos musicais.

No período em que a construção foi proposta pela diretoria do clube aos investidores da MSI, março de 2006, a parceria passava por uma reorganização administrativa e a obra não foi recebida com entusiasmo pelos representantes da MSI no clube[71].

A eliminação do time na Libertadores, em maio daquele ano, em uma partida disputada no Estádio do Pacaembu, encerrada antes do término do tempo regulamentar em razão da tentativa de invasão do campo pelos torcedores, provocou a saída de jogadores do clube contratados pela empresa. Ainda no primeiro semestre daquele ano tiveram início investigações do Ministério Público Federal (MPF) com relação à origem

[70] Para tal projeto, conforme indicado na matéria jornalística, chegou-se a projetar a inauguração do estádio em um amistoso contra o Real Madrid Club de Fútbol, consagrada equipe espanhola: http://esportes.terra.com.br/futebol/estaduais2006/interna/0%2c%2cOI909537-EI6201%2c00.html (acesso em 20/3/2016).

[71] Conforme matéria veiculada pelo Portal Terra de notícias: http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2006/interna/0,,OI1126841-EI6568,00-MSI+ja+admite+discutir+construcao+de+estadio.html (acesso em 20/3/2016)

do dinheiro investido no Corinthians, indicando que jogadores poderiam ter sido contratados de maneira ilícita[72].

Em meio a tais acontecimentos, a relação entre Alberto Dualib e Kia Joorabchian se tornou tensa, e as investigações do MPF sobre a MSI implicaram em uma ressalva por parte da WTorre: a empresa construiria o estádio para o SCCP, desde que não houvesse envolvimento com o fundo de investimento nas negociações pelo estádio, o que ocorreria mediante rompimento ou reajuste do contrato entre Corinthians e MSI. Sem o aval de Kia Joorabchian, Alberto Dualib seguiu negociando com demais investidores da MSI, no entanto não houve acordo entre Corinthians, MSI e WTorre, e a empresa construtora retirou a proposta feita ao clube.

Com a não concretização desse estádio entre os anos de 2006 e 2007, torcedores do Corinthians fundaram a Organização Não Governamental (ONG) "Cooperfiel", com o intuito de arrecadar dinheiro para a construção de um estádio. Um dos responsáveis pela ONG, André Antunes, estimava ser necessário cerca de R$300 milhões para a construção de um empreendimento para públicos de até sessenta mil pessoas[73].

A divulgação do projeto era realizada por meio de materiais publicados na internet, como o site oficial da ONG, vídeos produzidos por torcedores e uma apresentação de slides. Torcedores vinculados à ONG também entregavam panfletos com informações sobre o projeto em dias de jogos e concediam entrevistas para meios de mídia. As doações eram realizadas por meio de depósitos em contas correntes abertas em diferentes bancos pelos responsáveis, e não havia valor mínimo ou máximo definido para as doações.

A ONG não chegou a ter apoio oficial do clube, pois ainda vigorava o contrato que concedia prioridade à MSI para a construção de um estádio do clube, e apresentava o projeto como não sendo do Corinthians, mas uma iniciativa da torcida do Corinthians. O estádio seria construído e gerido pelo próprio grupo durante dez anos, locado sem custos para os jogos do Corinthians e concedido ao clube após esse período.

---

[72] Cf.: http://maquinadoesporte.uol.com.br/artigo/corinthians-poe-fim-a-parceria-com-msi_1773.html (acesso em 14/6/2016).

[73] Em entrevista concedida ao portal "Universidade do Futebol", divulgada em 17/11/2006: http://universidadedofutebol.com.br/andre-antunes-presidente-da-cooperfiel/ (acesso em 20/3/2016).

A meta prevista no estatuto de fundação da ONG era arrecadar a quantia em até três anos, e inaugurar o estádio no centenário do clube, em 2010. Caso o valor arrecadado ao término do período não fosse suficiente para a construção, seria destinado ao Corinthians para que realizasse uma reforma no Parque São Jorge, proposta publicada pela diretoria corintiana entre os anos de 2007 e 2008, já na gestão de Andrés Sanchez.

Ao final do período, o grupo havia arrecadado em torno de vinte mil reais, quantia utilizada pelo clube apenas para a compra de materiais para a academia de musculação do clube[74], uma vez que o projeto de reforma do Estádio Alfredo Schürig já havia sido abandonado pelo próprio clube[75].

Em 2009, às vésperas do centenário do clube[76], outra possibilidade de estádio foi sugerida pela diretoria corintiana. Tramitava entre os vereadores da Câmara Municipal de São Paulo um projeto para o arrendamento do Estádio do Pacaembu à iniciativa privada[77], sob um contrato que tinha como principal interessado o Corinthians[78]. Um projeto de reforma foi apresentado pelo então secretário Walter Feldman, ao custo de duzentos e cinquenta milhões de reais, dos quais cem seriam obtidos pelo Corinthians por meio de investidores, no entanto a proposta sofreu veto do prefeito em exercício Gilberto Kassab[79].

[74] Conforme matéria veiculada pelo UOL em 2/10/2009, ver http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2009/10/02/ult5895u10894.jhtm (acesso em 20/3/2016).

[75] Sob a justificativa da falta de investidores externos ao clube: http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2008/06/20/ult59u161464.jhtm (acesso em 20/3/2016).

[76] Referencial temporal relevante quando observamos que a proposta realizada pela Cooperfiel era a entrega do estádio nessa data e que o anúncio da construção da arena em Itaquera fora realizado por Andrés Sanchez justamente na festa pelo centésimo aniversário do clube.

[77] O relator do projeto era o vereador Antônio Goulart, do Partido do Movimento Democrático do Brasil (PMDB), e conselheiro vitalício do SCCP, conforme: http://globoesporte.globo.com/Esportes/Noticias/Times/Corinthians/0,,MUL1288576-9862,00-ESTADIO+DO+TIMAO+SUBCOMISSAO+DEVE+APROVAR+ARRENDAMENTO+DO+PACAEMBU.html (acesso em 20/3/2016).

[78] Em 2007 o Estádio Olímpico Municipal João Havelange (atualmente nomeado Estádio Nilton Santos), e também referido como "Engenhão", no Rio de Janeiro/RJ, passou por um processo de arrendamento semelhante ao proposto para o Pacaembu. Construído para receber competições do Pan-Americano de 2007, foi arrendado pelo Clube Botafogo de Regatas, que passou a disputar suas partidas de futebol profissional ali, sendo responsável pela administração do mesmo, procedimento que é devidamente abordado em Curi (2012, p. 145-156).

[79] Cf.: http://exame.abril.com.br/negocios/noticias/corinthians-tera-estadio-proprio-neste-ano-nao-sera-pacaembu-559678 (acesso em 14/6/2016).

O anúncio posterior sobre uma praça esportiva a ser construída para o Corinthians foi realizado pelo presidente corintiano, durante a festa do centésimo aniversário do clube, na noite de 31/8/2010, conforme segue no próximo item.

1.2) A construção da arena em Itaquera

Em 31/8/2010, a diretoria do SCCP, em parceria com patrocinadores privados e a Prefeitura Municipal de São Paulo, realizou uma festa no Vale do Anhangabaú, centro da cidade. Um grande palco foi montado de frente ao Viaduto do Chá: apresentações de grupos musicais e falas de jogadores, ex-jogadores, dirigentes e personalidades ligadas ao clube preencheram o evento. A razão era festejar o centenário do clube, celebrado a partir da meia noite de 1º de setembro daquele ano.

Entre recordações de momentos tomados como marcantes nos cem anos do clube e declarações emocionadas, um dos pontos assinaláveis neste evento foi a fala do então presidente do Corinthians. A poucos instantes da contagem regressiva para a entrada no dia primeiro de setembro (realizada tal qual em uma festa de *réveillon*), ele se pronunciou a respeito da construção do estádio do Corinthians. Pedindo a atenção dos cerca de 110 mil torcedores[80] presentes, falou: "vocês podem ter certeza que nós vamos ter nossa casa".

Em festas, conforme exposto por Rita de Cássia Amaral, ocorre um apogeu, no "momento de maior 'efervescência' dos participantes" (1998, p. 29) em que, conforme Durkheim "as energias vitais são superexcitadas, as paixões mais vivas, as sensações mais fortes" (Durkheim APUD Amaral, 1998, p. 28). Na festa do centenário corintiano muito se falou sobre conquistas realizadas e a serem alcançadas, como um título de Libertadores. O principal momento da noite, no entanto, seria a passagem do dia 31/8/2010 para o dia 1/9/2010, com a "efervescência" daquela festa potencializada pela fala de Andrés Sanchez, ao anunciar a construção do estádio próprio para os jogos do time de futebol profissional do clube e frequência dos torcedores.

[80] Segundo dados publicados na grande mídia: http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2010/09/01/torcida-lota-o-anhangabau-e-faz-festa-no-centenario-do-corinthians.jhtm (acesso em 12/2/2016).

Como o anúncio realizado pelo mandatário podia ser recebido por torcedores e jornalistas com a desconfiança de que seria apenas mais um projeto que não tomaria corpo, ele ressalvou em seu pronunciamento: "eu falei três anos atrás: o dia que nós falarmos de estádio, ele acontece". Tal projeto foi apresentado com tamanha certeza de sua viabilidade em razão da Copa do Mundo de 2014, que seria disputada no Brasil. A necessidade de construir e reformar estádios nas cidades que pretendiam sediar o Mundial, buscando se adequar às determinações do Padrão FIFA, a não existência de um estádio com tais características na cidade de São Paulo e os trânsitos políticos do presidente corintiano constituem questões centrais para sua construção.

Sanchez seria uma espécie de mediador entre Luiz Inácio Lula da Silva, então Presidente da República, e Ricardo Teixeira, então Presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Por essa razão, seria também o responsável por "tirar" a Copa do Mundo em São Paulo do Estádio do Morumbi, do rival SPFC, que teria que passar por reformas para adequação aos padrões necessários. Teve sucesso também ao angariar outros parceiros, como a empresa de construção civil Odebrecht, para a construção de um estádio que, passado o Mundial, seria entregue ao Corinthians.

Tanto no livro "Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico", de Arlei Sander Damo e Ruben George Oliven (2014, p. 145-146), quanto no artigo "*Quase lá*: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora", de Luiz Henrique de Toledo (2013, p. 169-170), um episódio é acionado como central para a construção da nova praça futebolística na cidade de São Paulo.

Em abril de 2010, ocorreria a eleição para a presidência do Clube dos 13, que em Damo & Oliven (2014, p. 145) é assim definido: "entidade que congregava as vinte principais agremiações clubísticas do Brasil e detinha o controle sobre os direitos de imagem do campeonato brasileiro, organizado pela CBF"[81]. Para a eleição, Sanchez havia declarado apoio a Kléber Leite, aliado dos interesses da CBF e de Ricardo Teixeira. Por outra via, Juvenal Juvêncio (então presidente do SPFC) era candidato a vice na chapa de Fábio Koff, presidente do Clube dos 13 desde 1996. A tensão política

[81] O Clube dos 13 foi criado em 1987 pelos treze principais clubes de futebol do Brasil – Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, Santos, São Paulo, Palmeiras, Corinthians, Internacional, Grêmio, Atlético-MG, Cruzeiro e Bahia – para a defesa de seus interesses políticos e comerciais frente à CBF. Outros clubes passaram a integrar esta entidade, chegando a ter até vinte participantes, o nome, no entanto, permaneceu o mesmo.

mobilizada pela eleição teria levado o Clube dos 13 a seu fim no ano seguinte. Ainda em 2010, no entanto, a pressão do corintiano no interior desta entidade, defendendo interesses da CBF, seria retribuída com o atendimento de seus próprios interesses clubísticos pela Confederação.

Anteriormente as diretorias de Corinthians e São Paulo já haviam travado disputas em bastidores, inclusive envolvendo questões referentes aos usos de estádios. Até o ano de 2009 era frequente que clássicos envolvendo Corinthians, Palmeiras e São Paulo, os três grandes clubes da cidade de São Paulo, fossem disputados no Estádio do Morumbi, com os setores destinados aos torcedores divididos igualmente entre as torcidas dos dois times envolvidos na partida. Tal situação mudou com o jogo São Paulo e Corinthians em 15/2/2009. Para tal jogo a diretoria são-paulina, valendo-se do Regulamento Geral das Competições da CBF[82], ofereceu apenas a carga mínima obrigatória aos torcedores visitantes, 10% do total de ingressos, rompendo um acordo que durava décadas. A reação corintiana foi deixar de realizar jogos como mandante[83] no Morumbi[84].

Localizado na região sudoeste da cidade de São Paulo, próximo a shopping centers, hospitais, supermercados e avenidas com ampla circulação de ônibus, o Estádio do Morumbi durante muitos anos teve importante papel no futebol espetacularizado da cidade de São Paulo. Além dos clássicos municipais, jogos decisivos em campeonatos estaduais, nacionais e continentais que envolvessem clubes paulistas frequentemente eram disputados nele, mesmo que não envolvessem a equipe do São Paulo, em razão da capacidade para grandes públicos no estádio[85]. Este uso do

[82] A versão assinada em dezembro de 2008, portanto, vigente à época da realização do referido jogo indicava no artigo 79 que "O clube visitante terá o direito de adquirir a quantidade máxima de ingressos correspondente a 10% da capacidade do estádio". Este artigo contava com um inciso: "Em cumprimento de acordo assinado entre os clubes, inclusive para situações de reciprocidade, a disponibilidade de ingressos para o visitante poderá ser superior aos 10% da capacidade do estádio" (Regulamento geral das competições..., 2008, p. 25).

83 Categoria utilizada pela FIFA (Federação Internacional de Futebol Associado) – órgão que regula as leis do futebol oficial – para indicar a equipe responsável pela realização do jogo, o que define a outra equipe da partida como "visitante".

[84] Segundo Mário Gobbi, à época diretor de futebol do Corinthians, "Vamos evitar a todo custo mandar jogos lá. Só pensaremos quando não tivermos outra alternativa"; http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,corinthians-se-revolta-e-vai-boicotar-morumbi,321880 (acesso em 03/07/2015).

[85] Nas relações jocosas entre torcedores, por um lado são paulinos se orgulham pelo Estádio do Morumbi e debochavam dos corintianos pela não propriedade de um grande estádio. Por outro lado corintianos se referem ao Morumbi realizando um trocadilho com a sigla do nome do clube, em que "SPFC" é tomado

Estádio do Morumbi pelas demais equipes rendia lucro ao clube, em razão do pagamento de aluguel por seu uso. Assim, ao deixar de utilizá-lo, o Corinthians tomava uma postura para enfraquecer financeiramente o rival.

A decisão de quais estádios receberiam partidas da Copa do Mundo cabia ao Comitê Organizador Local da Copa do Mundo 2014 (COL), que se fragmentava em comitês municipais. Visando que o Estádio do Morumbi fosse a sede do Mundial na cidade de São Paulo, a diretoria do SPFC entregou ao Comitê da Cidade do São Paulo um projeto para reforma do estádio, que atenderia muitas das demandas da FIFA. No entanto, em 16 de junho de 2010 o mesmo foi negado pelo COL, sob a alegação de não haver garantias financeiras para a execução da obra[86].

Com o veto ao Estádio do Morumbi para sediar a Copa do Mundo em São Paulo, a construção de um "complexo esportivo" no bairro de Pirituba (na zona oeste da cidade) surgiu como alternativa. No entanto, foi rapidamente descartado por vereadores, sob a justificativa de não haver um projeto básico para a construção imediata[87].

Assim, com o caminho aberto para a construção de um novo estádio na cidade, agentes foram mobilizados pela diretoria corintiana para a elaboração do projeto do novo estádio, a ser construído como para a Copa do Mundo e entregue como posse do Corinthians após a realização do Mundial, o qual foi apresentado, como citado anteriormente, durante a festa do centésimo aniversário do clube. Seria, portanto, um estádio do Corinthians a ser utilizado para partidas da Copa do Mundo.

Com a aprovação do COL e da FIFA sobre o projeto apresentado por Corinthians e Odebrecht, na manhã de 30/5/2011 uma equipe de trabalhadores iniciou

---

como "Salão Para Festas Corintianas", a considerar que, por disputar finais de campeonatos nacionais e estaduais no estádio são paulino, muitos títulos corintianos foram conquistados na "casa" do rival.

[86] A falta destas garantias foi atrelada à declaração da FIFA de não aprovar o projeto escolhido pelo SPFC, preferindo a construção de um novo estádio na cidade; ver http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,oficial-morumbi-esta-fora-da-copa-do-mundo-de-2014,567510 (acesso em 22/07/2015).

[87] "O projeto, que envolve todo um complexo de eventos, hotelaria e lazer, sequer foi colocado no papel"; ver http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2010/06/plano-b-piritubao-e-tratado-como-inviavel-por-vereadores-e-sinaenco.html (acesso em 14/07/2015).

o processo de terraplanagem no terreno adquirido pelo Corinthians em 1978, uma área de 198.000m² na região de Itaquera, zona leste de São Paulo[88].

Em 30/5/2011, enfim tinham início ali as obras para um estádio, destinado a partidas da Copa do Mundo e para o clube, observadas por jornalistas esportivos e por torcedores do clube de maneira incansável. No programa dominical esportivo, Mesa Redonda, da TV Gazeta, um acompanhamento semanal era apresentado com imagens atualizadas da construção do estádio. Uma câmera foi instalada por moradores da região em uma laje nas imediações do terreno para transmitir as movimentações no local da obra em tempo real através de uma página na internet[89].

Em junho de 2011, passaram a acontecer encontros mensais de torcedores ao lado do canteiro de obras, sob o título de "Churrasco da Fiel Torcida", que ocorreram até maio de 2014, às vésperas do primeiro jogo oficial na arena.

Excursões de torcidas organizadas e visitas de torcedores para observar o desenvolvimento da construção foram frequentes no canteiro de obras, que pouco a pouco deixava de ser uma *coisa* em vias de construção e era agregado aos patrimônios componentes do *corintianismo*[90] na cidade de São Paulo (Toledo, 2013, p. 164).

1.3) Os churrascos da Fiel Torcida

Tomando a arena como um objeto dotado de agência, que medeia relações entre pessoas[91], os "Churrascos da Fiel Torcida" foram as primeiras situações em que aquele endereço serviu como ponto de referência para encontros entre torcedores. Para o

---

88 Estes e outros dados técnicos sobre a construção da Arena são retirados do site da construtora responsável, http://www.odebrechtarenas.com.br/estadio/arena-corinthians e do portal de arquitetura Arcoweb, http://arcoweb.com.br/finestra/arquitetura/coutinho-diegues-cordeiro-ddg-arena-corinthians-sao-paulo (acessos em 02/07/2015).

89 O site foi nomeado "Itaquerão Ao Vivo": http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/08/corintianos-instalam-camera-em-laje-e-criam-reality-show-de-novo-estadio.html (acesso em 11/07/2015).

90 Clubismo específico dos corintianos, pautado por carências que, na leitura dos torcedores, confeririam a síntese de "clube popular" ou "time do povo" ao SCCP (Toledo, 2013, p. 153). Com relação a esse tema, o "corintianismo" é atualizado e colocado em disputa, pois há aqueles que entendem que com a arena os torcedores mais pobres são alijados dos jogos do clube, na contramão da própria "gênese" do clube, termo utilizado por Negreiros (1992).

91 Considero o conceito de agência tal qual trabalhado por Latour (2012).

primeiro sábado após o início das movimentações de operários, tratores e máquinas que realizavam a terraplanagem no terreno onde seria construído o "Estádio do Corinthians", nome dito à época, corintianos agendaram o primeiro churrasco. Ocorreria ao lado do canteiro de obras e seria realizado de maneira coletiva: cada torcedor era convidado a levar um quilo de carne ou uma caixa de cerveja.

O intuito do churrasco era descrito em uma faixa afixada no muro[92] da construção e indicava que não seria o único: "a nação corintiana se faz presente, estaremos aqui uma vez por mês, comemorando e fiscalizando. Salve a democracia! Movimento amor 100 limites". Outra faixa era levada em todos os encontros e registrava a presença dos torcedores conforme indicado na primeira. Entre o nome de Zezo Jorge (um dos integrantes do "Movimento amor 100 limites", organizador do churrasco) escrito no topo, e "churrasco fiel torcida Corinthians", escritos na base do tecido, havia no meio uma área vazia, que era preenchida a cada encontro com o número correspondente à edição do evento[93].

Os churrascos eram agendados para o segundo sábado de cada mês e o convite realizado por meio da página "Churrasco da Fiel Torcida", na rede social virtual Facebook. O encontro que seria realizado no mês de março de 2014, no entanto, foi marcado para o dia 15, terceiro sábado do mês. O atraso em uma semana foi definido para que a reunião coincidisse com o primeiro treino do Corinthians na arena, elaborando-se assim um evento mais amplo. Embora a realização do treino tenha sido previamente anunciada como uma atividade com "portões fechados"[94], foi tomada pela mídia e por torcedores como um evento envolvendo a inauguração da "nova casa"[95].

---

[92] Observando fotos das várias edições dos churrascos, é digno de nota que em uma primeira etapa de obras, a área era circundada por um alto muro construído em alvenaria, e, em uma segunda etapa, era cercada por uma alta grade de ferro, que posteriormente foi mantida a fim de delimitar a área privativa ao redor da arena da área pública em seu entorno.

[93] Os churrascos foram realizados durante 35 meses dentre os 36 que durou a obra, exceção feita ao encontro de dezembro de 2013, cancelado em respeito ao falecimento de dois operários que trabalhavam na construção.

[94] Essa expressão, comumente utilizada por jornalistas esportivos para se referir a jogos em que a entrada de torcedores é vetada, foi acionada nesta situação pelo site de notícias esportivas Placar para informar a realização do treino: "Atividade será realizada com portões fechados, por motivos de segurança", vide http://placar.abril.com.br/materia/corinthians-realiza-primeiro-treino-no-itaquerao-neste-sabado/ (acesso em 7/3/2016).

[95] A manchete utilizada pelo Portal Terra para noticiar a atividade a ressaltava como "primeiro treino da história em novo estádio", contextualizando a atividade comum aos jogadores na trajetória de acontecimentos que se visualizava ocorreriam dali em diante no local: http://esportes.terra.com.br/corinthians/corinthians-marca-1-treino-da-historia-em-novo-estadio,c8146779ef6b4410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html (acesso em 6/4/2016).

Estive na região da arena naquele sábado seguindo as trilhas sugeridas por alguns torcedores, buscando, por exemplo, encontrar o melhor local com vista para o gramado, onde cheguei orientado por um torcedor que conheci naquela manhã, Célio. Morador da zona leste, "no fundão, em Guaianases", como ele mesmo definiu, acompanhava o desenvolvimento da arena realizando visitas mensais ao canteiro de obras, e se valia do treino para levar o sobrinho para conhecer a arena.

Acompanhamos a atividade dos jogadores por detrás dos setores de cadeiras sul[96], em uma área com chão de terra batida, alguns metros acima do nível do gramado, de onde tínhamos visão a apenas uma pequena parcela do gramado. Uma grade de ferro, que circundava todo o perímetro da arena, definia o limite entre a área pública da rua e o início do canteiro de obras. Os espaços que permitiam vista para o campo eram muito disputados pelos torcedores – outros eram utilizados por vendedores ambulantes, que amarrando cordas na grade, expunham bandeiras e camisas do clube.

O treino foi realizado das 11h às 12h30, e assim que os jogadores deixaram o gramado foram seguidos por muitos torcedores que saíam da área e seguiam na direção de carros estacionados na Avenida Miguel Ignácio Curi, lateral à arena, e à estação de metrô Corinthians-Itaquera. Simultaneamente, alheios à atividade dos jogadores no campo, em uma área gramada localizada entre a avenida e a grade que circundava a obra, outros torcedores preparavam o 34º Churrasco da Fiel Torcida.

Uma lona presa no topo da grade lateral à arena e em tábuas de madeira não muito grossas fincadas ao chão, de maneira que permanecesse esticada e formando uma tenda cobria parte do gramado, juntamente de uma fita plástica em amarelo e preto, que circundava a área, delimitavam a área do churrasco.

No interior da tenda, uma churrasqueira de alumínio foi montada rente à grade, ao lado da qual uma mesa era utilizada como suporte para corte das carnes e como cobertura para uma caixa de isopor, onde estavam armazenados pacotes com carnes ainda cruas. Próximo à mesa havia ainda três barris plásticos preenchidos com gelo e latas de cerveja (e algumas de refrigerante), e entre o centro e o término da área

[96] A nomeação dos setores destinados aos torcedores é realizada conforme a orientação geográfica no espaço. Assim, tem-se os setores norte, sul, leste e oeste, em que sul e norte estão localizados atrás das traves, posicionamento indicado pela FIFA como ideal para os campos de jogos, em razão do eixo percorrido pelo sol ocorrer no sentido leste-oeste e, dessa forma, não incidir frontalmente com a visão dos jogadores (FIFA Stadium Book, 2010, p. 35).

delimitada, muitos torcedores permaneciam em pé ou circulando. Próximo ao término da área sombreada pela lona, mais próximo à rua do que à arena, outros permaneciam sentados em um extenso banco de madeira, utilizando instrumentos de bateria com pinturas e adesivos alusivos aos Gaviões da Fiel para tocar músicas cantadas durante os jogos, o hino do clube e sambas enredo das escolas de samba das torcidas organizadas corintianas[97].

Por volta das 14h, quando o churrasco contava com boa quantidade de torcedores, me apoiei na grade, próximo à lona, para realizar anotações e fui chamado para conversar com dois torcedores que aparentavam ter cerca de cinquenta anos de idade[98]. Aproveitei o contato, comum para a situação de descontração em que nos encontrávamos, embora acidental, para dialogar, e ao comentar sobre a pesquisa que realizava, citando o Estádio do Pacaembu e a arena, ambos relataram que estarem ali, apoiados a frente de um estádio corintiano era um sonho, mas, para eles, o Pacaembu seria eterno, em razão dos títulos conquistados lá pelo Corinthians e dos anos que o frequentaram.

Conforme os torcedores chegavam, despejavam latas de cerveja nos tambores plásticos ou entregavam pacotes com carnes para os responsáveis pela churrasqueira, recebiam em troca uma pulseira de papel branca, objeto que autorizava a pessoa a consumir os itens do churrasco, e que era entregue por alguns dos organizadores do churrasco, muitos deles vestindo camisetas com o escrito "Movimento Amor 100 Limites" associado a símbolos do Corinthians.

Alguns torcedores, no entanto, burlavam a organização proposta, não haviam contribuído para o churrasco, e ao serem notados por outros saindo da tenda com latas de cerveja eram repreendidos, o que desencadeava discussões. Outros agrupamentos de torcedores orbitavam ao redor da área delimitada com bebidas e caixas térmicas próprias, não participavam efetivamente do churrasco, permaneciam distantes da tenda

[97] É relevante indicar, conforme já apontando por Bueno (2015) e Toledo (1996, p. 88-97), a relação das torcidas organizadas com o carnaval de São Paulo, no qual desenvolvem atividades de escolas de samba. Por meio de informações obtidas durante a etnografia e o acesso a páginas da internet, constatei que das seis torcidas organizadas corintianas, apenas a Fiel Macabra e a Coringão Chopp não desenvolvem tais atividades. Sobre como a atuação das escolas de samba ligadas a torcidas organizadas incide no carnaval de São Paulo, ver Azevedo (2010, p. 113-117).

[98] No intuito de apresentar-se como um corintiano de longa data, Jânio, um destes sujeitos, abriu a carteira e me mostrou uma carteirinha de associação ao Corinthians, adquirida em 1975 e vencida em 1985. Na abordagem realizada confundiu-me, justamente, com um funcionário do clube.

montada, mas ainda assim prestigiavam a obra em vias de finalização e compunham o tom alvinegro naquele espaço.

O modo de organização do churrasco era motivo para críticas de alguns dos torcedores que participavam dele, como realizado por Jânio. Apesar de ter contribuído com uma caixa de cerveja, mantinha-se afastado da tenda, e citou como exemplo de churrasco coletivo os realizados nas imediações do Pacaembu por ele e seus amigos corintianos, moradores do bairro de São Mateus, em dias de jogos decisivos e clássicos estaduais. Cada torcedor era responsável por levar certa quantidade de um item, o que era combinado previamente, e não havia necessidade de um controle como o realizado a partir das pulseiras brancas.

Conforme eu circulava pelos espaços do churrasco, era apresentado ou me apresentava para torcedores e conversava com os mesmos, ouvia relatos sobre churrascos, em moldes mais ou menos semelhantes ao que era realizado, nas situações descritas por Jânio: nas imediações do Estádio do Pacaembu, em dias de jogos de maior interesse de público.

Permaneci na região em que ocorria o churrasco sem participar efetivamente do evento – não contribuí com carnes ou bebidas – e por não ter me encontrado com nenhum torcedor previamente conhecido, continuei aos poucos me apresentando, comentando sobre a pesquisa e sendo apresentado de um torcedor para outro, como ocorrido a partir do contato com Amadeu, que reconheci de fotos publicadas em seu *website* "O Fiscal da Fiel"[99]. Nossa conversa foi entrecortada por torcedores que lhe parabenizavam pelo trabalho, pediam para tirar fotos junto dele ou lhe ofereciam bebidas. Enfatizava que conheceu muitos daqueles torcedores nas edições anteriores dos churrascos, e o tempo em que circulava entre eles, posando para fotos junto ou bebendo uma cerveja (sem álcool[100]), era também o momento de comentar sobre detalhes que ele, como um torcedor com acesso privilegiado ao canteiro de obras, havia registrado

[99] Em razão do site, abastecido semanalmente com fotos e vídeos referentes à construção da arena, bem como entrevistas com ex-jogadores do Corinthians e trabalhadores da obra, Amadeu é prestigiado junto aos torcedores que acompanharam a obra da arena. Os registros publicados no site, tirado do ar no início de 2016, abrangiam movimentações no local da arena entre maio de 2011 e maio de 2015.

[100] Ao ser abordado por um agrupamento de torcedores que se mantinha afastado da tenda do churrasco, lhe foi oferecida uma cerveja, a que recusou sob a justificativa de que ele não bebe. Um dos torcedores disse que se lembrou disso, e por essa razão comprou uma cerveja "zero álcool", especialmente para Amadeu, que a aceitou e permaneceu, durante o período de consumo da mesma, contando detalhes da construção.

recentemente; nessa oportunidade, o foco das perguntas recaía sobre o treino realizado pelos jogadores naquela data.

Amadeu é corintiano e morador do bairro de Itaquera, não é jornalista ou fotógrafo profissional, é professor de inglês e tinha a fotografia como uma atividade de lazer. Tanto o local de moradia quanto o gosto pela fotografia o motivaram a acompanhar e registrar acontecimentos da obra com proximidade e frequência: desde que iniciadas as primeiras movimentações no terreno, visitava-o de uma a duas vezes por semana para produzir vídeos e fotos, devidamente hospedadas no *website*. A sua vivência no bairro, onde mora "desde sempre" implica em uma leitura mais ampla sobre a construção da arena. Entendia que a partir dela outros empreendimentos foram construídos na região, que antes "não tinha nada, tinha só o metrô". Cita como melhorias ao bairro a construção de uma Fatec[101], a reforma no Shopping Itaquera (contíguo à estação Corinthians-Itaquera) e no terminal de ônibus (localizado no mesmo nível da Avenida Radial Leste, abaixo da estação de metrô e trens), e empreendimentos ainda em etapa de planejamento, como uma rodoviária e uma unidade do Senai[102].

Acompanhando Amadeu, por sugestão do próprio, sou apresentado a Ricardo Corregio, engenheiro responsável pela construção da arena[103]. Ao tomar conhecimento do trabalho voluntário desenvolvido por Amadeu, ele passou a lhe possibilitar a entrada na restrita área do canteiro de obras, como realizara durante o treino daquela manhã. Registrei a rápida conversa entre ambos para o agendamento da próxima visita do fotógrafo à arena. Em tom de amizade, Ricardo o orientou a procurá-lo no portão de entrada para o canteiro de obras na manhã da sexta-feira seguinte. Amadeu indicou que

[101] Uma unidade da Fatec (Faculdade de Tecnologia), instituição vinculada a Secretaria do Desenvolvimento do Governo do Estado de São Paulo, que oferece cursos superiores de automação industrial, fabricação mecânica, processos de soldagem e refrigeração foi inaugurada em 6/8/2012 a poucos metros da Arena Corinthians, conforme site da instituição: http://www.fatecitaquera.edu.br/ (acesso em 6/4/2016).

[102] Sigla para o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, uma instituição de ensino público que oferece cursos técnicos voltados à "formação profissional, buscando atender às carências da mão-de-obra industrial brasileira", conforme site da instituição: http://www.sp.senai.br/senaisp/institucional/127/0/o-sistema-senai (acesso em 6/4/2016).

[103] Pessoa próxima a Andrés Sanchez era tomado como um dos responsáveis pela realização da construção. Frequentava os churrascos e era chamado pelos torcedores como "Engenheiro da Fiel". Nessa ocasião vestia uma camisa do Corinthians, posava para fotos com os torcedores e respondia perguntas sobre a obra, razão pela qual além de ser tomado por Amadeu e outros torcedores como "um cara bacana", adensava a ideia de que "o engenheiro responsável é corintiano doente, confiam os torcedores com quem falei, tudo usado e disponibilizado na obra é, de alguma forma, corintianizado e passa a dizer algo sobre o *corintianismo*" (Toledo, 2013, p. 165).

um jornalista profissional gostaria de ter acesso a obra, sendo indicado por Ricardo que procurasse o assessor de imprensa do clube.

Amadeu não é tomado por Ricardo como um jornalista que deveria passar pelos procedimentos burocráticos formais para entrada no canteiro de obras, nem como um torcedor interessado em acompanhar a edificação do estádio corintiano com mais proximidade. Mas como um sujeito que, se valendo de ambas atuações, realiza o trabalho de um com a disposição de outro.

As relações de Amadeu com agrupamentos distintos de torcedores, o contato com Ricardo, a rede de contatos que mobiliza – é acionado por jornalistas que buscam dados técnicos e imagens exclusivas sobre a obra, e por torcedores, ávidos por conhecerem cada detalhe do sonho edificado –, as trocas que realiza com os torcedores e o prestígio com que era recebido por eles, foram criadas em razão de sua atuação acompanhando a construção da arena. A sua circulação entre tais sujeitos, assim, permitiam tomar a arena, ainda em seu período de obras, como um agente, a partir do qual Amadeu deixou a condição de torcedor anônimo e passou a ser O Fiscal da Fiel.

Sou apresentado também a outro torcedor, indicado por Amadeu como "organizador do churrasco", Mário, que se apresenta como tendo "mais de cinquenta anos de Corinthians". Ao lhe dizer que estava estudando a mudança do Estádio do Pacaembu para a arena, realiza um extenso comentário, acionando metáforas para se referir às praças esportivas, sobretudo tomando a arena como "um sonho". Em seguida, me dirigiu uma pergunta: "você tem mulher? É casado ou namora?", respondi que sim, e então acionou o comparativo das praças esportivas como sendo, naquele momento, o Pacaembu uma "esposa", com a qual se relacionava formal e cotidianamente, e a arena uma "amante", com a qual frequentemente os torcedores "se encontravam" de maneira incorreta: "a torcida do Corinthians, está entre duas mulheres"; com base na metáfora, lhe pergunto "e quem é a esposa?", ao que prossegue, "agora é o Pacaembu, depois que tiver assinado o divórcio, a esposa vai ser aqui. Vai ter alguns mais tradicionais, eu mesmo, que vão ficar com saudades do Pacaembu, ai o Pacaembu vai ser a amante".

Sem desconsiderar a análise misógina empregada por Mário, sua fala é interessante para compreender a dimensão simbólica com que os torcedores vivenciavam o momento, acionando outras dimensões de suas vidas para explicar o vínculo com os espaços, e aplicando sobre as praças esportivas outros referenciais.

Os churrascos realizados ao lado do canteiro de obras podem ser tomados como um modo de marcar a arena, polissêmica, em razão de servir tanto à Copa do Mundo quanto ao Corinthians, como um espaço corintiano. Por meio dos churrascos aquele canteiro de obras era desde então tomado como um lugar do corintianismo, e a cada encontro era paulatinamente incluso no circuito de endereços possíveis para encontros entre corintianos[104]. Ainda que não fosse oferecido ali o serviço a que se destinava o equipamento, jogos de futebol, outro uso marcava o local, com um "serviço" adquirido conforme as regras da própria coletividade torcedora.

Um terreno, um canteiro de obras, à parte no que diz respeito à experiência cotidiana dos trabalhadores que o acessam no dia a dia, pode ser tomado como um "não lugar", na definição proposta por Marc Augé (1994), como espaços não praticados, que serviriam à passagem, à solidão e à similitude.

A mídia noticiou que, em 15/3/2014 os jogadores do SCCP realizaram o primeiro treino na arena, tendo, enfim, tomado conhecimento do gramado que seria utilizado na Copa do Mundo e em futuras partidas da equipe corintiana. Assim o "não lugar" do canteiro de obras, espaço em construção e, evidentemente, em constante alteração, passava a ser tomado como o lugar dos atletas do futebol quando já próximo de sua forma final.

Observando o trânsito de torcedores no churrasco, e as descrições de Jânio, Mário e outros torcedores sobre os encontros que realizavam nos entornos do Pacaembu em dias de jogos, entendo que os churrascos realizados pelos torcedores durante a construção da arena foram também "treinos" com relação às possibilidades de (re)compor nos arredores da arena e da estação Corinthians-Itaquera lugares, relações, identidades e histórias (Augé, 1994, p. 73-4) caros aos torcedores.

1.4) Uma praça futebolística sem nome definido

[104] Refiro-me a "circuito" tal qual definido por Magnani: "Trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial; ele é reconhecido em seu conjunto pelos usuários habituais" (2005, p. 179).

De um modo geral, o antropólogo Arlei Damo (2014) discute o futebol de espetáculo como disputas que se dão a partir de dois sistemas de representações distintos, o do clubismo, em que as partidas e campeonatos envolvem equipes ligadas a clubes, e o do nacionalismo, em que os times representam selecionados nacionais (Damo, 2014, p. 25-27).

A arena em Itaquera, às vésperas de sua inauguração, era tomada como uma praça esportiva construída para a Copa do Mundo de 2014 e como edificação a ser incorporada ao patrimônio corintiano. Poderia, portanto, ser abordada tanto a partir das lógicas do futebol entre nações quanto do "circuito do clubismo" (Damo, 2014, p. 25). Tais circuitos não são necessariamente excludentes entre si, no entanto, no caso particular da arena em Itaquera, a inexistência de um nome específico para se referir à mesma levou a uma diversidade inicial, ocasionando disputas simbólicas.

Em 15/5/2014, o jornalista esportivo Flávio Prado, apresentador de programas sobre futebol na TV Gazeta e na rádio Jovem Pan, publicou um vídeo no site da rádio em que simulava uma ligação para Andrés Sanchez, e com tom de ironia, o apresentador abordava os muitos nomes correntes para a arena. Entre risos, Prado dizia: "está bom, não é Itaquerão, já sei, é Arena São Paulo", após uma pausa, em que é simulada a fala do suposto interlocutor ao telefone, o apresentador exclama: "eu não sei como chamar o seu estádio!"[105]. A ironia empregada pelo apresentador dizia respeito à multiplicidade de nomes utilizados para se referir à arena em Itaquera desde o anúncio da construção: Arena Corinthians; Arena em Itaquera; Itaquerão; Fielzão; Estádio em Itaquera; Estádio do Corinthians; Arena São Paulo.

A disputa mais latente pelo nome do local nestes termos se dava em razão de a FIFA nomear as arenas de acordo com a cidade sede dos jogos, assim o nome oficial designado pela instituição, que indicava o local dos jogos nos ingressos das partidas, seria Arena de São Paulo. No entanto, outra variedade de nomes se manifestou também durante o Mundial. O "Guia de Mobilidade do Torcedor, São Paulo 2014", escrito em português, inglês e espanhol, e distribuído para torcedores e turistas estrangeiros em estações de metrô e da CPTM, se referia ao local como Arena Corinthians. Outro guia, entregue por policiais militares para o mesmo público-alvo, e escrito integralmente em

[105] O vídeo pode ser visualizado em: http://jovempan.uol.com.br/videos/esportes/futebol/nacional/deu-certo-saiu-o-itaquerao.html (acesso em 23/3/2016).

inglês, chamava o local de Estádio Corinthians Itaquera. Placas para orientação de motoristas instaladas em vias da cidade às vésperas do início da Copa do Mundo traziam ainda outro nome: Estádio Itaquera, acompanhado da tradução ao inglês "Itaquera Stadium".

O nome proposto pela FIFA não agradava aos mandatários e torcedores corintianos, uma vez que se referir à praça esportiva utilizando o nome da cidade era mal visto por se tratar também do nome de um dos rivais corintianos, o São Paulo Futebol Clube. Nota-se que a esfera das rivalidades clubísticas, outrora manifestada na disputa pela decisão do local que receberia os jogos da Copa do Mundo São Paulo, se desdobrava com relação à nomeação.

Tal disputa simbólica pode ser vista de maneira mais ampla quando tomamos os protestos ocorridos em diversas cidades brasileiras em junho de 2013, durante a realização da Copa das Confederações, indicados anteriormente. Com o questionamento coletivo de gastos de verba pública em obras para a Copa do Mundo, por vezes as arenas se tornaram não apenas alvos, mas também palcos para manifestações.

Em São Paulo houve rumores de que um ato que ocorreria no dia 21/6/2013, a partir da estação de metrô e da CPTM no Tatuapé (por volta de doze quilômetros da estação Corinthians-Itaquera) teria como destino a região das obras da arena, tomando-a como alvo de críticas ao governo federal e os gastos com o mundial, dado aquela obra simbolizar um desperdício de dinheiro público. Em contrapartida torcedores corintianos se mobilizaram e foram ao local no intuito de evitar depredações à obra, tomando-a, antes, como um símbolo do clubismo[106].

Entre os torcedores corintianos, às vésperas da inauguração da arena e nos primeiros meses de frequência, a não existência de um nome oficial também era debatida com afinco e três termos eram utilizados para se referir a arena enquanto espaço corintiano: Arena Corinthians, Fielzão e Itaquerão.

O termo "Itaquerão", frequentemente utilizado por veículos de mídia esportiva, veio a ser questionado ou negado por muitos torcedores. Samuel, associado antigo dos Gaviões da Fiel (com "vinte e três anos de torcida"), que conheci no "churrasco da fiel

[106] Estima-se que cerca de três mil torcedores estiveram no local durante a tarde de 21/6/2013, embora tal manifestação não tenha ocorrido: http://exame.abril.com.br/brasil/noticias/milhares-de-corintianos-vao-a-itaquera (acesso em 20/3/2016).

torcida", justificou sua aversão por este nome: "tem uns caras na mídia que odeiam o Corinthians, aí como dos estádios para a Copa, o nosso e a Arena do Atlético Paranaense são os únicos que não são redondos, eles falam que o nosso estádio lembra o Carandiru, e aí falam Itaquerão para parecer nome de cadeia". Demais torcedores são inseridos à conversa, e afirmam que o nome do estádio para eles é "Arena Corinthians".

Em outra situação, após o primeiro evento-teste[107] realizado na arena, em 10/5/2014, três torcedores conversavam sobre o nome da praça esportiva. Dois deles comentaram com pesar uma faixa comercializada por um vendedor ambulante, com o escrito "Bem-vindo ao Itaquerão, nossa casa", argumentando que a ausência de um nome oficial para a arena definido pelo SCCP abria precedente para que a FIFA o nomeasse a seu gosto para a Copa do Mundo e a mídia utilizasse também outras denominações.

Gomes, torcedor não organizado[108] que com frequência em nossas conversas se posicionava criticamente às realizações da diretoria do clube, expôs opinião distinta à dos amigos: "eu sou de uma opinião diversa (sic), para mim tem que falar Itaquerão sim. Não tem *o papo* de que quiseram construir aqui para valorizar a região? Então agora que fale o nome do bairro, que o associe ao Corinthians". O "papo" a que se refere Gomes era a justificativa, frequentemente utilizado pelo clube[109], de que a construção da arena em Itaquera valorizaria a região, tida como habitada por pessoas de baixa renda.

[107] Os "eventos testes" eram realizados por exigência da FIFA nas arenas inauguradas às vésperas da Copa, com a organização destes "similar à da Copa do Mundo em aspectos de segurança, competição (preparação do gramado e gandulas), transporte, trabalho dos voluntários, limpeza, serviço aos espectadores e tecnologia": http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/col-divulga-datas-previstas-para-eventos-teste-oficiais (acesso em 20/3/2016).

[108] Destaco a posição de Gomes no universo de torcedores corintianos. Conheci-o em jogos do Corinthians no Estádio do Pacaembu durante minha pesquisa de iniciação científica; ele frequentava o setor de arquibancadas ocupado pelos Gaviões da Fiel, e estava sempre acompanhado de torcedores trajando roupas da organizada. Em nossas conversas e em textos que publica em seu blog, posiciona-se favoravelmente à torcida, partilha das formas de torcer propostos pela torcida e integra uma rede de torcedores Gaviões, embora não seja formalmente associado à mesma. Sua atuação ocorre tal qual torcedor organizado, no entanto, não há associação formal.

[109] Anualmente o Corinthians divulga um documento com dados diversos sobre as atividades do clube no ano anterior, intitulado "relatório de sustentabilidade". Na edição publicada em 15/5/2014 é indicado que a arena construída em Itaquera renderia um legado para a população de seu entorno entre os anos de 2014 e 2020, ao atrair investimentos em mobilidade urbana para a região, a criação de empregos, implantação de novas fontes de atividades econômicas e valorização do mercado imobiliário (Relatório de sustentabilidade, 2014, p. 26-7).

O estigma de Itaquera como uma região de baixo desenvolvimento socioeconômico também aparece na argumentação de Wladimir, associado à Estopim da Fiel, quando em 28/5/2014 explicou-me porque se referia à praça esportiva como "Estádio de Itaquera": "eu falo Itaquera sim, tem um pessoal aí que não gosta, o Sanchez fala que não pode falar Itaquera, Itaquerão, por quê? Tem vergonha?". Sobre o termo "estádio" em vez de "arena", justificou não falar "arena porque arena para mim é coisa de tourada, e não de futebol". Ele, assim como Gomes, não se referia aos mandatários corintianos positivamente, e utilizar o termo vetado pelo ex-presidente do clube para se referir à arena era um modo de expor contradições destes sujeitos, que, por um lado enalteciam uma valorização da região de Itaquera com a construção da arena mas, por outro, negavam que o nome do bairro fosse atrelado à praça esportiva.

Outro nome, "Fielzão", teve certa proeminência na pesquisa, uma vez que notei ser utilizado com frequência por associados à Estopim da Fiel. Em meus encontros com integrantes desta torcida, entre os meses de abril e junho de 2014, era comum ouvir deles tal termo.

Em 1/6/2014, o Campeonato Brasileiro foi paralisado para a realização da Copa do Mundo, e no retorno do Mundial o termo utilizado pelos diretores, que rapidamente se tornou comum aos demais associados, passou a ser "Arena Corinthians".

A noção do que é "oficial", por exemplo, na Estopim da Fiel, é delegado pela diretoria e exerce importante papel entre os demais associados. Embora não tenha ocorrido nenhum pronunciamento por parte da diretoria da torcida com relação ao termo utilizado para se referir à arena, após a Copa do Mundo, com o retorno dos jogos do campeonato nacional, notei que o uso do nome "Arena Corinthians" era frequente em informes veiculados pela torcida em sua página no Facebook, e em conversas na sede e no ônibus. O uso do termo no cotidiano da torcida, acompanhado do sistemático posicionamento de Sanchez na mídia, denotaram tal legitimidade para que a arena fosse assim referida.

Com o término da Copa do Mundo de 2014, gradativamente o espaço deixou de ser uma arena polissêmica, tendo então cumprido sua função enquanto sede do Mundial da FIFA, e se tornando unicamente uma arena corintiana. O SCCP logrou protagonismo com relação ao seu uso e nome, tendo o termo Arena Corinthians sido

acatado ou adotado por boa parte dos torcedores – razão pela qual o utilizo ao longo do trabalho – embora não seja unânime: o termo "estádio" também é utilizado com frequência, em que "estádio" é acionado como um referencial de local dos jogos. A mídia todavia seguiu utilizando, sob protestos de torcedores, o termo "Itaquerão".

"Arena Corinthians", no entanto, é um termo provisoriamente oficial. Tal condição diz respeito a um novo modelo de publicidade e geração de receita no futebol espetacularizado: a venda do nome da praça esportiva, ou os "*naming rights*".

1.4.1) Naming Rights

Dentre as novidades que compõem o modelo das arenas construídas para a Copa do Mundo de 2014, está o modo de definição de seus nomes, que foram adicionados às lógicas de publicidade do marketing esportivo. Desde meados da década de 1980, logomarcas de produtos e empresas são estampadas nas camisas de jogo dos times, em transações comerciais de alto valor e que, a partir da década de 1990, passam a envolver relações mais profundas entre clube e empresa[110].

Os nomes dados às arenas se referem antes a uma empresa que adquire o "*naming rights*" – ou seja, os direitos de nomeação sobre a praça esportiva, colocando nele a sua marca – do que ao time que realize a maior parte de seus jogos nela ou a alguma personalidade ligada ao clube ou ao futebol. Trata-se de contratos de longa duração e que envolvem o desenvolvimento de relações entre clube e empresa ou entre empresa e os responsáveis pela administração da arena (no caso de arenas construídas sem vínculos com clubes).

O antigo Estádio Octávio Mangabeira, conhecido como Estádio da Fonte Nova, na cidade de Salvador/BA, é um exemplo. Integralmente reformado para se adequar às exigências da FIFA e receber partidas da Copa do Mundo de 2014, foi a primeira praça

[110] Parcerias entre clubes e empresas de capital privado, que investem quantias financeiras em departamentos de futebol, por meio da contratação e venda de jogadores, se tornaram comuns em grandes clubes brasileiros a partir da década de 1990. Uma relação pioneira nesse aspecto se deu com a co-gestão do departamento de futebol do Palmeiras junto à empresa Parmalat, entre os anos de 1992 e 2000, em que pessoas ligadas a empresa eram responsáveis pela contratação de jogadores e comissão técnica, e a marca Parmalat estampava o uniforme palmeirense, a esse respeito ver Lois (1998 e 2013).

esportiva construída para a Copa a ter o *naming rights* negociado. O Grupo Petrópolis, cervejaria cujo principal produto no mercado é a cerveja Itaipava, adquiriu o direito de nomear a arena ao custo de cem milhões de reais por dez anos, passando a arena, então, a ter o nome oficial de Itaipava Arena Fonte Nova[111]. O contrato que outorga à cervejaria o nome da arena lhe concede também exclusividade na venda de produtos em bares e lanchonetes em seu interior.

Durante a construção da arena em Itaquera foram frequentes as notícias sobre a procura do Corinthians por um parceiro comercial para nomear a nova praça esportiva. O intuito do clube era assinar um contrato de alto valor para quitar parte da dívida referente à verba obtida por meio do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) que viabilizou a construção[112]. Em agosto de 2011, terceiro mês das obras em Itaquera, o clube teria recebido uma proposta de um "banco privado", cujo nome não foi revelado, disposto a adquirir o nome da arena por vinte anos sob o investimento de trezentos milhões de reais, o que desagradou os diretores do clube, que calculavam o valor de quatrocentos milhões para uso do nome por quinze anos[113].

Conforme a obra tomava forma e o ano da Copa do Mundo no Brasil se aproximava, novos prazos, valores e parceiros para a definição do nome da arena eram citados por Andrés Sanchez, que após deixar a presidência do clube, ocupou o cargo de gestor da arena. Em fevereiro de 2012, às vésperas da eleição presidencial do clube, indicou-se que em torno de trinta a quarenta dias após a definição do novo presidente seria anunciado o contrato de *naming rights*[114]. Mário Gobbi, candidato apoiado pela situação, foi eleito, mas o nome da arena seguiu indefinido.

---

[111] Detalhes sobre a Itaipava Arena Fonte Nova, consultar o documento "Itaipava Arena Fonte Nova: um centro de esportes, entretenimento e negócios para a Bahia", anexo ao "Release de imprensa", disponível em: http://www.itaipavaarenafontenova.com.br/imprensa/index.html (acesso em 8/6/2016).

[112] O empréstimo da verba foi oficializado pelo BNDES com as obras da arena em fase de encerramento, em novembro de 2013. Conforme noticiou a Folha de São Paulo, o valor do empréstimo foi de quatrocentos milhões de reais, a serem retornados ao banco em até quinze anos: http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/11/1378393-corinthians-assina-contrato-de-emprestimo-do-bndes-para-financiamento-do-itaquerao.shtml (acesso em 3/4/2016).

[113] Para Luís Paulo Rosenberg, à época diretor de marketing do SCCP, a proposta estava abaixo do desejado pelo clube, tanto em razão da quantia oferecida quanto pelo tempo sugerido para o contrato de nomeação da arena (o banco sugeriu vinte anos, mas o Corinthians desejava quinze). Para Rosenberg, o valor recebido poderia ser maior quando a obra tivesse "cara de estádio". Ver: http://esporte.uol.com.br/futebol/copa-2014/ultimas-noticias/2011/08/16/banco-oferece-r-300-milhoes-para-batizar-estadio-do-corinthians-diz-jornal.htm (acesso em 3/4/2016).

[114] O tema foi abordado em entrevista realizada pela Folha de São Paulo em 6/2/2012: http://esporte.ig.com.br/futebol/andres-diz-que-naming-rights-de-estadio-sai-apos-eleicao/n1597617012439.html (acesso em 3/4/2016).

Ainda em 2012 ganharam força como possíveis compradoras desses direitos as empresas aéreas Etihad e Emirates, ambas sediadas nos Emirados Árabes Unidos, detentoras do *naming rights* das arenas pertencentes, respectivamente, ao Manchester City e ao Arsenal, equipes inglesas. Em fevereiro de 2013 Andrés Sanchez e Mário Gobbi assinaram uma "carta de intenções" junto a um fundo de investimento sediado em Abu Dhabi que realiza investimentos no Brasil; seria um intermediário entre Corinthians e as empresas aéreas. Com o contrato assinado, mas sem desenvolver as negociações, ambos viajaram a Abu Dhabi no intuito de retomar o negócio por duas vezes, no início de novembro de 2013[115] e em abril de 2014.

Acompanhando as negociações por meio das notícias frequentemente publicadas pela mídia, torcedores comentavam sobre as possibilidades de nomes para a arena, circulando pela internet fotomontagens em que o logo das companhias aéreas estampava a fachada da arena e a camisa do clube e em conversas partilhando de opiniões distintas, como abordado por Renato, James e Gomes, que conversavam sobre a questão na saída do primeiro evento-teste realizado na arena, em 10/5/2014. Renato estava esperançoso de que o *naming right* seria vendido em breve, mas James discordava, indicando que: "ele marcou bobeira, já tinha que ter vendido isso. Está querendo R$400 milhões pelo negócio, agora não consegue mais, a FIFA já pôs as placas, a TV já está falando outro nome, agora não consegue". Ao se referir ao uso de outro nome pela "TV", James se referia ao posicionamento de grandes veículos de mídia: canais como a Rede Globo não mencionam nomes de empresas que investem no patrocínio de clubes, evitando, assim, divulgar marcas e produtos em suas transmissões[116]. A justificativa utilizada por James era semelhante à acionada pela diretoria do clube, que em diversas ocasiões tomou tal

[115] Em 2013 a realização de grandes protestos em distintas cidades brasileiras durante a Copa das Confederações teria "assustado" os investidores, de modo que a viagem de Sanchez, acompanhado de um advogado do clube, tinha como intuito assegurar a viabilidade de realização da Copa do Mundo e o uso da arena em Itaquera nesse torneio: http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/11/21/nove-meses-apos-assinar-documento-andres-vai-a-abu-dhabi-por-naming-rights.htm (acesso em 3/4/2016).

[116] Caso interessante ocorreu na partida entre Palmeiras e Red Bull Brasil (equipe sediada em Campinas/SP e financiada por empresários ligados ao energético da marca Red Bull), disputada no Allianz Parque e transmitida pelo canal SporTV, um dos canais de televisão por assinatura das Organizações Globo: durante a partida o narrador e os comentaristas se referiam ao local do jogo como "Arena Palmeiras", e a equipe sediada em Campinas como "RB Brasil", conforme: http://esportes.terra.com.br/palmeiras/torcedores-criticam-sportv-por-mudar-nomes-de-time-e-estadio,fd0ce7cf0732b410VgnVCM4000009bcceb0aRCRD.html (acesso em 3/4/2016).

posicionamento como uma das questões a dificultar a venda de *naming rights* de arenas no Brasil[117].

A hipótese de Renato ganhou força quando, em 16/6/2014, quatro dias após o jogo de abertura da Copa do Mundo, foi noticiado que a Emirates teria feito uma proposta pela compra do nome da arena e do principal espaço de patrocínio na camisa do Corinthians[118]. Tal possibilidade foi intensificada alguns dias adiante, quando Ricardo, engenheiro responsável pela construção da arena, publicou em sua página no Facebook foto ao lado de mulheres vestindo o uniforme de comissárias de bordo da empresa Emirates. Com a legenda "Será???? Arena _____ Corinthians", o espaço em branco entre os termos "arena" e "Corinthians" reforçava a ideia de um contrato vinculando o nome da arena com o da empresa.

Imediatamente, começou a circular em páginas da internet uma fotomontagem, ilustrando como ficaria a camisa e a fachada da arena do Corinthians com a logomarca da empresa. No entanto, a não concretização desse acordo ao longo do segundo semestre de 2014 criou entre os torcedores a sensação de que o nome outrora indicado como provisório se tornaria definitivo.

Em 1/2/2015, quando o Corinthians disputou a primeira partida oficial[119] na arena naquele ano, a questão era comentada por torcedores. Um senhor, posicionado na fileira abaixo à que eu estava no setor sul – atrás de uma das traves e acessado sumariamente por sócio torcedores consumidores do plano "Minha Vida" – filmava a arena com a câmera de seu smartphone. Em tom de voz alto ofendia a palmeirenses, e ganhava a atenção dos demais ao seu redor: "olha esse estádio que coisa linda, aqui não

[117] A lógica defendida por Sanchez era que, se os meios de comunicação – sobretudo a Rede Globo, detentora dos direitos de transmissão de grande parte dos jogos envolvendo equipes brasileiras – não passassem a se referir às arenas utilizando o nome das empresas que o compram, tais negociações não suscitariam o interesse de investidores: http://epocanegocios.globo.com/Essa-E-Nossa/noticia/2013/11/principal-empecilho-dos-naming-rights-no-brasil-e-imprensa-diz-andres-sanchez.html (acesso em 3/4/2016).

[118] O custo total do investimento realizado pela empresa seria de novecentos milhões de reais, sendo quinhentos pela aquisição do nome da arena por vinte anos e quatrocentos pela exibição da marca na camisa por dez anos: http://espn.uol.com.br/noticia/418218_corinthians-tenta-fechar-acordo-de-quase-r-1-bilhao-com-a-emirates (acesso em 3/4/2016).

[119] Em caráter preparatório para a temporada, havia disputado um torneio amistoso na Flórida, nos Estados Unidos da América, e um amistoso na própria arena.

é WTorre[120] não, aqui é Aníbal Coutinho (arquiteto da Arena Corinthians), aqui tem nome de time, não tem nome de empresa[121] não, é Arena Corinthians".

Em seu comentário o torcedor ressaltava a relação de rivalidade, tomando como índice para a inferiorização dos palmeirenses um comparativo entre, em um primeiro plano, o nome de um renomado arquiteto assinando o projeto da praça esportiva corintiana contrastando com o de um "conglomerado" de profissionais da construção civil, responsáveis pela arena do rival. Em um segundo plano, ressaltava a presença do nome do time na nomeação da arena, frente à arena do rival, nomeada como Allianz Park. O senhor continuou suas falas, buscando, sem sucesso, angariar a simpatia dos demais torcedores próximos a ele. Questionava o porquê da arena não receber o nome do ex-presidente corintiano Vicente Matheus, o que era atribuído a uma divergência de Sanchez, referido pejorativamente nessa situação em razão de sua filiação ao Partido dos Trabalhadores (PT)[122], com Matheus.

Por contrato, as arenas que receberam partidas da Copa do Mundo de 2014 seguiram sob jurisdição da FIFA até 31/12/2014, de modo que só poderiam ser recobertas por estandartes e identidade visual alusivas aos clubes e empresas detentoras do *naming rights* a partir de 1/1/2015; por essa razão

Além da ausência de um nome oficial para a praça esportiva, ao longo de 2014 torcedores se diziam incomodados pela ausência de símbolos do clube no interior da arena, o que era outorgado às exigências da FIFA para o mundial, e apenas seria reparado pelo clube para o início da temporada seguinte, em fevereiro de 2015[123]. Nos primeiros jogos daquele ano, paredes, cardápios afixados acima dos balcões das lanchonetes, detalhes nas laterais do campo e nos banheiros da arena foram revestidos

[120] Referência a empresa responsável pelo projeto arquitetônico e desenvolvimento da obra da arena inaugurada pelo rival ainda em 2014. WTorre é, conforme definição no site da empresa, um "conglomerado" de profissionais da construção civil, ver: http://www.wtorre.com.br/grupo/ (acesso em 3/4/2016).

[121] Referência à venda do naming right da arena palmeirense ainda no período de construção da mesma, adquirido pela empresa Allianz Seguro, conferindo à praça o nome de Allianz Park.

[122] Em agosto de 2014 Andrés Sanchez deixou o cargo de gestor da arena para se dedicar exclusivamente à sua candidatura para deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

[123] Cf.: http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2014/07/1486027-itaquerao-so-ficara-100-concluido-no-paulista-de-2015.shtml (acesso em 14/6/2016).

com imagens diversas[124], dentre eles com o nome do equipamento como Arena Corinthians.

Sob esse nome, e com a inserção de comunicação visual alusiva ao clube ocorrendo gradualmente a partir de fevereiro de 2015, os torcedores passaram a se referir a arena como um local que "começava a ter a cara do Corinthians". Os detalhes, conforme eram inseridos, se tornavam assunto entre os torcedores, como em 14/3/2015, em que, antes de entrar na arena para acompanhar a partida entre Corinthians vs. Red Bull, Gilberto observava a fachada norte da arena, onde havia sido instalado há poucos dias um grande símbolo cromado do clube, que "apesar de não ter nome ainda", ao menos demonstrava "para quem passa por fora" que aquele é o estádio do Corinthians[125].

1.5) A conquista da "casa própria"

Empregar o termo "casa" para se referir ao local utilizado por um clube para a disputa de seus jogos é uma constante no repertório futebolístico. Bernardo Buarque de Hollanda (2012) indica que "o termo revela o universo de metáforas familiares na linguagem do futebol e designa a maneira pela qual os torcedores concebem o seu próprio estádio, dando origem às expressões: "jogar em casa" e "jogar fora de casa"" (2012, p. 104). A frequência dos torcedores em um estádio por um longo período amplia tal noção, tomando os estádios como casa em referência a um espaço doméstico, pessoal e familiar (DaMatta, 1997, p. 17), ou seja, um ambiente conhecido, dos lugares próximos (Agier, 2011, p. 106). No decorrer da pesquisa interagi com torcedores passando por processos de mudança em que o uso do termo "casa" no sentido metafórico disposto por Hollanda (2012, p. 104) se aproximava de casa tal como o espaço doméstico, reservado, não público, caro à Agier e Da Matta.

[124] Cf.: http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,comunicacao-visual-da-arena-corinthians-quer-intimidar-adversarios,1622968 (acesso em 14/6/2016).

[125] Nas eleições de 2014, Andrés Sanchez foi eleito deputado federal e a partir de fevereiro de 2015 conciliou as atividades no congresso à atuação como superintendente de futebol do clube, mantendo o foco nas negociações pela venda do nome da arena, até se desligar novamente do SCCP, deixando o cargo sem efetivar a venda do nome da arena.

Na manhã de sábado, 15/3/2014, em que ocorreu o primeiro treino dos atletas corintianos na arena, cheguei à estação Corinthians-Itaquera sozinho às 9h, e o início do treino estava agendado para 11h. Caminhei alguns metros no interior da estação, seguindo na direção de uma passarela em obras[126] que interliga a estação a uma praça e ao início da área de calçadas que desembocam nas entradas da arena. Da passarela tem-se um panorama da arena e, valendo-se disso, um homem e um garoto, ambos vestindo camisas do Corinthians, faziam fotos, um do outro, com a arena ao fundo. Propus-me a fazer uma foto de ambos juntos, o que foi prontamente aceito e deu início a uma extensa conversa ao longo daquela manhã.

O homem era Célio, torcedor do Corinthians mencionado anteriormente. Enquanto caminhávamos da estação para a arena relatou algumas passagens que envolviam sua vida com o Corinthians e a arena, como ter sido protagonista de um programa na Rádio Bandeirantes, em que uma repórter o acompanhou na Avenida Paulista em 5/7/2012, quando "pagou a promessa" de percorrer toda a extensão da avenida de joelhos, em razão da conquista da Libertadores pelo SCCP na noite anterior – ele inclusive ergueu a bermuda para mostrar as marcas nos joelhos que comprovavam o feito.

Seguimos pela Avenida Prof. Engenheiro Ardevan Machado, um trecho de caminhada percorrido em curva e subida, margeado à esquerda pelo prédio da Fatec, e à direita por uma área não construída do terreno da arena que, em razão do desnível entre o terreno e a avenida, encobria parcialmente a arena de nossas vistas. Ao chegarmos ao topo da curva, no cruzamento com a Avenida Miguel Ignácio Curi, de onde a arena voltava a ser totalmente visível, Célio manteve fixo o olhar na lateral de vidros curvos, comentando: "foi ali naquela ponta que o Ronaldo e o Fábio perderam suas vidas, foi horrível passar aqui aquele dia e ver a peça caída", referindo-se com pesar e proximidade ao acidente ocorrido no canteiro de obras no dia 27/11/2013.

Outro ponto, ressaltado de maneira empolgada durante nossa caminhada, dizia respeito ao apartamento que comprara em 2011. Célio acresceu uma quantia em dinheiro a um financiamento obtido por meio da Caixa Econômica Federal para a

[126] Alguns operários afixavam barras de ferro verticalmente na lateral da passarela, que serviriam, futuramente, como bases para o fechamento lateral da passarela, com placas de vidro, e a construção de uma cobertura com placas de aço.

compra de um imóvel[127]. No mesmo período em que o financiamento tinha sido aprovado, as obras do estádio corintiano foram iniciadas, o que foi fator pontual para a decisão sobre onde compraria o imóvel.

Caminhávamos na direção do terreno atrás do setor sul da arena, de onde, segundo Célio, seria possível ter uma vista parcial do gramado. Ao chegarmos, a atividade dos jogadores ainda não havia começado e ele se posicionou de costas para a arena, encostou ao meu lado e apontou um local no horizonte, a sudeste: "Está vendo aqueles prédios em vermelho e branco? Do lado tem um bege, eu comprei um apartamento lá, só falta por o piso nele, e depois vou ficar mais uns anos pagando o financiamento. São dezessete minutos a pé até aqui, de carro são uns cinco".

Os planos de Célio com a compra de um apartamento localizado nas imediações da arena envolviam se tornar um torcedor ativo, frequentador de jogos do clube, o que não lhe era viável quando as partidas eram no Estádio do Pacaembu. Por residir na região de Guaianases, o acesso ao estádio era dificultado, tanto pela distância a ser percorrida quanto pelo horário das partidas[128]. Outro plano com o apartamento envolvia alugá-lo no período da Copa do Mundo: "ouvi dizer que tem gente pensando em cobrar R$55.000,00 por 40 dias"[129], comentou.

O apartamento, assim, pode ser tomado como um investimento múltiplo realizado por Célio, pois serviria tanto para adensar sua atuação como corintiano, quanto como uma possibilidade de, valendo-se da realização da Copa do Mundo, converter sua moradia em capital financeiro por meio do aluguel para turistas, além, evidentemente, de ser sua casa própria.

---

[127] Embora Célio não tenha mencionado qual o tipo de financiamento obtido, considero relevante indicar o notável investimento estatal em políticas habitacionais durante os governos presidenciais de Luiz Inácio "Lula" da Silva e Dilma Rousseff, do ano de 2003 em diante. Para uma análise baseada em dados técnicos sobre tais políticas, ver o documento Avanços & Desafios (2010), para uma contextualização desse tipo de política no Brasil, ver Gonçalves (2009), para uma leitura a respeito do "Programa Minha Casa Minha Vida", implementado a partir de 2009, ver Romagnoli (2012), para uma leitura etnográfica, ver Rosa (2014).

[128] As partidas disputadas em dias de semana, com início máximo para as 22h como um fator a dificultar a ida de torcedores para as praças esportivas era frequentemente acionado entre torcedores, e será devidamente abordado no terceiro capítulo.

[129] Nos meses que antecederam a Copa do Mundo foram veiculadas matérias pela grande mídia que informavam sobre imóveis colocados para aluguel na região de Itaquera durante o período da Copa do Mundo a preços muito acima do habitual: "Em sites que alugam imóveis por temporada, encontramos várias ofertas para a época da Copa. Os preços passam de R$ 50 mil por mês na Zona Leste, como um imóvel no Tatuapé, área nobre da Zona Leste, para seis pessoas que custa R$ 58 mil. Mais perto do estádio, os valores sobem": http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/11/diaria-de-aluguel-em-itaquera-em-sp-deve-chegar-r-2-mil-na-copa.html (acesso em 7/3/2016).

Outra situação que permite pensar a densidade da noção de casa própria ocorreu a partir do contato com Osvaldo[130]. Assim como Célio, residia com familiares na zona leste, próximo à estação Patriarca do metrô, distante uma parada da estação Artur Alvim, e por sua vez, distante pouco mais de um quilômetro da arena. Não morava, portanto, distante da arena, e seu deslocamento para os jogos ocorria com facilidade[131].

Para comparecer em todas as partidas que o Corinthians disputava na arena se valia de estratégias, como relatou ter realizado na última semana de março de 2015, quando o time disputou duas partidas válidas pelo Campeonato Paulista, na terça e quinta-feira, ambas iniciadas às 19h30min, horário tido como ruim para ele, que saía do seu local de trabalho, na região central da cidade, às 19h.

Para acompanhar todas as partidas do Corinthians naquele campeonato, comprou em janeiro o pacote com ingressos para todos os jogos da primeira fase, disponibilizado pelo sócio torcedor[132]. Essas duas partidas, no entanto, tiveram os horários confirmados quando os ingressos já haviam sido adquiridos por muitos torcedores. Tendo em vista não perder os jogos, agendou de antemão duas consultas médicas para o período da tarde para os dias das partidas, de modo que saiu do trabalho por volta das 16h, foi às consultas – ambas na região do Tatuapé – e chegou à região da arena a tempo de acompanhar os jogos.

À época de realização da pesquisa de campo, Osvaldo tinha trinta e dois anos, e trabalhava no que definia como uma "repartição pública" em que era "funcionário concursado do estado", o que lhe garantia "receber um bom salário e em dia", conforme definiu em uma conversa que tivemos após a partida Corinthians e Penapolense, em 26/3/2015. A partir da estabilidade proporcionada pelo emprego, havia acumulado uma boa quantia em dinheiro, e planejava se mudar para um imóvel próprio. Seu plano inicial era comprar um apartamento próximo ao centro de treinamento do

[130] Meu contato com Osvaldo iniciou-se em 23/11/2014, após a partida entre Corinthians e Grêmio, em que torcedores acenderam sinalizadores no setor sul da arena. No dia seguinte à partida algumas publicações de Osvaldo no Twitter foram *retwittadas* (republicadas) por perfis que sigo, donde comecei a seguir o seu perfil. Nossas interações desdobraram-se em contatos face a face em dias de jogos entre fevereiro e abril de 2015.

[131] Kléber, vizinho e amigo de Osvaldo, certa vez descreveu as possibilidades de caminhos de retorno da arena para a rua em que moravam: "de Artur Alvim dá uns 25, 30 minutos de van, se pegar o metrô e descer na Patriarca, tem uma van lá que vai em 15 minutos. Se acabar o jogo e não tiver metrô posso até pegar um táxi, [pois] fica R$20,00 até em casa".

[132] A venda de "pacotes" de ingressos por meio do programa de sócio torcedor será abordada no terceiro capítulo.

Corinthians[133], no Parque Ecológico do Tietê, também na zona leste da cidade, de onde poderia acompanhar o dia a dia da equipe[134], estaria ainda próximo à arena, a seus familiares e, por meio da linha 12 safira da CPTM, teria acesso ao seu local de trabalho, próximo à estação da Luz, na região central.

No entanto, fatores como o alto valor cobrado pelos imóveis na região, problemas na manutenção dos prédios e o não conhecimento de alguém que morasse nos arredores o levaram a reconsiderar os planos. Ao procurar imóveis nos bairros mais próximos à Arena Corinthians, verificou que possuía dinheiro suficiente para realizar uma compra à vista, tendo decidido, no segundo semestre de 2015[135], pela compra de uma casa no bairro de Artur Alvim, com sua moradia a pouco mais de dois quilômetros da arena.

Ainda durante a realização da pesquisa de campo, acompanhei outras duas conquistas de "casa própria", por parte de associados da Estopim da Fiel.

Para ir aos jogos no ônibus fretado pela torcida, era necessário comprar uma passagem válida para a ida e a volta – associados com o pagamento da mensalidade em dia recebiam desconto de 50% nesse transporte – ao custo de R$10,00 para jogos no Estádio do Pacaembu e R$15,00 para a Arena Corinthians. No ato da compra era entregue um papel destacado de um talão duplo que correspondia à passagem. Parte impresso, parte escrito à mão, nele vinham os dados da viagem (jogo, valor e horário de saída do ônibus), recomendações de comportamento ("atenção: não batam dentro ou fora do ônibus, e evitem confusões caso contrário será cancelada a passagem"), de respeito ao horário marcado para a saída ("tolerância 15 minutos") e uma numeração seriada, em que os canhotos no talão também eram numerados, permitindo controle sobre a quantidade de passagens vendidas.

Apesar desses avisos, era frequente que o horário para a saída se estendesse por mais tempo, como ocorrido em 27/7/2014, data do primeiro Corinthians vs. Palmeiras disputado na Arena Corinthians. Na sexta-feira anterior à partida, disputada em um

[133] Inaugurado em setembro de 2010, foi mais um dos marcos na "modernização" do clube sob a gestão do grupo eleito em 2009, como se verá no capítulo três.

[134] Assim descreveu a proximidade entre um dos prédios em que pretendia comprar o apartamento e o Centro de Treinamento da equipe: "o prédio era em uma avenida, ai tem o trem e o CT, eles (jogadores) estariam treinando e eu gritando da janela!".

[135] Como já não estava mais realizando idas a campo, tomei ciência dessa informação por meio de publicações realizadas por Osvaldo via Twitter, inclusive convidado outros torcedores para "tomarem uma cerveja" antes dos jogos.

domingo, a Estopim da Fiel informou por meio de sua página na rede social Facebook que o horário de saída seria às 13h, o que ocorreu apenas às 14h30. Com o horário inicial do jogo marcado para às 16h, a saída de Diadema uma hora e meia após o horário agendado fez com que os torcedores perdessem os primeiros minutos de jogo.

Em outros dias de jogos a saída de Diadema para além do horário indicado também se reverteu em perda dos minutos iniciais da partida, como no jogo Corinthians x Cruzeiro Esporte Clube, disputado no Estádio do Canindé em 28/5/2014, às 22h. Ao chegar à sede da Estopim às 18h, perguntei a Wladimir pelo horário de saída do ônibus, respondeu que "está marcado para as 18h30min, mas deve sair lá pelas 20h". Às 20h10 o ônibus já estava ocupado pelos torcedores, era uma noite fria e havia poucas pessoas indo para o jogo[136]. Em razão do trânsito lento em trechos do caminho e problemas para a entrada dos torcedores organizados[137], adentramos o estádio apenas por volta às 22h10, com a partida já em andamento.

O "dia de jogo", categoria êmica para os torcedores organizados, como no caso da Estopim da Fiel, envolve sociabilidades, como o encontro com amigos de subsedes acompanhados da partilha de momentos, cervejas e conversas, que compõem o "dia de jogo" tanto quanto a partida em si. Para um torcedor que tece laços de relação a partir, justamente, de sua atuação como torcedor, um jogo de seu time pode ficar marcado por acontecimentos outros que não os ocorridos durante os noventa minutos da partida, como o dia em que um rojão foi atirado na direção do ônibus dos torcedores[138], os jogos das "cem bandeiras"[139].

[136] Antes da saída do ônibus, enquanto conversava com Wladimir a frente da sede da Estopim, fomos abordados por um rapaz ofertando um ingresso. Sem ser questionado, justificou o porquê de querer vendê-lo, sendo que havia acabado de comprá-lo junto ao presidente da torcida: "eu não sabia que [o jogo] era no Canindé, achei que era na arena". Após o rapaz realizar a venda do ingresso e ir embora da sede, Wladimir comentou comigo: "o cara não quer ir ao jogo do Corinthians, quer ir à arena", fez uma expressão de deboche ao dizer "arena" e deu um gole em sua cerveja, em seguida comentou: "é, vai ver é por isso que está vazio hoje: ninguém quer passar frio para ver um jogo contra o Cruzeiro no Canindé".

[137] Havia uma extensa e desorganizada fila para a entrada, sendo que daqueles com roupas de torcidas organizadas era pedido que apresentassem o "Cartão da Paz", emitido pela Federação Paulista de Futebol (o explicarei adiante, ainda nesse capítulo).

[138] Em 2013 associados da Estopim da Fiel passaram por situações de confronto com outra torcida organizada corintiana (questão que será abordada adiante); uma dessas situações foi relatada por Cláudio, torcedor que frequenta jogos junto à Estopim: "o último jogo que eu fui foi aquele que o pessoal [da Estopim] brigou acho que com a Pavilhão, ou foi com a Chopp? Aí depois do jogo a gente estava lá no ônibus, do outro lado da praça, passou um cara de moto pegou um rojão e quando estava bem perto do nosso ônibus, *bum*, mirou o rojão nos PM's [policiais militares] que estavam ali perto. Aí a PM veio pra cima da gente, soltaram bomba de gás, teve criança chorando, as mulheres gritando, foi bem chato". Em outras situações em que tal acontecimento foi relatado a mim, também em 2014, não havia consenso

Compreender a importância do estar na sede em dias de jogos para esses torcedores permite avaliar porque acontecimentos que ocasionam o aumento da tolerância com relação ao tempo para a saída dos ônibus não podem ser tomados como atrasos com relação ao acompanhamento dos lances do jogo. O horário de saída do ônibus, indicado nas passagens e informado via redes sociais virtuais, é, antes, um horário para concentração na sede. Sabe-se – e, de certa forma, até se deseja – que a saída do ônibus se alongue o máximo de tempo possível[140].

Em 27/4/2014, em que o Corinthians disputou contra o Flamengo o jogo referido como "último jogo no Estádio do Pacaembu", conheci, na sede da Estopim, Marta, à época uma das torcedoras responsáveis pelo "departamento social" da torcida. Explicou-me que a Estopim não é uma torcida que "procura briga", mas que também não é uma "torcida de bunda mole", e argumentou com o relato de uma situação até então recente.

Após desentendimentos com membros de outra torcida organizada corintiana durante jogos, em que a faixa de uma torcida encobria, parcialmente, a faixa da outra, membros dessa foram vistos nas imagens das câmeras de segurança da sede da Estopim chutando a porta e atirando pedras no letreiro com o nome da torcida: "[eles] vêm aqui chutar a nossa casa, porque aqui é a nossa casa, cada quadradinho desses no chão a gente que comprou, a gente que colocou". Isso teve como resposta de membros da Estopim a provocação de uma briga com membros da outra torcida na Praça Charles Muller, em frente ao Estádio do Pacaembu, e nas arquibancadas dele no dia 14/7/2013, durante o jogo Corinthians vs. Atlético/MG[141].

---

sobre em qual jogo ocorrera tal fato: para Marta foi após uma partida contra o Atlético/MG, para Wladimir o adversário daquela data era o Grêmio/RS.

[139] Em 2010, ano do centenário do Corinthians, a Estopim homenageou o clube produzindo cem bandeiras diferentes com imagens de ex-jogadores, símbolos e times do clube, e as levou para o Estádio do Pacaembu no primeiro jogo após a data de fundação do clube, 1/9/1910. Desde então, todo ano uma bandeira nova é produzida é adicionada às "100 bandeiras", como são chamadas pelos associados. Em 3/9/2014, a caminho da Arena Corinthians no ônibus da Estopim, para o primeiro jogo após o aniversário do clube naquele ano, torcedores comentavam sobre a bandeira a ser inaugurada naquela data, com um desenho da arena, e se recordavam das bandeiras criadas entre 2011, 12 e 13. Houve dúvidas sobre os adversários contra quem o Corinthians disputou tais partidas e os resultados delas, mas não sobre o que foi representado nas bandeiras inauguradas.

[140] No caso do jogo de 27/7/2014, contra o Palmeiras, tal situação foi favorecida pela revista realizada por policiais militares ainda antes da entrada nos ônibus, que impediam os torcedores de embarcarem com bebidas alcoólicas.

[141] O zelo com relação aos espaços da sede tal qual aos de uma casa foram marcados em outra fala de Marta, quando se referia aos estranhamentos que pessoas próximas a ela têm com relação ao fato de ser mulher e frequentar torcida organizada: "tem muita gente que tem preconceito sabe? Que pergunta:

Em 18/5/2014, data do primeiro jogo oficial[142] do Corinthians na arena, fui apresentado a Donizete, associado da Estopim que mora na região de Itaquera, e se deslocou até Diadema naquela manhã para ir ao jogo "junto com o pessoal". Apesar de na zona leste ocorrer o ajuntamento de um agrupamento ligado à Estopim, que, naquela data, se encontraria com os demais membros da torcida nos entornos da arena, Donizete queria aproveitar o dia de jogo – nesse caso, tomado como especial, por ser o primeiro na arena – para se encontrar com amigos na sede em Diadema e passar as horas que precediam o jogo junto deles.

Em outro dia de jogo, 27/7/2014, o domingo em que ocorreria o primeiro Corinthians vs. Palmeiras na arena, encontrei-me novamente com ele na sede da Estopim. Dessa vez, os associados da torcida de diversas subsedes haviam se deslocado para a sede em Diadema a fim de realizar o cadastro na Federação Paulista de Futebol, que ocorria na manhã que precedia o jogo.

O cadastro é realizado por funcionários da FPF, que vão à sede das torcidas organizadas com computadores e uma máquina impressora de cartões. Consiste na apresentação, por parte do torcedor, de sua carteirinha de associação à torcida e o documento de registro geral (RG), por meio de uma câmera acoplada aos computadores é registrada uma foto do rosto do torcedor, que recebe, ao término do procedimento, um cartão magnético, pessoal e intransferível. Nele estão as informações do torcedor e o escrito "Cartão da Paz FPF".

Em dias de jogos o cartão deve ser apresentado para funcionários da FPF que permanecem próximos às catracas de entrada para o setor destinado às torcidas organizadas. Munido de um laptop e um sensor digital, o funcionário da FPF encosta o cartão no sensor, fazendo surgir na tela do laptop a foto do torcedor e uma ficha com diversos dados, dentre eles se o torcedor está autorizado a ingressar em estádios[143]. A realização do cadastro é valorizada pelos torcedores, pois apenas com isso é permitido o

---

'nossa, mas você limpa banheiro da sede?', e eu falo 'limpo sim, e me orgulho', não tem problema pra mim vir aqui e ajudar a esfregar um chão".

[142] Na semana anterior, em 10/5/2014, um evento teste realizado na arena para vinte mil torcedores foi a primeira vez em que torcedores se deslocaram e utilizaram a arena tal qual em um dia de jogo, no entanto, não houve uma partida oficial, e sim partidas de trinta minutos entre jogadores e ex-jogadores do SCCP.

[143] Acompanhei esse procedimento na entrada do jogo entre Corinthians e Cruzeiro, disputado em 28/5/2014 no Estádio do Canindé.

uso de roupas de torcidas organizadas[144] nas praças esportivas no estado de São Paulo[145], razão pela qual em 27/7/2014, a fila para realização do cadastro era o principal espaço de interação entre os associados da Estopim. Enquanto aguardavam na fila, Donizete e Wladimir conversavam sobre uma novidade: a abertura da subsede na zona leste, que ocorreria nos próximos meses, conferindo um endereço para os torcedores que, até então, se reuniam em pontos de encontro[146].

O jogo entre Corinthians e Bragantino, disputado às 22h de 3/9/2014, uma quarta-feira, na Arena Corinthians, foi o último em que acompanhei a Estopim da Fiel. Para jogos nesse horário o ônibus da torcida costumava sair de Diadema às 20h, no entanto, nesse dia a saída estava marcada para as 18h, tendo ocorrido às 18h30min. Já no ônibus, Wladimir e os demais torcedores com os quais eu estava se dão conta de que não iríamos diretamente para a arena, conforme descrito em diário de campo:

> Por volta das 20h o ônibus parou em uma rua larga, quatro faixas para trânsito de carros, e com bastante movimento de veículos – posteriormente busquei o endereço no Google Maps e vi que fica a dois quilômetros da arena. Logo que desço vejo diversos prédios de quatro ou cinco andares – conforme me explicou Wladimir e outro rapaz, ali é a Cohab I[147] – pequenos comércios (fechados, em razão do horário) e casas. A subsede da Estopim da Fiel na zona leste é identificável pela pintura semelhante à frente da sede em Diadema: em um muro preto com faixas brancas estão grafitados o escrito "Grêmio Escola de Samba Estopim da Fiel Torcida" e uma imagem do urso "abraçando" a Arena Corinthians. O espaço da subsede não é muito grande, o que noto quando estou fora e que reitero quando entro nela. É, basicamente, uma pequena loja: da porta de alumínio, que não deve medir mais do que um metro e meio de largura por dois de altura, tem-se acesso a um ambiente triangular, cujo ângulo mais estreito é à esquerda da porta e vai se alargando à direita. Ele está dividido, basicamente, em dois ambientes: no

[144] Em outro dia de jogo Wladimir comentou comigo: "eu fico pensando por que a gente tem que mostrar um documento para entrar no estádio? É como se eu estivesse sendo fichado ou pudesse fazer um crime lá dentro só por que sou de organizada, saca?".

[145] Uma série de confrontos entre torcedores de Corinthians e Palmeiras em distintos pontos da cidade de São Paulo, em 3/4/2016, justificou que tal quadro passasse por uma mudança significativa a partir de 4/4/2016. Nesta data foi determinado, por meio do Ministério Público de São Paulo (MP-SP), a FPF e a Secretaria de Segurança Pública do Estado, que, dentre outras restrições, seja proibida a entrada com adereços de torcidas organizadas em estádios paulistas até 31/12/2016; ver: http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2016/04/classicos-no-estado-de-sp-terao-torcida-unica-diz-secretario.html (acesso em 10/6/2016).

[146] A diferença foi explicada por Cláudio, residente no município de Mogi Guaçu, onde há uma subsede da Estopim. "Ponto de encontro" é um bar acessado por torcedores de determinada torcida organizada em municípios fora de São Paulo para assistir jogos pela televisão; "subsede" é um espaço de manutenção e frequência da própria torcida que possuí vínculo estabelecido com a sede, por meio do estatuto da torcida.

[147] Sigla que designa a Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo, órgão municipal que "tem por objetivo atuar na provisão de habitação de interesse social tanto no município, quanto em sua região metropolitana", (Constantino, 2007, p. 17). As Cohabs, tomadas como referencial de localização, são áreas loteadas destinadas à moradia popular.

primeiro há prateleiras fixadas na parede com roupas da torcida, um balcão, atrás do qual há um freezer e onde dois diretores da torcida manuseavam dinheiro e ingressos. Passado o balcão há uma parede com um vão (onde caberia uma porta) e adiante um cômodo estreito, onde observei estarem três torcedores (no momento em que observei) e alguns instrumentos de bateria empilhados, o que já ocupava significativamente o cômodo. A maior parte dos torcedores, no entanto, permanece do lado de fora, na calçada, onde foram colocadas algumas mesas e cadeiras plásticas com logomarcas de cervejarias. Entram apenas para comprar cervejas, alocadas no freezer atrás do balcão, e já retornam à rua, principal espaço para interação.

A saída dos ônibus de Diadema com pouca alteração no horário se deu em razão de a subsede da zona leste ter sido inaugurada no dia 31/8/2014 e, a partir de então, ser o novo ponto de concentração dos associados da Estopim antes dos jogos. Ter um espaço da Estopim próximo à arena foi valorizado pela diretoria e demais associados da torcida, da sede e demais subsedes[148], por uma série de fatores, dentre eles a facilidade de acesso dos torcedores da zona leste aos jogos, que não dependeriam mais da sede em Diadema para a reserva e retirada de ingressos; com um endereço próprio mais próximo à Itaquera os deslocamentos da torcida ocorreriam tal qual na noite de 3/9/2014, partindo de Diadema com maior intervalo de tempo com relação ao início da partida, o que permitiria os encontros entre torcedores, e diminuiria o risco de perda de trechos dos jogos.

Dessa forma, permitindo, que dois importantes acontecimentos dos dias de jogos ocorram sem problemas: os encontros antes das partidas e a própria fruição delas. Seria também um ponto estratégico para o aumento do quadro de sócios da torcida, como comentado por Wladimir, "aqui na leste é cheio de corintiano, brota de todo lado, vão começar a ver que tem uma torcida aqui, vão começar a colar".

Uma segunda aquisição de "casa própria" pelos associados da Estopim da Fiel há de ser ressaltada. Em 27/4/2014, data do jogo Corinthians x Flamengo, estava na calçada em frente à sede da Estopim conversando com Wladimir e Nei. Observei que uma Kombi branca, estacionada em frente à sede, era carregada pelos rapazes do

[148] "Ser" sede ou subsede é uma categoria importante entre os associados da Estopim, como me explicou Marcela, que embora resida no município de Itaquaquecetuba, na região leste da Grande São Paulo, não "é" necessariamente da "Estopim Zona Leste", pois sua associação fora realizada na sede da Estopim em Diadema. Assim, entre os membros da Estopim, ela é conhecida como uma pessoa "da sede".

departamento das bandeiras[149] com o patrimônio da torcida (faixas, bandeiras, instrumentos de bateria), tendo saído dali por volta das 13h. Imediatamente recordei-me de que nos jogos em que eu havia ido com a Estopim entre 2011 e 2012 tais materiais elam levados no ônibus com os torcedores, nos bagageiros inferiores ou mesmo no corredor do ônibus, o que proporcionava desconfortos durante os deslocamentos e frequentemente eram adentrados no estádio às pressas, com a partida já em andamento. Nei, um associado antigo da torcida, valorizou a compra da Kombi, realizada no ano anterior, e, ao lhe perguntar sobre o ônibus indicou que "logo menos" a torcida adquiriria um ônibus próprio.

O ônibus da torcida é um importante espaço na socialidade torcedora, onde são investidas de três a quatro horas, entre a ida e o retorno em um dia de jogo em São Paulo, e onde os torcedores permanecem durante as caravanas[150], que podem durar dias[151]. Nele desenvolvem socialidades distintas, o que pode ser compreendido como um prolongamento da sede, uma vez que ocupado pelos mesmos sujeitos.

Antes da saída dos ônibus e vans da sede da Estopim da Fiel para o jogo Corinthians x Palmeiras, em 27/7/2014, o então presidente da Estopim, Rogério, realizou uma fala aos torcedores. Valendo-se de um palco (que, embora desmontável, em minhas idas à sede esteve sempre montado no fundo da quadra) e do sistema de som utilizados nas festas da torcida, dirigiu-se aos torcedores presentes para passar recomendações de conduta para a ida ao jogo.

Em razão de ser uma partida envolvendo duas grandes torcidas da cidade, para evitar confrontos entre agrupamentos o percurso das torcidas organizadas para a arena havia sido previamente combinando entre diretores delas e o 2º Batalhão de Polícia de Choque. Alguns oficiais dessa divisão da polícia militar aguardavam os torcedores na rua atrás da sede, onde estavam estacionados os ônibus e vans que levariam os torcedores ao jogo. A função deles seria revistar os torcedores antes do embarque nos

[149] Há uma fragmentação das funções na Estopim da Fiel que se dá por meio de departamentos, assim, o departamento das bandeiras é responsável pela criação, organização e transporte dos materiais a serem expostos e utilizados durante os jogos, tais como bandeiras, faixas e instrumentos de bateria.

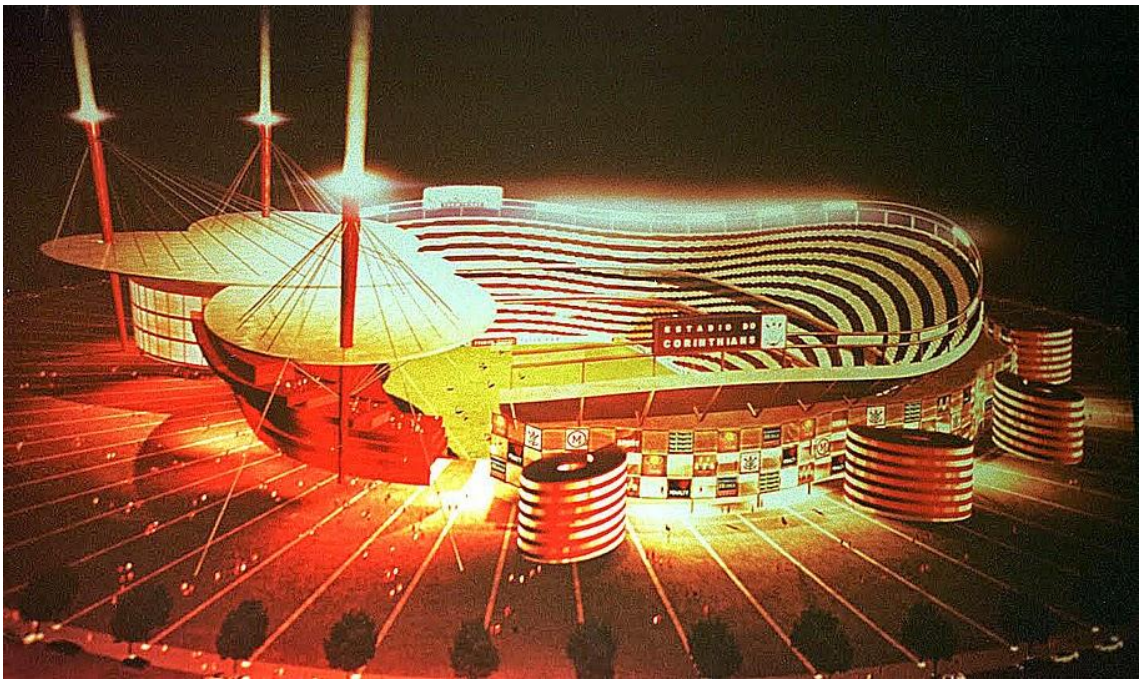
[150] Termo utilizado para se referir às viagens para acompanhar os jogos do time realizados fora da cidade de São Paulo.

[151] Em 28/5/2014, quando o ônibus se deslocava para o Estádio do Canindé, Rogério percorreu todo o corredor do ônibus chamando os torcedores para uma caravana para a Bahia. O jogo entre Corinthians e Bahia Esporte Clube seria disputado na cidade de Salvador no domingo, 20/7/2014, no período da tarde. O ônibus partiria da sede da torcida na sexta-feira anterior, por volta das 17h, com retorno previsto para a segunda-feira à noite.

ônibus e escoltar, com motos e viaturas, o comboio da Estopim, de Diadema até Itaquera. As orientações de Rogério foram para que os torcedores respeitassem o trabalho dos policiais, a fim de evitar retaliações por parte desses, que viriam a atrasar a viagem. Em seguida realizou outro anúncio: "no próximo jogo vai ter um buzão nosso, não é do Rogério, não é do Edílson, nem do Paulo, é da Estopim, é nosso, e isso vai baratear caravana". Os torcedores vibraram e aplaudiram o anúncio.

Em um jogo seguinte, em 3/9/2014, após comprar a minha passagem para o ônibus pergunto para Wladimir qual será o horário para saída de Diadema, e me indica que será às 18h, perguntando: "essa hora dá pra ir com nosso ônibus, ficou sabendo que *compramos* um ônibus?", comento me recordar de que iriam comprar, e Wladimir retoma a principal vantagem da posse do "ônibus próprio", já ressaltada em 27/7/2014 por Rogério: deixando de pagar aluguel pelo veículo haveria diminuição nos gastos da torcida em viagens para jogos que não fossem disputados na cidade de São Paulo, tal autonomia permitiria que mais torcedores viajassem mais vezes ao longo do ano[152].

ICONOGRAFIA – CAPÍTULO 1



[152] Acompanhei pela página de Facebook da Estopim da Fiel e dos Gaviões da Fiel os chamamentos para torcedores interessados em viajar para Criciúma/SC, onde o Corinthians jogou em 7/9/2014 contra o time homônimo à cidade. Os valores cobrados nas passagens pela Estopim eram R$60,00 para sócios que realizassem o pagamento até o dia 5/9, após essa data, R$90,00 e R$100,00 para não sócios. Nos Gaviões os valores eram R$100,00 para sócios e R$130,00 para não sócios.

Imagem ilustrativa do estádio projetado pelo HMTF no ano 2000 (Fonte: Revista Fiel Torcida, 2000, ano 2 nº6).

Torcedores acompanham o primeiro treino de atletas do Corinthians no gramado da arena (foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).

Produtos relacionados ao Corinthians comercializados por vendedores ambulantes durante o treino dos atletas corintianos em 15/3/2014 (foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).

Tenda do 34º Churrasco da Fiel Torcida (Fonte: na imagem).

Fotomontagem publicada pela página Web Corinthians, à época das negociações da venda do *naming rights* da arena para a empresa Fly Emirates (Fonte: na imagem).

Passagem para ida e volta do jogo Corinthians vs. Figueirense no ônibus da Estopim da Fiel (Foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).

Capítulo 2 – Entre o estádio e a arena, entre Pacaembu e Itaquera

Duas alterações principais ocorreram para os corintianos a partir da mudança no local das partidas do time: a região da cidade a ser acessada e as especificidades de cada uma das praças esportivas. Nesse capítulo, a partir de situações etnográficas vivenciadas no período dos últimos jogos do time disputados no Estádio do Pacaembu e os primeiros na Arena Corinthians, desenvolverei como essas dimensões foram vivenciadas pelos torcedores.

2.1) Uma noite entre o "comum" e o "incomum" no Estádio do Pacaembu

Com a construção da Arena em Itaquera, para jogos do Corinthians após a Copa do Mundo, o Estádio do Pacaembu deixaria de ser frequentado pelos torcedores. Desde sua inauguração, o estádio era utilizado pelo Corinthians para disputar jogos na cidade de São Paulo, o que foi intensificado a partir da década de 1980. Clássicos estaduais, jogos decisivos e finais de campeonatos com mando do Corinthians, até o ano de 2008, eram disputados no Estádio do Morumbi, o que deixou de ocorrer em 2009. Até 2002, poucos jogos foram disputados no Estádio Alfredo Schürig (Parque São Jorge)[153] e, eventualmente nesse período de mais de trinta anos, entre 1980 e 2014, partidas com mando do Corinthians foram disputadas em outros estádios na cidade de São Paulo, como o Canindé[154] e a Arena Barueri[155].

[153] Conforme dados de Celso Unzelte, até 2009 foram 468 partidas, "menos de 10% do total da história do clube" (Unzelte, 2009, p. 30).

[154] Consultando-se dados de jogos do Corinthians no site http://pelejas.com/ (acesso em 22/3/2016), vê-se que no período indicado a equipe disputou, como mandante na cidade de São Paulo, 895 partidas no Estádio do Pacaembu, 183 no Estádio do Morumbi, 174 no Estádio Alfredo Schürig, 56 no Estádio do Canindé, 31 no Parque Antártica e 3 na Arena Barueri.

[155] Como Barueri se localiza na região metropolitana, a possibilidade de acesso à sua arena por meio dos trens da CPTM a configura como um estádio relativamente acessível aos corintianos que residem em São Paulo. Tal dado foi observado em janeiro de 2015, em que acompanhei agrupamentos de torcedores em deslocamentos para partidas da equipe sub-20 de futebol do Corinthians, que disputou seis partidas válidas pela Copa São Paulo de Futebol Juniores em Barueri. Os deslocamentos de torcedores das mais diversas regiões da Grande São Paulo utilizando trens da CPTM era intenso, inclusive em partidas disputadas à tarde em dias de semana.

Esses dados são relevantes para compreender a familiaridade dos torcedores com relação ao Estádio do Pacaembu, com representações sobre seus setores, usos dos arredores e caminhos para chegar e partir dele. Visto que meus interlocutores raramente ultrapassavam os quarenta anos de idade, seus principais referenciais e memórias de locais para jogos do Corinthians na cidade de São Paulo eram o Estádio do Pacaembu e o do Morumbi – o segundo, pouco acessado nos últimos cinco anos, era maculado como um território rival e acionado como local em geral frequentado por torcedores mais velhos.

Também a partir desses dados é possível compreender a noção de acontecimentos esperados e inesperados para um dia de jogo, tanto com relação aos trajetos para a região do Pacaembu, quanto com relação ao interior do estádio, parcialmente interrompidos na noite de 5/2/2014[156].

Nessa data o Corinthians disputou contra a equipe do Clube Atlético Bragantino, no Estádio do Pacaembu, uma partida válida pelo Campeonato Paulista. Com o horário de início do jogo marcado para as 22h, encontrei-me por volta das 20h com um torcedor não organizado, Fábio, na estação Ana Rosa do metrô – que permite acesso à linha 2 verde, por onde seguiríamos até a estação Clínicas, distante 1km do estádio e utilizada por torcedores para a chegada e retorno no Pacaembu.

Encontramo-nos nas catracas da estação e seguimos para o andar inferior, onde estão as plataformas de embarque. Na plataforma em que param os trens que seguem rumo à estação Clínicas, o local de abertura das portas dos vagões é indicado por barras de ferro fixadas ao chão, formando baias. Caminhava com Fábio ao meu lado esquerdo e as baias estavam à minha direita; ao observar uma vazia cheguei a interromper minha caminhada, retomando-a ao entender um gesto de Fábio: balançou a cabeça negativamente e apontou para outra baia, alguns metros à frente, onde parou. Quando o alcancei, comentou: "aqui é melhor, lá na [estação] Clínicas já sai *na cara*[157] da escada".

[156] Destaco as peculiaridades deste dia de jogo atípico com o intuito de apresentar comportamentos não regulares dos torcedores, que destacam, em face do estranhamento de muitos sujeitos com a situação, justamente, as regularidades na postura dos torcedores durantes os jogos – nos itens seguintes deste capítulo abordadas em detalhes.

[157] Expressão que indica "de frente para".

A mídia esportiva havia noticiado, no dia da partida[158], que a mesma envolvia forte tensão entre torcedores organizados e jogadores do clube, iniciada alguns dias antes. Das cinco primeiras partidas do campeonato, o Corinthians saíra derrotado em três, sendo uma delas, em 29/1/2014, por 5x1 para o rival Santos. No sábado, 1/2/2014, cerca de cem torcedores tinham ido ao Centro de Treinamento (CT) do clube para pressionar o técnico da equipe e exigir mudanças na postura dos jogadores[159]. A resposta dos atletas foi expressa por meio de uma carta, publicada no site do Corinthians em 4/2/2014. Nela, além de proporem um estado de greve, cobrando maiores garantias de segurança para o trabalho, dividiam a torcida corintiana em dois grupos: em um estaria o "torcedor de bem" e em outro os "marginais ligados às torcidas organizadas"[160]. Para o jogo daquela noite esperava-se uma "réplica" dos torcedores organizados.

Ao chegarmos à estação Clínicas, cerca de 1h30 antes do horário de início do jogo, Fábio comentou com estranhamento a baixa quantidade de pessoas que transitavam com camisas do Corinthians no interior da mesma, tomando como base outros dias de jogos recentes em que estivera[161], em que a movimentação de torcedores na estação era "bem maior". Seguindo suas orientações, caminhamos para o estádio entre paradas para comprar uma cerveja com um vendedor ambulante em frente à saída da estação Clínicas e um sanduíche de pernil em um carro estacionado na Rua Major Natanael, que, para o pedestre, se bifurca em duas vias: à direita a Rua Capivari, que permite acesso à Rua Itápolis, e à esquerda a Rua Desembargador Paulo Passaláqua, ambas laterais ao Estádio do Pacaembu.

Conforme caminhávamos, Fábio ressaltou o estranhamento de haver poucos torcedores se dirigindo para o estádio e que havia mais policiais militares no trajeto do que o habitual; sugeriu que poderia ter relação com a expectativa de alguma ação

---

[158] "Clima tenso" foi o termo utilizado pelo site A Gazeta Esportiva para se referir ao jogo: http://esportes.terra.com.br/corinthians/contra-bragantino-corinthians-busca-futebol-e-tranquilidade-perdidos,b08a11139cdf3410VgnCLD2000000ec6eb0aRCRD.html (acesso em 22/3/2016).

[159] O episódio teve destaque na mídia esportiva como uma "invasão": http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2014/02/torcedores-invadem-centro-de-treinamento-do-corinthians.html (acesso em 22/3/2016).

[160] Na carta os jogadores se referem aos torcedores organizados de maneira a generalizá-los como sujeitos violentos, imputando a esses a responsabilidade por "mais de 90% das brigas nos estádios nos últimos anos": http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,jogadores-do-corinthians-se-dizem-fartos-e-defendemgreve,1126608 (acesso em 22/3/2016).

[161] Fábio é associado ao Fiel Torcedor desde julho de 2012, e desde então havia deixado de ir a poucos jogos do time no Estádio do Pacaembu.

diferenciada por parte dos torcedores. Nas paradas para compra de alimentos e bebidas conversei com os vendedores, que atribuíam as impressões indicadas por Fábio tanto à má fase do time, que afastaria muitos torcedores dos jogos, quanto a um intenso impedimento na atuação dos vendedores ambulantes.

Chegamos à altura da Rua Major Natanael, de onde o pedestre tem duas opções de caminho para chegar à Praça Charles Miller, frontal ao estádio e ao portão principal do mesmo, nosso destino: seguir pela Rua Des. Paulo Passaláqua ou pela Rua Capivari, pela qual após uma curva chega-se à Rua Itápolis, lateral ao estádio e à praça. Fábio indicou que seguíssemos pelo caminho em que o acesso ocorre pela Rua Itápolis, ainda que um trajeto mais longo, pois tinha conhecimento de que a entrada para o setor de visitantes se dá pela Rua Des. Paulo Passaláqua e, eventualmente nas horas que antecediam as partidas do Corinthians a passagem de corintianos por esta rua era impedida por policiais militares, para evitar confrontos entre torcedores adversários.

Passamos por toda a lateral do estádio onde alguns cambistas[162] ofereciam a compra e venda de ingressos aos transeuntes, com frases curtas e ditas em tom de voz baixo, como "ingresso, ingresso" ou "sobrando ingresso eu compro". Vendedores ambulantes utilizavam carros adaptados estacionados rente à calçada para o preparo e venda de sanduíches, abordando os torcedores também com frases curtas "pernil, calabresa e dog"[163]. Nas calçadas outros vendedores ofereciam "cerveja, 'refri' e água", armazenadas em caixas térmicas acopladas em pequenos carrinhos de alumínio. Outros, utilizando-se de cordas amarradas em postes e árvores, formando varais, expunham e vendiam camisas, bandeiras e bonés alusivos ao SCCP.

Quando chegamos à escada de concreto próxima à fachada frontal do estádio[164], que permite acesso à Praça Charles Miller, notamos que os acessos, tanto pela calçada da Rua Itápolis quanto pela praça, estavam fechados com placas de aço, encaixadas umas nas outras, formando um extenso paredão cromado. Fábio atribuiu essa outra diferença com relação aos demais dias de jogos às especificidades daquela partida, e seguimos caminhando até a próxima escada, por onde acessamos a praça. Tais escadas

[162] Nomeação atribuída às pessoas que adquirem ingressos e os revendem a um preço superior nas imediações das praças futebolísticas.
[163] Respectivamente, sanduíches preparados com carne de pernil de porco desfiado, linguiça de porco defumada e cachorro quente com salsicha e demais condimentos.
[164] Três escadas ligam a Rua Itápolis à Praça Charles Miller, e outras duas o fazem com relação a Rua Des. Paulo Passaláqua.

estão situadas nos morros laterais, e são ladeadas por áreas com o piso de terra (em alguns trechos há porções gramadas) e muitas árvores.

Na base da escada, já na praça, as áreas da calçada próximas a mesma eram ocupadas por dois agrupamentos de torcedores organizados, de um lado pessoas vestindo roupas da Camisa 12, e de outro, da Pavilhão 9. Espaços esses tomados como "pontos de encontro" pelos associados dessas torcidas.

Atravessamos a praça em direção às entradas do portão principal, divididas em três corredores formados por gradis móveis com cerca de um metro de altura, afixados uns nos outros. O primeiro corredor, posicionado à esquerda, é exclusivo para a entrada de torcedores organizados, que ocorre pelo portão 3 (à esquerda do portão principal), e assim identificado com uma faixa que exibe os símbolos das seis torcidas organizadas corintianas e o escrito "entrada torcidas organizadas". O segundo, imediatamente ao lado dele, e o terceiro, posicionado à direita da fachada frontal do estádio, servem aos demais torcedores com ingressos para os setores de arquibancada amarela e verde. Os dois corredores para a passagem de torcedores não associados a torcidas organizadas desembocam na entrada do estádio pelo portão principal, área acessível apenas por meio da passagem pelos corredores, uma vez que é isolada por fileiras de grades posicionadas em paralelo à fachada frontal.

Essa divisão na entrada dos torcedores, entre organizados e não organizados, ocorria em razão da verificação do "Cartão da Paz" dos primeiros, e inexistia no interior do estádio, em que era livre o trânsito dos torcedores pelos dois setores de arquibancadas principais.

Chegamos à área gramada em frente aos portões às 21h10, e nela permanecemos por alguns minutos, Fábio queria tomar mais uma cerveja antes do início da partida e havia vendedores ambulantes por ali. Enquanto observava as especificidades na atuação de alguns ambulantes[165], fui abordado por Anderson[166], que passava para entrar no estádio. Ao cumprimentar Fábio, Anderson comentou que "não o conhecia", mas sim que o "reconhecia de vista", pois costumavam acompanhar as partidas na mesma região

[165] A fim de discutir as distintas estratégias de atuação dos vendedores ambulantes nos arredores das praças esportivas, descrevo e discuto tal situação, junto a outras, no terceiro capítulo.
[166] No ano de 2007, quando realizei estudos em um cursinho preparatório para o vestibular, Anderson e eu frequentamos algumas aulas em comum, de onde me reconheceu.

das arquibancadas amarelas: "perto da segunda escada"[167], indicou Fábio. Acompanho a conversa dos dois sobre o estágio atual das obras da Arena Corinthians e a partilha de hipóteses sobre como seria ir a jogos na mesma.

Anderson comentou que para ele ir aos jogos seria "esquisito demais", por morar no bairro da Santa Cecília, vizinho ao do Pacaembu, onde está localizado o estádio, tinha por costume ir e voltar das partidas caminhando. Fábio comentou que para ele também ocorreria uma mudança significativa com relação ao deslocamento; por morar próximo à estação de metrô São Judas, na linha 1 azul, calculava que "demora mais de uma hora para chegar lá, indo de metrô".

As dúvidas se prolongavam com relação ao próprio uso do metrô, cuja circulação na cidade de São Paulo é encerrada diariamente por volta da meia noite[168], quanto ao retorno de partidas iniciadas às 22h. Tais questões guardavam relação com a própria experiência torcedora no Estádio do Pacaembu[169], como se verá.

Cerca de vinte minutos antes do horário marcado para o início da partida, Fábio e Anderson decidem entrar no estádio. Passamos por um dos corredores formado por grades móveis e adiante ingressamos na fila para a revista policial – apontada por Fábio como curta naquela noite – e, por fim, chegamos às catracas. Junto às mesmas, homens vestindo coletes na cor laranja com símbolos do Corinthians e da empresa Omni[170]

[167] Em um vídeo publicado pelo Corinthians em suas páginas na internet, com o título de "Obrigado Pacaembu", um torcedor comenta: "o curioso do Pacaembu é que quem frequenta bastante o estádio, quando procura os amigos, você sabe mais ou menos onde cada amigo senta, onde cada amigo vai ficar, você já tem o seu *lugarzinho* para ficar dentro do estádio", disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=b3Je9qai3GA (acesso em 15/6/2016). Nesse caso não se trata de amigos, mas de "conhecidos" que se reconhecem justamente por preferirem acompanhar os jogos do mesmo local.

[168] As estações de metrô em São Paulo funcionam, em dias de semana, até poucos minutos após a meia noite (o horário preciso de encerramento das operações varia entre as estações), retomando o funcionamento às 4h40, o que influencia no deslocamento dos torcedores para jogos que se iniciam às 22h e são encerrados aproximadamente às 00h.

[169] O horário das partidas disputadas às quartas-feiras, iniciadas entre às 21h45 e 22h, é tido pelos torcedores como agendado em razão da grade de programação da Rede Globo, detentora dos direitos de transmissão das principais competições disputadas pelos grandes clubes brasileiros. Assim, tal questão não se configuraria como um fator a afetar apenas corintianos, como torcedores de distintos clubes brasileiros, o que é notável com a campanha "jogo às dez da noite não", que, com o apoio de torcidas organizadas e entidades ligadas a partidos de esquerda, intercede pelo término das partidas com início tão tardio, vide: http://www.vermelho.org.br/noticia/270627-6 (acesso em 18/4/2016). É interessante notar que a imagem utilizada para veicular a principal mensagem da campanha, impressa em cartazes distribuídos para torcedores e ilustrando publicações em *websites*, são produzidas com distintas combinações de cores, adequando-se, assim, a tal elemento nas identidades clubísticas.

[170] Tais sujeitos são os "orientadores de público".

orientavam os torcedores em caso de dúvidas ou problemas com o uso do cartão magnético do Fiel Torcedor no leitor das catracas[171].

O portão principal do Estádio do Pacaembu é paralelo às traves e às linhas de fundo do campo; a entrada ocorre no ponto central da curva do estádio em formato de "U", abaixo da linha que divide o setor amarelo do verde, e desemboca em uma alameda com piso de asfalto aproximadamente no mesmo nível do gramado de jogo. Alameda e campo são separados por uma grade vertical de ferro com 3,70m de altura[172], chamada alambrado, que circunda todo o campo, e outra área de piso, acessada por gandulas[173], policiais militares e jornalistas. As arquibancadas são acessadas por meio de escadas.

Imediatamente após nossa entrada, Fábio e Anderson se viraram para o lado esquerdo, seguindo na direção do setor amarelo, onde tinham o hábito de acompanhar as partidas. Apoiei-me no alambrado, de costas para o campo e olhando para as arquibancadas, de onde foi possível observar a ocupação dos setores pelas torcidas organizadas e esboçar uma primeira geografia dessa ocupação, adensada nos demais jogos em que estive no Pacaembu. Notei que os instrumentos de bateria utilizados pelas torcidas para ditar o ritmo das músicas estavam repousados sobre o chão, o que era incomum: nos minutos que antecedem as partidas os torcedores já os utilizam para tocar músicas.

Os ingressos de Fábio e Anderson, ambos associados ao programa Fiel Torcedor pelo plano "Minha Vida", eram para o setor verde, no entanto, se valiam do livre trânsito entre este setor e o amarelo para acompanhar os jogos próximos à concentração formada ao redor da bateria dos Gaviões da Fiel, seguindo os cânticos e ações corporais propostos pela torcida. Subi junto com eles a escada, rente à grade que separa os setores amarelo e laranja[174], e acessamos os degraus de arquibancada na altura da "segunda escada" do setor, referência ao trecho da escada em que há uma curva culminando em

[171] Os ingressos para as partidas do Corinthians são adquiridos pelos associados do Fiel Torcedor pela internet, inseridos digitalmente no cartão magnético entregue no ato da associação e validados em catracas eletrônicas na entrada dos estádios. O Fiel Torcedor e os modos de venda de ingressos serão discutidos no terceiro capítulo.

[172] Dados sobre as especificidades do Estádio do Pacaembu obtidos a partir do laudo do 2º Batalhão de Choque de São Paulo (Laudo técnico nº 004, 2014).

[173] Pessoas responsáveis pela reposição das bolas que excedem os limites do campo de jogo.

[174] Setor de arquibancada lateral com cadeiras na cor laranja que tem capacidade para 6.467 pessoas; no ano de 2014 o ingresso para acompanhar jogos do Corinthians nesse setor custava R$70,00.

uma área plana, sem degraus, imediatamente antes da continuação da escada, que segue até o topo do setor, onde há balcões de lanchonete, banheiros e portões para saída do estádio.

Alguns minutos após chegarmos ao local indicado por eles como melhor para acompanhar a partida, por estar perto dos Gaviões da Fiel e não se ter a visão do campo encoberta pela grade que divide os setores, um homem alto vestindo a camisa oficial dos Gaviões da Fiel levantou-se e pediu a atenção dos torcedores, que, à espera da entrada dos jogadores em campo, permaneciam sentados. Era o presidente da torcida e em voz alta orientou: "Vamos ficar assim [apontou para os torcedores sentados] até os quarenta do primeiro tempo, para eles verem que falta fazemos".

Fábio, que desde o nosso desembarque na estação de metrô Clínicas comentava que a réplica dos torcedores à carta emitida pelos jogadores poderia ocorrer com enfrentamentos físicos, aplaudiu a fala junto aos demais, "Como estão sendo inteligentes!", comentou. Manteve-se sentado na arquibancada, acatando, tal qual em outras situações, a corporalidade proposta pela torcida organizada – ainda que, desta vez, se tratasse de um comportamento oposto ao usual, tomado, nesse sentido, como uma forma de protesto[175]. Durante os quarenta minutos iniciais da partida, as torcidas organizadas corintianas não cantaram suas músicas ou tocaram seus instrumentos, e a grande maioria dos torcedores nas arquibancadas principais permaneceram sentados e em silêncio.

Uma série de acontecimentos classificados por alguns torcedores como incomuns em jogos do Corinthians ocorreram nas arquibancadas.

Olhando para o setor tobogã, do outro lado do campo, Fábio comentou que não se recordava quando havia sido a última vez que estivera em um jogo sem torcedores no tobogã; Anderson concordou, também tentando lembrar-se quando foi o último jogo em que o setor não foi utilizado. Nos últimos anos, nos quais o Corinthians conquistou títulos relevantes em sequência[176], a boa fase do time era seguida pela intensa presença de torcedores nos jogos e ambos setores recebiam boa média de público,

[175] Em 6/2/2014, dia seguinte ao jogo, por meio de sua página no Facebook, os Gaviões da Fiel publicaram uma nota em que explicavam os intuitos com a ação, classificando-a como um "protesto silencioso": http://esportes.terra.com.br/corinthians/organizada-ataca-imprensa-e-manda-corintianos-justificarem-salarios,bbf86138d7904410VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html (acesso em 23/3/2016).

[176] O Campeonato Brasileiro em 2011, a Copa Libertadores da América e o Mundial Interclubes em 2012 e o Campeonato Paulista e a Recopa Sulamericana em 2013.

frequentemente com a lotação máxima. Como os ingressos para o tobogã eram colocados à venda apenas quando esgotadas as entradas para as arquibancadas principais, o setor estar vazio era sinal de que os ingressos de arquibancadas verde e amarela não se esgotaram. Fábio e Anderson tomavam o desempenho do time abaixo do esperado nas primeiras rodadas do Campeonato Paulista 2014 como explicação para a ausência de torcedores naquele setor.

O time do Corinthians entrou em campo e os poucos aplausos direcionados aos atletas partiram, sobretudo, de torcedores nas arquibancadas especiais laranjas e de alguns torcedores no topo do setor amarelo. Sob o silêncio no estádio, uma vez que a cantoria que dita o ritmo é protagonizada pelas torcidas organizadas, os atletas das duas equipes e os árbitros da partida se alinharam para a execução do hino nacional. Em demais jogos do Corinthians em que estive notei ser comum, durante a execução do hino nacional, os torcedores nos setores de arquibancadas permanecerem em pé, interromperem os cânticos enaltecendo o clube e as torcidas, e segurarem uma camiseta ao alto. Finalizado o hino os torcedores voltam a cantar, inicialmente gritando o nome do clube por diversas vezes seguido de outras músicas compostas pelas torcidas organizadas. Naquela noite, quando o hino começou a ser tocado, e os torcedores estavam sentados, um rapaz no setor amarelo, próximo ao núcleo dos Gaviões da Fiel, se levantou e ergueu sua camisa, repetindo o gesto usual. No entanto foi rapidamente repreendido por outro Gavião, ao seu lado, balançando o dedo indicador para os lados, em sinal negativo. O rapaz tornou a se sentar e vestiu a camisa.

Em meio a uma intensa disputa entre torcedores e atletas sobre o real lugar de atuação dos primeiros, reduzidos de maneira generalizada a "marginais" responsáveis por atos tidos como "violentos", ao deixarem de realizar os cânticos, as coreografias e demais posturas que são esperadas das torcidas organizadas, concretizavam uma inversão em suas próprias "corporalidades pensadas". Ao tomarem o papel de torcedor naquela noite como uma atuação dotada de objetividade política, conforme a fala do presidente dos Gaviões da Fiel, os limites das atuações torcedoras frente à situação mais ampla de que fazia parte o protesto[177] podem ser observados em cenas como a do rapaz que ergueu sua camisa durante a execução do hino nacional ou, ainda, nos embates descritos a seguir.

[177] Tinha-se, no silêncio dos torcedores na arquibancada, vestígios de distintos acontecimentos recentes: as derrotas do time no Campeonato Paulista; a ida dos torcedores ao CT; a carta emitida pelos jogadores.

O início do jogo foi marcado com o ressoar do apito do juiz, ouvido limpidamente do alto das arquibancadas. Assim como se ouvia o som do impacto da chuteira de alguns jogadores na bola quando realizavam chutes com maior força e os gritos dos jogadores entre si, sons abafados em situações de jogo em que há dezenas de tambores e milhares de vozes ecoando músicas nas arquibancadas. Nenhum bandeirão foi aberto pelas torcidas organizadas, diferentemente do costume de, no início de cada tempo do jogo, as torcidas organizadas alternarem-se na abertura e exposição, por alguns minutos, de um bandeirão de cada torcida.

Os acontecimentos do jogo não suscitavam reações coletivas entre os torcedores, comentários eram realizados entre os torcedores mais próximos e quando um torcedor se levantava ou se manifestava em tom de voz alto, era repreendido por outro e tornava a se sentar.

Alguns torcedores, que não vestiam roupas de torcidas organizadas e estavam no alto da parte central do setor amarelo, distante de qualquer aglomeração de torcidas organizadas, começaram a cantar uma música de apoio ao time, no espaço ocupado pelos Gaviões, muitas pessoas se viraram na direção deles. Não eram muitos os que cantavam, mas rapidamente outros se uniram ao agrupamento, marcando uma postura de não concordar com o protesto. Um rapaz vestindo camisa dos Gaviões subiu a arquibancada na direção do grupo, falou de forma acintosa, gesticulou com a mão e tornou a se sentar. Depois outro, sem vestir roupas de torcida organizada, se aproximou dos demais, que ainda cantavam, repetiu o ato de falar e gesticular, mas teve como resposta uma tentativa de soco desferida contra ele, e se esquivou. O torcedor que tentara o agredir subiu os poucos degraus da arquibancada que o separavam do corredor coberto no topo do setor, e foi seguido pelo rapaz de camisa branca que tentara agredir.

Com esse princípio de confusão, oficiais da polícia militar adentraram no setor amarelo e com cassetetes em mãos desferiram golpes contra alguns torcedores, causando intensa movimentação entre os que ocupavam o topo da arquibancada. Ainda com a presença de policiais militares no setor, os torcedores que outrora cantavam se reagruparam e, voltando-se para o espaço ocupado pelos Gaviões da Fiel, gritaram em coro repetidamente a palavra “democracia”. A resposta dos Gaviões, em gesto iniciado pelo presidente da torcida e rapidamente seguido pelos demais, foi, sem se levantar, virar-se ao agrupamento de policiais militares ainda no setor e aplaudi-los e, em

seguida, voltando-se para o topo do setor, aplaudir os torcedores que iniciaram os cânticos.

Por volta dos trinta e cinco minutos do primeiro tempo os integrantes da bateria dos Gaviões da Fiel se levantaram e empunharam os instrumentos; o movimento foi seguido pelas demais torcidas organizadas, que em conjunto cantaram o nome e o hino do clube diversas vezes, estendendo os cânticos durante o intervalo. No início do segundo tempo, abriram seus bandeirões, cantaram suas músicas e encenaram suas performances corporais. Não houve mais conflitos entre torcedores e os policiais militares permaneceram apenas próximos às arquibancadas de portão principal. Sendo um dos participantes da agitação na arquibancada, Anderson comentou: "agora voltou a ser como tem que ser".

Conforme o jogo se aproximava dos minutos finais, com uma derrota do Corinthians por dois a zero, muitos torcedores saíam do estádio com a partida ainda em andamento. Anderson retornaria caminhando, já Fábio voltaria de metrô por meio da linha verde com baldeação na linha azul, sentido Jabaquara, região sul da cidade – mesmo trajeto que eu realizaria. Como o funcionamento do metrô em São Paulo ocorre até poucos minutos além da meia noite, e o relógio já marcava 23h45, Fábio indicou que ao término da partida subíssemos as arquibancadas até o corredor superior, por onde sairíamos pelo portão 5, que permite acesso à Rua Itápolis, a partir de onde retornaríamos pelo mesmo trajeto da ida.

Assim que o árbitro indicou o fim da partida, subimos as arquibancadas e nos deparamos com o portão fechado, bem como a passagem para o setor de cadeiras laranjas, que permitiria acesso à mesma rua por outros portões. Sem oferecer uma justificativa para a não abertura dos portões, conforme protestos dos torcedores, algo incomum, três policiais militares permaneciam parados à frente dele e informavam que a única saída disponível era pelo portão principal. Sem discutir com os oficiais, muitos torcedores, dentre eles Fábio, seguiram a indicação, descendo os largos degraus de arquibancada entre passos e pulos apressados.

Ao sairmos pelo portão principal a movimentação de torcedores era intensa, e me concentrei em seguir Fábio, que se desvencilhava dos vendedores ambulantes posicionados na calçada à frente da saída do estádio, seguindo na direção dos escadões que permitem acesso à Rua Des. Paulo Passaláqua, preterida no caminho de ida ao jogo

pela possibilidade de estar fechada em razão do portão de acesso para torcedores visitantes.

O acesso ao escadão mais próximo à fachada frontal do estádio estava fechado com placas de alumínio, tal qual no lado oposto da praça, ligando-a à Rua Itápolis. Algumas placas foram afastadas por torcedores, tornando a passagem à rua lateral ao estádio acessível. Quanto mais torcedores passavam, mais as placas eram afastadas. Subimos o escadão e percorremos toda a Rua Des. Paulo Passaláqua junto aos demais torcedores que seguiam correndo na mesma direção. A saída dos torcedores do Bragantino pelo portão 22, com acesso pela mesma rua, não impediu que passássemos por ela e chegássemos à Rua Major Natanael, uma via íngreme, percorrida praticamente em passos de corrida.

Ao chegarmos à Avenida Doutor Arnaldo[178] notei que algumas pessoas tentavam, com relativo sucesso, interromper o trânsito dos veículos e atravessar a via. Alguns carros não paravam, conferindo o risco de atropelamentos. Entendi a situação quando nos deparamos com o acesso para a estação Clínicas fechado, e ao observar que, no lado oposto da avenida, outro acesso estava aberto. Fábio e os demais torcedores próximos a mim seguiram para a avenida, repetindo o ato de interromper o trânsito de veículos. Pulamos o muro que separa os dois lados da via e terminamos de cruzá-la em segurança, por fim conseguimos acessar a estação e embarcar em um vagão com destino final na estação Vila Prudente – um torcedor ainda se queixou, jocosamente, que após todos os problemas enfrentados, ainda tiveram de embarcar em um vagão de cor predominantemente verde[179].

A movimentação de torcedores no interior do Estádio do Pacaembu e seu entorno, quando algo não ocorria da maneira esperada, e a rapidez desses sujeitos para calcular novas possibilidades de ação indica o conhecimento com relação aos espaços

[178] Via com seis faixas para trânsito veicular, sendo três para cada sentido. No centro dela, divisando o lado das faixas que desembocam na Avenida Paulista do lado que desemboca na Rua Heitor Penteado, há um muro com aproximadamente um metro de altura.

[179] Há, entre corintianos, o hábito de se referir com certa aversão a objetos na cor verde, por ser tom predominante no símbolo do rival Palmeiras. O que foi observado em distintas situações: um cartaz na entrada da sede da Estopim da Fiel que indica ser "proibido entrar de verde"; críticas dos torcedores ao uso de bandeiras do Brasil em eventos promovidos pelo Corinthians e à instalação na arena de placas com a cor verde como predominante; em posicionamentos da própria diretoria do clube, como, por exemplo, com relação ao atraso para a instalação de placas de vidro na cobertura da arena, pois os primeiros modelos comprados pela construtora, ao serem iluminados pelos raios do sol refletiam a cor verde, conforme: http://copadomundo.ig.com.br/2014-05-18/por-causa-de-vidro-verde-corinthians-nao-fecha-cobertura-de-estadio-para-a-copa.html (acesso em 22/5/2016).

acessados, por um lado, e as necessidades impostas pelos fatos não corriqueiros, por outro. O que poderiam ser entendidos como atos de transgressão e de risco, como arrastar as placas de alumínio e interromper o trânsito de veículos em uma movimentada avenida, são repertórios de ação que se tornam necessários frente às interdições anteriores a que os próprios torcedores haviam sido submetidos sem explicações, como a não abertura do portão 5 ou o acesso aos demais portões que permitem acesso à Rua Itápolis, o fechamento dos escadões próximos ao portão principal e o horário da partida não condizer com o funcionamento de transporte público.

2.2) As praças esportivas na cidade

O Estádio do Pacaembu faz parte de um centro poliesportivo com piscina, quadras de tênis, salas para atividades de ginástica e quadras poliesportivas. A manutenção do espaço é realizada pela Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação da prefeitura municipal, sendo, por essa razão, local para usufruto da população que reside nas proximidades, mediante associação. A Avenida Pacaembu, no fim da qual esta o estádio, divide os bairros do Pacaembu e de Higienópolis, região nobre da cidade[180].

Ao término da Avenida Pacaembu, em uma rotatória, inicia-se a área de uma extensa praça que se encerra na entrada frontal do estádio, onde além do "portão principal", que dá acesso às arquibancadas principais, há o "Museu do Futebol"[181], uma loja especializada em produtos relacionados ao futebol (sobretudo camisas de clubes e

[180] A região é historicamente tomada como local de moradia de classes mais abastadas. Como indica a arquiteta Denise Antonucci (2006), a construção de bairros residenciais na área deu-se desde fins do século XIX, quando a área foi dividida em três partes, loteadas em terrenos voltados à elite cafeeira paulista para a construção de residências de grandes dimensões. Tais residências foram gradativamente substituídas por edifícios, em um processo de verticalização iniciado nos anos 1930. O bairro do Pacaembu manteve característica estritamente residenciais, ao passo que em áreas específicas de Higienópolis, como as Avenidas Angélica e Higienópolis, o uso de antigas casas para fins não residenciais e a construção de comércios nas mesmas criou uma "zona mista de alta centralidade e densidade", (Antonucci, 2006, p. 10), no entanto, a característica da região como residencial de classes abastadas foi mantida.

[181] Inaugurado no ano de 2007 o Museu do Futebol foi construído na área inferior ao setor de arquibancadas do Pacaembu, valendo-se da própria arquitetura do estádio como parte de seu acervo permanente. O espaço conta com um amplo auditório e realiza exposições temáticas temporárias, conforme: http://www.museudofutebol.org.br/institucional/o-projeto/ (acesso em 17/6/2016).

seleções) e um restaurante chamado "O torcedor" – o qual, apesar do nome, é fechado nas horas que precedem a concentração de torcedores em dias de jogos.

Nas partidas do Corinthians disputadas no Estádio do Pacaembu, a Praça Charles Miller e as ruas ao seu redor eram utilizadas pelos torcedores tanto como locais para passagem rumo às entradas do estádio quanto como locais para encontros. A área da praça é composta por vias de asfalto, faixas de calçada e espaços gramados, os últimos com cerca de meio metro de altura acima do piso da calçada que os circunda. A poucos metros do portão principal, há defronte um círculo gramado com as mesmas características.

Tanto a praça quanto o estádio foram construídos sobre um ribeirão canalizado, sendo a primeira ladeada por duas ruas íngremes que são planas nas laterais do estádio, onde estão localizados os demais portões de acesso (Ferreira, 2008, p. 70).

Na entrada da praça próxima à Avenida Pacaembu há uma banca de jornal, e espalhadas pela praça, afixadas em postes metálicos, lixeiras plásticas. Embora não existam bancos ou outros objetos que incentivem a permanência na praça, as laterais dos círculos gramados e muretas que divisam a calçada das laterais com chão de terra são utilizadas como tal, e em dias de jogos tais espaços dela são ocupados por grandes agrupamentos de torcedores, como pontos para encontros, locais para consumo de bebidas alcoólicas (cuja venda no interior do estádio é vetada), troca e/ou revenda de ingressos.

A região do Estádio do Pacaembu é bem servida de transporte público: no raio de 2km tem-se acesso a três estações de metrô que levam a diferentes regiões da cidade: a estação Clínicas, na linha 2-Verde, que interliga as estações Vila Prudente (zona leste) à Vila Madalena (zona oeste), possibilitando baldeação para a linha 10-Turquesa da CPTM, que percorre municípios do ABC paulista, e para a linha 1-Azul que interliga as estações Tucuruvi (zona norte) e Jabaquara (zona sul); a estação Paulista, na linha 4-Amarela, que interliga as estações Butantã (zona oeste), de onde partem linhas de ônibus para a região sudeste da cidade e municípios da Grande São Paulo como Carapicuíba, Osasco e Taboão da Serra, e Luz (região central), de onde partem trens das linhas 7-Rubi e 11-Coral, com destinos finais nos municípios de Jundiaí e Mogi das Cruzes, e interligam, respectivamente, as regiões noroeste e leste da Grande São Paulo. Através da linha 4, ainda, é possível o acesso à linha 1 do metrô, e a linha 9-Esmeralda

da CPTM, cujas estações limite, Osasco, à oeste, e Grajaú, a sul, permitem deslocamento por grande parte da região sudoeste da cidade; e a estação Marechal Deodoro, na linha 3-Vermelha, que interliga as estações Palmeiras-Barra Funda (zona oeste) e Corinthians-Itaquera (zona leste), com paradas em diversos bairros da zona leste e permitindo baldeação para a linha 12-Safira da CPTM, que parte da região nordeste da cidade chegando à estação Calmon Viana, no município de Poá.

Há pouco mais de 2km do Estádio do Pacaembu tem-se a estação Palmeiras-Barra Funda, que além do acesso à linha 3, permite acesso direto a duas linhas da CPTM, a 7-Rubi, já especificada, e a 8-Diamante, que percorre municípios da Grande São Paulo a oeste, interligando a estação Júlio Prestes (região central) a estação Itapevi (município da Grande São Paulo) e um terminal de ônibus de onde partem diversas linhas que atendem à região noroeste da cidade[182].

O estádio também está próximo a vias por onde passam diversas linhas de ônibus para distintas regiões da cidade, como a Rua da Consolação e a Avenida Paulista, trechos do itinerário de linhas de ônibus que interligam regiões da cidade (norte, sul e oeste) entre si e à região central. A proximidade do estádio a tais vias também torna possível a criação de muitas rotas de deslocamento por meio de carros e ônibus particulares.

Diferente do Estádio do Pacaembu, a Arena Corinthians não oferece tantas opções para deslocamento em seus arredores. Está próxima de duas estações da linha 3 do metrô, Corinthians-Itaquera e Artur Alvim, que permitem acesso a nove estações na zona leste, à região central da cidade e à estação de metrô e trens da Barra Funda. Nas estações Sé e República, região central da cidade, é possível realizar baldeações para as demais linhas do metrô: na Sé, para a linha 1, que liga as zonas norte e sul; e na estação República, para a linha 4.

A estação Corinthians-Itaquera também conecta os trens da linha 11, que, no sentido Luz, oferece acesso à estação do Tatuapé e à região central da cidade, por meio das estações Brás e Luz. Nelas é possível baldear, respectivamente, para a linha 12 e a linha 10. No sentido oposto, os trens da linha 11 percorrem o extremo leste da Grande São Paulo, tendo a parada final na cidade de Mogi das Cruzes.

[182] Para um entendimento mais fluído dessa geografia, ver mapa do transporte público na seção "iconografia" deste capítulo.

Há dois terminais de ônibus próximos à arena, localizados nas estações Corinthians-Itaquera e Artur Alvim. As linhas que partem dali percorrem, sobretudo, bairros na zona leste, conectando-os a estações de metrô, ou trajetos mais extensos, como a linha "4310/10-Corinthians-Itaquera/Terminal Parque Dom Pedro II", que realiza percurso semelhante ao das linhas férreas, seguindo em paralelo a elas por meio da Avenida Radial Leste[183].

Desde os primeiros eventos realizados na arena, os torcedores foram incentivados, tanto pelo clube quanto pela mídia, a privilegiarem o uso de transporte público. O acesso à região da arena com carros particulares pode ser feito a partir da região central da cidade por meio das vias Radial Leste e Marginal do Rio Tietê, em seguida acessando-se a Radial, como é chamada, na região do bairro do Tatuapé.

A partir de situações vivenciadas durante a pesquisa de campo, foi possível observar como a diversidade de opções para se chegar ao Pacaembu era utilizada pelos torcedores, bem como apontar que nos primeiros meses da frequência de torcedores à Arena Corinthians, os atores dessa pesquisa lidavam com as possibilidades de transporte em caráter de teste, buscando criar trajetos que entendessem como eficientes para serem repetidos a cada dia de jogo[184].

2.2.1) Transitando por uma cidade viva

Às vésperas da Copa do Mundo de 2014 a região da arena era tomada como um local de difícil acesso. Dentre os expoentes dessa noção estava Carlos Miguel Aidar, dirigente do SPFC, que em uma entrevista para o canal de TV paga ESPN declarara que Itaquera "é outro mundo, outro país, não dá para chegar lá", o que ainda pode ser creditado à esfera das disputas clubísticas pelo estádio sede da Copa do Mundo, abordada no primeiro capítulo. A resposta do Corinthians foi veiculada com uma série de vídeos, publicados na internet em abril de 2014. Neles quatro pessoas se deslocavam

[183] Radial Leste ou Avenida Alcântara Machado é o nome dado a uma junção de avenidas que cruza distintos bairros da zona leste paulistana, conectando-os a região central, paralela aos trilhos dos metrôs e trens (Rodriguez, 2006, p. 72-75). A construção da avenida foi iniciada na década de 1960 e na seguinte foram implantados os trilhos da linha 3 do metrô (Frúgoli Jr. & Rolnik, 2001, p. 44).
[184] A esse respeito, vide Anexo A.

da Praça da Sé, tomada como "marco zero" da cidade de São Paulo, para a Arena Corinthians e para o Estádio do Morumbi utilizando os mesmos meios de locomoção – transporte público e táxi. O tempo investido em cada deslocamento era comparado, sendo a conclusão apresentada nos vídeos a de que chegar à Itaquera era "mais fácil", pois mais rápido do que ao Morumbi[185].

Sem o caráter clubístico expresso nessa disputa entre SCCP e SPFC, o tema também foi abordado pelo jornalista Alexandre Silvestre em uma série de reportagens intitulada "Caminhos do mundial", realizada para o programa esportivo semanal "Mesa Redonda", da "TV Gazeta". O repórter se deslocou do prédio da emissora, na Avenida Paulista, para Itaquera por meio de distintos meios de locomoção: táxi, ônibus, metrô, trem, bicicleta e moto[186].

A ênfase nessa questão diz respeito ao entendimento da região do estádio corintiano como distante das regiões centrais da cidade de São Paulo. Alguns referenciais de centralidade em São Paulo são abordados por Frúgoli Jr. (2000), como o Centro Tradicional, a Avenida Paulista e a região da Avenida Luiz Carlos Berrini, os dois últimos no quadrante sudoeste da cidade de São Paulo. Por Itaquera ser 'distante' dessas regiões entende-se duas qualificações do termo, em um primeiro plano relativa ao afastamento geográfico entre tais regiões, donde decorre a segunda compreensão: trata-se de um afastamento moral.

Tomada como "cidade-dormitório"[187], grande parte da zona leste (onde insere-se Itaquera) pode ser entendida nessa discussão como uma "região moral", no sentido atribuído por Robert Park, que propõem pensar a cidade a partir dos "processos de segregação [que] estabelecem distâncias morais que fazem da cidade um mosaico de pequenos mundos que se tocam, mas não se interpenetram" (1972, p. 61). Assim, era questionado se a zona leste, região tida de maneira segregada como local de moradia de

[185] Os vídeos podem ser acessados em: http://www.brasilpost.com.br/2014/04/15/estadio-mais-longe-itaquerao-morumbi_n_5155799.html (acesso em 20/4/2016).
[186] Uma das reportagens pode ser vista em: http://tudotimao.net/news.asp?nID=77265 (acesso 10/6/2016).
[187] O termo "cidade-dormitório" refere-se à concentração de áreas residências, sobretudo destinadas trabalhadores de baixa renda, em regiões periféricas das grandes cidades; ver (Ojima, Pereira, Silva, 2007). Em São Paulo a formação dessas regiões mantém relação com a destinação de investimentos por parte do poder público, "que, de um lado, concentrou investimentos no centro expandido protegendo, através de um complexo regulatório urbanístico, o patrimônio imobiliário da população de maior renda que vive nesse território e, de outro, priorizou investimentos na periferia, basicamente em sistema viário e de transportes, que servem para mover a população trabalhadora da cidade-dormitório para os espaços de trabalho", (Frúgoli Jr. & Rolnik, 2001, p. 45).

populações de baixa renda, estaria apta a receber jogos da Copa do Mundo e de um time de grande torcida na cidade.

O local da arena em relação a demais pontos da Região Metropolitana de São Paulo, pode ser problematizado a partir da etnografia.

No dia 1/10/2014, uma quarta-feira em que Corinthians e Atlético/MG jogaram às 22h na Arena Corinthians, combinei previamente de me encontrar com Vinícius[188] às 18h, imediatamente após sua saída do trabalho, na estação Bresser-Mooca da linha 3 do metrô, de onde seguiríamos para a estação Corinthians-Itaquera, distante nove paradas entre si.

Residente na região central do município de São Bernardo do Campo[189] e empregado há cinco anos na mesma empresa, enquanto nos deslocávamos para a arena, Vinícius realizou uma densa explicação sobre os trajetos que costumava realizar para ir às partidas do Corinthians no Estádio do Pacaembu, indicando como o horário de início do jogo influenciava em seus deslocamentos.

Para ir aos jogos disputados em dias de semana com o início da partida marcado para até as 20h30, pela manhã utilizava transporte público para ir ao trabalho, trólebus, trem da CPTM e metrô. Após a jornada de trabalho, seguia pelo metrô até a estação Paulista, desembarcando na Rua da Consolação e caminhando até o estádio. A escolha da estação Paulista frente às demais nos arredores no Pacaembu se dava em razão de encontrar-se com amigos em bares na Avenida Angélica.

Após o jogo, em situações em que não havia nenhum amigo retornando de carro para o ABC paulista, retornava para sua casa utilizando metrô, trem e trólebus.

Em partidas disputas à tarde em finais de semana ou em dias de semana com o início posterior às 20h30, utilizava carro particular. Aos finais de semana ia com seu

[188] Fui apresentado a Vinícius por outros torcedores, Valter, Gomes e Cassiano, com quem eu conversava durante o intervalo do jogo entre Corinthians e Internacional/RS em 17/7/2014. Após a partida, na noite daquela quinta-feira, Valter – torcedor que conheci ainda no período de iniciação científica – realizou uma publicação no Twitter, indicando ter sido uma "satisfação" nossa conversa em Itaquera, Vinícius, que segue as publicações de Valter, respondeu a ela diretamente a mim, e começou a seguir as minhas publicações, o que foi feito por mim com relação ao perfil dele naquela rede social. Os usos do Twitter pelos torcedores serão especificados no terceiro capítulo.

[189] Vinícius se refere ao local que mora definindo-o como "próximo ao centro" de São Bernardo do Campo, por estar a poucos quarteirões do terminal de ônibus urbanos e intermunicipais, do paço e da pista de skate municipais.

carro ou de algum amigo[190], parando em lojas de conveniência[191] para comprar cerveja. Descreveu que seguiam pela Avenida do Estado, via paralela ao Rio Tamanduateí, que percorre os municípios de Santo André e São Caetano do Sul, interligando-os à região central de São Paulo.

Em dias de semana com jogos iniciados após as 20h30, deslocava-se para o trabalho com seu carro e, posteriormente, para o estádio. Costumava estacionar sempre na mesma altura da Rua Rio de Janeiro (distante 500m do estádio), e caminhava até o estádio. Citou em seu relato que um mesmo homem atuava como "flanelinha"[192] em todos os dias de jogos naquele trecho da rua e que sempre entregava a ele a quantia de cinco reais e uma cerveja ou um "corote"[193]. Expressou confiar no serviço prestado por ele ao mencionar um dia em que seu carro estava sem um dos vidros: "Estava só com um remendo feito com papelão e fita adesiva, ele ficou cuidando do carro, e quando eu voltei estava tudo certo".

É relevante observar como a ocorrência do jogo define o modo de mobilidade de Vinícius pela cidade ao longo de todo o dia, sobretudo para as partidas realizadas em dias de semana, e como ele então lançava mão da diversidade de opções e equipamentos para chegar ao Pacaembu. A noção das recorrências e de uma cidade familiarizada para cumprir o trajeto era expressa na figura do "flanelinha" e nos locais das paradas para comprar cerveja. As escolhas para os trajetos percorridos também eram pautadas pelos seus laços de amizade com demais torcedores corintianos.

Naquela data, quando me encontrei com Vinícius, ele vestia bermuda jeans, tênis esportivo e camisa do Corinthians, que definiu como "roupa de estádio". Trazia em mãos uma sacola plástica de supermercado com três latas de cerveja, e bebia uma. Explicou-me que, tanto as roupas quanto as cervejas diziam respeito ao modo como se deslocara naquele dia, tendo em vista a ida ao jogo.

[190] Refere-se ao agrupamento de torcedores no carro como "mula": "a gente ia em uma mula grande, uns seis caras dentro do carro".
[191] Anexas a postos de gasolina, onde se vende uma diversidade de produtos, sobretudo alimentos e bebidas.
[192] Pessoa que, informalmente, "toma conta" de carros estacionados em vias públicas em troca de pequenas quantias em dinheiro (mas que em dias de jogos sobem de valor).
[193] Marca de uma aguardente de cana de açúcar que tem por especificidade o envasamento em uma garrafa plástica, de formato arredondado e com 500ml do produto, é vendida a preços baixos – em lojas de conveniência, como as citadas por Vinícius como local para compra de bebidas a caminho do estádio, não custa mais do que R$5,00.

Pela manhã foi ao trabalho utilizando seu carro, deixado durante o dia em um estacionamento da empresa. Ao término do horário de trabalho seguiu para o supermercado, onde trocou de roupa dentro do carro e comprou as cervejas. Em seguida seguiu de carro para a estação Bresser-Mooca, onde deixou o veículo em um estacionamento do metrô: ao custo de doze reais poderia deixar o carro nele por até doze horas e recebia ainda dois bilhetes de metrô.

Era a primeira vez que realizaria seu deslocamento em um dia de jogo na arena dessa maneira, pois nas duas partidas anteriores com início às 22h havia ido para Itaquera com o metrô e retornado para São Bernardo do Campo com amigos, que foram para a arena de carro. Como era sabido que seus amigos não iriam ao jogo, teria de percorrer o caminho de volta sozinho e escolheu a data para fazer o teste. Sua principal preocupação era com o retorno após o jogo.

Nas duas partidas disputadas anteriormente na arena com início às 22h, em 23/7/2014 e 3/9/2014, os torcedores enfrentaram problemas para acessar as estações próximas à arena. O término da primeira ocorreu poucos minutos antes da meia-noite, e, dado o horário de fechamento das estações Corinthians-Itaquera e Artur Alvim entre 00h19min e 00h21min, muitos torcedores não conseguiram acompanhar a partida até o fim e acessar o metrô ou os trens da CPTM[194].

Em 29/7/2014, após uma reunião entre Andrés Sanchez, à época com o cargo de gestor da arena, Mário Gobbi, à época presidente do clube, e representantes do governo do Estado de São Paulo, foi estabelecido que, em dias de jogos com início às 22h, o horário de funcionamento das estações de metrô seria prorrogado até 00h30min[195]. No entanto, após a partida contra o Bragantino, disputada em 3/9/2014, a primeira do Corinthians após o anúncio, torcedores se queixavam que o acordo não fora cumprido. Como Vinícius teria de retornar para a estação Bresser-Mooca para retirar o carro do estacionamento, planejava sair da arena com o jogo ainda em andamento.

Durante o jogo contra o Atlético/MG, em 1/10/2014, o sistema de som da arena informou repetidas vezes que as estações Artur Alvim e Corinthians-Itaquera estariam

[194] A situação de torcedores que não teriam como voltar para casa foi abordada pela mídia, conforme: http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,torcedores-perdem-o-ultimo-trem-do-metro-apos-jogo-no-itaquerao,1533134 (acesso em 21/4/2016).

[195] O que era válido para as estações mais próximas a todos os estádios na cidade: http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2014/07/metro-e-cptm-funcionarao-ate-mais-tarde-nos-dias-de-jogos-22h.html (acesso em 21/4/2016).

abertas até 00h30min. Como Vinícius e eu acompanhamos a partida em setores distintos[196], apenas em um dia de jogo seguinte ele informou-me que havia retornado tranquilamente para casa, sem a necessidade de sair da arena antes do término do jogo. O uso dos estacionamentos disponíveis em estações de metrô, inclusive, passou a ser uma constante para ele e demais torcedores para ir aos jogos, inclusive aos finais de semana. Na região da arena, até a inauguração do estacionamento da mesma[197], o principal espaço utilizado pelos torcedores para estacionar carros e motos em dias de jogo era o do Shopping Itaquera. O custo de R$7,00 para uso do serviço por até quatro horas era considerado vantajoso pelos torcedores, no entanto, a lentidão causada pela grande quantidade de carros partindo do mesmo após as partidas era tomada como fator negativo. Os estacionamentos das estações de metrô passaram a ser utilizados como uma alternativa para realizar um trecho do trajeto de carro e outro por meio de metrô ou trem da CPTM.

Os problemas para uso de transporte público em jogos iniciados às 22h constituíam uma situação antevista pelos torcedores ainda às vésperas da inauguração da arena, como indicado anteriormente, na conversa entre Fábio e Anderson em 5/2/2014, ou, por exemplo, como indicado por Samuel, morador do bairro de Guaianases, próximo à estação da CPTM com mesmo nome. Durante o já citado Churrasco da Fiel Torcida realizado ao lado da arena em março de 2014, comentou que para jogos iniciados às 22h mobilizaria a estratégia de conversar com funcionários da CPTM, para saber qual o horário exato do "último trem" para Guaianases. A partir dessa informação, calcularia o tempo necessário para deslocar-se da arena à estação.

Samuel destacava certa empolgação com relação à construção da arena em Itaquera, em razão da proximidade com o seu bairro, que facilitaria sua presença nos jogos. Descreveu, de maneira comparativa, o modo como se deslocava para casa após jogos no Pacaembu, também se referindo às partidas iniciadas às 22h. Como as

[196] Vinícius havia comprado, pela primeira vez, ingresso para o setor leste inferior, posicionado em uma das laterais do campo, em vez de para o sul, atrás de uma das traves, no qual havia acompanhado todos os jogos até então. Indicou que sua escolha se deu por considerar que e a diferença entre os valores cobrados para o acesso aos dois setores não ser muita alta – enquanto o ingresso para o setor sul custava R$30,00, para o setor leste inferior custava R$50,00 – a visão do campo ser privilegiada, em comparação ao setor sul, e pela proximidade ao setor norte, acessado pelas torcidas organizadas e por isso "mais agitado" do que o sul.

[197] Inaugurado oficialmente em fevereiro de 2015 (para o último jogo da equipe em 2014 funcionou com capacidade reduzida, em caráter de "teste"), está localizado em uma área ao lado da lateral oeste da arena. O serviço é comercializado pelo site do Fiel Torcedor pelo preço de R$32,50, em procedimento semelhante ao da compra de ingressos.

atividades da estação Marechal Deodoro, na linha 3, eram encerradas pontualmente à meia noite, saía do estádio entre dez e quinze minutos antes do término da partida. Apesar de "dar uma corridinha", com frequência encontrava a estação já fechada, tendo de seguir para Guaianases utilizando três linhas de ônibus e chegando ao seu destino por volta das 2h. Com os jogos disputados em Itaquera calculava que em uma situação em que não conseguisse utilizar os trens da CPTM, poderia seguir a pé para sua casa.

Encontrei-me novamente com Samuel em 1/9/2014, em outro churrasco, dessa vez realizado no estacionamento do Parque São Jorge[198]. Com a arena como local dos jogos do clube há cerca de quatro meses, retomei o tema de nossa conversa em março. Comentou que estava "sorrindo por dentro" ao ver tantos torcedores se queixando por enfrentarem problemas semelhantes aos enfrentados por ele durante anos para retornar para casa após as partidas. Comentou que no dia 23/7/2014, data da primeira partida disputada na arena com início às 22h, ao chegar à estação Corinthians-Itaquera informou-se de que o último trem com destino a Guaianases partiria às 00h15min. No entanto, a passarela que confere acesso à estação Corinthians-Itaquera foi fechada à meia-noite, impedindo que ele e demais torcedores a acessassem. Por essa razão, retornou de ônibus para Guaianases.

Apesar de se queixar pelo horário de término dos jogos disputados às 22h, ressaltou que tais não afetavam sua jornada de trabalho, pois se ocupa de maneira autônoma como designer gráfico em sua própria residência. Ponderava, no entanto, que tal questão configurava um problema para seus colegas de torcida.

A questão do dia seguinte aos jogos iniciados às 22h havia sido discutida por Nei, Maurício e Donizete em uma conversa na sede da Estopim da Fiel, em 18/5/2014. Recordavam-se dos jogos disputados pelo Corinthians na Libertadores de 2012, em que

[198] Se os churrascos realizados no período de construção da Arena Corinthians tinham por objetivo "comemorar e fiscalizar" o desenvolvimento da obra, a reunião em 1/9/2014 teve caráter semelhante: torcedores se valeram do aniversário do clube para uma reunião a frente da sede social do mesmo e, por meio de faixas, bandeiras e palavras de ordem se manifestarem contrários ao modo de gestão da arena. Placas da campanha eleitoral de Andrés Sanchez (candidato a deputado federal), espalhadas pelo estacionamento, foram rasuradas pelos torcedores com frases como: "Mármore e luxo não cantam na arquibancada", "Cadê o balanço (financeiro) do estádio?" e "Andrés, aqui não tem burguês", este último um lema do "Movimento por um Corinthians Popular" – nomenclatura dada a um agrupamento recém-formado. Bonecos em formato de fantasmas simbolizavam outros ex-presidentes corintianos, além de faixas que deixavam claro a principal reivindicação: ingressos mais baratos como forma de ter um "Corinthians popular".

todas as partidas disputadas pela equipe no Estádio do Pacaembu foram em quartas-feiras e tiveram início às 22h.

Maurício comentou que foi em todos os jogos daquela edição da Libertadores e, como chegavam de volta à sede da Estopim sempre por volta das 2h da manhã, após a maioria dos jogos não foi para casa e dormiu na própria sede da torcida, seguindo diretamente para seu local de trabalho. Contava que ir aos jogos nessas condições era uma "irresponsabilidade", visto que trabalha operando máquinas, e mesmo que tomasse grandes quantidades de café durante o dia, não se sentia trabalhando com segurança, em razão do sono. Donizete, que trabalha como segurança em uma empresa, expôs que durante o seu trabalho no dia seguinte a estes mesmos jogos costumava cochilar na guarita. Nei, recordando que Donizete mora em Itaquera, comentou que para ele seria tranquilo ir aos jogos à noite na arena, enquanto que para os corintianos que retornariam para Diadema, seria complicado.

O término dos jogos a poucos minutos da meia-noite (ou até ultrapassando esse horário) em dias de semana configurou-se como um problema para os torcedores durante anos de jogos realizados no Pacaembu, como disposto nas falas de Nei, Maurício, Donizete e Samuel, e como descrito no sub-item anterior. O prejuízo ao retorno para casa dos torcedores-citadinos compromete, assim, o dia seguinte dos torcedores-trabalhadores e a própria fruição da partida – visto que com frequência são perdidos alguns minutos finais dos jogos.

No entanto essa questão apenas foi problematizada pelo clube após o primeiro jogo disputado na arena com início às 22h, em que o acesso às demais regiões da cidade – central, norte, oeste, sul – passou a prejudicar grande parcela dos torcedores, estimulados pelo clube ao uso do transporte público para ir e voltar das partidas.

Os horários dos jogos realizados aos finais de semana por vezes eram tomados como ruins, embora não de difícil acesso. A questão do horário das partidas atrelado às possibilidades para a circulação pela cidade é ressaltada como um problema com relação aos jogos realizados em dias de semana e à noite. Se aqueles iniciados às 22h dificultam o retorno para casa, e acompanhar a partida até o apito final, o outro horário praticado para jogos em dias de semana, às 19h30min, dificulta, por sua vez, a chegada à praça esportiva a tempo do apito inicial.

Uma das situações em que observei o horário de início do jogo como um problema para os torcedores foi em 17/7/2014, uma quinta-feira, em que Corinthians e Internacional/RS se enfrentaram na Arena Corinthians a partir das 19h30min. Em razão do intenso tráfego de veículos pelas vias da Grande São Paulo no horário, para essa partida a Estopim da Fiel não fretou um ônibus para seus associados, que se deslocaram para Itaquera através de transporte público.

Nos dias anteriores foi informado pela diretoria da Estopim, por meio de sua página no Facebook, que os torcedores iriam para o jogo por transporte público e se encontrariam na estação de metrô Jabaquara às 17h37min[199]. Assim, desloquei-me para Diadema no intuito de acompanhar os torcedores que sairiam da sede em todo o trajeto.

Saí da sede da Estopim às 18h junto a cerca de trinta torcedores, a maioria vestindo a camisa oficial da Estopim ou agasalhos com o nome da torcida. A primeira etapa do trajeto, até a estação de metrô Jabaquara, foi percorrida em um trólebus em cerca de quinze minutos. Na plataforma de desembarque dos ônibus dessa linha e na região das catracas para o acesso ao metrô, demais Estopins[200] aguardavam a chegada do agrupamento vindo da sede – composto, sobretudo, por membros da diretoria da torcida.

Eles seriam responsáveis pela decisão do trajeto a ser realizado até Itaquera, que não havia sido definido previamente. E diante do desconhecimento dos rapazes de

[199] Os eventos agendados pela Estopim, como a saída para jogos, são informados em cartazes na sede e imagens divulgadas via internet. O horário para tais é informado com o número sete adicionado à contagem dos minutos – como no caso citado, 17h37. Em uma de minhas idas a sede da Estopim, um dos secretários da torcida, Henrique, explicou-me que o uso dessa numeração é um modo de fazer referência ao ano de 1977, em que o SCCP conquistou o Campeonato Paulista após um período de 23 anos sem conquistas do clube no futebol profissional. Tal menção é indicada também na nomeação do ônibus da torcida – o "buzo 77" – e na própria camisa da torcida, criada como "réplica" da utilizada pelos jogadores no ato da conquista.

[200] Um associado da Estopim da Fiel é referido entre os torcedores organizados corintianos como "estopim" e um agrupamento deles é chamado de "estopins". Assim como os associados dos Gaviões da Fiel, individualmente são referidos como "gavião". Os associados à Camisa 12 e à Pavilhão 9 são referidos conforme o nome de seus respectivos mascotes, são "dozitos" – outrora um mosqueteiro mirim, atualmente é representado como um adolescente forte e viril, como observado por Toledo (2012, p. 131) – e "metralhas" – referência aos "irmãos metralha", personagens de desenhos (histórias em quadrinhos e animações) dos Estúdios Walt Disney que compõe uma quadrilha de ladrões, em versões estilizadas aparecem em camisas e bandeiras dessa organizada. Há um diálogo entre a corporalidade dos torcedores e as formas de representação dos mascotes das torcidas, em que a primeira é "fortemente assentada na musculatura dos gestos, no exibicionismo e enfrentamentos corporais" (Toledo, 2012, p. 130), qualidades também expressas nos segundos. Tal "corporalidade pensada", como indica o autor, "ganha traços a exprimir e moldar formas de socialidade" (2012, p. 130), o que pode ser tomado para pensar certas representações em voga quando os torcedores se autorreferem enquanto "Estopins", "Gaviões" etc, trata-se, justamente, de valorizar tais expressões.

Diadema sobre o transporte público para a zona leste, durante o trajeto se discutia qual seria, justamente, o caminho mais eficaz a ser realizado. Sem dúvida um contraponto, por exemplo, aos jogos realizados no Estádio do Pacaembu, em que a rota percorrida era já conhecida pelos torcedores.

Quando chegamos à plataforma de embarque, Paulo, um dos secretários da torcida apressou-se em conversar com três seguranças do metrô – identificados por roupas na cor preta. Dois deles, além de Paulo, passaram a orientar os torcedores a se dirigirem para o término da plataforma, a fim de que embarcássemos no último vagão: a estação Jabaquara é a primeira da linha no sentido sul-norte da linha 1, de modo que os trens, ao chegarem à plataforma, estão vazios. Conforme me explicou um dos seguranças, o intuito era fazer com que o último vagão fosse ocupado exclusivamente pelos torcedores, o que classificou como um "procedimento padrão" para deslocamento de torcidas no metrô.

Enquanto aguardávamos a chegada do metrô, acompanhei uma discussão entre Paulo, Gilmar, e Júlio, membro antigo da Estopim, que não ocupava cargo em sua estrutura hierárquica. O primeiro havia proposto que os torcedores seguissem de metrô até a estação Sé, onde há baldeação para a linha 3, de onde seguiríamos para a estação Corinthians-Itaquera. Júlio propunha que o deslocamento até Itaquera não fosse realizado totalmente pelo metrô, mas sim seguindo até a estação Luz, também na linha 1, onde embarcaríamos em um trem da linha 11 da CPTM para Itaquera. A dúvida entre eles era se havia, realmente, a linha da CPTM que parte da Luz e passa Itaquera, indicada por Gilmar como existente apenas no período da Copa do Mundo para atender ao público que ia a arena[201].

Acompanhei a conversa entre eles, registrando trechos em meu caderno de campo[202]. Seguranças do metrô e mapas do transporte público, afixados nas laterais do

[201] Uma linha chamada "expresso da copa" foi criada para atender ao público do megaevento que acompanharia jogos na Arena Corinthians, percorreria apenas o trecho entre Luz e Corinthians-Itaquera da linha 11 coral da CPTM, sem realizar as duas paradas entre ambas, nas estações Brás e Tatuapé.

[202] A riqueza de dados da descrição, contando com o registro de falas, se deu em razão de que utilizava para a anotação de dados no campo um aplicativo de texto em meu smartphone. Adquiri tal aparelho algumas semanas após a primeira ida a campo em 2014. Em 2012, durante a realização da pesquisa de iniciação científica, por duas vezes tive de deixar caderninho de papel e canetas em um lixo na entrada do Pacaembu, sob alegação policial de que tais materiais eram inflamáveis e tinham a entrada proibida nos estádios paulistas. O uso do smartphone para realizar anotações favoreceu a riqueza de dados registrados durante a etnografia, uma vez que era manipulado entre os interlocutores sem causar o estranhamento quanto à caneta e ao caderninho.

vagão, foram acionados para decidir qual caminho realizar quando o metrô já se deslocava.

Nesta situação emergem não apenas o diálogo sobre as opções de transporte público disponíveis na cidade, mas o modo de definir o caminho permite pensar as tomadas de decisões na Estopim e friccionar a própria organização da torcida: o trajeto feito, via metrô, foi decidido pelo tesoureiro da torcida, que, dentre os presentes, era o mais próximo do topo da escala hierárquica da torcida.

O senso de companheirismo entre torcedores, o pertencimento à torcida organizada e o respeito às lideranças, valores destacados por Hollanda (2009) e Toledo (1996) sobre tais coletividades ajudam a entender porque, mesmo contrariados, Júlio e os demais torcedores seguissem juntos rumo a Itaquera.

Durante o trajeto, os torcedores deram-se conta de que possivelmente chegariam à arena após o início do jogo, o que motivou reclamações com relação à lentidão do metrô, tais como: "expresso copa não tem mais, é só pra gringo", "na Copa estava suave[203], agora é isso aqui" e "eu não estou gostando de ir para o estádio de metrô, eu quero o Pacaembu de volta".

Eram 18h50min quando desembarcamos na estação Sé, que estava cheia, uma vez que era horário de rush. O agrupamento acessou o andar da plataforma de embarque para o sentido Corinthians-Itaquera cantando o hino do clube, o que, notavelmente, chamava a atenção dos demais no espaço. Alguns, que vestiam camisas do Corinthians, se juntaram ao coro de vozes.

Paulo ia à frente e assim que chegamos à plataforma de embarque sentido Corinthians-Itaquera, orientou, com um movimento dos braços, que seguíssemos para o término dela. Rapidamente, o efeito monocromático das camisas da Estopim listradas em preto e branco se dissolveu entre as tantas cores de roupas das pessoas que ocupavam a plataforma de embarque. Os Estopins se dividiram entre as três últimas baias para acesso às portas do metrô.

Os primeiros dois trens que chegaram estavam lotados e poucas pessoas conseguiram embarcar nos mesmos. Era visível o descontentamento de usuários do

[203] Expressão que designa, nessa situação, que na época da Copa do Mundo o metrô funcionava sem problemas.

metrô, alheios à partida de futebol que ocorreria em Itaquera, com a presença dos torcedores, cantando, falando palavrões e apressando a entrada nos vagões.

Em frente a cada baia permanecia um segurança do metrô, e pelo que notei, a função deles era impedir que as pessoas se aproximassem de uma faixa amarela no chão, que limita a área segura entre o trem e a plataforma. Paulo chamou um dos seguranças e perguntou da possibilidade de envio de um trem vazio para o embarque dos torcedores, o que foi negado, indicando que a maneira mais eficaz dos torcedores embarcarem seria se dividindo a cada trem que chegasse, o que gerou mais protestos por parte dos torcedores.

Em rápida conversa que travei com o segurança, o mesmo comentou que o jogo naquele horário era "horrível", uma vez que os trens saem da estação Barra Funda, primeira da linha 3 no sentido oeste-leste, já cheios, "tinha que ser no mínimo às oito e meia".

Um rapaz próximo a mim, que não ostentava nada alusivo ao Corinthians, fez coro ao protesto dos torcedores, e sugeriu que fosse enviado um trem vazio para uso deles. Queixou-se do tumulto provocado pela presença de torcedores no mesmo horário em que havia muitas pessoas saindo do trabalho e seguindo na direção da zona leste, indicando que a realização de jogos em Itaquera naquele horário seria um fator a mais para complicar o uso do metrô no sentido centro-leste. Revelou-se corintiano, mas falou que não iria para a partida daquela noite, a partir do que ganhou a simpatia de um dos rapazes da Estopim ao seu lado, junto do qual indicaram a raiz do problema: o horário do jogo.

Tiveram por consenso que o horário das 22h para o início do jogo é ruim, pois dificulta o retorno para casa. Já as partidas iniciadas às 19h30min eram tomadas como ruins dadas as dificuldades para se chegar a tempo do início. "Se fosse às oito da noite já era mais *de boa*", comentou o rapaz da Estopim.

Em outras situações, com outros torcedores, também indicavam essa mesma leitura: jogo à noite, em dia de semana deveria ter o início agendado entre 20h e 21h, de modo a não prejudicar a chegada ao estádio, o retorno para casa, o dia seguinte de trabalho dos torcedores e, evidentemente, a própria fruição da partida. Todos esses fatores, quando entrecruzados, revelam que o jogo, enquanto acontecimento que

mobiliza atores a percorrerem a cidade por diversos meios, pode ser compreendido a partir do ponto de vista situacional e relacional da cidade, em que distintas questões compõem uma "implicação situacional" (Agier, 2011, p. 89)

2.3) Setores de arquibancadas

Como indicado no subitem 2.1, em jogos do Corinthians no Estádio do Pacaembu o setor de arquibancadas principais era ocupado por torcedores organizados e não organizados. Cabe, então, detalhar os usos que eram feitos desse setor.

Nas parcelas do alambrado defronte às arquibancadas principais, com formato de semi-círculo, em jogos do Corinthians eram amarradas, em um lado, uma faixa dos Gaviões da Fiel e, em outro, uma da Pavilhão 9. E em toda a extensão do alambrado, exceto no setor tobogã, torcedores – autorreferidos como "alambradinos" – permaneciam em pé, com o corpo colado à grade, acompanhando os lances do jogo.

A primeira fileira de arquibancadas está a cerca de quatro metros de altura acima da alameda. O acesso a elas se dá por meio de escadas de concreto e no espaço interno dos pavilhões das arquibancadas, estão banheiros e lanchonetes. A alameda, ainda, era um espaço muito acessado por torcedores no intervalo dos jogos, tanto para o uso dos banheiros e lanchonetes, quanto para encontros entre si, sobretudo associados de torcidas organizadas distintas que acompanhavam os jogos em diferentes pontos das arquibancadas principais.

O espaço de cada torcida organizada na "bancada"[204] era demarcado sumariamente de dois modos: pela ocupação do mesmo por torcedores vestindo a camisa da torcida e formando a "padronização"[205], além da colocação de uma faixa com o nome da torcida nos corrimões em frente ao espaço ocupado pelos torcedores.

[204] Termo utilizado pelos torcedores como referência aos setores de arquibancada principal.
[205] A padronização é o efeito monocromático formado pela aglomeração de torcedores vestindo o mesmo modelo de camisa abaixo ou ao redor dos membros da bateria da torcida.

Nos jogos do Corinthians no Estádio do Pacaembu tinha-se, na ponta da arquibancada verde, próximo à grade que a divide de um dos setores de cadeiras[206], a Estopim da Fiel. À direita, ao centro do setor verde, em um agrupamento menor, posicionava-se a Coringão Chopp e ao seu lado, um pouco mais abaixo, a Pavilhão 9. No canto do setor amarelo, próximo à grade que o divide do verde, posicionava-se a Camisa 12, e ocupando mais da metade do setor, os Gaviões da Fiel. O espaço entre a Camisa 12 e os Gaviões era ocupado pela Fiel Macabra, frequentemente composta por poucos torcedores e identificada apenas por meio de uma pequena faixa[207].

Tal geografia era recente, resultado de uma reorganização ocorrida no ano de 2013, quando a Estopim teve de trocar de espaço nas arquibancadas, uma vez que as fronteiras entre as torcidas organizadas na "bancada" não são fixas, embora pouco porosas.

No Estádio do Pacaembu a Estopim ocupou, durante dez anos, o espaço central no setor de arquibancadas amarelas, entre os espaços ocupados pelos Gaviões da Fiel e a Camisa 12. Com o crescimento no número de associados na torcida nos últimos anos, as fronteiras entre o território de cada torcida diminuíram, o que gerou situações de atrito. A tensão chegou a seu ponto máximo em maio de 2013. No início daquele ano um torcedor da equipe do San José, da Bolívia, morreu atingido por um sinalizador aceso por corintianos em jogo válido pela Copa Libertadores da América entre as duas equipes. A Conmebol (Confederação Sulamericana de Futebol) aplicou uma punição ao Corinthians em razão do fato. Além de multa financeira ao clube e da obrigatoriedade de disputar uma partida em seu mando sem a presença de torcedores, foi proibida a entrada de torcedores do clube na condição de visitantes em jogos de Libertadores pelo período de dezoito meses[208].

---

[206] Setor que em jogos do Corinthians era subdivido em "cadeiras numeradas" e "área vip", sendo que as cadeiras numeradas comportam 4.354 pessoas e a área vip 2.084. Os preços dos ingressos para esses setores em jogos do Corinthians em 2014 foram respectivamente, para jogos do Campeonato Paulista e para o único jogo do Campeonato Brasileiro disputado no Pacaembu, R$100,00 e R$180,00.

[207] A Fiel Macabra é uma torcida fundada e com sede no município de Bauru, distante cerca de 330km da cidade de São Paulo, o que dificulta a presença assídua de associados dessa torcida nos jogos disputados na capital.

[208] Detalhes tanto do incidente que resultou na morte do torcedor do San José, quanto da punição aplicada ao Corinthians podem ser consultados em: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/02/corinthians-e-punido-pela-conmebol-e-tera-de-jogar-de-portoes-fechados.html (acesso em 23/3/2016).

A Estopim da Fiel burlou essa proibição por duas vezes. Na primeira, em partida realizada na Colômbia, alguns integrantes de torcidas organizadas corintianas foram recepcionados por torcedores do Millonarios. Embora o jogo fosse contra o Millonarios, a recepção de corintianos por torcedores desta equipe foi uma espécie de retribuição àquela havida no ano anterior, quando o Millonarios jogou em São Paulo contra o Palmeiras, e os torcedores da equipe colombiana foram acolhidos por torcedores organizados corintianos[209].

No jogo Millonarios vs. Corinthians não só a Estopim como outras organizadas corintianas puderam estender faixas com suas inicias em preto e branco – no caso da Estopim, "EF" – em um dos setores do estádio El Campín, em Bogotá. Uma faixa em preto com o escrito "liberta" em branco também foi exposta no estádio[210].

Na segunda situação em que a punição foi burlada não houve recepção amigável por parte dos torcedores adversários, e apenas a Estopim da Fiel se fez presente no estádio por meio de uma faixa. Para o jogo Boca Juniors vs. Corinthians, disputado no estádio La Bombonera, na Argentina, havia a necessidade de se passar despercebido tanto pela vigilância da Conmebol quanto pelos próprios torcedores adversários, e a faixa estendida com o escrito "EF" era nas cores, azul e amarelo. Mal podiam prever os estopins que, no retorno a São Paulo, teriam que contornar também os demais torcedores organizados corintianos: como as cores utilizadas na faixa eram as mesmas do símbolo do Boca Juniors, a Estopim foi acusada de se passar por "torcida rival", foi expulsa do setor de arquibancadas amarelas, e passou a ocupar a ponta das arquibancadas verdes.

Em uma conversa com Rodrigo, associado à Estopim da Fiel, ele relatou que esse teria sido apenas o motivo exposto publicamente para justificar a troca de setor da Estopim, pois vários problemas envolvendo seus associados com outras torcidas organizadas corintianas já ocorriam, de modo que, em sua percepção Estopim estaria

[209] A respeito da reciprocidade entre torcedores e formações de alianças entre torcidas, ver Moreira (2006) e Souza, 2012 (p. 125-133).

[210] Doze torcedores corintianos permaneceram em prisão preventiva na Bolívia após o incidente que vitimou o torcedor do San José. Sete foram liberados após quatro meses no cárcere, e os demais cinco após cinco meses. Durante esse período as torcidas organizadas corintianas levaram para os dias de jogos e protestos realizados a frente da embaixada da Bolívia em São Paulo faixas com os dizeres "liberta" e "liberdade: 12 homens inocentes", uma vez que um torcedor que retornara a São Paulo após o jogo havia assumido a responsabilidade pelo disparo do projétil. Sobre a prisão dos torcedores ver http://www.istoe.com.br/reportagens/285264_O+DRAMA+DOS+BRASILEIROS+PRESOS+NA+BOLIVIA (acesso em 26/3/2016).

sendo “chutada faz um tempão”. Nos últimos anos, a Estopim crescera em número de membros e passara a ocupar um espaço muito amplo nas arquibancadas amarelas, diminuindo, dessa maneira, os espaços dos Gaviões da Fiel e da Camisa 12, torcidas organizadas corintianas mais antigas.

Embora na etapa de venda de ingressos fosse indicado que o setor amarelo era dedicado a torcidas organizadas, e o verde para torcedores não organizados, a não existência de uma separação física e a possibilidade de livre trânsito entre eles, permitia que tais setores fossem ocupados tanto por torcedores organizados quanto por não organizados.

O modo de posicionamento das torcidas organizadas na arquibancada varia de uma para outra, sendo comum o hábito de se permanecer em pé durante as partidas. A Estopim da Fiel posicionava-se da seguinte maneira: mulheres nos degraus acima do ocupado pelos torcedores com instrumentos de bateria[211], e, abaixo deles, os demais integrantes da torcida. Nos Gaviões da Fiel, por exemplo, o posicionamento se dá de maneira distinta: os torcedores com instrumentos de bateria ficam no centro do setor e ao redor deles posicionam-se os demais torcedores, sem haver uma divisão por gênero. Os instrumentos de bateria de samba[212] são utilizados durante todo o jogo como base para a marcação do ritmo e da harmonia das músicas cantadas pelos torcedores, compostas pelas próprias torcidas, a partir de novos ritmos ou paródias[213].

Algumas músicas são acompanhadas por coreografias corporais que marcavam uma estética das torcidas organizadas corintianas em jogos no Pacaembu, valendo-se da

[211] A diferenciação da torcida como composta por “homens” e “mulheres” foi realizada por Marta, associada à Estopim, que considera uma conquista das torcedoras poderem se concentrar em um espaço único e realizarem performances corporais sem o risco de se chocarem ou machucarem em contato com homens de maior porte físico.

[212] A quantidade de instrumentos que cada torcida pode adentrar no estádio é definida pelo segundo batalhão de choque da Polícia Militar do Estado de São Paulo, mediante solicitação realizada por escrito pelas torcidas para cada dia de jogo. Todos os artefatos devem ter o nome ou sigla da torcida organizada responsável por eles, conforme indicado em resolução nº 076/12 da Federação Paulista de Futebol, ver http://www.fpf.org.br/A+Federa%C3%A7%C3%A3o/Resolu%C3%A7%C3%B5es/2012-04/58865 (acesso em 28/3/2016).

[213] Nessas se valem da estrutura e do ritmo de músicas populares para a criação de uma nova música, de apoio ao clube e referência à torcida, uma “bricolagem” (Hollanda, 2009, p. 518). Exemplo dessas paródias foi feita com a composição “Não quero dinheiro”, de Tim Maia, cujo ritmo dos versos “vou pedir pra você voltar, vou pedir pra você ficar, eu te amo, eu te adoro, meu amor, a semana inteira fiquei esperando, pra te ver sorrindo, pra te ver cantando”, foram recriados pelos Gaviões da Fiel e, em seguida, apropriados pelas demais torcidas organizadas corintianas, que cantam: “vou cantar pro timão ganhar, vou cantar pro timão ganhar, eu te amo, eu te adoro, coringão, a semana inteira fiquei esperando, pra te ver Corinthians, pra te ver jogando”.

especificidade das arquibancadas de cimento, em que os largos degraus – cerca de um metro cada – permitiam a realização de movimentos corporais fluídos.

Nesse sentido, a coreografia que acompanha a música "poropópó" é boa para pensar a relação dos torcedores com as características das arquibancadas do Pacaembu. Nela canta-se: "poropópópópópópó (4x) oh oh oh. Corinthians veio pra vencer, e vai vencer (3x) e o (nome do time adversário na partida) se *foder*".

A partir de orientação emitida por algum dos torcedores responsáveis pela bateria, que grita "poropopó" ou "poropópó geral ae", os demais param de cantar e de se movimentar, e se enfileiram pela lateral dos corpos (ficando de frente para o gramado). Cada torcedor passa os braços por trás da nuca dos torcedores que estão imediatamente aos seus lados e as mãos são firmadas nos ombros deles. Assim, os torcedores ocupam os degraus da arquibancada se entrelaçando e formando fileiras – em um posicionamento que sugere uma "corrente humana"[214]. Um torcedor, geralmente uma liderança da torcida, toma a frente dos demais permanecendo de costas para o campo de jogo e em voz alta, acompanhado do movimento de um dos braços erguidos, indica o lado a ser seguido na coreografia: "esquerda, esquerda". Esse mesmo torcedor realiza uma contagem que vai de um a três, ao término da qual os integrantes da bateria ditam o ritmo e junto dos demais torcedores cantam a música.

A coreografia consiste, seguindo o ritmo da música, em movimentar-se lateralmente. Em seguida, a canção é repetida mais uma vez, porém sem a realização da coreografia, acompanhada apenas por palmas.

Em um dos "breques"[215] realizados pela Estopim da Fiel a coreografia também dialoga com as possibilidades de uso das arquibancadas. Integrantes da bateria realizam o movimento de, com os braços esticados, erguê-los e abaixá-los, falando em voz alta e repetidamente: "vamô vamô", a que são seguidos pelos demais torcedores se abaixando,

[214] Música e coreografia foram compostas em fins da década de 1990 pelos Gaviões da Fiel, e passaram a ser cantadas e encenadas pelas demais torcidas organizadas corintianas. Ponto a ser destacado sobre essa coreografia diz respeito à formação de "correntes" humanas, termo deveras importante para os Gaviões, que tem como um de seus lemas a frase "a corrente jamais será quebrada".

[215] O termo "breque", derivado do subgênero do "samba de breque", é utilizado pelos torcedores organizados com referência a uma música que faz menção única à torcida organizada, como um "grito de guerra". Assim, cada torcida organizada possuí os seus breques e, apenas eventualmente, uma torcida canta o breque da outra.

enquanto apenas alguns se mantém em pé[216]. Apenas o bumbo, instrumento da bateria que emite som mais grave, é tocado, e, no mesmo ritmo, os torcedores agachados batem palmas e cantam em tom de voz baixo: "vamô vamô vamô timão, vamô vamô vamô ganhar, vamô vamô vamô timão, eu sou da Estopim não paro de agitar". Após repetirem o verso algumas vezes, um dos torcedores na bateria ergue os braços e grita "e vamô ae", e são adicionados à música os demais instrumentos. Nesse instante, os torcedores se levantam em pulos altos, por vezes subindo e descendo entre degraus distintos da arquibancada, chocando os ombros uns contra os outros, jogando camisas para o alto e repetindo os versos.

O termo "agitar" mencionado na música é utilizado para definir a forma de torcer da Estopim da Fiel, e diz respeito à postura que diretores da torcida desejam que os demais torcedores tenham durante os jogos: cantar; pular; bater palmas no ritmo das músicas; seguir as coreografias propostas. De maneira explícita, diretores da torcida orientam os demais associados a "agitarem", como realizado por Rogério, à época presidente da Estopim, em uma fala aos torcedores antes da saída para o primeiro jogo contra o Palmeiras na Arena Corinthians. Ressaltando que muitos torcedores não conseguiram adquirir ingressos para a partida, pontuou como uma obrigação dos que iriam ao jogo, que deveriam se sentir "privilegiados" e "fazer a sua parte", que consistiria em cantar e agitar, tomada em oposição ao torcedor que desejasse "ficar sentado", que deveria "ficar em casa".

"Agitar", dessa maneira, corresponderia a uma "corporalidade pensada", conforme exposto por Luiz Henrique de Toledo, desenvolvida entre os agrupamentos juvenis ao longo da década de 1990:

> "A produção de outras *corporalidades pensadas* alcançaria a retórica torcedora e outros agrupamentos juvenis, modulando um comportamento viril ao longo da década. Fortemente assentada na musculatura dos gestos, no exibicionismo e enfrentamentos corporais e no repertório de símbolos que ostentava em camisas e bandeiras, esta *corporalidade pensada* ganha traços a exprimir e moldar formas de socialidade" (Toledo, 2012, p. 130-1, grifos do autor).

[216] Observei durante o jogo Corinthians vs. Flamengo, em 27/4/2014, que os torcedores responsáveis por puxar as músicas ou permanecer de pé conduzindo coreografias, são "lideranças" da torcida, isso é, possuem cargos na estrutura hierárquica da torcida e são reconhecidos pela maioria dos associados.

A expressão de tal comportamento viril como a postura desejada para o período de um jogo de futebol – "90 minutos é pouco" – torna compreensível, por exemplo, por que é necessário que mulheres pleiteiem um espaço para elas próprias na arquibancada, "agitando" distantes da musculatura dos homens.

Observar tais "corporalidades pensadas", desenvolvidas ao longo de anos de frequência em estádios com setores sem assentos[217], clarifica também porque às vésperas da inauguração da arena, e após os primeiros jogos do Corinthians nela, as cadeiras instaladas, sobretudo no setor norte (acessado pelas torcidas organizadas), era um tópico frequente entre os torcedores.

2.3.1) Setores com cadeiras

No Estádio do Pacaembu há três setores com cadeiras, as arquibancadas especiais laranjas, com acesso pelos portões de número ímpar, na Rua Itápolis, e as numeradas, divididas em numerada descoberta, setor mais amplo, e a numerada coberta, ou área vip, ambos com acesso pelos portões de número par, na Rua Des. Paulo Passaláqua. Os ingressos para esses setores nos jogos do Corinthians disputados em 2014 custavam R$70,00, R$100,00 e R$180,00, respectivamente, e o acesso a eles por meio do Fiel Torcedor se dava, para as arquibancadas especiais laranjas por meio do plano "Minha História", com anuidade no valor de R$600,00, e para as numeradas por meio do plano "Meu Amor", com anuidade no valor de R$900,00[218]. Os descontos sobre o preço de face dos ingressos seguia a mesma porcentagem indicada para o plano "Minha Vida". A considerar que desde o início de 2014 o salário mínimo nacional foi reajustado para R$724,00, não seria apressado indicar que o torcedor que acessava tais setores – sobretudo por meio dos planos do Fiel Torcedor – possuía maior poder aquisitivo.

[217] É importante ressaltar aqui o papel do Estádio do Morumbi, local de disputa de importantes clássicos e jogos decisivos, que até a inauguração da arena era referido em uma música cantada pelas torcidas corintianas: "domingo, eu vou lá no Morumbi, eu vou, eu vou, vou levar foguetes e bandeiras, não vai ser de brincadeira, ele vai ser campeão". Uma adaptação paulista da música "O Campeão" (ou "Domingo eu vou ao Maracanã"), composta em 1979 por Neguinho da Beija-Flor, fazendo menção ao Estádio do Maracanã, conforme relatado pelo compositor em entrevista ao programa Esporte Espetacular, disponível em: http://globoplay.globo.com/v/2600420/ (acesso em 30/3/2016).
[218] Valores para associação no início de 2014.

Sob a justificativa de oferecer conforto em todos os setores das praças futebolísticas, o guia para estádios da FIFA, seguido à risca na construção da Arena Corinthians em razão dos jogos da Copa do Mundo de 2014, pontuava que todo torcedor ao adquirir um ingresso deveria ter acesso a um assento individual, com numeração de fácil identificação e encosto de no mínimo trinta centímetros de altura (FIFA, 2011, p. 109).

Esse era um dos principais pontos elencados pelos torcedores que frequentavam as arquibancadas de portão principal e tobogã no Pacaembu antes da inauguração da arena e nos primeiros meses de frequência à mesma: todos os setores, inclusive aqueles com ingressos mais baratos, teriam cadeiras. Desse modo, um equipamento que não fazia parte das formas de torcer habituais aos torcedores com os quais eu interagia, passou a fazer. Cabe compreender aqui alguns pontos da ampla dimensão simbólica colocada sobre tal objeto pelos torcedores etnografados.

A diminuição na capacidade de público das praças esportivas surge como uma característica das novas arenas, (como observado por Campos, 2014, p. 356 e Hollanda, 2014, p. 323). É interessante destacar que no caso vivenciado pelos torcedores corintianos com relação ao Estádio do Pacaembu e a Arena Corinthians, ocorre um pequeno aumento na capacidade de público para os jogos do clube, pois se no Pacaembu a equipe disputou em 2012 a final da Libertadores da América diante de pouco mais de quarenta mil pessoas[219], maior público no estádio em anos recentes, na arena o maior público em partidas do Corinthians foi um pouco além das quarenta e cinco mil pessoas, em partida contra o São Paulo[220]. No entanto, dentre os quarenta mil presentes no Pacaembu, cerca de vinte e sete mil adquiriram ingressos para os setores de preço inferior[221], enquanto que, dos quarenta e cinco mil na Arena Corinthians, os ingressos mais baratos foram vendidos para cerca de quinze mil[222]. Tem-se, assim, uma

[219] A quantidade exata do público presente na partida, entre pagantes e não pagantes, foi de 40.186 pessoas, conforme: http://esporte.ig.com.br/futebol/2012-07-05/fiel-se-liberta-e-grita-corinthians-e-campeao-da-libertadores.html (acesso em 2/4/2016).

[220] O número exato de público presente na partida, entre pagantes e não pagantes, foi de 45.469 pessoas, conforme: http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro-serie-a/brasileirao-2015-corinthians-x-sao-paulo,8be6a04ee940a74636c50080756708dfv46h7xv3.html (acesso em 2/4/2016).

[221] Considerando todos os setores com preço de ingresso mais barato, inclusive o setor "família laranja" e o "setor visitante", situados nas pontas dos setores laterais do estádio, a partir de dados do (Laudo técnico nº 004, 2014).

[222] Dados obtidos a partir do boletim financeiro da partida (Boletim Financeiro, 2015), uma vez que o laudo realizado pelo 2º Batalhão de Polícia de Choque na Arena Corinthians não indica a capacidade máxima de cada setor.

inversão: aumentou-se a capacidade de público, diminuíram-se os espaços acessíveis ao torcedor de menor poder aquisitivo.

Flávio de Campos (2014) indica que a arquitetura das novas arenas seria voltada a "práticas de exclusão e a transformação dos estádios em intensos lugares de consumo e a passagem do torcedor à condição de espectador/consumidor". Para o autor a disposição e a arquitetura dos setores acessíveis aos torcedores privilegiariam uma noção de conforto, dessa forma condicionando práticas sociais e posicionamentos durante as partidas em detrimento de outros, em que "em nome do conforto e da segurança, implementa-se uma verdadeira higienização do futebol" (2014, p. 358).

Tal noção de conforto pode ser tomada para pensar a implantação de cadeiras em todos os setores da Arena Corinthians, um dos aspectos atinentes à higienização apontada como corrente no futebol brasileiro atual, por meio tanto da diminuição da capacidade de público em setores com ingressos mais baratos, quanto na diminuição do espaço destinado às torcidas organizadas.

Em 5/2/2014, minutos antes do jogo entre Corinthians e Bragantino no Pacaembu, conversava na Praça Charles Miller com dois torcedores associados ao plano "Minha Vida", Fábio e Anderson. Ambos partilhavam dúvidas e hipóteses sobre como seria acompanhar as partidas na arena.

Em tom irônico questionavam se o lugar a ser ocupado individualmente na arena ocorreria de maneira semelhante a como ocorre em cinemas, onde a compra de um ingresso dá direito a um assento específico, indicado no ingresso conforme a numeração das fileiras. "Não tem essa de meu lugar na arquibancada!", sentenciou Fábio. Demais comparações do uso de cadeiras com outros locais, como teatros, eram corriqueiras entre os torcedores, tomando que, para eles, não se trata de "assistir" a um jogo de futebol, mas sim de "torcer", categoria que mobiliza práticas que dispensariam tal mobiliário.

Em 28/5/2014, data do segundo jogo do Corinthians após a inauguração da arena, disputado no Estádio do Canindé, as experiências vividas na Arena Corinthians ainda eram comentadas pelos torcedores na sede da Estopim da Fiel. Luiz e Wladimir, ambos associados à torcida, compartilhavam opiniões sobre distintos pontos da arena observados naquela ocasião, como a demora para se chegar à Itaquera, comparada à

caravanas realizadas pela torcida para ir a jogos em outras cidades[223], e a questão das cadeiras. Ao ser questionado sobre cadeiras intencionalmente quebradas, Luiz diminuiu o tom de voz para relatar que uma delas foi quebrada acidentalmente por um diretor da torcida que transitava entre fileiras. A iminência de cadeiras serem quebradas de tal forma era contraposta pelos torcedores ao zelo com o patrimônio: "não pode quebrar [por] que sai do nosso bolso, né? É nosso o estádio", comentou Luiz.

Nessa mesma conversa, Luiz, que frequentemente empunhava instrumentos de samba durante os jogos, revelava seu desagrado com relação às cadeiras, o que lhe causava a sensação do estádio ser "para playboy[224]", e não "para a gente". As cadeiras, assim, seriam o símbolo de uma forma de torcer distinto ao dos torcedores organizados, sendo a diferença aqui pautada pelo que representa um setor com cadeiras no universo destes torcedores: formas de torcer de "playboys". Destaca-se aqui dois pontos: no Estádio do Pacaembu havia dois setores com cadeiras, paralelos às linhas laterais do campo, e os ingressos para ambos; tem-se também as cadeiras da Arena Corinthians como um dos símbolos do Padrão FIFA e do estádio construído para a Copa do Mundo, o que fortalecia a interpretação desse mobiliário, e demais itens da arena[225], como "para playboys".

As cadeiras, ainda, teriam o impedido de tocar o surdo, um dos instrumentos musicais levados para o jogo, e acompanhar os lances da partida confortavelmente: "ou eu ficava de lado e não via o jogo, ou eu ficava de frente e a parte de baixo [do surdo] batia na perna". Naquela vez, a alternativa escolhida foi permanecer de frente para o campo de jogo, o que lhe rendeu alguns arranhões e pequenos hematomas na perna.

As cadeiras passaram a ser tomadas como um obstáculo para o desenvolvimento de hábitos que, em razão da situação – um jogo do Corinthians – deveriam ocorrer.

[223] "Todo jogo será uma caravana", comentou Wladimir, o que desencadeou uma série de comparações com o deslocamento para cidades próximas a São Paulo em que eventualmente o Corinthians disputa partidas como visitante, como Campinas e Santos.

[224] "Playboy", "boy" ou "boyzinhos" são categorias amplas que, em geral, fazem referência a pessoas de maior poder aquisitivo, conforme trabalhado por Hikiji (2005, p. 180-1); o uso do termo para definir um sujeito que possuí bens de maior aquisitivo (o que pode ser expresso também por meio do local de moradia e gostos pessoais, como preferências musicais), é apontado também por Spaggiari (2009, p. 39-40). Em suma, trata-se de categoria utilizada para descrever um "oposto estrutural" (Hikiji, 2005, p. 181), ainda que se trate de um termo "muito relativo" (Spaggiari, 2009, p. 39).

[225] Em outra oportunidade acompanhei conversa de Luiz com outros torcedores sobre a venda de alimentos no interior da arena. Apesar de ter gostado do pastel que comeu, "é bem *recheadão*", considerava alto o valor de R$8,00, cobrado por cada um. Entendia que esse preço era praticado para que o clube pudesse pagar "os mármores do estádio", também tomados como "coisas de playboy".

Além disso, com a estrutura dos setores diferente do que era comum nas arquibancadas principais do Pacaembu, tal corporalidade teria de ser repensada, tanto para tocar o surdo e acompanhar a partida sem se machucar, quanto para transitar entre as distintas fileiras do setor sem o risco de danos às cadeiras.

Apesar de maldizerem as cadeiras, há certo zelo por elas quando tomadas como um objeto de posse do clube. Após a primeira partida oficial, ainda antes da Copa do Mundo, a quebra de algumas cadeiras no setor norte, ocupado pelas torcidas organizadas, foi noticiada pela mídia[226]. Se para os torcedores as cadeiras representam obstáculos, para a cobertura realizada pela mídia – de modo geral, um dos porta-vozes dos intuitos de modernização previstos com a implantação de uma única noção de conforto nas praças esportivas – o obstáculo para a consolidação desse projeto residiria nos próprios torcedores organizados.

Por outro lado, a danificação das cadeiras seria tomada pelos torcedores sob outra significação quando protagonizada por torcedores rivais, o que foi ressaltado após o primeiro Corinthians e Palmeiras disputado na arena.

A saída dos ônibus das torcidas organizadas corintianas após tal jogo era apressada por seus diretores, ocorrendo imediatamente após o término da partida. Havia a necessidade de evitar encontros com os torcedores rivais, conforme indicou, com certa jocosidade, um policial militar que passava próximo aos ônibus: "quanto mais devagar vocês forem, mais rápido eles vão achar vocês". Tal temor foi expresso também por Maurício, que orientou o motorista do ônibus: "Marcão[227], apaga a luz para não caguetar[228] o trampo, está cheio de *porco*[229] a pé por aí, no fundo do buzão só tem mulher e tem um monte de cara em pé dando cara[230]", cuja orientação foi seguida pelo motorista.

---

[226] Ver, a respeito: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2014/05/corinthians-repoe-cadeiras-quebradas-no-primeiro-jogo-oficial-da-arena.html (acesso em 2/4/2016).

[227] Em jogos que mobilizam grande interesse de público, como o caso dessa partida, partem da sede da Estopim diversos ônibus e vans (nessa data foram oito ônibus e sete vans); o ônibus principal é nomeado como "Buzo 77", sempre guiado pelo mesmo motorista, chamado pelos torcedores de "Marcão".

[228] Em (Biondi, 2009, p. 66) tal termo é indicado como uma derivação do termo "alcaguete", e é "utilizado pelos prisioneiros para se referir aos delatores". Na situação descrita a luz acessa "delataria" que os ocupantes daquele ônibus eram torcedores organizados corintianos, o que poderia os colocar em risco caso ocorresse um encontro com torcedores rivais.

[229] Como visto anteriormente, nome usualmente dado ao torcedor palmeirense.

[230] "Dar cara", nessa situação, era deixar claro para quem estivesse do lado de fora do ônibus que se tratava de um veículo ocupado por torcedores corintianos.

Alguns instantes após o ônibus partir teve início uma discussão entre um antigo associado com alguns rapazes responsáveis por levar o patrimônio da torcida.

Em razão da dificuldade para criação de distintas rotas para o deslocamento das torcidas rivais à arena, elas teriam de acessar ruas em comum para a entrada na mesma. Dessa forma, foram acordados durante a semana anterior, em reunião entre diretorias das torcidas organizadas corintianas e palmeirenses junto ao 2º Batalhão de Polícia de Choque, horários para a chegada dos torcedores. As torcidas organizadas corintianas teriam das 13h às 14h para transitar na região da arena e ingressar nela com seus materiais (bandeirões, faixas, instrumentos de bateria). Entre 14h e 15h seria realizado o deslocamento das torcidas palmeirenses, que iriam para Itaquera utilizando um trem, disponibilizado pela polícia militar junto à CPTM para realizar o deslocamento da estação Palmeiras-Barra Funda (próxima às sedes de torcidas palmeirenses) até a estação Dom Bosco, no sentido oeste-leste, primeira após a estação Corinthians-Itaquera. No trem viajaram exclusivamente torcedores palmeirenses e o trajeto foi percorrido sem paradas. Os cerca de quatro quilômetros entre a estação Dom Bosco e a arena foram percorridos a pé pelos palmeirenses, sob forte escolta policial.

Um atraso durante o trajeto do veículo que levava os materiais da Estopim de Diadema para Itaquera fez com que os torcedores responsáveis pelos mesmos ficassem retidos pelo policiamento em um estacionamento próximo ao Shopping Itaquera, e tiveram a entrada na arena com tais materiais autorizada apenas na metade do primeiro tempo da partida. Esse foi o argumento de Nelson, um dos responsáveis pelo departamento das bandeiras, para os questionamentos, realizados de forma ríspida por Sebastião, associado à torcida desde os primeiros anos após o retorno de suas atividades[231].

De maneira enfática e contido por outros, Sebastião acusou os responsáveis pela entrada dos materiais de desempenharem mal esta função, dado que no período em que ele e outros torcedores "mais velhos" atuavam no departamento de bandeiras esse tipo de situação não ocorria. Com a cabeça apoiada no bagageiro acima dos bancos, sem

[231] A Estopim da Fiel foi fundada como torcida organizada em 5/1/1979, até o final de 1993, ano de falecimento do fundador e presidente da torcida, se fazia presente em jogos da equipe, com torcedores uniformizados e faixas. Entre 1994 e 99 a Estopim da Fiel desenvolveu apenas atividades de escola de samba, desfilando no carnaval de Diadema. Após contatos entre corintianos de Diadema e a diretoria da escola de samba, em uma reunião realizada em 28/1/2000, as atividades de torcida organizada foram reativadas na Estopim. Sebastião é um dos torcedores que está na torcida desde o período de seu retorno.

olhar para o interlocutor, Nelson defendeu-se: “no tempo de vocês não era aqui”, o que desencadeou mais reações incisivas por parte de Sebastião. Outros torcedores, também associados antigos, diziam frases no sentido de que Sebastião refreasse os seus questionamentos, “aqui não, resolve na sede”. Nelson ainda reiterou que a circunstância incomum – a ausência de exibição das marcas distintivas da torcida durante parte do jogo – se dava em razão das características dos arredores da arena e as peculiaridades da organização previamente disposta para aquele jogo. Em sua argumentação não haveria como comparar a atuação do departamento de bandeiras no Pacaembu e na arena.

Acalmada a situação, os Estopins passaram a viajar em silêncio ou travando conversas em tom ameno. Por volta das 19h, um diretor comentou ter recebido via WhatsApp a informação de que a torcida do Palmeiras deixava a arena naquele instante, informação repassada em voz alta, utilizada para tranquilizar os ocupantes do ônibus – “galera, *os porcos* estão saindo só agora” – uma vez que o comboio da Estopim já se encontrava distante de Itaquera e, conforme assertiva do policial militar, já não seria tão fácil para os palmeirenses os encontrarem. O ônibus seguiu o percurso entre Itaquera e Diadema no escuro, sendo os únicos pontos de luz em seu interior as telas dos celulares iluminando os rostos dos torcedores, que seguiam a viagem sem alarde.

Rompendo o silêncio, um palavrão foi dito em tom de voz alto por um rapaz que viajava em pé no corredor do ônibus e mexia em um smartphone, chamando a atenção dos demais para a notícia que lia no aparelho na palma de sua mão. Imediatamente após a saída dos torcedores palmeirenses da arena, jornalistas tiveram acesso ao setor ocupado por eles e encontraram diversas cadeiras quebradas, o que foi rapidamente fotografado e publicado em sites de mídia esportiva, como o Globo Esporte[232], acessado pelo rapaz. Após ler trecho da notícia em voz alta, colocou seu celular nas mãos de outros torcedores, para que, circulando por entre os demais, todos pudessem ver a foto das cadeiras quebradas. A calma e o silêncio no ônibus se dissiparam, dando lugar a uma diversidade de ofensas, palavrões e cânticos direcionados aos rivais[233].

[232] Ver: http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2014/07/palmeirenses-quebram-cadeiras-e-ironizam-coloca-na-conta-do-nobre.html (acesso em 2/4/2016).

[233] Uma das falas muito dita para ironizar a ação dos palmeirenses era “põe na conta do [Paulo] Nobre!” (presidente da SEP). Antes do clássico, já considerando a possibilidade da quebra de cadeiras pelos torcedores visitantes, foi ressaltado por Lúcio Blanco, gerente de arrecadação do SCCP, que seria responsabilidade da diretoria palmeirense cobrir os reparos em eventuais danos ocorridos no setor ocupado pelos visitantes. É curioso notar que a mesma frase – “põe na conta do Nobre!” – fora usada pelos próprios palmeirenses, em razão de divergências com o presidente do clube. Ver:

A quebra de cadeiras por torcedores do Corinthians, ainda que de maneira acidental, como já indicado, representaria um dano ao patrimônio do clube. Ao ser protagonizada por torcedores rivais no setor para visitantes, era tomada como um desrespeito ao patrimônio do clube, e, portanto, aos próprios torcedores.

A retirada das cadeiras do setor acessado pelas torcidas organizadas era uma demanda que, segundo, Gilmar, um dos diretores da Estopim, havia sido pedido pelas torcidas para o clube. Embora a retirada das cadeiras do setor norte, onde ficariam as torcidas organizadas, fosse anunciada pelo clube antes mesmo do término das obras[234], até ser efetivamente realizada, em setembro de 2014[235], havia desconfiança a respeito dos torcedores com os quais eu interagia.

A retirada das cadeiras do setor norte foi celebrada pelos torcedores organizados, e o setor passou a ser referido como "bancada" – nomenclatura utilizada no Pacaembu para se referir ao setor ocupado pelas torcidas organizadas. Tal mudança na arquitetura da arena era também observada pelos torcedores que o viam de frente, a partir do setor sul, do outro lado do campo. Para alguns destes o setor norte se tornou o espaço tido como ideal para acompanhar o jogo, de modo que entre os torcedores que revendem ingressos adquiridos por meio do programa de sócio torcedor[236], conseguir "um esquema"[237] para ir ao jogo junto das torcidas organizadas era valorizado. Para outros a retirada das cadeiras rompia com a beleza estética da arena[238] e com a proposta de conforto de um "estádio de Copa de Mundo".

A partir da relação dos torcedores com as cadeiras é possível pensar a diversidade de sentidos na própria relação dos torcedores com o estádio (como "casa própria") e com suas próprias formas de torcer. Surgem nas falas e práticas como

http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2014/07/timao-alerta-eventuais-prejuizos-na-arena-serao-arcados-pelo-palmeiras.html (acesso em 2/4/2016).

[234] "O plano do Corinthians é, após a Copa do Mundo, retirar as cadeiras do setor": http://www.portal2014.org.br/noticias/12294/NA+MIRA+DO+MP+GAVIOES+TEM+ESPACO+GARANTIDO+NA+ARENA+CORINTHIANS.html (acesso em 2/4/2016).

[235] O que foi realizado tendo em vista o clássico entre Corinthians e São Paulo em 17/9/2014: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2014/09/arena-do-timao-vai-retirar-cadeiras-para-organizadas-e-visitantes.html (acesso em 2/4/2014).

[236] Dinâmica que será detalhada no capítulo três.

[237] Isto é, adentrar o setor sem a apresentação do "Cartão da Paz" emitido pela FPF ou com o cartão de terceiros.

[238] Em 26/3/2015, antes do início do jogo entre Corinthians e Penapolense, conversava com Reinaldo, torcedor não organizado, estávamos sentados em cadeiras no setor sul. Ele já havia ido a jogos em todos os setores, a fim de conhecê-los, e realizava relatos sobre cada um. Ao apontar para o setor norte, comentou: "eu acho um absurdo aquilo ali, [pois] você está num estádio de Copa do Mundo, ai você olha para aquilo ali e vê o [Estádio do] Canindé".

obstáculos à vontade torcedora (Hollanda, 2009), festiva e agitada nos movimentos dos corpos que vislumbram a corporalidade da "bancada" em um "setor com cadeiras". São também, por outro lado, objetos tomados como patrimônio do clube, desta feita, representam certa materialidade do clubismo, sobre o qual o pertencimento militante destes torcedores que "denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa" (Damo, 2007, p. 52) toma-as como passíveis de cuidados, uma vez se tratar de itens "nossos" que, se danificados, teriam os reparos pagos "do nosso bolso".

2.4) Dois "Tobogãs"

No Estádio do Pacaembu, no lado oposto às arquibancadas principais, atrás da outra trave do campo de jogo, está localizado o "tobogã", setor de arquibancadas de cimento com capacidade para 11.762 pessoas, construído no ano de 1970 para ampliar a capacidade de público do estádio, no espaço onde havia uma concha acústica (Ferreira, 2008, p. 65).

Nos jogos do Corinthians disputados no Pacaembu, os ingressos para o tobogã eram vendidos ao mesmo preço dos ingressos de arquibancada principal, sendo a venda dos primeiros iniciada apenas após o término dos ingressos para o segundo. Em jogos com maior atrativo de público, como os clássicos Corinthians vs. Palmeiras e Corinthians vs. São Paulo, disputados respectivamente em 16/2/2014 e 9/3/2014, era comum que os cerca de cinco mil ingressos de arquibancadas verdes se esgotassem na primeira etapa de vendas do Fiel Torcedor[239], restando aos demais torcedores ingressos para o tobogã ou para setores mais caros, a serem adquiridos diretamente nas bilheterias físicas.

Para essas duas partidas adquiri ingressos para o tobogã, cujas entradas localizam-se no lado oposto ao portão principal, e ocorrem por dois acessos no formato de passarelas, que, por serem anexos ao estádio, visto que o setor foi construído posteriormente, não seguem a lógica numérica das demais entradas, ainda que se utilize os referenciais "par" e "ímpar", decorrentes da numeração dos portões de acesso de cada um dos lados do estádio. Assim, o acesso nomeado "ímpar" está no encontro da

[239] Aberta antecipadamente para os torcedores com maior frequência nos jogos do Corinthians, calculada em um sistema de pontuação do Fiel Torcedor, abordado no capítulo três.

Rua Itápolis com a Rua Capivari, após o término dos portões ímpares, e o acesso "par" no trecho final da Rua Des. Paulo Passaláqua.

Durante anos o acesso ao tobogã ocorreu apenas por meio da entrada ímpar, permanecendo a par fechada. A chegada ao estádio a partir da região da estação de metrô Clínicas permite que o torcedor tenha acesso a ambas entradas, devidamente sinalizadas por uma faixa. Já a chegada a partir das vias frontais ou laterais ao estádio torna necessário optar por um dos acessos e seguir por uma das ruas laterais.

Em dias de jogos com presença volumosa de torcida visitante, outro fator compõe tal situação, pois a entrada desses torcedores ocorre pelo portão 22, distante poucos metros da entrada par do tobogã, na Rua Des. Paulo Passaláqua. A fim de evitar encontros entre torcedores rivais, forma-se um corredor com placas de alumínio ao longo de trecho da rua, entre a entrada par do tobogã e o portão 18, que confere acesso ao setor de numeradas. A parede montada com tapumes de alumínio mais próxima ao portão de acesso ao tobogã segue todo o traçado da Praça Helena Sgarbi Salto (via íngreme utilizada para deslocamento, a pé, da torcida visitante a partir da estação Clínicas) até o portão 22. Esse bloqueio impedia que nos dois jogos citados, por exemplo, um corintiano estacionasse o carro em uma via próxima a Rua Des. Paulo Passaláqua e acessasse o tobogã pela entrada par. Seria necessário que atravessasse a Praça Charles Miller e percorresse toda a lateral do estádio pela Rua Itápolis até o acesso ímpar.

Em 16/2/2014, data do jogo entre Corinthians e Palmeiras, desde a minha chegada à Rua Des. Paulo Passaláqua, cerca de uma hora e meia antes da partida, tinha a sensação de estar me aproximando do estádio para um jogo em que a maioria da torcida seria a palmeirense, pois ouvia em uníssono um coro que evocava o nome do clube. Adentrei no corredor formado, por um lado por grades móveis, por outro pelo muro do estádio, o qual poderia ser acessado, conforme lembrete de um orientador de público (vestindo colete laranja), apenas por pessoas com ingressos, embora tal verificação não fosse realizada por ele, e a sensação de estar adentrando um espaço tomado pelos palmeirenses aumentasse.

O corredor formado para passagem dos corintianos terminava na fileira de policiais militares que realizavam a revista antes do acesso às catracas. Imediatamente atrás dos policiais estava a fileira de tapumes de alumínio que isolava o lado corintiano

do palmeirense. Olhando à minha esquerda, via a Praça Helena Sgarbi Salto, mas não sua rua contígua, encoberta pela longa fileira de tapumes. Eram visíveis, no entanto, alguns objetos – pequenas pedras e latas de cerveja – lançados por cima dos tapumes, e que caíam na rua. Além do cântico com o nome Palmeiras, a poucos metros da separação entre as torcidas, eram audíveis também muitas ofensas, lançadas de ambos os lados, ainda que não se visse os sujeitos que eram ofendidos e que ofendiam.

No momento em que entrei no estádio, dois rápidos acontecimentos se sucederam, mediados pela ação policial.

Para minha surpresa não havia fila para a entrada, e tão logo percorri o corredor, havia alguns policiais militares de prontidão para me revistar. Enquanto os objetos que eu levava no bolso eram verificados por um dos policiais, observei que, atrás da fileira formada por ele e seus colegas de corporação, uma moça e um rapaz conversavam com outro oficial da PM. Ambos vestiam blusas de moletom fechadas, vestes incomuns para um domingo de calor em fevereiro, ainda que com clima chuvoso. A moça tinha em mãos algum objeto, recoberto pelo que parecia ser uma capa de chuva descartável.

Após ser revistado, parei para observar a cena, pude ouvir o rapaz dizendo ao policial "a gente não sabia que não era por aqui", e identifiquei que o objeto nas mãos da moça era um copo plástico nas cores verde e branco, as mesmas cores da barra de sua camisa que ultrapassava o limite da blusa que vestia[240]. O policial que conversava com eles se deu conta da minha presença, virando-se a mim e impetuosamente indicou que eu entrasse no estádio: "não tem nada para olhar aqui".

Passei pelas catracas ao lado de dois rapazes e junto deles acessei o espaço inferior ao tobogã, uma passarela contínua entre os acessos ímpar e par, onde há lanchonetes, banheiros e escadas que dão acesso aos degraus de cimento do setor. Um deles comentava com desagrado e alguns palavrões a proximidade com a torcida do time adversário, que ocupava um setor que se fazia visível do local em que estávamos,

[240] Havia me deslocado para o Pacaembu de metrô, em um vagão em que a maioria dos ocupantes vestia camisas do Corinthians. No desembarque na estação Clínicas observei que um rapaz, que realizou todo o percurso sozinho, em silêncio e com uma blusa com zíper frontal fechado, abriu-a assim que acessamos a plataforma da estação. Por dentro da blusa vestia uma camisa do Corinthians e sua postura silenciosa foi substituída pela empolgação de cantar o nome do clube junto aos demais torcedores. Aparentemente a moça que conversava com o policial lançava mão da mesma estratégia, buscando esconder as vestes que a identificariam como torcedora do Palmeiras, que deveria, a considerar a lógica policial da divisão dos espaços, estar do outro lado da parede de tapumes prateados.

erguendo o dedo médio na direção deles. O cântico repetindo o nome "Palmeiras" seguia como a única manifestação coletiva ouvida por nós.

Ao alcançarmos a área onde há as escadas de acesso direto aos degraus de frente para o gramado, um dos rapazes se dirigiu a ela, e foi em seguida repreendido pelo outro, orientando que seria melhor que se posicionassem mais à frente, distante do setor visitante, pois "daqui eles tacam bomba". Ao ouvir tal afirmação iniciei conversa com o rapaz, que dizia gostar do ângulo de visão que se tem do campo ao se estar no tobogã e, ainda que nunca tivesse presenciado uma bomba ser lançada no setor a partir da torcida visitante, cogitava esta possibilidade em razão da proximidade com a torcida rival, o que o incomodava.

Em 9/3/2014, quando Corinthians e São Paulo jogaram no Pacaembu, cheguei ao entorno do estádio por volta das 14h, duas horas antes do início da partida. No trecho da Rua Major Natanael em que o pedestre pode seguir para as duas ruas laterais ao estádio, notei que muitas pessoas se dirigiam do lado ímpar para o lado par, contornando o conjunto poliesportivo.

Dois orientadores de público realizavam o mesmo percurso; um deles informava repetidamente em voz alta: "tobogã não é só entrada ímpar, também tem a par". Outros dois, com o mesmo uniforme, penduravam no muro do estádio uma faixa que informava: "entrada para o tobogã: portão ímpar (acima de uma seta para a direita) e portão par (acima de uma seta para a esquerda)". Caminhei até próximo da entrada par e observei que, tal qual no dia 16/2, havia poucos torcedores na fila para entrada no estádio.

Assim como na partida contra o Palmeiras, observei parcialmente a chegada dos torcedores visitantes, do outro lado da parede formada com tapumes de alumínio. Dessa vez havia uma peculiaridade nas ofensas trocadas, que tomavam como ponto central suspender a masculinidade dos rivais. Corintianos se referiam aos são-paulinos como "torcidinha de mulher" e "bichas", eram correspondidos como "galinhas", "gambazada" e por meio de um gesto feito com as mãos, por cima dos tapumes, que representavam um "beijo", como descrito no diário de campo: "Um torcedor ao meu lado ao ver os gestos feitos pelos são-paulinos comentou, 'ah, estão *falando* do selinho do Sheik',

fazendo referência a foto publicada em redes sociais virtuais pelo jogador corintiano Emerson Sheik, trocando um beijo na boca com um amigo[241]".

Tem destaque no jogo de oposições binárias acionado pelos torcedores com o intuito de ofender os rivais "A hierarquia de gênero, articulada a partir da oposição masculinidade/atividade sexual versus feminilidade/passividade sexual" (França, Macedo, Simões, 2010, p. 41), em que as falas e os gestos buscam situar o outro no polo da "feminilidade/passividade sexual", tomado como inferior. Por outra via, comportamentos e objetos tidos pelos torcedores corintianos como "afeminados" são classificados como símbolos dos rivais são-paulinos: uma camisa em tom rosa é tomada como "camisa do São Paulo", e, por essa razão, frequentemente malquista pelos corintianos; é comum que entre as torcidas organizadas o uso de brincos por homens na arquibancada seja impedido pelas "lideranças", sob a justificativa de que "aqui não é torcida do São Paulo". Dessa forma constroem-se como oposições os pares "masculinidade/corintiano" versus "feminilidade/são-paulino", categorias que são manipuladas também pelos são-paulinos no intuito de defender que a "feminilidade" é característica dos corintianos[242].

Nessa data encontrei-me de maneira imprevista com Fábio antes do jogo, na estação de metrô Clínicas, e seguimos para o estádio a pé. Perguntou-me se eu acompanharia ao jogo na arquibancada principal e respondi que não, indicando que quando comprei o ingresso estavam disponíveis apenas entradas para o tobogã. Sua resposta foi uma expressão de pesar, seguida pela fala: "bom, melhor do que não vir".

A noção de que acompanhar o jogo no tobogã é melhor do que não presenciá-lo *in loco* é algo comum entre os torcedores, como comentado por André, torcedor que conheci nessa mesma data, que tinha por preferência acompanhar os jogos na arquibancada verde. Era associado ao plano "Minha Vida" do Fiel Torcedor, mas por não residir na cidade de São Paulo, não ia a todas as partidas, de modo que sua pontuação no cálculo de assiduidade do programa frequentemente estava abaixo do

[241] A publicação foi realizada pelo atleta em sua página de Instagram (uma rede social virtual acessada em smartphones em que se publica fotos com curtas mensagens de texto) após uma vitória do Corinthians em 18/8/2013. A foto gerou repercussão entre os torcedores, tanto apoiando a postura do jogador quanto a recriminando, conforme: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2013/08/apos-polemica-sheik-ganha-aplausos-do-grupo-e-protesto-de-torcedores.html (acesso em 19/4/2016).

[242] Para compreensão mais detalhada a respeito da disputa por masculinidades entre corintianos e são-paulinos, vide Anexo B.

estipulado para os privilégios de uma compra preferencial e antecipada. Por isso, frequentemente não conseguia adquirir ingressos para o setor e comprava para o tobogã.

Embora o tobogã tenha características físicas semelhantes às arquibancadas de portão principal – como já dito, situado atrás de uma das traves, com largos degraus de cimento e sem cadeiras –, a ausência de torcidas organizadas no setor, em razão da FPF concentrar tais agrupamentos na arquibancada de portão principal, confere ao mesmo um ambiente em que as músicas são cantadas por pouco tempo, uma vez que não havia marcação rítmica ou mesmo torcedores dispostos a manter uma "agitação" constante no setor. Se os torcedores posicionados nos espaços ocupados pelas torcidas organizadas cantam constantemente, independente dos acontecimentos do jogo, no tobogã o ato de cantar surge mais como resposta aos lances do jogo.

Assim, alguns hábitos podem ser contrastados. Enquanto as torcidas organizadas cantam constantemente durante os jogos, os torcedores no tobogã entoavam músicas de maneira heterogênea e dispersa. Há um diálogo entre a agitação dos torcedores e os lances do jogo. Um gol do Corinthians, por exemplo, desencadeia gritos antigos da torcida corintiana no tobogã e que não são repetidos muitas vezes, ao passo que entre as torcidas organizadas é comum que cantem uma música específica após os gols, como observado na Estopim da Fiel. Alguns instantes após os gritos, abraços e recolhimento do bandeirão, modos de celebrar o gol, integrantes da bateria orientam os demais torcedores a se reagruparem, e um deles realiza uma contagem do um ao três, sendo acompanhado pelos outros, que em seguida cantam: "e além disso Corinthians, tem outra coisa: você não faz gol enquanto eu não chegar, sou Estopim da Fiel, o Corinthians joga eu vou *tá* lá. Não posso ficar, não posso ficar nem mais um minuto com você, sinto muito amor, mas não pode ser, moro em Diadema, se eu perder o buzão, que sai agora às onze horas, só no domingo que vem"[243].

[243] A música cantada pela Estopim é uma paródia de "Trem das onze", samba composto por Adoniran Barbosa em 1950 e gravado pelo grupo Demônios da Garoa em 1964, conforme: http://rollingstone.uol.com.br/edicao/37/noticia-3984 (acesso em 17/6/2016). A versão original da música é: "não posso ficar nem mais um minuto com você, sinto muito amor, mas não pode ser, moro em Jaçanã, se eu perder esse trem, que sai agora às onze horas, só amanhã de manhã, e além disso, mulher, tem outra coisa, minha mãe não dorme enquanto eu não chegar, sou filho único, tenho minha casa para olhar". Na versão da torcida a substituição de Jaçanã (bairro na zona norte de São Paulo) por Diadema brinca com o local de origem da torcida, afastado do local dos jogos da equipe e pede que, em caso de atraso para chegar ao estádio, que a equipe não marque gols. Dessa forma, utilizar essa música para celebrar um gol é, de certa forma, celebrar a própria presença da torcida no estádio.

A abertura de bandeirões confeccionados sob demanda do clube no tobogã também indicava outras disposições para o torcer por parte da maioria que acompanhava as partidas no setor. Diferente das torcidas organizadas, que desfraldam as enormes bandeiras quando são iniciadas as partidas e quando ocorrem gols do Corinthians, no tobogã elas são abertas apenas no momento de entrada do time em campo, portanto, sem o jogo em andamento. Nessas duas partidas em que fui ao tobogã ouvi falas de torcedores que reclamavam da abertura do bandeirão e cobravam que fosse rapidamente recolhido, com receio de perderem lances do jogo.

Outra questão apontada pelos torcedores organizados e pelos não organizados de maior assiduidade no plano "Minha Vida" como ruim no tobogã diz respeito ao hábito da maioria dos torcedores que frequentam esse espaço, alheios às formas de torcer proposto pelas torcidas organizadas, de gritar gol antes disso realmente ocorrer. Tal ato, realizado quando o jogador dá um chute ou cabeceio a gol, indicam os torcedores, impediria sua concretização; nos termos nativos, "zica o gol". Em jogos em que estive nas arquibancadas de portão principal, era comum que um torcedor que, assim o fizesse, fosse severamente repreendido com falas como "espera a bola entrar!" e "não grita gol antes!", protagonizadas de maneira coletiva por outros torcedores.

Essas características conferiam ao tobogã, entre os torcedores corintianos, certa noção de um setor de menor prestígio, tomado, de um modo geral, por torcedores organizados como um espaço destinado ao "torcedor povão" e pelos torcedores não organizados, assíduos ao Fiel Torcedor, como uma forma de ir aos jogos, "apesar de" ser ali.

Tais representações foram observada também entre os torcedores que adquiriam ingressos junto à Estopim da Fiel, em uma situação de revenda de ingressos para um jogo do clube na sede da torcida.

Uma das regras da Estopim, frequentemente acionada pelos diretores e por meio de informes na sede da torcida, é que se use a camisa oficial da torcida nos dias de jogos, fomentando, assim, a padronização e uma densa ocupação no setor ocupado. Para os jogos no Pacaembu a torcida recebia do clube ingressos dos setores de arquibancada amarela e tobogã, os primeiros revendidos aos associados devidamente trajados com a camisa oficial da torcida, que comporiam a padronização no espaço ocupado pela

torcida nas arquibancadas verdes, e os ingressos para o tobogã revendidos aos demais torcedores.

Em 27/4/2014, algumas horas antes do jogo entre Corinthians e Flamengo/RJ, dois diretores da Estopim finalizavam a revenda dos ingressos na sede da torcida. Um torcedor, que vestia a camisa oficial da torcida, protestou ao receber seu ingresso: "na hora que eu comprei, não vi que era tobogã!". Os diretores imediatamente resolveram a situação, inicialmente com Paulo: "quem está de [camisa] oficial, tem preferência na bancada". Edílson reiterou que iriam "fazer um esforço para trocar tobogã por bancada para quem estiver de [camisa] listrada", e indicou que um rapaz que vestia uma camisa branca do Corinthians trocasse o ingresso para arquibancada que lhe fora entregue a pouco com o torcedor que protestara, o que foi realizado prontamente e sem mais queixas por parte dos envolvidos.

Já nos primeiros jogos realizados na Arena Corinthians, os torcedores associados ao plano "Minha Vida" do programa de sócio torcedor, habituados a partilhar de espaços e formas de torcer com as torcidas organizadas no Pacaembu, viam-se frequentando o setor sul, no lado oposto ao norte, acessado pelas torcidas organizadas. Uma série de acontecimentos desencadeavam comparações entre o setor sul e o tobogã.

O setor sul é paralelo a uma das linhas de fundo do campo e dividido em duas áreas. Uma mais ampla destinada aos torcedores do Corinthians, e outra menor, destinada à torcida da equipe adversária, cujo tamanho varia conforme a expectativa de público visitante, previamente informada em contato entre as diretorias dos clubes da partida.

A entrada dos torcedores de diferentes equipes, evidentemente, é realizada por pontos distintos: corintianos entram pelo "portão E", na intersecção sudoeste da arena, e os visitantes pelo "portão G", na intersecção sudeste[244]. Para o acesso dos visitantes, uma área é isolada com paredes de tapumes de metal na Avenida Miguel Ignácio Cury e na área da arena, de modo que não tenham contato com corintianos que acessam o setor sul ou o leste.

Essa divisão dos torcedores na área externa varia de rigidez conforme a partida. Em jogos contra equipes com maior rivalidade entre as torcidas, por exemplo, clássicos

[244] Ver mapa da arena na seção "Iconografia".

estaduais ou regionais, a chegada dos visitantes é realizada sob intensa escolta da polícia militar e com cerca de duas horas de antecedência ao início da partida. Em jogos contra equipes do interior paulista ou equipes de torcidas "amigas" às corintianas, tal esquema de segurança é mais brando, e é comum ver torcedores das duas equipes partilhando espaços[245].

Nos primeiros jogos, ou "eventos teste", realizados na arena os torcedores com os quais eu interagia, revelavam-se temores com relação a divisão do setor sul entre corintianos e visitantes, sobretudo para partidas contra equipes específicas: Palmeiras, São Paulo e Vasco da Gama[246]. Indicavam que a área a ser isolada para impedir brigas, como as ocorridas em 2013 no Estádio Mané Garrincha[247], teria de ser muito ampla.

A separação das torcidas dentro da arena é realizada por meio de uma divisória móvel de acrílico transparente, eventualmente coberta com tapumes de metal, a fim de evitar contato visual entre os torcedores; há cordas que são amarradas no topo e na base do setor, que deixam colunas de assentos inacessíveis aos torcedores, de ambos os lados; há também policiais militares posicionados entre a corda e a divisória.

Tanto em clássicos com grande quantidade de torcedores visitantes, quanto em partidas contra equipes que estão em menor número, parcela significativa dos torcedores que ocupa o setor é de torcidas organizadas. Com instrumentos musicais, palmas e cantos, incentivam o time e se fazem notados na "casa" do adversário.

---

[245] Atualmente as torcidas organizadas corintianas não se declaram "aliadas" a torcidas de outros times, o que já ocorreu em outros momentos, como indica Toledo (1996, p. 110). No entanto, existem boas relações com torcidas de alguns clubes, como a "Fúria Jovem" do Botafogo/RJ e os "Gaviões Alvinegros" do Figueirense/SC, o que foi observado em campo.

[246] A relação entre torcidas do Corinthians e do Vasco, conforme relataram alguns torcedores, é tensa. A ida das torcidas organizadas corintianas para jogos em São Januário, estádio da equipe carioca, é realizada com ressalvas: a viagem é restrita a homens maiores de idade, pois "São Januário é sempre guerra". Tal rivalidade surgiu ao longo da década de 1990, em que uma aliança entre as torcidas organizadas Mancha Verde, do Palmeiras, e Força Jovem, do Vasco, posicionou os corintianos como rivais dos vascaínos. A relação não cordial entre as torcidas foi acentuada nos últimos anos com confrontos frequentes, como o ocorrido em 2009, que resultou na morte de um torcedor em São Paulo (Canale, 2015, p. 271), além de outros, como o ocorrido no interior da Arena Mané Garrincha, em Brasília, em 2013, ver: http://oglobo.globo.com/esportes/campeonato-brasileiro-2013/mane-garrincha-palco-de-briga-entre-torcedores-policiais-9697929 (acesso em 17/5/2016).

[247] Dentre as indicações da FIFA em seu caderno de encargos para as arenas que receberiam jogos da Copa do Mundo, estava a inexistência de barreiras físicas entre os setores. Em 2013 alguns jogos do Campeonato Brasileiro foram realizados em uma das novas arenas, em Brasília, sem a colocação de quaisquer divisórias entre as torcidas, o que tem ocasionado confrontos entre os torcedores. Tais eram frequentemente recordados pelos torcedores corintianos, que temiam que as divisórias no setor sul não impedissem confrontos semelhantes.

Como o setor ocupado pelas torcidas organizadas corintianas é o norte, no lado oposto do campo, com frequência os corintianos no setor sul se queixavam por ouvir mais as músicas cantadas pela torcida visitante do que pelas corintianas. A ausência de uma torcida organizada no setor inquieta muitos dos torcedores, que se sentem, por essas razões, "parte da torcida visitante".

Ao separar e isolar torcedores organizados de não organizados, o setor sul tem sido tomado como um espaço "frio", "sem energia", "quieto", "um cemitério". Em uma conversa entre Osvaldo e Elisa, durante o intervalo da partida entre Corinthians e Botafogo de Ribeirão Preto, em 13/2/2015, argumentavam que o setor sul seria "pior que o tobogã" pela presença do que classificavam como "torcedores que chegaram agora"[248]. Tais torcedores, pela falta de contato com as formas de torcer propostas pelas organizadas – tomados pelos atores dessa pesquisa como legitimamente corintianos – sentir-se-iam à vontade para, por exemplo, "gritar gol antes de a bola entrar", vaiar a equipe em vez de apoiá-la em situações adversas[249], não manter cânticos de apoio ao time durante toda a partida, virar as costas ao gramado durante o jogo para registrar *selfies*[250], e "gritar bicha" nos lances de reposição de bola pelos goleiros adversários.

Esse último hábito tornou-se um momento de tensão entre os torcedores no setor sul. Recriando uma manifestação típica dos torcedores mexicanos, antes de o goleiro tocar com o pé na bola, grita-se um estendido "ôôôôh", e no instante em que a bola é tocada, outro grito explode: "bicha". Alguns torcedores gritam "Corinthians" no lugar de "bicha", e em seguida conclamam os demais com palavras de ordem: "Vamos gritar Corinthians, vamos empurrar o Corinthians!". Com frequência a repreensão aos gritos

[248] Em outra situação etnográfica, junto a torcedores que compõem a Brigada Miguel Bataglia, tal classificação era realizada sob os termos de "torcedores modinha" ou "neo-bambi". São categorias ou estigmatizações utilizadas como referência aos torcedores que teriam começado a frequentar jogos da equipe sobretudo após a passagem do jogador Ronaldo pelo clube (em 2009), os títulos da Libertadores e do Mundial conquistados pelo Corinthians no ano de 2012 e, notadamente, após a inauguração da arena. Tratar-se-iam de torcedores deslumbrados com a arena, que apoiariam a diretoria do clube e que não estariam acostumados com derrotas, assim, parecidos com a caracterização jocosa que é feita dos rivais São Paulinos, chamados de "bambis".

[249] No jogo Corinthians vs. Penapolense, disputado em 26/3/2015, o Corinthians abriu cinco a zero no placar, e, em um curto intervalo de tempo, já nos minutos finais do segundo tempo, tomou três gols. A postura de alguns torcedores após o terceiro gol, de vaiar e xingar jogadores do Corinthians, foi duramente repreendida por Osvaldo e os torcedores com os quais estava, pedindo que os demais apoiassem os atletas em campo também na "hora ruim".

[250] Foto de si tirada pela própria pessoa através da câmera do smartphone. Nesse âmbito a crítica realizada por Osvaldo e Elisa recaía sobre torcedores que registravam fotos com as bolas do jogo que eventualmente terminavam no setor; ironicamente a conversa de ambos foi interrompida por um torcedor, que pediu a Osvaldo que registrasse uma foto sua junto de uma das bolas do jogo (ver seção "iconografia" no fim do capítulo).

de “bicha” ou celebrações de gol antes disso realmente ocorrer eram motivadoras de discussões entre os torcedores.

Conflitos dessa ordem entre torcedores, conforme aponta Martin Curi (2012), são historicamente comuns. A partir da definição de três fases do futebol profissional brasileiro, ligada aos principais estádios cariocas, “1) a fase dos estádios comunitários, representada por São Januário; 2) a fase dos estádios gigantes, representada pelo Maracanã; e, 3) a fase dos estádios para megaeventos esportivos, simbolizada pelo Engenhão” (2012, p. 187) o autor aponta para alguns conflitos entre “tipos-ideais de torcedores”. Nesta “terceira fase”, em que está contextualizada a Arena Corinthians, Curi aponta conflitos “entre torcedores apaixonados e comunitários, ditos tradicionais, e o torcedor-consumidor, dito moderno” (2012, p. 188).

Sem tomar a proposição do autor como um critério classificatório, mas utilizando-a para pensar os casos propostos, tem-se a figura de ambos os torcedores nas situações etnográficas indicadas acima. Nestas os torcedores “ditos tradicionais” se referem ao “dito moderno” como “neo-bambi”; em contrapartida, o “torcedor-consumidor” referir-se-ia ao “apaixonado” como aquele que “se considera mais torcedor” que os demais.

A presença de uma torcida organizada no setor sul, como indicavam alguns dos “torcedores comunitários”, ajudaria a “agitar” o espaço durante os jogos e, faria com que os torcedores “ditos modernos” deixassem de se sentir “protagonistas” no setor. No entanto, isso era tido como inviável, uma vez que a presença de agrupamentos organizados rivais em um mesmo setor poderia colocar em risco o esquema de segurança[251].

Ao voltar o olhar para a postura dos torcedores durante as partidas, especificamente sobre permanecerem em pé ou sentados, Curi observa que há duas categorias polares: a dos torcedores que valorizam a “emoção”, que se mantém em pé e desenvolvem as coreografias propostas pelas torcidas organizadas, e dos torcedores que

[251] Há entre os torcedores a noção de que conflitos apenas devem ocorrer entre torcedores organizados. Tal dado foi vivenciado em situações de uso do transporte público em que corintianos anunciavam a entrada de um “bicha” ou um “porco” no vagão, e ao verificarem que ele não vestia roupas de torcidas organizadas, não era importunado. Em outra situação, em que eu estava em um vagão de metrô junto a três torcedores que vestiam camisas do Corinthians, alguns torcedores com roupas da Mancha Verde adentraram o vagão, ocorreu uma tensão entre ambos, dissipada por um dos palmeirenses, dirigindo-se aos corintianos e dizendo: “nós não temos por que fazer nada contra vocês”.

valorizam o "conforto", que optam por permanecerem sentados de onde consigam boa visão do campo (2012, p. 251-2). O autor atenta para um "torcedor flexível", cuja atuação seria pendular entre o "emocional" e o "confortável" (2012, p. 252), e que a escolha pelo modo de acompanhar a partida variaria conforme o jogo e suas disposições.

Em grande medida, tanto no tobogã quanto no setor sul, deparava-me com torcedores cujas atuações podem ser pensadas em diálogo com o proposto por Martin Curi, conforme indicado acima. Seriam "Torcedores flexíveis" como Reinaldo e seus amigos, que embora valorizassem as cadeiras no setor, não se incomodavam em acompanhar as partidas em pé, em razão dos torcedores a frente assim o fazerem[252]. "Torcedores emocionais", como Osvaldo e os demais com os quais acompanhava as partidas na "Fileira H", que permaneciam invariavelmente em pé e incentivando que os torcedores mais próximos cantassem músicas de apoio ao time, sob a autoclassificação dessa atuação como uma "postura de resistência". E "torcedores confortáveis", como Francisco, que após alguns meses de frequência à arena, optou por trocar sua associação no programa de sócio torcedor para o plano que lhe conferiria acesso a ingressos dos setores oeste, onde os torcedores permanecem a maior parte do tempo sentados.

Ressalto, no entanto, os embates e disputas simbólicas entre os torcedores registrados nas duas praças esportivas e indicados anteriormente.

Conforme a arena se torna familiar aos torcedores, outras alterações são indicadas por eles para resolver os "problemas", como trocar o lado do setor sul ocupado pelos torcedores visitantes, colocando-os mais próximos ao setor oeste, assim, a área a ser ocupada pelos corintianos seria uma parte do setor sul, além dos setores leste inferior e norte integralmente. O intuito com essa alteração, como relatado por Vinícius, um dos torcedores que a propunha, seria criar um extenso "setor único" para os corintianos, em que as torcidas organizadas ocupariam o setor leste inferior, de onde poderiam "contagiar melhor todos os outros setores do que estando lá no 'fundo'".

[252] Classifico tal acontecimento a partir da metáfora do "efeito dominó", que diz respeito ao ato de enfileirar na vertical diversas peças de dominó (jogo cujas peças são feitas em material plástico ou acrílico e medem cerca de 3 x 6 x 0,5cm, respectivamente, largura, altura e profundidade) e, ao empurrar uma das peças nas pontas ter a queda das demais em sequencia. O que ocorre neste caso seria um "efeito dominó inverso": como os torcedores mais próximos à linha de fundo permanecem em pé, os demais nas fileiras posteriores, a fim de conseguir ver o campo, também tem de assim permanecer.

Para que essa alteração ocorra seriam necessárias outras, com relação à venda dos ingressos e à própria logística criada pela FPF de, justamente, isolar as torcidas organizadas em um único setor. Os torcedores consideram inviável que o Corinthians abaixe o preço cobrado pelo ingresso para o setor leste inferior e, na mesma medida, consideram incorreto que o valor cobrado pelos setores norte e sul seja ampliado, visando "planificar" o preço para os três setores, na projeção, transformados em um único.

O segundo ponto não é imutável, visto que, a partir do segundo semestre de 2015, conforme me informei com interlocutores via Twitter, ingressos para o setor norte passaram a ser vendidos para torcedores não associados às torcidas organizadas. Assim como era realizado em jogos no Estádio do Pacaembu foi criada uma entrada para os torcedores organizados, em que é necessária a apresentação do "Cartão da Paz", e outra para os demais.

***

A partir de pontos específicos abordados neste capítulo foi possível reconstituir algumas regularidades dos torcedores com relação aos jogos no Estádio do Pacaembu e destacar esforços dos atores no sentido de criá-las com relação a Arena Corinthians. Alguns aspectos do que me refiro como "mudança de estádios" são assim ressaltados: diferenças físicas entre as duas praças esportivas, que motivam discussões entre os sujeitos e alterações nas formas de torcer; a necessidade de se criar novas rotas pela cidade e, a partir disto, tomar conhecimento de serviços e locais outrora desconhecidos.

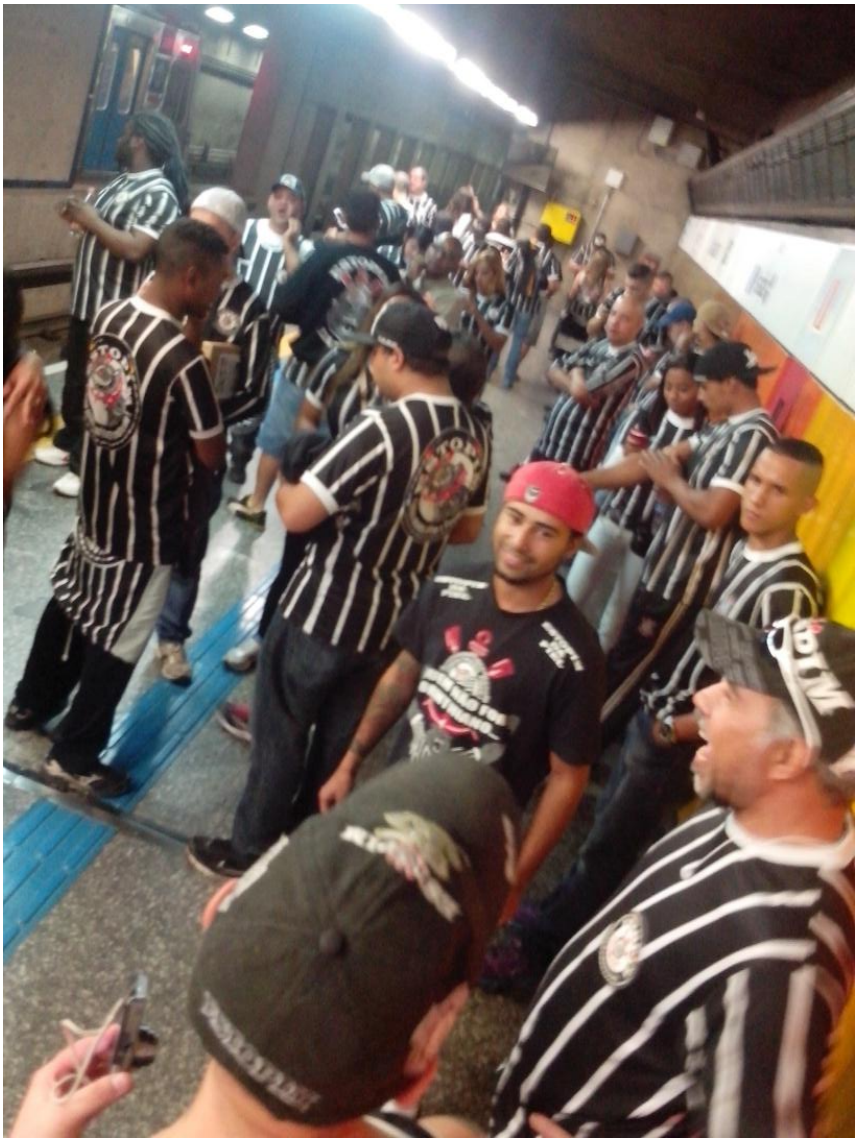
Adiante, no terceiro capítulo, continuo a explorar aspectos ressaltados pelos torcedores como ocorridos de maneira mais intensa em razão da mudança de estádios. O foco recai sobre como tal é acompanhada por outras alterações na concepção do futebol em sua matriz espetacularizada, no que diz respeito, especificamente, ao acesso dos torcedores aos jogos e a intensificação da figura destes como consumidores. Neste plano, dou ênfase a dois aspectos específicos concernentes aos dias de jogos, em um primeiro momento a partir do modo de venda dos ingressos, e readequações dos torcedores ao modelo proposto pelo clube para tal; em um segundo momento a partir das demais práticas de consumo dos torcedores, tanto no interior quanto nos arredores das praças esportivas.

ICONOGRAFIA – CAPÍTULO 2

Mapa do transporte metropolitano de São Paulo – as áreas ressaltadas por meio de círculos na cor laranja indicam a região aproximada do Estádio do Pacaembu, à esquerda, e a Arena Corinthians, à direita, na cidade.

Mapeamento dos setores do Estádio do Pacaembu, em que: 1 é o setor visitante, 2 a 4 são os setores de numerada coberta e descoberta, 5 a 10 as arquibancadas de portão principal (verde e amarela), 11 a 13 arquibancadas especiais laranjas, 14 setor laranja família e 15 a 18 tobogã (Fonte: Secretaria Municipal de Esportes, Lazer e Recreação).

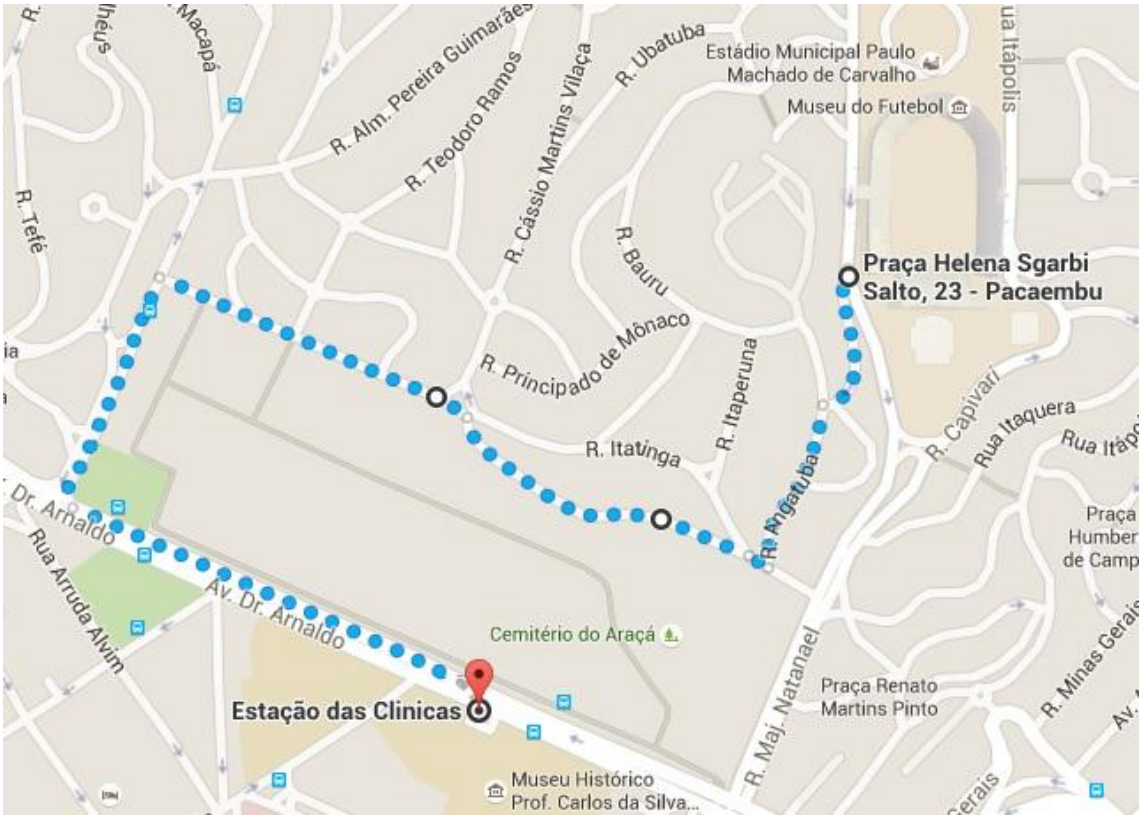
Bandeira do “Movimento por um Corinthians Popular” exposta em churrasco comemorativo ao 104º aniversário do clube (foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).



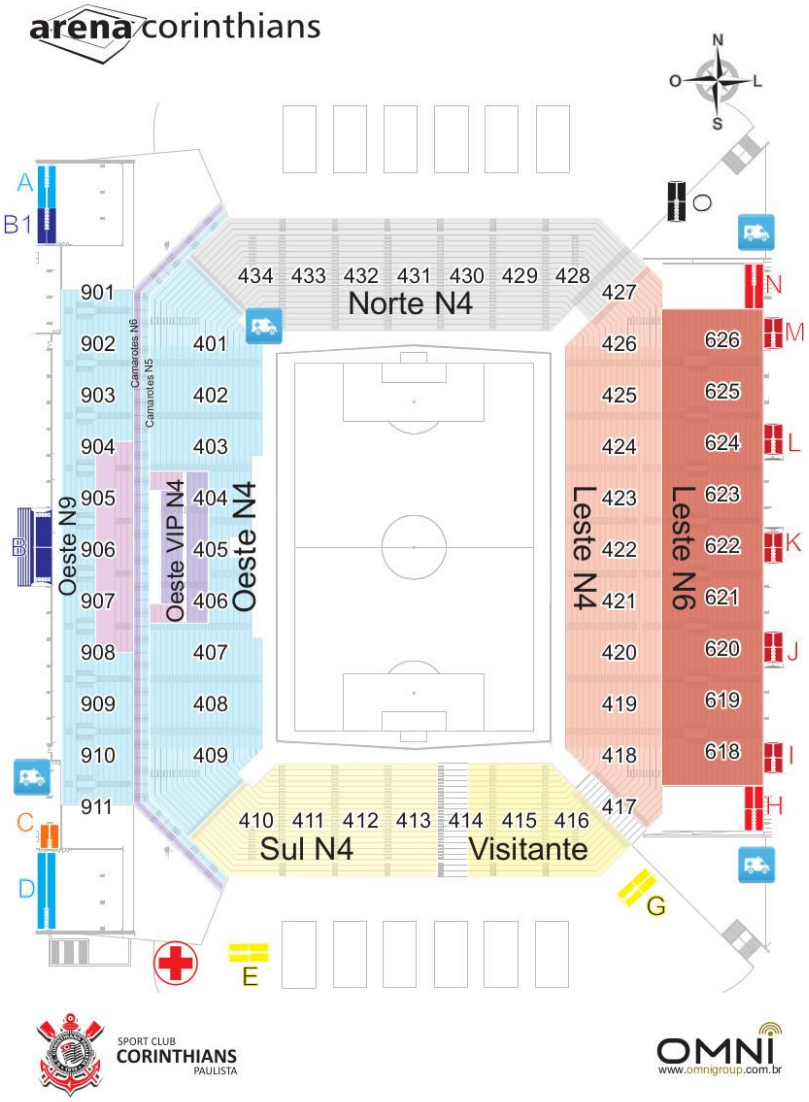
Torcedores da Estopim da Fiel aguardando o metrô na estação Jabaquara em 17/7/2014 (foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).

Associados da Estopim da Fiel tentando embarcar em um vagão na estação da Sé, por volta das 19h no dia 17/7/2014 (foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).

Bandeirões da Pavilhão 9 e da Camisa 12 abertos no setor norte da Arena Corinthians durante o jogo Corinthians vs. Botafogo de Ribeirão, em 13/2/2015. Destaque para os "pontos" laranjas a frente do setor: os "stewards", que permanecem de costas para o campo de jogo (foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).



Mapa do trajeto realizado pelas torcidas visitantes para chegar ao portão 22 em dias de clássico no Estádio do Pacaembu (Mapa: Google Maps).



Mapa de setores e portões da Arena Corinthians, destaque para o setor sul e os portões E e G (créditos: na imagem).

Osvaldo registra foto de torcedores com uma das bolas do jogo (Foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).

Capítulo 3 – O torcedor-consumidor

O ato de torcer tomado em conjunto ao de consumir tem sido construído no futebol brasileiro desde a última década do século XX e desenvolvido ao longo do atual. Processo mais amplo no futebol espetacularizado, decorre do investimento de distintos agentes, como clubes, federações, poder público e iniciativa privada, de conduzir o futebol tendo como referência a gestão empresarial.

Os primeiros esforços nesse sentido foram empreendidos a partir de 1991, pela via jurídica e focada na gestão dos clubes, com o envio ao congresso nacional da lei Zico (Lei nº 8.672/93), "primeira tentativa de induzir e mesmo pressionar os tradicionais clubes brasileiros a seguirem ordenamentos gerenciais mais 'empresariais'" (Toledo, 2012, p. 128). Proposta pela secretaria dos esportes durante o governo presidencial de Fernando Collor de Melo, foi aprovada em 1993, durante a presidência de Itamar Franco, e substituída adiante, em 1998, pela Lei Pelé (Lei nº 9.615/98), durante o governo de Fernando Henrique Cardoso.

As principais diferenças entre a segunda e a primeira lei estariam em especificidades com relação à não obrigatoriedade da mudança na gestão aos clubes – mas sim um caráter sugestivo – e ao fim do vínculo entre jogadores e clubes com os primeiros como patrimônio dos segundos[253]. Ambas as leis tinham como proposta, no entanto, maior inserção das lógicas neoliberais semeadas nos governos dos citados presidentes da república na gestão do futebol. Aos torcedores restava "a tarefa da espera pelo momento de serem arregimentados a esse processo na condição anestesiada e universalizada de consumidores de um futebol cada vez mais concebido como marca num universo consumista conspícuo" (Toledo, 2012, p. 128-9).

Um marco seguinte, também assentado em aspectos jurídicos, mas voltado aos espectadores de eventos esportivos, diz respeito à criação do "Estatuto do Torcedor", em 2003, e republicado, com alterações, em 2010 (Lei nº 12.299, de 27/7/2010). Com o intuito de garantir direitos de proteção e defesa aos torcedores, toma o participante do

[253]Sobre esse aspecto, Toledo indica em outra oportunidade: "Formalmente, com esta lei [aprovada em 1º de maio de 1998] os contratos de trabalho regulam a profissão de jogador segundo critérios trabalhistas já consagrados, adaptando-os a esta 'nova profissão'", (Toledo, 2000, p. 97).

evento esportivo sob a condição de consumidor, pautando-o pela relação comercial estabelecida para que o mesmo possa prestigiar tais eventos.

Tal interpretação decorre do artigo 3º: "Para todos os efeitos legais, equiparam-se a fornecedor, nos termos da Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, a entidade responsável pela organização da competição, bem como a entidade de prática desportiva detentora do mando de jogo" (Estatuto do torcedor, 2003, cap. 1 art. 3º). A lei citada é do Código de Defesa do Consumidor, e a relação comercial suscitada, então, é a compra do ingresso para um jogo de futebol, nos termos de Martin Curi: "O que o torcedor compra é na verdade um pedaço de papel, que dá acesso a um certo setor do estádio durante um certo espaço de tempo" (Curi, 2012, p. 268)[254].

Os modos de compra e as quantias envolvidas no acesso a esses ingressos também delineiam qual a origem social dos torcedores que os consomem. Sobre a diminuição na oferta de ingressos aos preços mais baratos nos novos estádios, observada anteriormente, Toledo menciona "uma agenda política de exclusão simbólica dos torcedores economicamente mais fragilizados" (2012, p. 157), enquanto Flávio de Campos indica uma "higienização social do futebol" (2014, p. 358).

A atuação do torcedor como consumidor, no entanto, é ampliada para além da compra de ingressos. No espaço de tempo em que a sua permanência na praça esportiva é legitimada pelo ingresso adquirido, "O torcedor poderia, a princípio, deitar-se num canto e dormir. A proposta é ver o jogo, mas o torcedor pode ignorar isso completamente" (Curi, 2012, p. 268), ele pode também consumir outros produtos e serviços, convertidos em lucro para o clube e seus parceiros, desde que o espaço acessado para acompanhar o jogo torne isso possível.

Tal é sublinhado por Flávio de Campos ao indicar na sofisticação investida nas praças esportivas construídas para o Mundial de 2014 uma "linguagem arquitetônica que privilegia o adorno e o conforto", com o intuito de torná-las "intensos lugares de consumo" (2014, p. 358). O espaço com tais características estaria em sintonia com a perspectiva de que, ao acessar uma praça esportiva por algumas horas, o torcedor sinta-se à vontade para realizar diversos atos de consumo.

[254]Ou, como será indicado adiante, com relação ao Fiel Torcedor, o que se compra é um serviço que é creditado em um cartão magnético.

Conforme apontado por Hollanda, há uma estreita relação entre as prescrições indicadas no Estatuto do Torcedor, as normas indicadas pelo caderno de encargos da FIFA para as arenas construídas ou reformadas para a Copa do Mundo de 2014 e a conversão do torcedor em consumidor (2014, p. 323)[255]. Nota-se a consonância nesta interpretação com as indicadas por Campos (2014, p. 358), Curi (2012, p. 282) e Toledo (2012, p. 154).

Nesse sentido, tem-se, então, um terceiro marco com relação a intensificação do torcedor-consumidor: as próprias noções de arquitetura que guiaram os projetos de construção das arenas entre 2007 e 2014. Alterações na disposição dos setores acessíveis aos torcedores e diminuição na capacidade de público dos novos estádios, justificaram significativos aumentos no preço cobrado pelos ingressos. A oferta de outros bens a serem consumidos no espaço de tempo que o torcedor permanece dentro das arenas compõe também esse cenário, em que "a aquisição de lucro não depende mais do número de espectadores presentes em uma praça esportiva, mas da capacidade e versatilidade de cada um desses, de maneira individual, consumir produtos esportivos durante o espetáculo de futebol" (Hollanda, 2014, p. 323/4). O torcedor como um consumidor configura-se, assim, uma ação a ser fomentada no período de atualização em voga no futebol, papel potencializado com a inauguração das arenas para a Copa do Mundo e os modos de gestão das mesmas.

3.1) O "ingresso" do Corinthians em uma "modernização"

Cabe agora lançar um olhar detalhado a respeito do acesso aos ingressos pelos torcedores, seja por meio do Fiel Torcedor ou da revenda realizada pela Estopim da Fiel. Darei ênfase em um primeiro momento aos processos de gestão do Corinthians ao alterar os modos de venda de ingressos e, em seguida, às leituras realizadas por

[255] O autor se refere ao caso específico da reforma do Estádio do Maracanã, no entanto sua análise se aproxima do presente estudo, uma vez que "A reforma do estádio (...) compreende uma série de mudanças estruturais com vistas à realização da Copa de 2014" (Hollanda, 2014, p. 322). Em seu artigo as mudanças são observadas a partir de uma praça esportiva que passou por um intenso processo de reforma estrutural, ao passo que no caso estudado, as mudanças são observadas entre duas praças esportivas: o Pacaembu, cujos conceitos que guiaram sua construção em muito se assemelham aos da construção do Maracanã, conforme trabalhado na *introdução*, e a Arena Corinthians, construída no mesmo bojo de alterações aplicadas sobre o Maracanã reformado para o Mundial de 2014.

torcedores sobre as mudanças nos modos e preços de venda dos ingressos quando os jogos passaram a ocorrer na arena.

Em 17/4/2014, data em que não havia jogo do Corinthians e que passei parte da tarde na sede da Estopim da Fiel, Gilmar, responsável pela loja da torcida, comentou ter interesse em discussões "contra o futebol moderno": seus referenciais para tal futebol eram aspectos como os estádios novos, com cadeiras em todos os setores, e proibições colocadas aos torcedores, como bandeiras com mastros e sinalizadores[256]. No dia da primeira partida disputada na Arena Corinthians a Estopim da Fiel realizou uma caminhada entre o local de estacionamento dos ônibus e a entrada da arena. Muitos dos materiais que não poderiam ser utilizados no interior da praça esportiva foram utilizados na rua, como fogos de artifício e bandeiras com mastros. Uma dessas bandeiras, posicionada à frente do agrupamento, era estampada com o primeiro nome da torcida – Torcida Uniformizada Estopim da Fiel – e a ilustração de uma bola de futebol antiga, composta por tiras de couro e uma costura, ao redor da qual estava escrito: "Diga não! Ao futebol moderno"[257].

Em 23/11/2014, aos quarenta e três minutos do segundo tempo do jogo entre a equipe do SCCP e do Grêmio Football Porto-Alegrense na arena, cerca de quinze torcedores, posicionados no setor sul, estenderam uma faixa com o escrito: "CBF e Rede Globo: o câncer do futebol". Junto à faixa, acenderam sinalizadores luminosos[258] e entoaram um cântico, rapidamente abafado por vaia realizada pela grande maioria dos torcedores que acompanhavam ao jogo. Perguntei a Valter, que eu acompanhava

[256] Os sinalizadores utilizados nessa situação, diferente daquele disparado em jogo disputado em 2013, na Bolívia, e que vitimou um torcedor, são pequenos artefatos de pirotecnia que emitem pontos de luzes, são proibidos nos estádios paulistas desde fevereiro de 2013, e os árbitros recomendados a interromperem as partidas caso sejam utilizados por torcedores, conforme: http://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,fpf-proibe-uso-de-fogos-e-sinalizadores-imp-,1002445 (acesso em 5/4/2016).

[257] Mantenho a escrita tal qual realizada na bandeira utilizada pela torcida, ainda que a pontuação sugira justamente para o oposto.

[258] O sinalizador se tornou um símbolo de resistência por parte de muitos torcedores. As pequenas dimensões destes (em geral tem o tamanho de uma caneta esferográfica) facilitam a entrada nos estádios em esconderijos tais como os tênis, raramente vistoriados na entrada dos torcedores, e mesmo junto ao corpo, em áreas dificilmente tateadas pelos policiais que realizam a revista. O uso destes pelos torcedores, no entanto, segue rendendo punições às torcidas organizadas e aos clubes: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2016/02/sinalizadores-da-torcida-na-final-da-copinha-rendem-multa-ao-corinthians.html (acesso em 10/6/2016).

naquela data, se ouviu qual era o coro dos torcedores que ergueram a faixa, e ele indicou que era o verso "ódio eterno ao futebol moderno"[259].

Em 4/2/2015, quando o Corinthians enfrentaria a equipe colombiana do Once Caldas, em partida válida pela Libertadores, encontrei-me com um torcedor que se apresentou como um dos responsáveis pela ação no jogo de 23/11/2014. Mostrou-me algumas imagens daquela partida registradas com seu smartphone, inclusive uma *selfie*, em que vestia um boné com a ilustração de uma bola de futebol antiga (semelhante à da bandeira utilizada pela Estopim em 18/5/2014) acompanhada do escrito "Against Modern Football" na parte frontal[260].

Em uma perspectiva histórica, o "futebol moderno" é tomado por Franco Jr. como decorrente da Revolução Industrial: "Os dois fenômenos baseiam-se em competição, produtividade, secularização, igualdade de chances, supremacia do mais hábil, especialização de funções, quantificação de resultados, fixação de regras" (2007, p. 25). O esporte já era praticado na Inglaterra ao longo do século XIX, sobretudo em escolas públicas, sob regras específicas que variavam entre os distintos locais do país. A normatização de quatorze regras para a prática e a criação da Football Association, em 1863, conferiram ao *football* características caras aos processos de modernização de então.

Pensado enquanto uma boa ferramenta para "a manutenção da ordem estabelecida" (Franco Jr., 2007, p. 28), o futebol disputado nas escolas, assim, poderia ser utilizado como instrumento pedagógico e atrair o interesse de adultos de classe média: "em outras palavras, um 'processo civilizador' esteve em marcha ao longo desse desenvolvimento inicial" (Dunning, 2014, p. 197).

A introdução do futebol no Brasil, sob uma perspectiva oficial, teria ocorrido na última década do século XIX, com o retorno da Inglaterra de "filhos da elite brasileira"

[259] Segundo o jornalista Irlan Simões: "O termo surge de forma 'oficial' em 1999, quando um torcedor do clube italiano AS Roma lança num site não-oficial do clube um texto com o titulo 'Manifesto Against Modern Football'" (Simões, 2016, on-line). Torcedores do Clube Atlético Juventus reivindicam a inserção do termo, tomado por Simões como "palavra de ordem", no contexto do futebol brasileiro. A frase, entoada palavra a palavra, passou a ser utilizada por torcidas de distintos clubes como forma de protesto e se tornou título e refrão de música da banda punk paulistana "Desacato Civil".

[260] O produto era comercializado pelo *website* "CFM Shop", sigla para a frase "Contra o Futebol Moderno", e passei a notá-lo com frequência na cabeça de torcedores em dias de jogos. Atualmente (10/4/2016) a *webloja*, que vendia, além do boné, diversas outras peças de vestuário com estampas sobre o tema, se encontra inoperante.

(Castellari, 2010, p. 30). Nesse período já era registrada a prática do esporte no Brasil, ainda que sem a formalização das regras do *Football Association*, cujo ingresso no país é outorgado, como se sabe, a Charles Miller, filho de um engenheiro escocês residente em São Paulo. Aos nove anos de idade foi à Inglaterra completar seus estudos, retornando em 1894 com utensílios para a disputa do futebol: bolas, chuteiras, uniformes e, evidentemente, um livro de regras (Franco Jr., 2007, p. 60).

Categoria ampla, utilizada por atores do futebol contemporâneo e pensada por pesquisadores das ciências humanas (Castellari, 2010; Dunning, 2013; Franco Jr., 2007) em suas gradações, para se compreender os usos do termo "futebol moderno" pelos torcedores do Corinthians – sobretudo no período em que o clube deixava de mandar seus jogos no Estádio do Pacaembu e passava a disputá-los na Arena Corinthians – é necessário observar como a diretoria corintiana o acionou, em consonância às atualizações e discursos de modernização pautados pelo consumo, conforme apontado anteriormente a partir de Campos (2014), Curi (2012), Hollanda (2014) e Toledo (2012).

***

Em fevereiro de 2006, Alberto Dualib foi reeleito para o sétimo mandato consecutivo como presidente do Corinthians, gestão que se deu de maneira conturbada desde o princípio[261] e se agravou no mesmo ano, com os embates envolvendo SCCP e o o grupo de investidores MSI, mencionados no primeiro capítulo. Em 2007, as investigações realizadas pelo Ministério Público Federal sobre a parceria entre o clube e a empresa colocavam o presidente como envolvido em um esquema de lavagem de dinheiro e formação de quadrilha[262], razão pela qual era pressionado por dirigentes do clube e torcedores para deixar o cargo[263].

[261] Por meio de uma ação na justiça, componentes da chapa de oposição conseguiram uma liminar que impedia que Dualib de assumir o cargo, dentre outras questões impostas judicialmente ao pleito, conforme noticiado: http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2006/02/03/ult59u99566.jhtm (acesso em 1/4/2016).

[262] Em razão das investigações em curso, a postura do conselho deliberativo do SCCP era votar o impeachment de Dualib, que se antecipou e renunciou ao cargo: http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/09/21/ult59u131277.jhtm (acesso em 1/4/2016).

[263] Em junho de 2007 torcedores corintianos fundaram o "Movimento Fora Dualib", que, por meio de entrega de panfletos, protestos em dias de jogos e na sede social do clube exerciam pressão para que o presidente deixasse o cargo: http://oglobo.globo.com/esportes/movimento-fora-dualib-sera-lancado-nesta-sexta-feira-4188087 (acesso em 1/4/2016).

Em setembro daquele ano, Alberto Dualib se antecipou a um possível pedido de *impeachment* e renunciou ao cargo. Novas eleições foram agendadas para outubro de 2007, que elegeriam um novo presidente com mandato até fevereiro de 2009.

A chapa "Renovação e transparência", encabeçada por Andrés Sanchez, venceu as eleições, tendo como principal proposta tornar os processos políticos e econômicos do SCCP mais "transparentes" do que nos quatorze anos da presidência anterior[264]. Ele assumiu a presidência do Corinthians em meio a uma "crise política"[265] e com a equipe de futebol profissional do clube sob a meta, na disputa do Campeonato Brasileiro, de não ser rebaixada para a Série B (segunda divisão) do torneio, o que terminou por acontecer.

Para cumprir a agenda prometida, Andrés Sanchez iniciou seu mandato remodelando o estatuto eleitoral do Corinthians, aprovado em setembro de 2008, que ampliava a duração do mandato de presidente do clube de dois para três anos e encerrava a possibilidade de reeleição: "Trata-se do mais moderno, eficiente e democrático regulamento de um clube de futebol brasileiro, pois cria as condições necessárias à realização de uma gestão eficiente e transparente, com prestação permanente de contas e envolvimento dos associados no dia a dia do clube" (Relatório de Sustentabilidade, 2008, p. 14)[266].

O termo "moderno", e suas variantes, seria doravante utilizado para se referir aos demais feitos de sua gestão no clube, marcada pela construção da Arena Corinthians, pela inauguração do Centro de Treinamento no Parque Ecológico do Tietê, pela criação de uma rede de lojas para venda exclusiva de produtos relacionados ao clube[267] e do plano de sócio torcedor corintiano[268].

---

[264] Para tanto teriam de lidar com o clube passando por investigações da justiça federal, com dívidas financeiras de valor à época desconhecido: http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2007/10/09/ult59u133001.html (acesso em 1/4/2016).

[265] Termo utilizado pela mídia para se referir aos problemas administrativos e políticos enfrentados à época por diretores corintianos: http://esportes.terra.com.br/futebol/brasileiro2007/interna/0,,OI2050175-EI8817,00-Nelsinho+admite+que+crise+politica+atrapalha+Corinthians.html (acesso em 1/4/2016).

[266] A criação do "Relatório de Sustentabilidade" do clube, divulgado anualmente com dados sobre as transações financeiras e movimentações políticas no período, foi uma das ações visando construir uma gestão "renovada e transparente".

[267] Em 2003 foi aberta na sede do SCCP a loja "Poderoso Timão", que, durante a gestão de Andrés Sanchez, recebeu investimentos e se tornou uma rede de franquias com lojas em diversos estados brasileiros. Atualmente a rede conta com setenta e duas lojas, vide: http://www.redepoderosotimao.com.br/lojas (acesso em 1/4/2016).

A categoria "sócio torcedor" começou a ser implantada no Brasil na virada do século XX. A criação dessa modalidade de torcedor era tomada por clubes com o intuito de "promover os torcedores a consumidores", como uma forma de diminuir certa passionalidade, vista pelos gestores do futebol como danosa ao espetáculo do futebol profissional (Toledo, 2000, p. 270). Os torcedores mais passionais, na noção desses sujeitos, surgiriam na figura dos torcedores organizados. Se no período do citado trabalho os programas de sócio torcedor apresentados ofereciam aos associados contrapartidas esparsas[269], o modelo atual, espraiando-se nos últimos anos entre os grandes clubes brasileiros, possibilita uma vantagem central: prioridade e descontos na compra de ingressos para os jogos.

O "Fiel Torcedor", programa de sócio torcedor do Corinthians, foi lançado no final do ano de 2008, oferece como principal serviço a compra de ingressos para partidas com mando do Corinthians de maneira antecipada, com desconto sobre o preço de face do ingresso[270] e via internet – paralelamente eram oferecidos descontos nas lojas oficiais do clube. Até então a venda de ingressos para jogos do Corinthians ocorria unicamente por meio de bilheterias físicas, instaladas na estrutura de estádios ou de stands montados em shopping centers, estacionamentos de supermercados e as próprias lojas. Os ingressos eram impressos em papel com uma fita magnética ou em material plástico mole e, apenas eventualmente, quando realizada a venda de meia-entrada, traziam impressos dados pessoais do torcedor – o que favorecia a ação de "cambistas"[271].

Nos primeiros anos do programa de sócio torcedor corintiano, entre 2008 e 2009, a associação se dava a partir do pagamento de um valor anual, que variava entre três planos de associação, nomeados: "Minha Vida"; "Minha História"; e "Meu

[268] É relevantes destacar que tais inovações na gestão do futebol em clubes grandes não ocorreram apenas no Corinthians, mas sim que se trata de uma tendência que alcança diversos clubes, como já visto anteriormente.
[269] "Proposto de maneira desigual e em tempos díspares, mas nem sempre levado a cabo, tal modelo acompanharia as diversas demandas e interesses políticos de seus implementadores", (Toledo, 2012, p. 151).
[270] Termo que se refere ao preço cobrado pelo ingresso na venda em bilheterias. Quando os ingressos se esgotam na etapa de vendas pela internet tal valor não chega a ser praticado, sendo tomado apenas como um referencial para o desconto a que terão acesso os sócios torcedores.
[271] Nomeação atribuída aos sujeitos que adquirem ingressos e os revendem a um preço superior nas imediações de praças futebolísticas, shows musicais e demais eventos com venda de ingressos. Retomarei essa categoria adiante.

Amor"[272]. Cada plano oferecia disponibilidade para compra de ingresso em um dos setores do Estádio do Pacaembu, local de mando dos jogos da equipe em São Paulo, respectivamente: arquibancada de portão principal (verde e amarela), tobogã[273] e o setor "laranja família"[274], arquibancada especial laranja e cadeiras numeradas (cobertas ou descobertas). Em 2010, foi criado o plano "Minha Torcida", específico para associados a torcidas organizadas, com prioridade na compra de ingressos para arquibancada amarela, restando aos associados pelo plano "Minha Vida" ingressos para o setor verde, tobogã e laranja família.

Entre 2014 e 2015, os ingressos para jogos do Corinthians na arena eram vendidos pelo programa a partir da seguinte divisão: associados ao plano "Minha Vida" poderiam adquirir ingressos para os setores sul, leste inferior e leste superior; associados ao plano "Minha Torcida" tinham acesso apenas a ingressos para o setor norte; associados ao plano "Minha História", ingressos para os setores leste inferior, leste superior e oeste superior; e associados ao plano "Meu Amor", os setores leste inferior, oeste superior e oeste inferior[275].

Ao realizar a associação em um site criado e gerido pela Omni, empresa parceira do Corinthians[276], recebe-se um número de matrícula, sob o qual ficam registradas as movimentações do associado no programa. Alguns dias após o pagamento da primeira anuidade, o sócio recebe, por correio, um cartão magnético que traz impresso o nome, número de matrícula e data de nascimento conforme registro no site[277]. No verso do cartão há a informação do plano do associado, o que também é diferenciado de acordo

[272] Os nomes dos planos seguem os versos de música criada pelos Gaviões da Fiel e cantada pela torcida corintiana em geral, que consiste na repetição dos versos: "Corinthians, Corinthians minha vida, Corinthians minha história, Corinthians meu amor".
[273] Como visto, setores tomados como equivalentes por estarem posicionados atrás das traves.
[274] Pequeno setor com capacidade para 2447 pessoas, na ponta da lateral ímpar do Pacaembu.
[275] Essa divisão dos setores conforme os planos do programa fora especulada em agosto de 2013 pelo site de notícias esportivas Lance, em matéria que contava com uma imagem área da arena ainda em obras e indicava comparações com a disposição dos setores no Pacaembu – a imagem encontra-se na seção iconografia, ao término do capítulo.
[276] A empresa Omni Financeira é responsável pelo site e pela administração do Fiel Torcedor: http://fieltorcedor.com.br/ (acesso em 1/4/2016).
[277] Muitos torcedores realizam críticas ao funcionamento desse sistema, alegando não oferecer segurança o suficiente para transações via internet. Durante a pesquisa de campo tive contato com um torcedor que, buscando demonstrar a falta de segurança do programa, realizou um cadastro com os dados de seu cachorro, inventando números falsos para registro geral (RG) e Cadastro de Pessoa Física (CPF). Após realizar o pagamento da anuidade recebeu em sua casa um cartão cujo nome do usuário impresso era o do cachorro, chamado "Favela", e a partir desse cadastro comprava e revendia ingressos para amigos – esse um procedimento comum entre torcedores, como se verá no capítulo dois.

com a cor predominante no cartão, sendo o do plano "Minha Vida", preto, "Minha História", prata e "Meu Amor", dourado.

Em janeiro de 2014, quando realizei minha associação ao programa a fim de acompanhar os jogos do Corinthians para realização da pesquisa, o valor da anuidade era R$180,00, e o desconto oferecido para a compra de ingressos variava de acordo com a quantidade de ingressos adquiridos (de 30% a 40%). Com o preço de face do ingresso para arquibancadas principais e tobogã fixado em trinta reais, o preço pago por cada ingresso variava entre dezoito e vinte e um reais[278]. Para jogos na arena o preço cobrado por ingressos para o setor sul oscilava entre quarenta reais (para jogos do Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil e Campeonato Paulista) e cinquenta reais (para jogos da Libertadores). A porcentagem do desconto foi mantida, de modo que o preço dos ingressos oscilava entre vinte e oito e trinta e cinco reais.

A venda de ingressos para dois ou três jogos ocorria até janeiro de 2015, quando o clube colocou à disposição para os sócios torcedores, o primeiro "pacotão" de ingressos. Foram colocados à venda nesse os ingressos para dez partidas: um amistoso[279], um jogo classificatório para a Libertadores e oito partidas da primeira fase do Campeonato Paulista. O desconto oferecido sobre o preço de face do ingresso era de 50%, e o pacote com ingressos para o setor sul totalizava R$250,00, a serem pagos exclusivamente à vista e junto à anuidade do programa, ao custo de R$180,00, em parcelas, ou R$160,00, à vista. Quando realizada a venda, muitos jogos não possuíam data definida, porém, com o custo de cada jogo a R$25,00, "podia compensar".

Esse pacote foi criticado por torcedores, inclusive aqueles que o adquiriram, por duas razões. Primeiramente, porque o pagamento à vista apenas poderia ser realizado por torcedores de maior poder aquisitivo, em razão do montante a ser investido. E também porque no pacote foram colocados à venda todos os ingressos para o setor sul, e não uma porcentagem. Assim, apenas teriam acesso aos jogos no setor mais barato os torcedores que poderiam pagar R$250,00, equivalentes aos ingressos, e R$180,00, equivalente à renovação da associação, à vista. Apesar das críticas ao modo da venda o

[278] Realizava os pagamentos de meus ingressos por meio de boleto bancário, o que acrescia um real e cinquenta centavos ao preço de cada ingresso.
[279] Contra a equipe inglesa do Corinthian-Casuals, que inspirou o nome para a fundação do SCCP em 1910. Por essa razão a partida foi tomada por muitos torcedores como "histórica".

"pacote" foi adquirido por muitos torcedores que temiam não conseguir comprar ingressos para as partidas quando a venda fosse realizada às vésperas dos jogos.

Toda a movimentação para a compra de ingressos pelos associados ocorre via internet, e em distintas etapas. Inicialmente é realizado o envio de informações ao torcedor, via e-mail e Twitter, com as datas e horários do início da venda de ingressos, tanto para jogos avulsos como para "pacotes". Quando a venda de ingressos é aberta, o associado reserva a sua entrada, o pagamento pode ser feito por meio de cartão de crédito, previamente cadastrado no site do programa, ou via boleto bancário. Realizada a reserva de um ingresso, o associado tem vinte e quatro horas para efetuar o pagamento, caso não o faça a reserva é automaticamente cancelada pelo sistema de vendas e o ingresso volta a constar como disponível no site.

Para comprar ingressos de jogos disputados na Arena Corinthians duas opções são abertas ao torcedor no ato da reserva do ingresso: escolher ou não o assento. Nesta segunda opção, um mapa do setor é aberto, em que as cadeiras na cor branca estão disponíveis, e as cadeiras na cor cinza já foram adquiridas. Para cada partida são coladas nas cadeiras do estádio uma etiqueta que indica o jogo (Corinthians x visitante), nome e número de matrícula do associado que adquiriu aquele assento e a indicação da fileira e número do mesmo. Por exemplo: Corinthians x Goiás, 451330, Gabriel Moreira Monteiro Bocchi, fileira B, cadeira 7.

No caso do plano "Minha Vida", pelo qual a partir de 2011 alguns jogos começaram a ter maior procura por ingressos do que a oferta foi criado um sistema de pontuação para dividir a venda em outras duas etapas. O cálculo é baseado na assiduidade dos torcedores na compra, em que cada ingresso adquirido concede 1.1 ponto, que ao serem somados indicam o número de pontos que o torcedor possui no programa. Este 1.1 ponto é fracionado: no período de doze meses são somados integralmente, no entanto, após doze meses da compra, para o cálculo da pontuação geral do associado será computado apenas o 0.1 ponto. Assim, se entre janeiro de 2014 e junho de 2015 foram adquiridos 28 ingressos, sendo 20 entre junho de 2014 e 2015, em junho de 2015 a pontuação no programa seria de 25 pontos[280].

[280] Para melhor compreensão do cálculo de assiduidade e demais questões referentes ao programa de sócio torcedor corintiano, vide Anexo C.

Quando a data da venda de ingressos para uma ou mais partidas é anunciada por meio do e-mail enviado pelo programa, é indicado o número de pontos mínimos necessários para que o torcedor seja incluído na categoria de "mais assíduo"; em seguida, os demais, que são referidos como "todos os sócios adimplentes". Esta pontuação, no entanto, não segue uma lógica matemática fixa, mas sim a de jogos com maior ou menor procura: se é mantida em 20 pontos para a venda de ingressos para partidas do Campeonato Paulista, para a venda de jogos da Libertadores, em que a procura por ingressos é maior, é elevada para 30.

As disposições para a compra de ingressos, no entanto, variam de acordo com a situação: quando há grande intervalo de tempo entre a venda dos ingressos e a data da partida, o programa chega a manter a venda aberta para os sócios mais assíduos por até três dias; em outros casos o tempo é menor, conforme explicação dada por torcedores em 14/2/2015. Nessa data, um sábado de carnaval, Corinthians e Botafogo de Ribeirão Preto disputaram partida válida pelo Campeonato Paulista na Arena Corinthians, e antes do jogo o assunto entre os torcedores, reunidos em um bar próximo à estação Artur Alvim, era a partida posterior a essa, válida pela Libertadores e que ocorreria em 18/2, quarta-feira de cinzas.

Alguns deles, embora estivessem "acima da pontuação", não conseguiram comprar ingressos. Isso por que o Corinthians tinha disputado em 11/2 partida eliminatória contra a equipe do Once Caldas, e apenas ao término da partida, ocorrido por volta da meia noite do dia 12/2, o jogo do dia 18/2 foi confirmado. Com o final de semana seguinte emendado ao feriado de carnaval, seria necessário um dia útil entre a geração de boletos bancários pelo site e a data da partida. Por volta das 00h30min da quinta-feira, 12/2, foi enviado o e-mail informando sobre a venda de ingressos: entre 1h e 12h seriam vendidos para sócios com vinte pontos ou mais no cálculo da assiduidade, e entre 13h e 16h para os demais associados, assim, os boletos bancários seriam gerados em 12/2 com vencimento em 13/2, sexta-feira anterior ao feriado. Ingressos reservados que não fossem devidamente pagos seriam colocados à venda na bilheteria da arena no dia do jogo.

Alguns torcedores se queixaram que, como a partida terminou na madrugada de 12/2 e a maioria trabalhava no dia seguinte, apenas tomaram conhecimento da venda de

ingressos quando as entradas para os setores sul e leste inferior, com preço mais acessível, já estavam esgotadas.

Para muitos dos torcedores o programa oferece duas vantagens: premia os mais assíduos com a prioridade para a compra de ingressos e extingue as longas filas que se formavam em bilheterias em jogos com grande demanda de público – como clássicos e partidas decisivas[281].

O acesso aos jogos, por fim, se dá com a aproximação do cartão magnético de uma superfície digital nas catracas do estádio, referida pelos funcionários que vestem colete com o símbolo do clube e da empresa Omni como "catracas eletrônicas".

No relatório de sustentabilidade divulgado pelo clube em 2011, referente ao ano anterior, é disponibilizado um balanço dos dois primeiros anos de funcionamento do Fiel Torcedor. O programa atingia a marca de setenta mil inscritos, dos quais apenas trinta e três mil estavam em dia com a anuidade. A arrecadação com jogos e com associações ao programa representava 16% da geração de receita do clube[282]. Em tom comparativo, indica-se também o crescimento da rede de lojas Poderoso Timão, que em 2010 chegara à marca de cento e quatro lojas e faturamento de R$109 milhões[283].

No esforço de reorganizar política e economicamente o Corinthians, Sanchez e demais diretores e conselheiros, membros da chapa "renovação e transparência" utilizavam o termo "modernização" como um mote, para se referir ao modo de organização do estatuto eleitoral do clube, à criação de uma rede de lojas para venda de produtos oficiais do clube, ao modo de venda dos ingressos, entre outros.

Através do destaque ao programa, foi por meio dele que os pretensos primeiros ventos dessa modernização, pela via do consumo, chegaram efetivamente aos torcedores, com mudanças no modo de compra e venda de ingressos. Nesse sentido, a noção de "modernização" é atrelada ao desenvolvimento tecnológico, à popularização do acesso à internet, a serviços bancários (como o uso de cartões de crédito) e uso do cartão magnético para a entrada nos jogos, levando a mudanças nos hábitos dos

[281] Em 1/10/2014, alguns torcedores conversavam sobre as vantagens do programa, comparavam o modo de compra dos ingressos pelo programa de sócio torcedor ao que realizavam anteriormente, "pegando filas", às vezes tendo de pernoitar no local da venda ou lançar mão de demais estratégias, como relatado por Vinícius, que se articulava junto a um "motoboy" da empresa em que trabalhava para que realizasse a compra dos ingressos.
[282] Cf. Relatório de Sustentabilidade SCCP, 2011, p. 46.
[283] Ibid. p. 36.

torcedores para compra de ingressos para os jogos. Assim, o "ingresso" do Corinthians na modernização propalada pelos dirigentes se deu, principalmente, a partir de mudanças no modo de venda das entradas para os jogos.

Cabe ressaltar, no entanto, rearranjos dos torcedores para lidar com as possibilidades para compras, vendas e revendas de ingressos por meio do programa.

3.2) Torcedores *on-line* e revendas de ingressos

Praças públicas, estações de metrô e da CPTM, sede de torcida organizada, arquibancadas, setores com cadeiras, lanchonetes, ônibus – até aqui esses foram os principais espaços citados nas cenas durante a realização da pesquisa de campo. No entanto, outro se fez presente: o "ciberespaço".

A criação do "ciberespaço" é apontada por Rocco Jr. como "uma nova dimensão social", cujo desenvolvimento "trouxe o surgimento das chamadas redes sociais, nas quais indivíduos podem, com os mais diversos objetivos, se relacionar com outras pessoas com quem tenham afinidades de interesses" (2015, p. 139). Tais redes sociais privilegiam a criação de "um perfil baseado nas referências identitárias construídas e validadas fora da rede" (Ramos, 2015, p. 70); essas "afinidades de interesses" e "referencias identitárias" abrangem, evidentemente, discussões sobre futebol, especificamente associadas ao clubismo.

Já indiquei anteriormente que a inserção do Twitter dentre os espaços da pesquisa se deu em razão dele ter sido utilizado por um período de cerca de cinco anos como principal meio para contato entre associados do e o programa. É importante indicar, então, algumas especificidades dessa rede social quando pensada em comparação às demais, o que permite compreender porque me baseei na mesma para ampliar minha rede de contatos entre os torcedores e de que maneira tal questão está ligada aos consumos dos torcedores.

Nos primeiros anos do século XXI, em que se potencializou no Brasil o uso doméstico do computador pessoal e o acesso a internet, especialmente entre pessoas dos segmentos ABC, tem-se a formação dos primeiros fóruns on-line criados por internautas

brasileiros (Gomes, 2007, p. 314-5). Trata-se de *Websites* temáticos que hospedam páginas divididas como "tópicos de discussão", em que quaisquer usuários da internet previamente cadastrados no site podem interagir, tanto em discussões públicas entre os usuários do *website*, como entre si, por meio de mensagens privadas.

É relevante atentar, a partir do trabalho de Lilian Torres (1993), para o dado de que anteriormente à consolidação das redes de sociabilidade via internet, já havia, com relativa popularidade, serviço semelhante no país que permitia "conversas 'sem rosto'" (1993, p. 67). Por meio do "Disqueamizade", serviço para conversas entre pessoas desconhecidas a partir de ligações telefônicas para o número "145" (como também era conhecido o serviço), no qual se dialogava em grupos de até cinco integrantes. Indica a autora que "O Disqueamizade pode ser utilizado como um "fim" em si – com o término da interação coincidindo com o ato de desligar o telefone – ou como um "meio" – a partir do qual os participantes ou marcam encontros, o que repõe estas relações no circuito de opções de lazer da cidade" (1993, p. 73), o que permite um paralelo entre o serviço do "145" e o caso das redes sociais virtuais.

Em 2004, o Orkut começou a ser utilizado por brasileiros; tratava-se de uma rede social que privilegiava a interação entre perfis baseados em um "realismo identitário, que supõe: a) a correspondência entre identidade dentro e fora da rede; b) a visibilidade do indivíduo e de seu mundo fora da rede e, em decorrência, c) que as relações entre indivíduos transitem dentro e fora da rede" (Ramos, 2015, p. 70). Os perfis com os quais se criava[284] laços nessa rede em grande medida estavam ligados a relações fora da rede, fosse por meio de contatos pessoais (amigos, parentes) ou a partir de interações nas "comunidades". As comunidades exerciam papel central no Orkut, disponibilizavam possibilidades semelhantes às dos "fóruns": ao criar um perfil nessa rede social a pessoa tinha à sua disposição uma enorme quantidade de comunidades com as quais se associar, por meio da ferramenta "participar", uma demonstração de identidade com o tema proposto no título e na foto de ilustração da mesma e/ou participando dos tópicos de discussão propostos[285]. Os títulos e tópicos das comunidades

[284]O Orkut foi "tirado do ar" pela Google, empresa responsável pelo serviço, em setembro de 2014, conforme: http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/09/orkut-sai-do-ar-nesta-terca-acesso-chega-7-dos-internautas-no-brasil.html (acesso em 30/4/2016).

[285]Na página de um perfil no Orkut era dado destaque a uma foto e ao nome escolhidos pelo usuário como representações de seu perfil naquela rede, posicionados no topo à esquerda e no topo ao centro, respectivamente. Abaixo do nome havia uma série de pequenas imagens que serviam como links para demais informações pessoais e um espaço para uma autodescrição. À direita da página era dado destaque

versavam, em geral, sobre temas da vida *off-line*, como, no caso do foco dessa dissertação, a "comunidade do Corinthians", dos Gaviões da Fiel[286].

Com o acesso à internet por meio de *smartphones*, e a seguida popularização desses aparelhos no Brasil[287], outras redes sociais, de interação mais dinâmica do que o Orkut, passaram a ser acessadas no país, como o Facebook, que potencializou a atividade social por meio das interações diretas, em que o material publicado (ou compartilhado) que suscita discussões remete à própria experiência cotidiana de seus usuários. O Facebook mantém as interações temáticas dos "fóruns" e das "comunidades", no entanto elas são relegadas a um segundo plano, sob a forma de "grupos", listados à esquerda em uma coluna vertical com pouco destaque.

O Twitter, rede social contemporânea ao Facebook, não disponibiliza a opção de grupos de discussão, priorizando a interação rápida entre os perfis, por meio de publicações feitas com, no máximo, cento e quarenta caracteres. O perfil individual é composto por uma larga foto a ser utilizada como "capa", no topo da página, uma imagem de menor resolução, utilizada como "foto de perfil", no canto esquerdo, seguida de uma breve descrição do perfil (que pode ser pessoal, institucional[288] ou, ainda, *fake*[289]). Cada usuário detém um endereço na web e é citado, dentro do Twitter, por meio do seu endereço precedido por um símbolo de arroba. Por exemplo, o endereço

---

as fotos de perfil dos contatos da pessoa naquela rede e ilustrações das "comunidades" que a pessoa havia se associado.

[286]Em matéria publicada pela Revista Exame, foram listadas sessenta e nove comunidades do Orkut, cujos temas variavam entre consumo de bebidas, preferências musicais, discussões políticas e uma série de títulos baseados em situações cotidianas, tais como: "sou fluente em palavrões" ou "odeio pessoas efusivas". Ver: http://exame.abril.com.br/tecnologia/noticias/69-comunidades-que-voce-precisa-visitar-antes-do-fim-do-orkut#52 (acesso em 30/4/2016).

[287] Estimulada pelo Programa de Inclusão Digital do governo federal, que reduziu a tributação sobre a venda de smartphones, tablets e notebooks produzidos no país, conforme: http://g1.globo.com/economia/noticia/2014/08/governo-prorroga-ate-2018-tributos-zerados-para-notebook-e-smartphone.html (acesso em 30/4/2016);

[288]Trata-se de perfis criados por empresas, sites, bancos, lojas e afins para realizar anúncios e interações com sujeitos interessados em seus serviços. O perfil do Fiel Torcedor no Twitter é um exemplo de página institucional, até agosto de 2014 era utilizado como principal canal de comunicação entre o programa e seus contratantes, por meio de informações veiculadas (sobretudo a respeito da venda de ingressos para jogos) e esclarecimentos de dúvidas dos associados.

[289] Uma página falsa, por meio da qual se emula uma personalidade pública ou personagem criado nessa rede social. Exemplo interessante de um perfil *fake* é o que foi criado com nome e foto do narrador e apresentador de programas esportivos Cléber Machado, que se tornou pauta em um programa apresentado pelo mesmo no canal de TV paga "SporTV", conforme: https://www.youtube.com/watch?v=Mye-IKn1ZJ0 (22/4/2016).

www.twitter.com/miltonSCCP, para ser citado por outros usuários, é referido como @miltonSCCP[290].

Dada a ausência de espaços mais amplos para que o usuário se autodefina, no Twitter a exposição do "realismo identitário" indicado por Ramos (2015, p. 70) é feita constantemente, conforme publicações realizadas pelo usuário. Elas permanecem fixas de maneira regressiva (das mais recentes às mais antigas) na página individual – que pode ser de acesso público ou restrito a perfis selecionados pelo usuário – e ao "conhecer" um perfil no Twitter, toma-se ciência dos temas abordados nas postagens realizadas pelo usuário.

Assim, ao tomar conhecimento de um usuário cujo endereço seja @miltonSCCP, a foto utilizada como perfil possua algo relacionado ao Corinthians – um sujeito vestindo uma camisa do clube ou uma imagem do símbolo do clube –, e a foto utilizada como capa também faça alusão ao time, não é de se surpreender que exista uma volumosa quantidade de publicações sobre tal relação clubística, como comentários de notícias sobre jogadores, ingressos para jogos, links para vídeos com jogos antigos, fotos da pessoa em jogos e, sobretudo, interações com demais perfis do Twitter interessados no tema e com características semelhantes.

O conteúdo da página principal acessada por um usuário do Twitter, a *timeline* (ou "TL"), é composto por publicações dos perfis que são "seguidos", de modo que se referir à "TL" significa, nesse universo, referir-se aos perfis que lhe seguem, do ponto de vista do usuário do Twitter como um produtor de conteúdo a ser acessado por outros, bem como aos que são seguidos, do ponto de vista do usuário daquele perfil como um leitor de publicações. A formação de uma TL é o primeiro passo após a criação de um perfil, e se dá "seguindo" outros perfis, cujos temas dos *tweets*, termo que se refere às publicações no Twitter, contemplam o interesse do usuário daquele perfil.

As interações com os usuários que compõe a TL se dá com a menção às suas arrobas em publicações ou a partir da ferramenta "reply", que permite responder diretamente a uma postagem realizada. Os diálogos entre perfis em comum também são visualizados na TL. Há ainda a possibilidade de compartilhar com os perfis que lhe

[290] A referência entre os torcedores por meio do nome utilizado no Twitter é também acionada nos contatos face a face. De modo que uma pergunta frequente entre os torcedores, ao conhecerem outro em um dia de jogo e notarem que ambos são usuários do Twitter, é "qual a sua arroba?".

seguem publicações de outros, por meio do "retweet" (ou "RT"), bem como a possibilidade de usuários desconhecidos participarem de uma mesma conversa, de onde é frequente que, dado interesses em comum, se tornem seguidores.

Tais características conferem ao Twitter uma dinâmica em rede, e como não há "grupos" ou "comunidades", como no Facebook e no Orkut, com frequência a TL de um usuário do Twitter torna-se o espaço para discussão, em que a teia de perfis envolvidos, por vezes, parece não ter começo ou fim.

A dimensão do ciberespaço, no caso do Twitter, "não elimina as demais pré-existentes. Relaciona-se com elas, é condicionada, mas também altera as demais" (Rocco Jr., 2015, p. 139). Em uma rede social virtual que privilegia as interações sobre temas da vida *off-line*, as fronteiras entre essa sociabilidade e a *on-line* diminuem amplamente. O que pode ser melhor compreendido a partir de situações etnográficas[291] em que um uso específico do Twitter pelos torcedores é combinado ao modo de venda de ingressos pelo Fiel Torcedor.

A necessidade de compra de ingressos pelos associados ao plano "Minha Vida" – a fim de manterem-se acima da linha de assiduidade estipulada pelo programa – faz com que torcedores adquiram entradas sem saber se poderão ir ao jogo. Vivenciei situações, tanto *on-line* quanto *off-line*, em que um torcedor não conseguiu adquirir um ingresso para determinada partida (ou procurava uma entrada para outra pessoa) e lançava mão dessa rede de contatos via Twitter para comprar um ingresso. Igualmente, havia situações em que, em posse de um ingresso que não seria usado pelo titular do cartão, o mesmo era anunciado no Twitter. Os demais torcedores que o seguem na TL acionam outros, seja por meio de um "retweet" ou outros meios.

Nos termos utilizados pelos torcedores, ao "ter um ingresso na mão", mas sem poder ir ao jogo, "é passar ou morrer com ele", isso diferencia a atuação deles da dos "cambistas": os ingressos são revendidos pelo mesmo preço que o adquirido, ao passo que os cambistas excedem o valor de face dos ingressos para gerar lucro[292]. Por essa

[291]O uso do ciberespaço como um dos locais para pesquisa de campo em antropologia urbana é discutido por Dornelles (2004).

[292] Em algumas situações fui abordado por cambistas que ofertavam ingressos. Em geral trata-se de ingressos de papel, que trazem impresso o preço cobrado para a venda nas bilheterias, e em todas as situações o valor era correspondia à "meia-entrada". O aumento sobre o preço de face praticado pelos cambistas varia conforme a oferta de ingressos e o volume de público para o jogo. Assim, um ingresso para acompanhar a partida Corinthians vs. Red Bull (de baixo interesse de público) no setor sul da arena,

razão a atuação de "cambistas" é tomada, tanto pelo clube quanto pelos torcedores, como pejorativa, justamente por ter como fim um lucro ilícito, que "explora" o torcedor[293].

A partir dos contatos virtuais marcam-se encontros, na praça em frente à saída do metrô Itaquera, no bar próximo à estação de metrô Artur Alvim[294], que mobilizam e aproximam sujeitos.

Acompanhei distintas situações da entrega de cartões do programa de um torcedor para outro, e, com frequência o responsável pelo cartão estava ausente[295]. Como o cartão é "pessoal e intransferível", e seu uso por terceiros acarretaria no cancelamento da associação ao programa[296], algumas orientações eram passadas pelo torcedor que revendia o ingresso à pessoa que fosse adentrar na praça esportiva com um cartão no nome de outra pessoa.

Nas entradas para a área da arena, por uma escada de alvenaria com acesso pela calçada da Radial Leste ou em um portão na calçada da Avenida Miguel Ignácio Cury, era feita uma primeira verificação dos torcedores que possuíam cartões ou ingressos de papel, a fim de permitir que apenas pessoas com ingressos adentrassem. Essa ação é realizada pelos "orientadores de público" (sujeitos identificados pelo uso de coletes na cor laranja, já observados no Pacaembu), que abordam os torcedores dizendo repetidamente: "ingresso ou cartão na mão!".

---

adquirido por R$25,00, era revendido por R$50,00. Já um ingresso adquirido por R$40,00, para o setor leste inferior na partida Corinthians vs. Palmeiras, semifinal do Campeonato Paulista, em que os ingressos para o setor se esgotaram rapidamente, era revendido por R$250,00.

[293] Alguns torcedores com os quais eu interagia relataram situações ocorridas nas imediações do Estádio do Pacaembu em que agrupamentos de torcedores se reuniam na Praça Charles Miller para "pegar os cambistas", batendo neles, pegando os ingressos que possuíam e os redistribuindo – sob a sigla "OCC", Operação Capota Cambista, identificava essas ações. Entendiam que tanto essas ações quanto a ampla adesão dos torcedores ao Fiel Torcedor, que diminuiu amplamente a oferta de ingressos de papel, contribuíram para a diminuição no número de cambistas atuando em dias de jogos do Corinthians, o que já era observado pelos torcedores no Estádio do Pacaembu.

[294] É importante destacar que essas relações e trocas ocorriam também para jogos no Estádio do Pacaembu, no entanto, no período em que realizei etnografia em jogos disputados no mesmo, não presenciei encontros com tais finalidades. De toda forma, os torcedores comentavam sobre seus principais pontos de encontro nos arredores do Pacaembu: a banca de jornal no início da Praça Charles Miller e a região do círculo gramado de frente para o portão 2.

[295] Exceção feita aos casos em que um sócio torcedor adquiria um ingresso para um setor tido como "melhor" (setores leste e oeste, ou mesmo conseguia um "esquema" para entrar no setor norte junto das torcidas organizadas), e, então, "repassava" o seu próprio cartão.

[296] O que é indicado na cláusula quarta do termo para associação, disponível em: http://www.fieltorcedor.com.br/SCCP-Termo%20Fiel%20Torcedor-19.12.2014.pdf (acesso em 3/5/2016).

O ingresso é encostado em uma pequena máquina à mão do funcionário, que indica a validação ou não da entrada na arena. Essa máquina realiza também a função de imprimir em um pequeno papel informações como nome do associado, número de matrícula no programa, setor, portão para entrada e número do assento a que dão direito o ingresso adquirido; ele é entregue ao torcedor, a fim de que se localize na área da arena[297] e no interior da mesma[298]. Como o volume de torcedores frequentemente é grande para a quantidade de funcionários, muitos passam sem mostrar o cartão. Na área das catracas há mais funcionários, que atuam em casos de não liberação imediata após o ingresso ser encostado no sensor da catraca.

Os orientadores de público, que já atuavam em jogos no Estádio do Pacaembu, conforme apontado no capítulo anterior, sobretudo para indicar caminhos a serem seguidos pelos torcedores, desenvolvem atuações distintas na arena. A diferença começa pelo termo com que são referidos, "stewards", nomenclatura indicada na parte posterior dos coletes que vestem e utilizada pelo sistema de som da arena ao indicar as pessoas que devem ser procuradas pelos torcedores "em caso de dúvidas". A atuação deles foi ampliada: verificam cartões nas entradas e imprimem vouchers; orientam a postura dos torcedores no interior da arena; verificam os vouchers e indicam que um torcedor cujo ingresso não corresponde ao assento utilizado que se retire do mesmo; pedem para que os torcedores se sentem[299], que não permaneçam nas escadas[300] e que não fumem no interior da arena[301].

[297] Observação frequentemente realizada pelos torcedores era o "isolamento" entre a arena e a área pública, uma vez que a mesma foi construída no centro de um amplo terreno, e o restante da área foi cercada com grades de ferro. De modo que para acessá-la a partir das estações de metrô mais próximas é necessário, primeiro, caminhar até um dos portões para a área e, em seguida, caminhar até as entradas da arena.

[298] Referido como "voucher", é impresso a fim de localizar com precisão o assento adquirido. No setor sul não houve situações em que notei torcedores requerendo o uso do assento conforme prescrito no voucher e na etiqueta colada nas cadeiras. Já nas duas partidas em que estive nos setores leste, uma no inferior e outra no superior (o primeiro com ingresso ao custo de R$50,00 e o segundo de R$120,00, valores com o desconto oferecido aos associados ao plano "Minha Vida"), a entrada na arena dependia do voucher, que, nesses setores, são impressos a partir de computadores instalados em guichês próximos às catracas. Nesses setores os vouchers são exigidos fora da arena, para indicar a entrada no portão correto, uma vez que, diferente do setor sul, há mais de uma entrada e os setores são subdivididos. E dentro do mesmo, são conferidos pelos próprios torcedores, buscando utilizar o assento que lhe dizia respeito ou retirar do assento tido como seu outro torcedor.

[299] Em um debate realizado na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 29/5/2014, com o título "Fora do jogo: histórias de um futebol sem dono", o jornalista Rodrigo Barneschi se referiu ao "steward" como "um cara que quer dizer como o torcedor tem que ficar no estádio".

[300] Acompanhei a partida Corinthians vs. São Paulo, disputada em 18/2/2015, no setor leste superior, onde alguns torcedores preferiram permanecer em pé nas escadas a utilizarem os assentos indicados em seus ingressos, pois argumentavam que as cadeiras ficavam "longe demais do campo". O local em que

Em razão da atuação dos stewards de verificar os ingressos, dentre as orientações passadas para os torcedores que entrariam na arena com cartões de outros, distintas estratégias são indicadas: colocar o cartão dentro de uma capa plástica, a fim de encobrir o nome impresso; evitar que qualquer outra pessoa tenha o cartão em mãos, e para tanto, ignorar os stewards nos acessos à arena; a partir da recomendação anterior, caso o cartão não seja validado imediatamente na catraca, tentar entrar por outras, e caso a validação não ocorra, se afastar do portão e ligar para o torcedor que revendeu o ingresso. Demais precauções são tomadas pelos torcedores que fornecem os cartões, como evitar que cartões com nomes de mulheres sejam entregues para homens e, sempre que possível, entrar na arena junto desses torcedores.

Após ter observado a entrega de cartões por algumas vezes, vali-me do meu uso do Twitter para acompanhar as distintas etapas desse procedimento. Em uma situação como "revendedor" de um ingresso e em outra como comprador, descrevo adiante a primeira delas.

Na manhã do dia 4/2/2015, em que Corinthians e Once Caldas disputariam partida válida pela Libertadores, Jonathan me informou possuir um ingresso excedente para o setor sul em um cartão de um amigo seu, e o ofereceu a mim para que o repassasse para outro torcedor – aproveitei a situação para testar o funcionamento tanto do Twitter como meio para agenciar a troca de cartões, quanto a própria agência desses cartões para encontros antes dos jogos.

Por meio de meu perfil no Twitter informei: "tenho um ingresso *de* sul sobrando para o jogo. Alguém interessado?". Osvaldo, que com grande frequência utiliza o

---

estavam encobria parcialmente a visão do campo de outros torcedores, sentados nas cadeiras mais próximas às escadas. Aos stewards era impelida a função de, por meio do diálogo, convencer os torcedores que estavam em pé nas escadas a se dirigirem aos seus assentos, o que foi concretizado apenas com a informação de que havia oficiais da polícia militar a caminho do setor para "tirar do estádio quem estiver na escada".

[301] Tal restrição é informada por meio de avisos sonoros e visuais, nos telões posicionados ao fundo dos setores norte e sul, e nos letreiros luminosos entre os patamares inferiores e superiores dos setores leste e oeste. O que se informa é a inserção da arena à lei estadual nº 13.541, que proíbe o consumo de fumígenos em locais total ou parcialmente fechados, conforme: http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/2009/lei-13541-07.05.2009.html (acesso em 20/5/2016). Os stewards, ao verem um torcedor fumando, orientam que apague o cigarro – o que foi observado apenas nos setores leste, enquanto no sul era comum o consumo de cigarros, inclusive, por stewards.

Twitter para combinar trocas de cartões[302], respondeu à publicação, estava à procura de um ingresso para um amigo seu, Jorge. Trocamos mensagens e sugeriu que nos encontrássemos a partir das 19h no "Bar do Torcedor"[303], próximo à estação Artur Alvim. O encontro com Jonathan ocorreria às 21h30min na praça em frente à estação Corinthians-Itaquera.

Osvaldo entregaria cartões para torcedores que o aguardavam no acesso à arena pela Radial Leste, de modo que caminhei com Jorge até a praça em frente à saída da estação Corinthians-Itaquera. Em nosso percurso me agradeceu por ter conseguido o ingresso, comentou que por ter se associado recentemente ao plano "Minha Vida" estava muito abaixo da pontuação da assiduidade para aquela partida, e quando foi aberta a venda de ingressos para todos os sócios adimplentes, estavam disponíveis apenas ingressos para o setor leste superior, ao preço de R$120,00.

Sua agenda de trabalho, com apenas um dia de folga na semana, o impediria de ir à maioria dos jogos, tanto que sua ida àquela partida envolveu uma negociação junto a seu "chefe": combinaram que Jorge poderia realizar a sua "folga semanal" em dias no meio da semana com jogos do Corinthians pela Libertadores.

Tornou-se sócio torcedor ciente de que não estaria presente em todas as partidas, mas seu objetivo era "começar a colar nos jogos bons, clássico, Liberta[304]", razão pela qual recebeu o seu cartão e o entregou, junto do *login* e senha para acesso ao site do programa, para Osvaldo, que "administraria" o seu cartão, isto é, compraria e revenderia ingressos no mesmo. Seu planejamento era o de possuir um cartão com o qual ir aos jogos de seu interesse e dentro do que lhe fosse possível conforme sua agenda de trabalho. Dessa forma, se manteria ativo na rede de troca de cartões, tendo ingressos a fornecer para outros torcedores quando possível e adquirindo outros quando necessário.

[302] Em abril de 2015 Osvaldo reuniu alguns torcedores com os quais costumava agenciar a revenda de ingressos em um grupo de WhatsApp chamado "Ingressos Coringão", formando uma rede mais restrita para a circulação dos cartões.

[303] O nome "Bar do Torcedor", indicado em um toldo que cobre a área a frente do estabelecimento e em uma placa no interior do mesmo, não é utilizado por torcedores ou trabalhadores do mesmo, que o chamam de "Bar do Japonês", em razão de ser posse de uma família de nipo-descendentes. Manterei, no entanto, o uso do nome oficial do local.

[304] Modo de se referir à Libertadores. Alguns torcedores, que se orgulhavam por raramente deixar de ir aos jogos, utilizavam esse termo de maneira pejorativa ao se referirem a torcedores que, opostamente a eles, freqüentam apenas alguns jogos.

Ao chegarmos em frente à saída da estação Corinthians-Itaquera, nosso encontro com Jonathan, que acompanharia a partida no setor leste inferior e seguiria para o outro acesso da arena, foi rápido. Jorge agradeceu a Jonathan pela revenda do ingresso e indicou que, se precisasse de um em alguma ocasião, que falasse comigo, pois poderia, de maneira recíproca, lhe revender um ingresso disponível em seu cartão para uma partida em que não pudesse ir.

Nessa situação, Osvaldo, Jorge, Jonathan e Gabriel se envolveram em uma relação que incluiu o uso de ferramentas virtuais, o acesso a distintos locais no entorno da arena e contatos entre pessoas conhecidas e desconhecidas, em razão da entrega de um cartão magnético que validaria a entrada de Jorge para o jogo.

A partir das necessidades dos sujeitos para acompanhar os jogos *in loco*, como observado no caso de Jorge, as limitações colocadas pelo clube com o intuito de criar um sistema de venda de ingressos "pessoal e intransferível" são assim readequadas pelos torcedores. Tal readequação evidencia a atuação de objetos não humanos como atores em redes de sujeitos humanos, conforme indicado por Bruno Latour: "*qualquer coisa* que modifique uma situação fazendo diferença é um ator" (2012, p. 98, itálico do autor).

A atuação dos cartões do Fiel Torcedor se dá com a transformação destes em objetos "pessoais e transferíveis", que alteram situações e aproximam sujeitos que os possuem e os desejam. Assim, são cartões que circulam entre torcedores, baseados em redes de solidariedade, "que fazem com que torcedores ultrapassem os limites da prática instrumental de consumidores de futebol" (Toledo, 2012, p. 155).

3.3) O preço dos ingressos

Ainda que o preço dos ingressos já fosse tomado como elevado para jogos da equipe no Pacaembu, outras mudanças nos valores praticados eram indicadas pelos torcedores como decorrentes da inauguração da arena. Para a temporada de 2014 a anuidade do plano "Minha Vida" passou por um significativo aumento, de R$100,00 para R$180,00. Conforme indicado anteriormente, os ingressos mais baratos para jogos

no Estádio do Pacaembu eram adquiridos pelos sócios torcedores ao custo de R$20,00, e seus correspondentes na arena passaram a ser adquiridos por R$35,00. Os torcedores argumentavam também que com a inauguração da arena outros gastos dos dias de jogos foram elevados.

Era comum ouvir dos torcedores frases como "nós é que vamos pagar o estádio", o que expressava a noção de que o aumento no preço dos ingressos se dava pela necessidade de pagamento das parcelas do empréstimo realizado junto ao BNDES para a construção da arena[305].

Vários torcedores utilizavam tal expressão em sentido pejorativo, indicando ser equivocado por parte do clube elevar os valores para arrecadar a quantia necessária para saldar as contas. Outras críticas emergiam nesse contexto, como a de que não era necessário ter construído uma "Arena Padrão FIFA" para o clube e o envolvido em negociações com a "política da copa". O aumento para "pagar o estádio" era tomado como "roubar o corintiano"[306] e que a exclusão dos torcedores mais pobres dos jogos do clube maculava a arena como "casa do Corinthians".

Para outros torcedores esse aumento no preço dos ingressos era tomado como comum, e até esperado, já que "o estádio não se pagará sozinho", diziam. Assim, readequaram suas despesas mensais de modo que pudessem continuar presentes em todos os jogos. Apesar de evidentemente se sentirem insatisfeitos com os aumentos praticados, realizavam comparativos entre a situação vivenciada e os estádios construídos pelo clube nas primeiras décadas do século XX. Nas versões da história relatadas por eles, a construção de tais estádios[307] dependeu de investimentos financeiros e de mão de obra dos próprios torcedores e associados ao clube, como indicado anteriormente.

Ao se referirem desta maneira à Arena Corinthians, criam, de certa forma, um discurso de atualização do corintianismo, em que a arena e a própria atuação deles,

[305] A noção de que o valor arrecadado pelo clube com a cobrança das entradas era convertido para a manutenção da arena também surgira, como visto no capítulo dois, com relação às cadeiras quebradas.
[306] Essa interpretação era expressa em conversas com torcedores e em um cântico promovido pelas torcidas organizadas nos primeiros jogos disputados pelo clube em 2015. Com o valor de face do ingresso mais barato para jogos da Libertadores daquele ano em R$50,00, as organizadas (sobretudo os Gaviões da Fiel), cantavam uma paródia do samba "Coração corintiano": "doutor, eu não me engano, cinquenta paus é roubar corintiano".
[307] Da Ponte Grande e do Parque São Jorge, conforme indicado no capítulo um.

vendo-se como sujeitos que "pagarão o estádio", são contextualizadas à trajetória de estádios do clube. Em uma aproximação com a reflexão de Marshall Sahlins (1990, p. 7), a respeito do ordenamento cultural da história, pode-se indicar que a arena é, por meio de tais colocações dos torcedores, ordenada historicamente ao esquema cultural do qual aqueles torcedores se posicionam como sujeitos.

A dinâmica de circulação dos cartões era acionada também como modo de enfrentar o aumento no preço dos ingressos, uma vez que havia conflito entre os valores propostos pelo programa: com os ingressos mais caros tornou-se inviável a muitos torcedores que mantivessem a frequência em todos os jogos da equipe, no entanto, era necessário que continuassem a comprar ingressos visando o acúmulo de pontos junto ao programa.

A alta procura por ingressos para jogos na arena, compreendida pelos torcedores como parte da "novidade da arena", favorecia que não "morressem com o ingresso", pois, uma vez situados em uma rede de torcedores, confiavam que haveria, em todos os jogos, algum "conhecido" à procura dos mesmos.

Observei tal questão a partir de meu contato com Vinícius[308], outro torcedor que fazia circular cartões de sócios torcedores, e que era também responsável pela reserva de ingressos para amigos, assim como Osvaldo, por ter acesso à internet de boa velocidade em seu local de trabalho. A partir de um grupo no WhatsApp, "de corintianos que são muito assíduos no Fiel Torcedor", os torcedores informavam ingressos que possuíam para jogos em que não iriam, colocando-o à disposição para que outra pessoa o utilizasse.

Os torcedores com os quais Vinícius revendia cartões essa circulação dos cartões, ainda que indevida com relação às regras do programa, como uma forma de, por um lado, os associados a ele manterem uma boa pontuação no sistema de assiduidade, e, por outro, torcedores que não tinham a oportunidade de ir a todos os jogos "conhecerem a arena".

[308] Minha aproximação da rede de torcedores na qual interagiam Vinicius, Valter, Gomes, Gilberto e outros acionados ao longo do texto, se deu inicialmente em razão de comporem um coletivo nomeado como "Brigada Miguel Bataglia", cuja especificidade dos sujeitos e do agrupamento é atrelar suas atuações de torcedores às atividades de militância em partidos políticos tidos como "de esquerda" (PCdoB, PT e PSTU).

Ele expôs, em distintas situações, que a arena deveria oferecer espaços para aqueles que querem acompanhar aos jogos com luxos, no entanto, sugeria que a demanda de ingressos deveria ser condizente com a situação social da população: "se 80% da população é pobre, 80% dos ingressos têm que ser para pobre". Sua crítica com relação a esse tema dizia respeito à diminuição na quantidade de ingressos vendidos ao preço mais barato para os associados ao plano "Minha Vida", frequentemente elencada por torcedores como motivadora para que deixassem de ir aos jogos, uma vez que não conseguiam adquirir ingressos.

Meu contato com Vinícius, conforme indicado anteriormente, se iniciou em 17/7/2014, por intermédio de Valter. Por morarem próximos, frequentemente iam aos jogos juntos, no entanto, em outubro do mesmo ano Valter deixou de acompanhá-lo em todas as partidas e passou a priorizar alguns jogos. Valter, um dos corintianos que participava do grupo de WhatsApp citado por Vinícius, continuou a comprar ingressos para todas as partidas – a fim de que pudesse adquirir com antecedência ingressos para os jogos tomados como "mais importantes" –, os demais eram revendidos e o cartão entregue para outros torcedores por Vinícius.

Em 9/11/2014, quando me encontrei com torcedores da Brigada Miguel Bataglia, conheci Amilton, um dos sujeitos que a compunha, mas que não ia a jogos desde agosto daquele ano. Apontava que os gastos para ir a um jogo não se referem apenas à compra do ingresso, mas também gastos com bebidas, alimentos e transporte. Ao observar que nos primeiros jogos na arena gastou cerca de R$150,00 em cada dia de jogo, comparou que raramente gastava R$100,00 em jogos no Pacaembu, e decidiu "cancelar o seu Fiel Torcedor"[309]. A sensação partilhada por esses torcedores era de que em Itaquera "tudo ficou mais caro": os ingressos, as cervejas, os sanduíches (consumidos no interior ou exterior da arena), as cobranças para deslocamento (passagens de transporte público ou combustível e gastos com estacionamento).

O ingresso utilizado por Amilton para ir ao jogo estava no cartão de Valter que, por sua vez, apenas tornou a ir em um jogo da equipe em 23/11/2014, dois meses mais tarde. Sua presença foi celebrada pelos amigos com os quais não se encontrava desde

[309] Diferente de outros torcedores, que deixavam de ir aos jogos, mas seguiam comprando ingressos para serem revendidos, Amilton parou de comprar ingressos, se referindo a tal ato como um "cancelamento" de sua associação, justamente por deixar de somar pontos no sistema.

setembro, e justificada pelo mesmo em tom irônico: "ou eu venho para os jogos ou compro feijão!"[310].

À parte da taxa de anuidade do sócio torcedor, das datas para a venda antecipada pela internet e dos trâmites para troca de cartões do programa, entre os associados da Estopim, após as primeiras partidas disputadas na Arena Corinthians, também era frequente a discussão sobre os preços dos ingressos.

Na Estopim, cabe indicar, o procedimento para compra de ingressos é realizado em duas etapas. O torcedor – associado ou não à torcida – se dirige à sede nos dias anteriores ao jogo, paga o valor do ingresso e recebe em troca um ticket, a ser trocado pelo ingresso físico (impresso em papel) cerca de quatro horas antes do início da partida, na sede da torcida. Nas subsedes é realizado procedimento semelhante: os torcedores pagam antecipadamente o valor equivalente ao deslocamento para São Paulo (realizado em ônibus ou van fretados) e o valor do ingresso, a quantidade de ingressos adquiridos em cada subsede é informada por seu responsável à tesouraria da sede, que inclui a demanda de ingressos das "subs" à quantidade total de ingressos necessários à torcida. Esses ingressos são retirados junto à "diretoria do Corinthians"[311], que disponibiliza uma dada quantidade para revenda na sede de cada torcida organizada[312].

Para os jogos no Estádio do Pacaembu os ingressos eram revendidos na Estopim da Fiel ao valor de meia entrada sobre o preço de face, portanto, ingressos para jogos como o disputado em 27/4/2014 entre Corinthians e Flamengo, cujo preço para as arquibancadas de portão principal e tobogã era R$40,00, foram adquiridos por torcedores junto à Estopim por R$20,00. A porcentagem do desconto para a compra diretamente na sede da torcida era maior que a dos descontos oferecidos pelo plano de

[310] Valter, que mantinha postura crítica com relação ao elevado preço dos ingressos, elaborou junto de demais torcedores da Brigada uma planilha nomeada "fase de ajustes", por meio da qual convidava os torcedores a realizarem download de uma tabela, onde indicariam qual preço deveria ser cobrado para o ingresso em cada setor da arena e em seguida enviá-la preenchida aos departamentos de comunicação do clube, disponível em: http://brigadamiguelbataglia.blogspot.com.br/2014/08/ajude-fase-de-ajustes-simule-renda-e.html (acesso em 15/5/2015).

[311] Nas situações em que este procedimento foi relatado por algum torcedor, não se especificou qual setor ou departamento da direção do clube era o responsável por este procedimento.

[312] A quantidade de ingressos disponibilizada pelo clube não é fixa, nem de jogo para jogo, nem de torcida para torcida. É consenso entre os associados da Estopim que o clube "favorece" algumas torcidas organizadas nessa distribuição de ingressos. Assim como é consenso que "conseguir um ingresso" sendo associado à Estopim é mais fácil do que consegui-lo sendo associado aos Gaviões da Fiel, uma torcida tida como "gigante" quando comparada à Estopim, em razão do número de associados, e onde, conforme relatos de ex-associados aos Gaviões, a revenda de ingressos ocorre sem critérios claros.

sócio torcedor voltado a torcedores organizados, o "Minha Torcida"[313], e a não necessidade de pagamento de uma anuidade para obter ingressos a um preço inferior desmotivava torcedores, associados ou próximos à Estopim, a se associarem ao programa.

Com os jogos disputados na arena, evidentemente, ocorreram mudanças nos ingressos recebidos pela Estopim com relação aos jogos no Pacaembu. A torcida passou a receber ingressos para os setores norte, sul, leste inferior e superior, cujos valores de face, para as primeiras partidas disputadas na arena, válidas pelo Campeonato Brasileiro de 2014, eram: R$50,00, para os setores norte e sul; R$80, para o setor leste inferior; R$180,00, para o setor leste superior. Os ingressos passaram a ser vendidos com descontos inferiores aos praticados anteriormente, para jogos no Pacaembu, bem como a quantidade de ingressos a preços mais baratos também diminuiu, vendidos aos seguintes preços: R$30,00, para o setor norte; R$35,00, para o setor sul; R$40,00, para o setor leste inferior; e, R$90,00, para o setor leste superior.

Alguns associados à torcida, que costumam frequentar todos os jogos da equipe na cidade de São Paulo, também indicavam que o encarecimento no preço dos ingressos e, sobretudo, em bebidas e alimentos, dificultavam a ida em todos os jogos. Com os valores reajustados os torcedores comparavam os gastos para ir a um "jogo em casa" com os gastos para algumas caravanas da torcida[314].

Assim como entre os associados ao plano "Minha Vida", os ingressos para jogos do Corinthians na arena eram disputadíssimos na Estopim. Frequentemente, quando acessava o balcão para comprar a passagem para o ônibus, me deparava com anúncios do fim dos ingressos ou com uma longa "lista de espera", com nomes de torcedores ainda sem ingresso, em poder do presidente ou do tesoureiro da torcida. Os ingressos eram revendidos de acordo com algumas lógicas: 1) associados à torcida tinham preferência para adquiri-los; 2) os ingressos para as arquibancadas principais, no Pacaembu, e no setor norte, na arena, eram de venda preferencial para torcedores

[313] O desconto oferecido pelo plano "Minha Torcida" era fixado em 40%, e a anuidade cobrada em 2014 R$50,00.

[314] É interessante ressaltar que a comparação com caravanas fora destacada por associados da torcida em uma conversa sobre a extensão do trajeto entre Diadema e Itaquera, conforme indicado no capítulo dois. Se a distância geográfica não impede o acesso dos torcedores aos jogos, tal comparação para se referir aos ingressos revela uma fronteira simbólica pautada pelo montante de dinheiro a ser investido para prestigiar uma partida de futebol.

vestindo a camisa oficial da torcida; 3) torcedores frequentes em "jogos fracos"[315] tinham preferência para comprar os ingressos em jogos de grande procura; 4) torcedores que frequentemente viajavam nas caravanas promovidas pela torcida para acompanhar partidas do Corinthians em outras cidades também tinham preferência.

Tais lógicas eram verbalmente comunicadas pelos diretores da torcida. Como em 27/4/2014, após jogo contra o Flamengo, quando o ônibus com os torcedores iniciou o trajeto de retorno do Pacaembu para Diadema, o então presidente da Estopim, Rogério, informou sobre a caravana seguinte, para o jogo contra a equipe da Associação Chapecoense de Futebol, na cidade de Chapecó/SC. Às vésperas da inauguração da Arena Corinthians, foi enfático ao indicar que os torcedores que não mantinham o hábito de participar das caravanas não seriam "lembrados" nos jogos disputados na mesma.

Em 18/5/2014, data do primeiro jogo oficial disputado na Arena Corinthians, fui de Diadema para Itaquera dividindo o banco do ônibus com Cláudio, que não é associado à Estopim, mas frequenta jogos junto à mesma por ser colega de trabalho de Enéias, responsável pela subsede da torcida no município de Mogi-Guaçu, onde residem. Fazia cerca de um ano que não ia a jogos do Corinthians e não havia reservado o ingresso com antecedência, de modo que foi para Diadema em busca de "algum ingresso sobrando". Ainda na sede comprou com Rogério uma entrada para o setor leste superior, no entanto, ao chegarmos à arena, sob a alegação de que o presidente havia "contado errado" o número de ingressos, teve de entregá-la para outro torcedor, sendo devidamente ressarcido. Em sua percepção, porém, era sabido que a troca no torcedor que usaria aquele ingresso se deu em razão de "não costumar colar" nos jogos.

Nesse sentido, vivenciei demais situações em dias de jogos em que torcedores sem ingresso argumentavam no sentido de obterem entradas em posse do presidente da torcida ou algum dos diretores, tais como estarem nos jogos "sempre que dá", terem participado de alguma caravana para um local distante e que, com os preços cobrados pelos ingressos, era inviável estar presente em todas as partidas.

[315] É frequente que os torcedores façam menção a um "jogo fraco" descrevendo-o da seguinte maneira: válido pelo Campeonato Paulista, contra equipes do interior, em quartas-feiras, com o início da partida às 22h e sob chuva.

Apesar dos distintos modos para a compra das entradas, pelo Fiel Torcedor ou pela Estopim da Fiel, existem alguns pontos em comum. Além do aumento no preço dos ingressos para jogos na arena com relação ao preço cobrado para jogos no Pacaembu ter afetado as dinâmicas torcedoras independente da associação, é destacável a criação de lógicas de capital simbólico conforme apontado por Pierre Bourdieu – em que "o capital simbólico é um crédito, é o poder atribuído àqueles que obtiveram reconhecimento suficiente para ter condição de impor o reconhecimento" (2004, p. 166).

Entendo por "crédito" com relação aos modos de venda dos ingressos, tanto a pontuação no sistema de assiduidade do plano "Minha Vida" que, nos termos nativos, "premia" o torcedor com maior frequência em jogos para comprar os ingressos com antecedência, quanto o reconhecimento por parte de uma liderança da Estopim de que determinado torcedor tem direito a um ingresso em detrimento de outro.

3.4) Vendedores ambulantes, torcedores e praças públicas

Acompanhar uma partida de futebol espetacularizado *in loco* entre latas e copos de cerveja, imagem reforçada pela publicidade, com frequência associando o ato de torcer ao de beber[316], não é alternativa corrente no futebol brasileiro atual. Uma série de leis impede a venda de bebidas alcoólicas no interior de estádios de futebol profissional. No estado de São Paulo o veto se dá por meio do artigo 5º da Lei nº 9.470, de 27 de dezembro de 1996, estendido a estádios em todo o território nacional com o artigo 13-A anexado ao "estatuto do torcedor" (Lei nº 10.671, de 15 de maio de 2003), o qual impede o ingresso nas praças esportivas com "objetos, bebidas ou substâncias proibidas ou suscetíveis de gerar ou possibilitar a prática de atos de violência"[317].

[316]Entre uma extensa série de peças publicitárias, destaco aqui campanha lançada em maio de 2015 para anunciar um acordo entre a cervejaria Brahma e "clubes grandes" do futebol brasileiro, em que se exalta o "sócio torcedor", sujeito do comercial. O vídeo mostra torcedores dentro de estádios e mercados, valorizando a disposição destes em "ajudar" o clube por meio de consumos diversos: a associação, a compra de ingressos para jogos e grandes quantidades de cerveja. A contrapartida oferecida à fidelidade consumista do torcedor no comercial é um desconto na compra do produto anunciado: ao adquirir duas dúzias de latas da cerveja Brahma, uma terceira é concedida gratuitamente: https://www.youtube.com/watch?v=2grvveSfAhQ (acesso em 5/10/2015).

[317]Conforme o Art. 13-A, lei Nº 12.299, de 27 de Julho de 2010. Ver: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Lei/L12299.htm (acesso em 25/09/2015).

A correlação dos momentos de lazer e sociabilidade a partir do futebol com o consumo de cerveja por parte dos torcedores, e a impossibilidade de adquirir bebidas alcoólicas no interior dos estádios, potencializa o consumo nos arredores dos locais das partidas**.** Assim, bares, praças, calçadas, áreas para estacionamento de carros, em suma, espaços mais ou menos preparados para uma permanência prolongada de pessoas, se tornam locais para encontros e consumo de alimentos e bebidas pelos torcedores.

Pensar esse aspecto da atuação dos torcedores-consumidores coloca em cena, então, outros atores: os vendedores ambulantes, que atuam de maneira irregular e informal, e que se posicionam em pontos de passagem aos transeuntes, sobretudo em praças, calçadas e ruas utilizadas como trechos para deslocamentos do público rumo ao local dos eventos. É nesses locais, outrora calmos e vazios, que se formam o que Elizabetj Costa chama de "espaços bolha" (1989, p. 51-60), em que o lugar seria redesenhado, entre o espaço dado e o criado.

Tais espaços, segundo a autora, a partir de observações em outra praça esportiva paulistana, o Estádio do Morumbi, em dias ordinários são "vazios e quietos" (Costa, 1989, p. 53), ao passo que em dias de eventos, são recobertos por usos objetivos: comércio de produtos; bebidas e alimentos; locais para encontros de transeuntes; estacionamento para carros e ônibus. Tornam-se locais repletos de cores, sujeitos, ritmos e cheiros, "formando um sistema aberto, vulnerável e lúdico" (Costa, 1989, p. 54).

A priori, poderiam ser entendidos como "não lugares", na definição de Marc Augé, acerca de espaços não praticados, que serviriam à passagem, à solidão e similitude (Augé, 1994, p. 73-4), mas que nos dias de jogos são resignificados, reelaborados, de modo que lugares, relações, identidades e histórias se recompõem nestes a partir dos encontros entre os torcedores, muitas vezes acompanhados por consumos específicos.

3.4.1) Praça Charles Miller

A Praça Charles Miller demarca um amplo espaço público entre a fachada frontal do Estádio do Pacaembu e o término da avenida de mesmo nome. Em dias de jogos do Corinthians era acessada pelos torcedores como local de encontro e permanência antes da entrada no estádio, como ainda fazem torcedores de outras equipes.

Num olhar geral sobre a praça, a lateral da banca de jornal era tomada como ponto de encontro entre associados a Estopim da Fiel; a região da calçada às bordas do círculo gramado, pelos membros dos Gaviões da Fiel; os trechos de calçada entre a primeira e a segunda escada lateral à esquerda da praça, pelos torcedores da Camisa 12; a calçada entre a segunda e a terceira escada, no mesmo lado da praça, por torcedores paramentados com roupas da Pavilhão 9[318].

Agrupamentos de torcedores que não vestiam roupas de torcidas organizadas permaneciam de maneira esparsa, em quantidades menores, e não era raro observar interações entre torcedores trajando roupas de torcidas distintas. Pensar agrupamentos urbanos, conforme propõe Michael Herzfeld, permite observar questões de escala e porosidade nas fronteiras desses. Os agrupamentos, tal qual abordado nesses espaços, não são fixos em sua composição, e as fronteiras tampouco são físicas e intransponíveis, mas pelo contrário, são porosas (Herzfeld, 2014, p. 178). De modo que é frequente observar o trânsito de torcedores entre agrupamentos de distintas organizadas, para "tomar uma cerveja" junto de amigos ou verificar se há ingressos excedentes.

Embora a praça não disponha de bancos, as bordas das áreas gramadas, compostas por placas de concreto, são utilizadas como assento por torcedores e vendedores ambulantes. Pude compreender a familiaridade dos torcedores com relação aos usos da praça e seus espaços ao me ater a sutilezas de suas falas e movimentos deles. Notei que a "Praça Charles Miller" era referida muitas vezes apenas com o uso do nome próprio Charles Miller, sem o uso do termo "praça". Era frequente que os torcedores se referissem a um ponto específico dela a partir do nome da torcida que o ocupava rotineiramente nos dias de jogos.

[318]Não eram visíveis, no entanto, pontos de aglomeração das torcidas organizadas Coringão Chopp e Fiel Macabra. Frequentemente presentes nos jogos em menor número, em duas datas distintas observei os torcedores ingressando na praça e caminhando diretamente para a entrada do estádio.

A banca de jornal utilizada como ponto de encontro por torcedores associados à Estopim da Fiel era citada como "onde fica a Estopim e tem uma banca de jornal". Em uma conversa antes de um jogo na Arena Corinthians, um torcedor, buscando me indicar em que ponto da praça permanecia, acionou como referencial espacial "o círculo onde ficavam os Gaviões". Os referenciais com o espaço eram, assim, situacionais, indicavam associações feitas entre sujeitos, espaços e, evidentemente, a própria situação dos dias de jogos.

Os espaços ocupados por cada agrupamento de torcedores na Praça Charles Miller eram acessados pelos torcedores para encontrar amigos que vinham de outros municípios ou regiões da cidade de São Paulo, ou que acompanhariam o jogo em setores distintos do estádio. Nestes pontos também eram entregues ingressos a outros torcedores, tanto cartões de sócio torcedor quanto ingressos adquiridos junto às torcidas organizadas. Em suma, locais para se "entrar no clima do jogo", em sociabilidade pautada por temas do universo do futebol – não raro, do universo *masculino* do futebol[319] – acompanhada significativamente pelo consumo de cerveja.

Era frequente – e isso continua válido, evidentemente, mesmo que corintianos não frequentem mais o Pacaembu – observar vendedores transitando pelas vias da praça ou parados próximos a locais com concentração de torcedores, homens, mulheres e crianças (meninos e meninas) que ofereciam "cerveja, água, refrigerante", armazenados em caixas térmicas, geralmente acopladas a carrinhos de aço. Outros vendedores ambulantes, utilizando churrasqueiras de alumínio com compridas alças (feitas com cabos de aço) para manter distância da brasa, apoiadas sobre armações improvisadas (como hastes de mesas para passar roupas), comercializavam espetinhos de carne.

A atuação dos vendedores, no entanto, não ocorre de maneira tranquila. Na Praça Charles Miller não é permitida a presença de ambulantes, o que ocasiona uma tensão constante entre eles e a Guarda Civil Metropolitana (GCM), corporação responsável pela fiscalização deste tipo de comércio em vias públicas da cidade de São Paulo[320].

[319]Sobre o tema do futebol ligado às masculinidades, ver Archetti (1999) e Bandeira (2010).
[320]Conforme indicado pela Lei Municipal Nº 13.866 de 1/7/2004, que "fixa as atribuições da Guarda Civil Metropolitana, cria Superintendência e cargos de provimento em comissão a ela vinculados e dispõe

Este dado permite compreender as especificidades dos suportes utilizados pelos vendedores: a caixa térmica afixada em um carrinho e a churrasqueira com alças que não se aproximam do carvão em brasa, portanto, que não aderem ao calor, permitiam fugas rápidas quando necessário. A "facilidade de serem transportados" é uma das características dos equipamentos utilizados por tais agentes, conforme indicado por Costa (1989, p. 60).

Ao dedicar atenção às situações de busca a estes trabalhadores informais, protagonizadas por oficiais da GCM, foi possível compreender um dado: a proibição era restrita aos espaços centrais da praça e em distintas situações observei estratégias dos vendedores para que mantivessem suas atividades[321].

A primeira delas ocorreu em 5/2/2014, data do jogo entre Corinthians vs. Bragantino, detalhado anteriormente. Naquela noite a disposição de grades móveis, utilizadas para direcionar a locomoção de torcedores, e os posicionamentos de GCMs e Policiais Militares (PMs) na Praça Charles Miller, além de maiores, segundo vendedores e torcedores, também eram diferentes do usual. O posicionamento dos agentes na praça impedia a aproximação de vendedores ambulantes aos torcedores que estavam nas laterais do círculo gramado à frente do portão principal.

Observei que a venda de bebidas neste trecho da praça era realizada por crianças, que se deslocavam das laterais, onde estavam os adultos com caixas térmicas. Com latas de cervejas e refrigerantes enroladas na parte frontal de suas camisetas, passavam pela área com maior presença de agentes policiais sem serem importunadas, e ofertavam as latas aos torcedores. Esta prática faz parte do repertório de estratégias dos vendedores ambulantes para jogos com maior vigilância policial e visa evitar "apreensões" [322].

---

sobre a fiscalização do comércio ambulante": http://www3.prefeitura.sp.gov.br/cadlem/secretarias/negocios_juridicos/cadlem/integra.asp?alt=02072004L%20138660000 (acesso em 24/4/2016).

[321] Não cheguei a constatar o pagamento de "propinas" por parte de vendedores ambulantes para oficiais da GCM a fim de manterem suas atividades, como trabalhado por Lênin Pires (2008) sobre tal prática em Buenos Aires e no Rio de Janeiro. No entanto, em minhas conversas com os comerciantes, era frequente a informação de que alguns estavam "marcados" pelos agentes da GCM, e mesmo que se afastassem das áreas de "maior fervo" (concentração de torcedores e vendedores) seriam encontrados por tais agentes. Acredito que aprofundar a análise dessas relações renderia bons frutos no esforço de compreender as relações que se desdobram nos arredores das praças esportivas.

[322] Em 9/11/2014, conversei com um vendedor ambulante que me explicou o procedimento com relação às apreensões de mercadorias realizadas pela GCM; tal explicação foi complementada pelo

Outras situações que permitiram compreender estratégias para atuação de vendedores ambulantes nos trechos acessados pelos torcedores na praça foram observadas em 23/3/2014. Cerca de uma hora antes da partida entre Corinthians e a equipe do Clube Atlético Sorocaba, disputada no Estádio do Pacaembu a partir das 16h, posicionei-me no topo de uma das escadas laterais, de onde tinha uma visão panorâmica da praça.

Observei a recorrência de situações em que vendedores corriam com suas mercadorias na direção das ruas laterais à praça e, ao alcançá-las, tanto por meio das escadas ou das áreas com chão de terra entre elas, não eram mais perseguidos pelos oficiais, que retornavam para perto das viaturas e demais agentes da GCM. Em seguida, os vendedores retornavam à praça para voltar às suas atividades.

Nesta tarde, ainda, dediquei especial atenção à atuação de vendedores de lanches que necessitam de estruturas maiores para o trabalho – como caixas para guardar pães, chapas de aço e botijões de gás para a preparação das carnes e montagem dos lanches – que são instaladas nos porta-malas de carros do tipo "mini van".

Esses carros permanecem com o porta-malas aberto, onde se configura a área de trabalho da pessoa que prepara os sanduíches. No interior do veículo são guardados os demais mantimentos, repostos na área traseira conforme se esgotam, e uma caixa térmica com bebidas, vendidas por outra pessoa.

Ao caminhar por toda a extensão da calçada da Rua Itápolis observei quatro carros tal qual descrito. Eles permanecem estacionados rente à calçada e na tarde de 23/3/2014 foi frequente observar torcedores que se deslocavam dos espaços centrais da praça para consumir lanches vendidos por estes comerciantes.

O local para consumo do sanduíche se dá ao lado dos "carrinhos", em bancos plásticos, levados pelos vendedores e colocados na calçada, ou com os degraus das

acompanhamento de uma apreensão realizada na praça do metrô, próxima à arena, em 6/12/2014. A mercadoria apreendida é colocada pelos oficiais em um grande saco plástico, que é fechado com um lacre, também plástico, que possui uma numeração, impressa em uma placa destacável. O saco com os produtos apreendidos, quando não se trata de alimentos perecíveis, é colocado em uma kombi ou caminhão identificada pelo logo da Prefeitura Municipal de São Paulo. A placa com a numeração do lacre é entregue ao vendedor, que deve apresentá-la, "em um galpão que fica no Brás", para retirar as mercadorias. No entanto, conforme indicou o vendedor, no ato da apreensão não ocorre registro criminal do ambulante, apenas ocorre no ato da retirada dos produtos, razão pela qual os produtos apreendidos raramente são recuperados pelos vendedores. Sobre essas práticas, ver Hirata (2012) e Silva (2011).

escadas de acesso à praça como local para assento. Tanto naquele quanto nos demais dias de jogos do Corinthians no Estádio do Pacaembu, não observei interdições por parte da GCM ou da PM ao uso do espaço para comercialização de alimentos e bebidas.

Os usos da Praça Charles Miller, tanto por torcedores quanto por vendedores ambulantes, demonstram ações destes sujeitos que, ao acessarem espaços conhecidos repetem, jogo a jogo, as mesmas lógicas de ocupação e uso dos espaços – embora com algumas alterações eventuais (como indicado a respeito do ocorrido no dia 5/2/2014). "Não lugares", nessas situações, se tornam lugares objetivos.

Ao transitar pela Praça Charles Miller nas horas anteriores às partidas disputadas no Estádio do Pacaembu, ou observar, posicionado no topo das escadas laterais, o aumento da afluência de pessoas, era possível acompanhar a mudança deste espaço, antes vazio apenas para circulação, em uma via pulsante, inflada por sujeitos e acontecimentos. São torcedores que procuram por vendedores ambulantes, vendedores que tentam ludibriar os agentes responsáveis pelo impedimento de suas atuações, torcedores que transitam por entre agrupamentos – além de outros sujeitos não acionados: catadores de latinhas; cambistas; transeuntes diversos; jornalistas.

Os "não lugares" ocupados na praça são recobertos por usos e sentidos: as bordas das áreas gramadas são utilizadas como bancos, a lateral da banca de jornal se torna ponto para encontros, os degraus da escada se tornam assentos para o momento de comer um sanduíche.

3.4.2) A procura pelo comércio informal na região de Itaquera

Com a inauguração de uma nova praça esportiva, em outra região da cidade e desconhecida para muitos torcedores, era impossível prever como se daria a organização dos espaços em dias de jogos, mesmo para aqueles que a conheciam previamente ou a frequentaram durante o período de construção da arena[323]. Aqui as

[323]Para que a arena fosse sede de partidas da Copa do Mundo uma série de obras foram realizadas em seus arredores, como a construção de um complexo viário composto por três viadutos, alterações nas saídas da estação Corinthians-Itaquera e a construção de uma praça na principal saída dessa para a arena.

categorias situacionais referentes a lugares e não lugares podem ser pensadas a partir de uma etnografia em que "experimentar" os espaços, tomados pelos torcedores como "desconhecidos" e "novos", era a tônica dos momentos anteriores e posteriores aos jogos.

Entre agosto de 2014 e abril de 2015, os primeiros meses de frequência contínua dos torcedores corintianos à arena, alguns fenômenos no entorno tomaram minha atenção: a realização de atividades informais em uma praça; uma barraca de vendedores de lanches; a procura por espaços para a realização de churrascos antes dos jogos[324].

Ao sair da estação Corinthians-Itaquera e seguir para o lado oposto à arena, tem-se acesso ao Shopping Metrô Itaquera. Essa configuração da região, com a estação, a arena e o shopping, permite enquadrá-la na categoria de uma "mancha", assim exposta por Magnani: "são áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante" (2005, p. 178).

Ao sair da estação Corinthians-Itaquera na direção da Arena Corinthians, passa-se por uma passarela para pedestres sobre a Radial Leste e que se encerra em uma praça. Embora nomeada Praça Luciano do Valle, os torcedores referem-se a ela apenas como "praça" ou "praça do metrô". O nome homenageia o jornalista esportivo que falecera poucas semanas antes da inauguração da arena, mas era motivo para discussão entre os torcedores, que entendiam que aquele espaço deveria fazer menção a alguma personalidade corintiana, como o ex-jogador Sócrates, o ex-presidente Vicente Matheus ou mesmo ser nomeada "Praça Fiel Torcida".

A discussão sobre o nome da praça, tal qual com relação ao próprio nome da arena, como visto no primeiro capítulo, mobiliza noções de corintianismo dos torcedores, que buscam não só se apropriar dos espaços por meio dos usos, mas colocar nestes referenciais que também os vinculem ao clube.

Tanto a praça quanto a passarela foram construídas em razão da arena, assim, podem serem interpretadas como trechos de um trajeto comum, e logo nos primeiros dias de jogos do Corinthians em Itaquera, com a grande afluência de torcedores que

[324] A respeito da procura por espaços para a realização de churrascos, vide Anexo D.

utilizavam a praça para acessar as entradas da arena, esta foi utilizada por vendedores ambulantes e torcedores como local para venda e compra de produtos.

No dia 1/10/2014, em que Corinthians e Atlético/MG jogaram na Arena Corinthians às 22h, permaneci nas três horas que antecederam a partida em um mesmo local na praça, junto de Vinícius. Vários encontros dele com demais torcedores eram voltados à entrega de cartões do Fiel Torcedor. O local acionado como ponto de encontro era o segundo poste de luz à esquerda da saída da estação Corinthians-Itaquera, na praça em frente à mesma. Frequentemente Vinícius se valia de seu *smartphone* para atender ligações ou retornar mensagens de texto para explicar o exato ponto em que estava.

Nessa ocasião, Vinícius e os demais torcedores comentavam sobre o local escolhido para tal, valorizado em razão de estar próximo à concentração de vendedores ambulantes, da saída da estação, das entradas para a arena e de possuir locais adaptáveis para assento e permanência prolongada no local – permanecemos ali das 18h às 21h30min. Como a praça localiza-se em um nível intermediário entre a Radial Leste e o terreno da arena, suas bordas margeiam dois barrancos, e são demarcadas por meio de pequenas muretas, com cerca de trinta centímetros, construídas com caixas de arames preenchidas com pedras britadas, que são utilizadas como assento. Por outro lado, enquanto vivenciavam e comentavam o espaço, os torcedores lamentavam a distância de banheiros públicos[325], a ausência de vendedores de lanche e os problemas com GCM.

Quando cheguei à praça naquela noite, o espaço tinha pouco trânsito de pessoas, vendedores ambulantes organizavam seus produtos e os ofertavam sem alarde, uma vez que era baixa a presença de seu público-alvo. Conforme se aproximava o horário do jogo era crescente a movimentação de torcedores, assim como a concentração dos comerciantes.

Enquanto a grande maioria dos torcedores caminhava na direção das entradas da arena, os vendedores permaneciam sumariamente parados. O ambiente da praça pouco a pouco passou a apresentar colunas de fumaça, oriundas de churrasqueiras portáteis repletas de espetinhos de carne, gritos de "cerveja, água e refrigerante",

[325]Os mais próximos eram os do terminal de ônibus urbanos, localizado abaixo da estação Corinthians-Itaquera.

proferidos por homens e mulheres ao lado de caixas térmicas acopladas em carrinhos de metal, e o movimento de grande quantidade de pessoas prosseguia, de dentro da estação para a arena. Era também crescente o número de agentes e carros da GCM, cuja presença, concentrada na rua lateral à praça, incitava outro rearranjo entre os sujeitos na mesma.

A chegada das primeiras viaturas, foi comentada por uma vendedora ambulante que ofertava capas de chuva como a chegada da "família rapa"[326]. Ela sentou-se na mureta feita de pedras e rapidamente reorganizou em uma mochila os produtos que vendia: se antes a mochila estava ao chão, e em suas mãos segurava algumas capas, logo depois passou a utilizar a mochila nas costas e ter em mãos apenas uma unidade do produto, o que facilitava sua mobilidade.

Vinícius, ao observar a chegada das viaturas, também se reorganizou, e se apressou em adquirir três latas de cerveja, deixadas no chão, dentro de um saco plástico com um pouco de gelo, fornecidos pelo vendedor, próximas de onde estávamos. Ao me oferecer uma das latas, comentou que dentro de alguns instantes a GCM começaria a "tomar" as mercadorias dos vendedores, e não haveria mais com quem comprar cervejas.

O "rapa" agiu "tomando" as mercadorias dos ambulantes por um período de uma hora, em que a praça foi palco de uma movimentação intensa: a passagem dos oficiais e carros da GCM em um bloco de uma ponta a outra da praça motivava que vendedores ambulantes corressem tendo em mãos toda mercadoria quanto fosse possível na direção de locais em que não fossem importunados, nos morros laterais a praça e no corredor de acesso à estação Corinthians-Itaquera. A parada da GCM em um ponto da praça era seguida por uma nova concentração de vendedores no lado oposto, repetindo a troca de posições a cada movimentação da GCM. Quando estes deixaram a praça, por volta das 20h30min, o retorno dos vendedores ambulantes se deu de maneira intensa, fazendo com que o espaço voltasse a ter como lógica de uso o comércio informal. Ao notar minha concentração em observar a atuação da GCM e a reação dos vendedores ambulantes, Vinícius classificou a situação como um "jogo de gato e rato".

[326]O "rapa" é uma expressão utilizada para designar os sujeitos responsáveis pela fiscalização do trabalho dos vendedores ambulantes e o confisco das mercadorias destes; ver Frúgoli Jr.(1999).

Essa constante arranjo, desmonte e rearranjo espacial na praça tornava aquele local, na classificação de Vinícius e dos torcedores com os quais se encontrara, como "ruim para ficar". Assim, para um dia de jogo posterior, em 9/11/2014, contra a equipe do Santos, outro local foi agendando como ponto de encontro por estes torcedores.

Tendo em vista que nos dias de jogos, especialmente da Copa do Mundo, haveria intenso deslocamento de pessoas entre as estações vizinhas à arena, para o trajeto a ser realizado a pé entre a estação Artur Alvim e a Arena Corinthians, foi construída uma extensão da calçada da Radial Leste. Trata-se de um trecho elevado alguns metros acima do nível da via para os carros e mais largo do que a calçada comum. Margeia os prédios da Cohab I e parte do mesmo está localizado abaixo de três viadutos e uma passarela, também construídos para o fluxo de veículos em dias de jogos.

Para uma partida do Corinthians ocorrida no mês de setembro de 2014, um dos torcedores próximos a Vinícius optou por desembarcar na estação Artur Alvim e realizar o deslocamento para a arena por meio da passagem descrita, pois nos jogos anteriores havia acessado à arena a partir da estação Corinthians-Itaquera, e queria conhecer este outro percurso. Durante a caminhada, deparou com uma barraca utilizada por vendedores que comercializavam sanduíches com carne de pernil de porco, linguiça e cachorros quentes. Tal "descoberta" foi celebrada por estes torcedores, que ainda não haviam encontrado nos arredores da arena um local que vendesse sanduíches, como o era a Rua Itápolis, lateral à Praça Charles Miller.

A responsável pela montagem dos sanduíches naquela barraca era referida como "tia do pernil", e os torcedores enfatizavam que ela trabalhava nos arredores do Pacaembu. Isso lhe conferia certa credibilidade por parte dos torcedores, uma vez se tratar de alguém que, como eles, vivenciava a mudança entre locais na cidade, ainda que com objetivos distintos.

O primeiro encontro dos torcedores nessa barraca ocorreu em 21/9/2014, nas horas que antecederam um jogo do Corinthians contra o São Paulo, e um dado foi indicado pelos torcedores como relevante para a decisão daquele local como ponto de encontro para o clássico seguinte disputado na arena, contra o Santos, em 9/11/2014. No dia 21/9/2014, Vinícius e outros torcedores permaneceram próximos à barraca que

vende lanches bebendo cervejas compradas previamente e levadas em uma caixa térmica e, assim, consumiram apenas lanches dos vendedores.

Antes de seguirem para o jogo, os torcedores discutiam sobre quem levaria a caixa térmica, ainda com bebidas, para um carro estacionado próximo à estação Artur Alvim, o que demandaria o deslocamento até a estação e o retorno a arena. Um dos vendedores responsáveis pela barraca, que observava a discussão dos torcedores, ofereceu o espaço para que a caixa fosse guardada, e assegurou que estariam lá ainda após o jogo. Finalizada a partida, os torcedores retornaram à barraca e foram recepcionados pelos vendedores com a caixa térmica nas mesmas condições que haviam-na deixado.

Este acontecimento criou uma relação de simpatia dos torcedores com os vendedores, razão pela qual em 9/11/2014, os torcedores chegaram ao local duas horas e meia antes do início da partida e, como não haviam providenciado bebidas por conta própria, após anunciarem que permaneceriam ali até minutos anteriores ao início da partida e beberiam muitas cervejas, propuseram uma negociação com o responsável pela venda, tendo em vista obter um desconto. A lata de cerveja era comercializada a R$4,00 e o agrupamento composto por seis torcedores, assim, ficou combinado que o preço de venda se alternaria a cada seis latas consumidas: as primeiras seis seriam vendidas a R$4,00 cada, e a segunda meia dúzia a R$3,00 a unidade, assim, o preço da dúzia de cerveja passaria de R$48,00 para R$42,00.

Com relação à escolha do ponto de encontro, os torcedores enumeraram, durante a conversa, algumas vantagens para além da cordialidade dos vendedores, comparando-o com o ponto de encontro de outrora, próximo à saída da estação Corinthians-Itaquera: 1) a disponibilidade de bancos plásticos para permanecerem sentados, mais confortáveis do que as bordas da praça; 2) a proteção à chuva e ao sol, em razão dos viadutos acima daquele trecho; 3) possibilidade de pagamento por meio de cartão de débito ou crédito; 4) o não impedimento da GCM à atuação dos vendedores ambulantes, tal qual ocorrido na praça; 5) a possibilidade de utilizar um trecho de terra, atrás da barraca e ao lado de uma pilastra de sustentação de um dos viadutos, como banheiro.

Há também a facilidade para indicar o local: se na praça, um espaço mais amplo e com a permanência de diversos agrupamentos, se faziam necessárias ligações

e trocas de mensagens para indicar o exato ponto para onde seguir, aqui a indicação realizada pelos torcedores através de um grupo no WhatsApp no dia anterior à partida era mais simples: bastava desembarcar na estação Artur Alvim e caminhar na direção da arena que o agrupamento seria visto.

Em 9/11/2014, havia combinado previamente com Vinícius de encontrá-lo às 15h30min na estação Artur Alvim. Cheguei à região da arena cerca de uma hora antes, e aproveitei o tempo excedente para caminhar na região. Passei pelo local descrito acima, antes do encontro com os torcedores, e deparei com os vendedores montando a estrutura utilizada para a venda de lanches: uma barraca com cerca de dois metros quadrados, com estrutura de ferro dobrável, cobertura e laterais recobertas por um tecido sintético, uma mesa de madeira dobrável, caixas plásticas com mantimentos para os sanduíches e uma chapa de metal com funcionamento a gás. Naquele momento, o som do ambiente eram as vozes dos vendedores, que conversavam entre si sobre a expectativa de bom público para o jogo, logo, de boas vendas para aquela tarde.

Se nas duas horas anteriores ao jogo que lá permaneci com seis torcedores, aquele trecho da passagem era movimentado, repleto de pessoas com camisas nas mesmas tonalidades de cor que seguiam na mesma direção, com o som ambiente composto pelas vozes de ambulantes em tom alto para ofertar não só lanches e bebidas, mas também camisas, chapéus e faixas alusivas ao Corinthians, antes o espaço era silencioso, não havia o aroma das carnes que recheavam os sanduíches, as vozes dos vendedores ou o movimento de centenas de alvinegros.

Para analisar as situações vivenciadas nos dois espaços nos arredores da Arena Corinthians, a praça próxima à saída da estação Corinthians-Itaquera e o local da "barraca de pernil", aciono algumas perguntas elaboradas por Michel Agier com relação aos espaços urbanos: "Haverá uma interface entre lugares e não lugares? Como passamos de uns aos outros e como, de acordo com as situações cotidianas, um não lugar se transforma em um lugar?" (2011, p. 113).

A interface entre o lugar e o não lugar, como questiona Michel Agier, neste caso, pode ser observada a partir das atuações desenvolvidas pelos sujeitos no espaço. Se outrora as vozes dos trabalhadores eram usadas para conversas pessoais, em tons amenos enquanto organizavam produtos e equipamentos de trabalho, a chegada de

torcedores, consumidores em potencial, aciona suas atuações enquanto vendedores, que então passam a utilizar as vozes para ofertar "lanche de pernil, calabresa e *dog*", "cerveja, água e 'refri'", "camisa, touca, chapéu", entre outros, aos transeuntes. As estratégias destes sujeitos (comerciantes informais e torcedores-consumidores) para lidar com os impedimentos da GCM também ressaltam tal interface: o torcedor que garante um "estoque" de cervejas, a vendedora que reorganiza sua atuação para seguir trabalhando independente da restrição por força policial.

A leitura da cidade a partir das situações discutidas, tanto nas imediações do Estádio do Pacaembu quanto da Arena Corinthians se faz por duas chaves: inicialmente partindo de uma etnografia em um local tomado por seus atores como familiar e, posteriormente, em um local tido como desconhecido, em que o diálogo dos atores com a cidade se dava com o objetivo de construir familiaridades entre hábitos de consumo, dos torcedores, hábitos de trabalho, dos vendedores, e espaços a serem praticados por ambos. A disposição dos torcedores em consumir, no entanto, passa por uma significativa mudança com a construção da arena, em que o clube e seus parceiros comerciais irão lançar mão de atrativos para que tais atividades de consumo passem a ocorrer no interior da praça esportiva.

3.4.3) Faixinhas de mão

Seguindo o recorte sobre vendedores ambulantes, a partir do tipo de produto vendido, dediquei atenção também aos vendedores de "faixinhas de mão". Estas já eram vendidas nos jogos em que estive no Pacaembu, no entanto, surgem (ao menos em minhas anotações) com maior aderência por parte dos torcedores na Arena Corinthians. Em uma tira de pano, que mede aproximadamente 90cm x 30cm, e não recebe nenhum tipo de costura ou acabamento, são impressas imagens, como o símbolo do Corinthians ou desenhos da fachada da arena, acompanhados de textos curtos.

O texto destas faixas dialoga com acontecimentos corintianos atuais, daí considerá-las como objetos relacionais e situacionais sobre o período presente vivido pelos torcedores, o que as torna atraentes e colecionáveis. Nos primeiros jogos do

Corinthians na arena, por exemplo, eram vendidas faixas com mensagens alusivas à inauguração do estádio: "Arena Corinthians, nossa casa!", "Bem vindo ao Itaquerão, nossa casa". Quando o Corinthians iniciou uma boa sequência de vitórias, surgiram faixas com o verso "Caiu em Itaquera, já era".

Outros temas sustentam o argumento situacional e relacional para estes objetos. Em clássicos surgem faixas que provocam o rival a ser enfrentado. Contra o Santos, "eterno 7x1"[327], contra o São Paulo, "chupa bambi"[328], contra o Palmeiras, "chora porco". No jogo seguinte ao Corinthians conquistar a vaga para a Libertadores da América 2015, surgiram faixas com o escrito "América, a favela voltou". As faixas são pequenas e baratas, o preço delas varia entre R$5,00 e R$10,00.

Há uma série de proibições com relação à entrada de bandeiras com ou sem mastro nos estádios. Em seu *website* a FPF indica aos torcedores que apenas podem adentrar nas praças esportivas com bandeiras que meçam, no máximo 1mx2m e que não possuam "dizeres"[329]. Por "dizeres", como ouvia os policiais perguntarem a torcedores que levavam bandeiras, são, basicamente, nomes de torcidas organizadas, uma vez que bandeiras com lemas da torcida (como "aqui tem um bando de loucos" e "via Corinthians") tinham a entrada autorizada pelos policiais, desde que, aparentemente, respeitassem o tamanho indicado. As faixas não são barradas pelo policiamento – exceto em algumas situações, como em clássicos, em que tomei conhecimento de que algumas, de teor mais provocativo, foram barradas. As pequenas faixas, assim, possuem certo "trânsito livre" no interior da arena.

A proximidade dos setores de cadeiras do campo de jogo, levanto por hipótese, foi um dos fatores que popularizou as faixinhas na arena. Foi comum observar torcedores rente ao vidro que os separa do gramado segurando estes objetos, de modo que fossem visíveis aos jogadores da equipe adversária.

---

[327] Em alusão à vitória corintiana sobre o Santos Futebol Clube por 7x1 no ano de 2005.

[328] "Bambi" é uma referência jocosa aos torcedores são-paulinos. Faz referência ao personagem de um cervo, do filme de mesmo nome, produzido pelos estúdios Walt Disney em uma animação gráfica do ano de 1942. "Bambi" é uma variação do termo "bixa" para referir-se aos são-paulinos.

[329] Ver: http://www.fpf.org.br/Torcidas/Vai+ao+est%C3%A1dio%3F (acesso em 20/6/2016). As demais bandeiras, como os bandeirões levados pelas torcidas organizadas, tem a entrada autorizada por meio do 2º batalhão de polícia de choque, que emite um documento a ser apresentado pelos torcedores responsáveis pela entrada dos materiais no estádio aos policiais responsáveis pela revista – procedimento que me foi cuidadosamente explicado por Rodrigo, responsável pelo departamento de bandeiras da Estopim da Fiel.

Outro aspecto relevante que estas faixas permitem pensar diz respeito a certa "indigenização da modernidade". Marshall Sahlins apresenta tal conceito em "O 'pessimismo sentimental' e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um objeto em "via" de extinção" (1997). A proposta com este conceito é pensar como artefatos e hábitos levados por europeus colonizadores aos povos colonizados foram reinterpretados e resignificados por estes à luz das próprias noções culturais.

No caso destas faixas de mão há uma semelhança com modos de manifestações de torcedores europeus. Nas imagens destes, frequentes na televisão brasileira e em redes sociais acessadas pelos torcedores locais, são comuns aquelas que mostram os torcedores segurando cachecóis com o nome do clube e demais mensagens. São suportes para coreografias e demonstrações do pertencimento clubístico. Recentemente no Brasil houve uma tentativa de copiar este modelo, com a venda de cachecóis dos clubes – feitos de maneira industrial com lã de qualidade. Os cachecóis do Corinthians eram vendidos na loja on-line do clube por R$54,90, e em lojas na região da Rua Vinte e Cinco de Março (local de comércio popular na cidade de São Paulo) por R$34,90. Não é difícil supor que tal objeto não se popularizou entre os torcedores, tanto em razão do alto preço quanto da funcionalidade baixa que há em um cachecol no Brasil.

Posteriormente o clube adicionou à sua linha de produtos uma série de faixas, similares às vendidas pelos ambulantes. Feitas em tecido de algodão e com bom acabamento, tanto em costura quanto em impressão, chegaram a ter aderência por parte da torcida. No entanto, ao custo de R$39,90, continuei observando, em maior quantidade, a exibição das faixas vendidas pelos vendedores ambulantes.

Se não pela via oficial dos produtos licenciados pelo clube, que visavam copiar modos europeus de demonstração do pertencimento clubístico, a "moda das faixinhas" vingou entre os torcedores por meio das faixas vendidas pelos ambulantes. Aqui a modernidade dos cachecóis europeus foi adaptada à informalidade dos vendedores ambulantes com as faixinhas, em material barato e com bordões de rápida assimilação.

3.5) O shopping center dentro da praça esportiva

Produtos com as marcas do clube, mas sem a licença jurídica desse para serem produzidos e comercializados, são, por tal razão, não oficiais, e chamados de "piratas". São tomados como um enclave por dirigentes de clubes, que veem sua marca ser comercializada sem receber por isso. Para tanto, o "combate à pirataria" é uma tônica entre esses desde a década de 1990[330], e foi um dos fatores largamente colocado em voga por grandes clubes brasileiros nos últimos anos. Uma das estratégias para atrair o torcedor à compra de produtos oficiais é a criação de linhas de produtos com as marcas do clube, como camisas, gorros, bonés, cachecóis, DVDs, livros, canecas, dentre tanto outros, e a abertura de lojas para sua venda exclusiva – como mencionado anteriormente, a rede de lojas "Poderoso Timão", que vende exclusivamente produtos alusivos ao Corinthians[331].

A Arena Corinthians foi construída com cinquenta e nove espaços destinados a atividades comerciais, espalhados em todos os setores, ou seja, acessíveis a todos os torcedores que acompanhem uma partida. No período da pesquisa de campo esses espaços ainda não haviam sido inaugurados em sua totalidade; as lanchonetes, exigências da FIFA para a Copa do Mundo, eram, inclusive, importantes locais a serem testados às vésperas do mundial[332]. Assim, há dois pontos a partir dos quais pensar o shopping no interior da praça esportiva: a venda de produtos alusivos ao clube e a venda de alimentos para consumo imediato.

[330] Na edição n° 4 da Revista Fiel Torcida, publicada em 1999, esse combate já era indicado, em uma extensa reportagem intitulada "Guerra à pirataria". Nela eram valorizadas as qualidades da camisa oficial em detrimento das peças comercializadas pelos ambulantes e realizados estímulos aos torcedores, leitores da revista, para que consumissem apenas produtos oficiais ou licenciados pelo clube, explicando o processo de pagamento de royalties pelo uso da marca "Corinthians", que geraria receitas ao clube, contribuindo, por exemplo, para a contratação de jogadores (1999, p. 29). É válido indicar que as principais empresas a realizarem anúncios nas edições da revista eram a Topper (à época fornecedora de materiais esportivos do clube), a "Loja da Fiel" e a loja "Roxos e Doentes", revendedoras de produtos oficiais do clube, portanto, diretamente interessados nas práticas de consumo do público alvo da revista.

[331] Assim como há as redes de lojas "Academia Store", com produtos palmeirenses, a "Santos Store", a "São Paulo Mania", entre outras. Essa tendência, centralizada no intuito dos clubes de gerarem receitas financeiras a partir da inserção do torcedor em uma lógica de consumo, é um investimento realizado também por clubes de menor porte, com menos torcedores e reduzida quantidade de consumidores em potencial. Como por exemplo, o Marília Atlético Clube e o Mirassol Futebol Clube, equipes do interior paulista que atualmente disputam a série A2 (segunda divisão) do Campeonato Paulista, que mantém em uma área comercial a frente dos estádios municipais, onde disputam seus jogos, uma pequena loja com todo tipo de produtos nas cores e com o símbolo dos clubes.

[332] No primeiro evento-teste realizado na arena, em 26/4/2014, foi dada atenção especial ao funcionamento das lanchonetes, conforme: http://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/2014/04/evento-teste-na-arena-agrada-ao-corinthians-mas-e-quase-nulo-para-copa.html (acesso em 10/5/2016).

Desde a primeira partida disputada na Arena Corinthians, em 18/5/2014, foram montadas bancas em áreas para passagem dos torcedores, apresentadas como filiais das lojas Poderoso Timão por meio de banners com o logotipo. No setor sul, em que após a entrada na arena é necessário descer escadas para acessar tanto as fileiras de cadeiras quanto a área com lanchonetes e banheiros, a loja improvisada passou a ser montada apenas após a retirada das arquibancadas móveis, construídas para os jogos da Copa do Mundo de 2014, cuja estrutura ocupava a área entre o balcão da lanchonete e as entradas dos banheiros, espaço destinado à loja do setor.

Nesse período a venda de produtos no setor ocorria apenas em alguns jogos, limitada a camisetas e realizada por pessoas que transitavam pelo setor, como se fossem vendedores ambulantes oficiais do clube. Com os jogos em disputa circulavam por entre as escadas e fileiras do setor com os produtos à mostra. As vendas eram realizadas por meio de dinheiro ou cartões de crédito e débito, validados em uma pequena máquina levada ao bolso. No topo do setor, entre as últimas fileiras de cadeiras[333] e a área do portão de entrada, algumas pessoas com camisetas da loja tomavam conta de caixas de papelão onde eram guardadas camisetas para venda – como os vendedores levavam em mãos poucas unidades do produto, o trânsito deles entre as fileiras de cadeiras e a área com as caixas era intenso.

As camisetas eram temáticas e diziam respeito ao jogo que era disputado, tomado, assim, como um evento. Desse modo, em 18/5/2014, data da primeira partida na arena, era comercializada uma camiseta preta com uma estampa em branco e amarelo, com um desenho da arena ao centro e os escritos: "eu *tava* lá", acima, e "inauguração 18 de maio de 2014, Arena Corinthians", abaixo.

Em 27/7/2014, data do primeiro jogo entre Corinthians e Palmeiras disputado na arena, o clube informou previamente por meio de suas páginas na internet que haveria a venda de uma camiseta com estampa alusiva ao jogo: "primeiro derby paulista na Arena Corinthians, encontro n° 49 no Brasileiro, 27 de julho de 2014 #EuTavaLá", acompanhada de um símbolo do Corinthians, um desenho da arena e uma bola de futebol. A venda de ambas era restrita ao dia do jogo, às lojas e vendedores no interior da arena.

[333] Referencial tomado com relação à própria sistematização do setor, realizada em ordem alfabética, em que a contagem das fileiras inicia-se com a "fileira a" como a mais próxima ao campo.

Tão logo as arquibancadas móveis foram completamente retiradas do setor sul, em novembro de 2014, o espaço entre o balcão das lanchonetes e as entradas dos banheiros passou a ser utilizado para a montagem de uma loja com caráter menos improvisado. Sobre uma extensa mesa eram colocados os produtos e a venda era realizada por pessoas com camisetas identificadas pelo logotipo da loja corintiana. A variedade dos produtos colocados à venda, tal qual descrito acima com as camisetas, era relacionada à partida ou a um contexto mais amplo. Assim, para o primeiro jogo válido pela Libertadores de 2015 disputado na arena, além das camisas oficiais de jogo, os produtos na banca faziam menção à conquista dessa copa pelo Corinthians em 2012. Em abril do mesmo ano, em uma semana de clima frio, as peças expostas eram sumariamente blusas, toucas e cachecóis.

Novos produtos são adicionados com frequência à lista de atrativos para que os torcedores sigam consumindo a cada jogo. Ao custo de R$10,00 adquiria-se com vendedores que circulavam pelo setor um pacote com pipocas preparado em aparelhos de micro-ondas[334]. Em 24/1/2015, data do primeiro jogo do Corinthians disputado na arena no ano, esses vendedores traziam em mãos uma novidade: um pequeno balde plástico para armazenamento das pipocas. Em preto e branco, e com o símbolo do Corinthians impresso, apenas poderia ser adquirido junto da compra de um pacote de pipocas, ao preço total de R$20,00.

O consumo de alimentos e bebidas durante as partidas pode ser realizado pelos torcedores com vendedores que circulam pelos setores ou em espaços dedicados aos balcões de lanchonete. Os serviços de venda de alimentos na arena foram terceirizados, no período de realização da pesquisa de campo eram de responsabilidade da empresa Diverti Arenas, posteriormente, foram renegociados e as lanchonetes substituídas por cadeias de restaurantes[335]. Em ambos os casos tem-se a venda de alimentos conforme o modelo do *fast-food*, que é baseado em "princípios de produção (poucos produtos, grandes quantidades, pouca elaboração, pouca mão-de-obra), oferecendo e distribuindo o mesmo cardápio em vários pontos de venda, com preparo e serviço rápidos" (Collaço, 2004, p. 119).

[334] O mesmo produto é vendido em supermercados por um preço médio de R$2,00.
[335] Como Bob's e Vivenda do Camarão.

Um primeiro ponto a ser apresentado aqui é que todo tipo de alimento se tornou mais caro quando comparado ao Pacaembu. Se ali se consumia um cachorro quente acompanhado por uma pequena porção de "batatas chips"[336] ao custo de R$6,00, na arena o torcedor consumia um sanduíche similar, produzido com mais ingredientes, a um custo que variava entre R$8,00 e R$10,00. Outra opção era o "x picanha" (nome dado a um sanduíche com pão, hambúrguer e queijo) cujo preço variava entre R$10,00 e R$12,00.

Para comentar a variação nos preços, utilizo dados de campo, de jogos ocorridos nos dias 1/2/2015 e 4/2/2015. No primeiro, válido pelo Campeonato Paulista, consumi um cachorro quente ao custo de R$8,00. No segundo, válido pela Libertadores, comprei o mesmo tipo de lanche, e ao cobrar que o vendedor me entregasse os R$2,00 de troco à nota de R$10,00 que lhe entreguei, explicou-me que não havia troco, indicando uma tabela com os preços. O aumento repentino no preço, instaurado pela empresa responsável pelo serviço, foi justificado por ele: "é que hoje é Libertadores".

A flutuação nos valores cobrados já havia sido observada com relação à venda de ingressos para essas duas partidas, em que o preço de face dos ingressos mais baratos variou R$10,00. E, ainda que o preço das entradas para os associados do plano "Minha Vida" do Fiel Torcedor tenha sido o mesmo, R$35,00[337], o acesso a eles para o segundo jogo foi privilegiado a torcedores com maior frequência recente em jogos, uma vez que a venda aos "mais assíduos" variou dez pontos entre o jogo do Campeonato Paulista e o da Libertadores.

As críticas dos torcedores aos produtos vendidos diziam respeito, sobretudo aos preços cobrados, além dos já citados, havia também: um copo d'água com 300ml por R$5,00; um copo com 350ml de refrigerante por R$6,00; um copo com 350ml de cerveja sem álcool por R$7,00; um pastel com recheio de queijo R$8,00.

Dentre as alterações nos itens vendidos para consumo imediato no interior da arena, quando em comparação ao Pacaembu, uma percepção curiosa veio de Gilberto, torcedor não organizado (um dos participantes da Brigada Miguel Bataglia) cuja agenda pessoal é organizada em torno do calendário de jogos do Corinthians. Até o

[336] Batatas fritas industrializadas, em formato arredondado.
[337] Ou R$25,00, para aqueles que o adquiriram no pacote de ingressos comercializados em janeiro, indicados anteriormente.

encerramento da pesquisa de campo, em abril de 2015, ele esteve presente em quase todos os jogos do Corinthians na arena. E, sempre que possível, viaja para acompanhar o time em jogos fora de casa – inclusive em jogos da Libertadores[338] e do Mundial de Clubes, disputado no Japão em 2012.

Desde a primeira conversa que tive com ele, em que me apresentei e expliquei a pesquisa, enfatizava um ponto em sua percepção: na arena não são vendidos churros. Em sua leitura os churros fariam parte da tradição do futebol em São Paulo, e não colocá-los à venda no local dos jogos, pois "uma empresa pagou mais para vender e hambúrguer", foi uma quebra nessa tradição.

As conversas entre os torcedores sobre os tipos de alimentos vendidos na arena suscitam comparações com outros espaços, como praças de alimentação em shopping centers e cinemas – comparações já realizadas a partir de outros pontos, como a presença de cadeiras no setor. É uma sensação literalmente ressaltada pelos torcedores ao notarem como odor predominante nas fileiras mais próximas ao topo do setor o aroma da produção de hambúrgueres e pipocas, tomados como "fora de contexto" para um estádio de futebol: "Essa lanchonete não tem cheiro de estádio, tem cheiro de shopping".

A inserção, em um espaço do futebol, de produtos tidos como arquétipos do *fast-food*, como o hambúrguer[339], e a não venda de outros tidos como tradicionais, como é o caso dos churros, podem ser contextualizados a mudanças mais amplas com relação ao "comer fora" (Collaço, 2004, p. 119).

Conforme aponta Janine Collaço, o crescimento da alimentação por meio de restaurantes *fast-food*, faz com que os hábitos alimentares passem "por um processo agudo, no sentido de tornar-se um ato nômade e cada vez mais individualizado, desprovido de raízes e de 'tradição'" (2004, p. 128). Tal noção é partilhada por Lívia Barbosa, que entende o *fast-food* como uma proposta de alimentação fragmentada, que

[338] Após vencer a disputa contra o Once Caldas, realizada em duas partidas em fevereiro de 2015, o Corinthians garantiu vaga para prosseguir na Libertadores daquele ano. Após a primeira partida, vencida por 4 a 0 pela equipe brasileira e que, na fala dos torcedores, "praticamente classificava" o Corinthians, Gilberto apresentou uma carta de demissão em sua empresa, sob a alegação de que viajaria para ver os jogos disputados em outros países.

[339] *Collaço* (2004, p. 119) indica a rede McDonald's como um referencial na cultura do *fast-food*. O hambúrguer, principal produto desta rede foi citado pelos torcedores, nesta e em outras situações, como "símbolo" da inserção da lógica de "praça de alimentação", cara aos shopping centers, na Arena Corinthians.

suspende a necessidade de refeições completas, propiciando assim distintas ações de consumo ao longo de um dia, donde "a ideia de 'homogeneidade', nesse contexto, adquire o sentido negativo de pasteurização" (2007, p. 89), uma vez que alimentos tidos como "tradicionais" são substituídos pelas "imposições da globalização e alguns de seus subprodutos, como o *fast-food* e a *macdonaldização*" (2007, p. 89).

O que os torcedores criticam, notadamente, é a inserção da arena, e por consequência, deles próprios, nesta lógica de consumo. De modo que era comum entre meus interlocutores se recusarem ao consumo de alimentos no interior desta, preferiam os bolinhos de carne (vendidos no Bar do Torcedor), os sanduíches de pernil e os espetinhos de carne, comercializados nos arredores da arena.

Visando aprofundar o alcance das comparações entre a arena e outros espaços de lazer (shopping centers, cinemas e teatros), é profícuo observar a relação entre tais locais a partir de um olhar alargado sobre a cidade de São Paulo. Inicialmente com a construção de shoppings centers, que concentram em um único prédio centenas de lojas e serviços, e cujos espaços são também utilizados para interações sociais e não apenas relações comerciais, como trabalhado por Frúgoli Jr. (1992).

Construídos em todas as regiões da cidade, atualmente há na cidade de São Paulo cinquenta e um shoppings[340], que oferecem ampla diversidade de lojas e serviços. A partir da década de 1990, estes passaram a concentrar também salas de cinema, que, conforme eram inauguradas em shoppings centers, outras, os "cinemas de rua"[341], deixavam de funcionar em prédios próprios. Fenômeno semelhante tem ocorrido nos últimos anos com teatros que recebem espetáculos voltados para grandes públicos, enquanto muitos destes deixam de funcionar[342], outros passam a ser abertos no interior de shoppings centers[343]. Assim, prestigiar uma peça teatral ou assistir a um filme são opções de lazer atreladas ao caminhar por alamedas repletas de vitrines, que expõem de

[340] Cf.: http://www.cidadedesaopaulo.com/sp/br/o-que-visitar/atrativos/pontos-turisticos/2929-shoppings-da-cidade (acesso em 20/6/2016).

[341] Atualmente há uma pequena quantidade de "cinemas de rua" na cidade de São Paulo, que, em geral, oferecem uma programação composta por filmes "alternativos" aos exibidos pelos "cinemas *multiplex*", localizados em shoppings centers e atrelados a redes empresariais, conforme definição de Stefani & Suzuki (2011, p. 381); a esse respeito ver também Ferraz (2009).

[342] Em geral, em razão da alta no preço dos alugueis, conforme: http://guia.folha.uol.com.br/teatro/2014/10/1533456-teatros-de-rua-em-sp-sao-ameacados-pela-alta-dos-alugueis-e-podem-fechar.shtml (acesso em 20/6/2016).

[343] Atualmente há na cidade de São Paulo oito teatros instalados em shoppings centers, conforme: http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2014/06/1464402-shoppings-de-sao-paulo-correm-para-construir-teatros.shtml (acesso em 20/6/2016).

roupas de grife a kits de mágica, lanchonetes de redes globais de fast food e toda gama de produtos e serviços disponíveis nestes locais.

Como já apontado anteriormente por Flávio de Campos, alguns dos aspectos das novas arenas se deram a fim de transformar os "estádios em intensos lugares de consumo e a passagem do torcedor à condição de espectador/consumidor" (2014, p. 358). Esta interpretação segue em consonância com o projeto de construção da Arena Corinthians, que prevê espaço para cerca de cinquenta e nova lojas comerciais, além de bares, restaurantes e estacionamento próprio.

Retomando o comparativo realizado pelos torcedores, os cinemas e os teatros foram levados para dentro de shopping centers, e, em um movimento inversamente semelhante, na impossibilidade de colocar um campo de futebol dentro de um shopping, os shopping centers são levados para dentro dos estádios de futebol.

Outro ponto frequentemente discutido pelos torcedores diz respeito à venda de cerveja com álcool no interior das praças esportivas. Tema de muita discussão nos anos que antecederam a Copa do Mundo e que atrasou por diversas vezes a aprovação da Lei Geral da Copa[344] pelo Congresso Nacional[345], em razão de uma discordância entre as exigências da FIFA e as leis estaduais e ao próprio Estatuto do Torcedor. Uma vez aprovada a venda de cerveja nas arenas que receberiam partidas do Mundial, foi aberto precedente para que a liberação se estendesse para as partidas dos campeonatos entre clubes, ocorrendo, desde então, revisões das leis em âmbitos estaduais e municipais[346].

No entanto, entre os torcedores com os quais interagi, a discussão era tomada sobre outro ângulo: "se vendesse cerveja aqui, eu ia beber aqui dentro, e não lá fora". O cálculo, realizado por alguns torcedores em distintas conversas, considerava contribuir

[344] A Lei Geral da Copa, ou Projeto de Lei nº 2330/2011, "tem o objetivo de regulamentar todas as questões previstas nas Garantias Governamentais, acordadas com a FIFA para a realização da Copa 2014, exceto as que se referem à matéria tributária. Assim, aborda questões relativas à emissão de vistos, permissões de trabalho, limites de exploração e proteção de direitos comerciais, responsabilidades da União e direitos de transmissão", conforme a publicação: http://www.copa2014.rs.gov.br/conteudo/1200/lei-geral-da-copa (acesso em 15/5/2016).

[345] Conforme notícia publicada em janeiro de 2012, portanto, cerca de dois anos e meio antes da realização do evento: http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,fifa-bate-o-pe-e-garante-venda-de-cerveja-nos-estadios-da-copa-de-2014,824343 (acesso em 15/5/2016).

[346] O governo estadual de Minas Gerais, por exemplo, permite desde agosto de 2015 a comercialização de cerveja no interior das praças esportivas. Na Câmara Municipal de São Paulo há um projeto de lei semelhante a ser votado pelos vereadores, conforme: http://www.giromarilia.com.br/noticia/giro-marilia/operacao-da-pf-indicia-trabuco-o-mais-famoso-executivo-mariliense/5903 (28/5/2016).

para a renda do clube, o "pagamento da própria arena" e beber com os amigos em situações mais confortáveis do que as encontradas do lado de fora da arena.

A categoria "torcedor-consumidor", assim, passa por uma intensa disputa quando se observa, em pormenores, os consumos dos torcedores. O esforço do clube é por canalizar a vontade torcedora de consumir para o interior da arena, em detrimento dos consumos, mais informais, realizados externamente. Para tanto, cabe observar uma definição de "consumismo moderno", que teria suas bases calcadas no individualismo, e em "sentimentos e emoções" mais do que em "razão e calculismo", conforme aponta Colin Campbell (2010, p. 49).

Ao discutir o conceito mais a fundo, o autor indica que

> "Naturalmente, ninguém precisa fazer compras, ou mesmo se engajar em qualquer outra atividade de consumo, para empreender sua busca por identidade e significado. E muito menos para se assegurar da realidade da própria existência. Qualquer experiência que propicie a oportunidade de uma *forte reação emocional* pode servir a esse propósito (...) Contudo, vale a pena observar que fazer compras é um contexto ideal para continuar a busca por significado. Ideal porque há uma pureza de autoexpressão ligada à atividade que não é comumente experimentada nessas outras atividades (contanto que não se esteja pensando em compras de rotina ou de presentes, mas em uma atividade que vise satisfazer vontades do *self*)" (Campbell, 2010, p. 57, grifos meus).

Mais do que ressaltar a adesão clubística, vertente de "identidade e significado" comumente exposta nas peças comercializadas pelo clube, a venda dessas camisetas busca atrair o torcedor ao consumo a partir de um discurso de exclusividade, tanto com relação à compra do produto, restrita àqueles que estiveram na partida, quanto com relação à própria situação estampada nas camisetas: quem a veste "esteve lá", fez parte do evento. Estimula-se, justamente, o individualismo do torcedor, para além da "forte reação emocional" que se espera de uma partida de futebol espetacularizado, pode-se ampliar, por meio da compra de uma camiseta, as "vontades do *self*" como partícipe desse evento, não apenas como mero espectador de uma partida de futebol.

Outras noções desse individualismo são vistas, por exemplo, nos cartões de sócio torcedor, "pessoais e intransferíveis", nos assentos que são pessoalizados por meio de etiquetas e na própria inserção dos direitos do consumidor no estatuto do torcedor (Toledo, 2012, p. 154). Os modos de consumo apresentados ao torcedor para estar no jogo e durante o jogo são, assim, ferramentas que fomentam o torcer como uma experiência individual, ainda que ladeada por milhares de outros que partilham do mesmo "pertencimento clubístico" (Damo, 2007, p. 51).

ICONOGRAFIA – CAPÍTULO 3

Caminhada da Estopim da Fiel no dia do primeiro jogo do Corinthians na arena, destaque para a bandeira à esquerda, com a mensagem "diga não! Ao futebol moderno" (foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi).

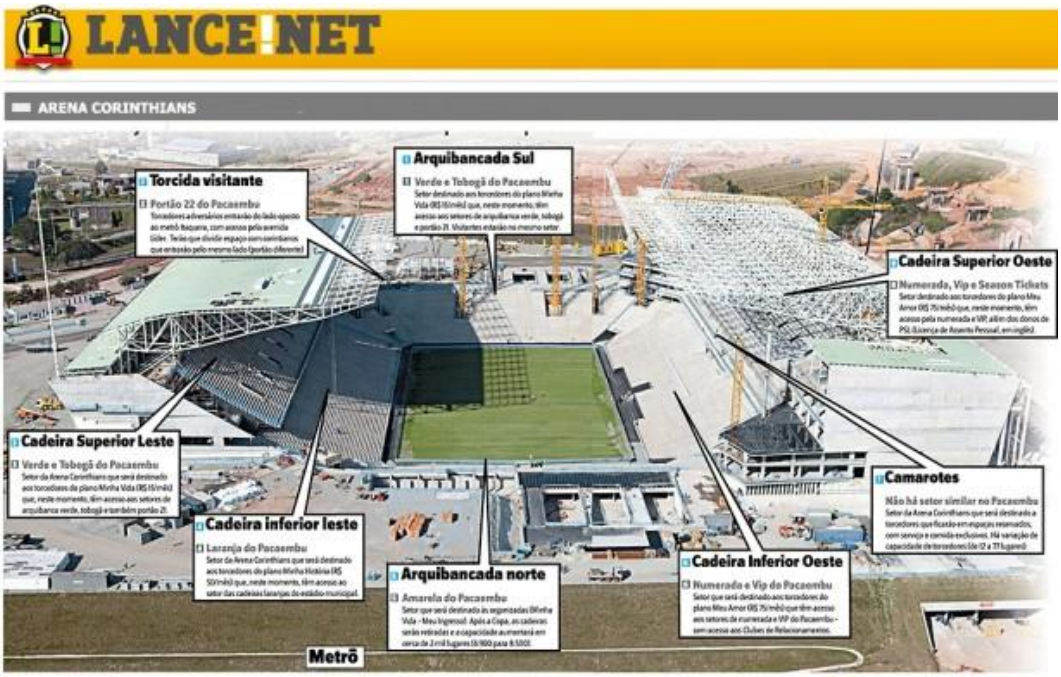


Imagem publicada em 16/8/2013 pelo site de notícias esportivas Lance, indicando uma possível divisão dos setores da Arena Corinthians para os sócios torcedores do clube.

Considerações finais

Nesta seção final, retomarei pontos centrais abordados ao longo da dissertação, com o intuito de destacar relações entre estes, bem como elucidar questões teóricas.

Citadinos-torcedores

A partir da definição de "evento" proposta por Marshall Sahlins (1990, p.8), este seria basicamente um acontecimento que coloca em relação diversos aspectos referentes a um todo cultural. Entendo que os jogos etnografados, sobretudo ao longo de 2014, soavam de maneira próxima a tal definição. Em distintos "dias de jogos", os atores da pesquisa viam como partícipes de eventos únicos na trajetória histórica do clube, espécies de representações da "concretização do sonho da casa própria": o último jogo válido pelo Campeonato Paulista no Pacaembu, o último jogo no Pacaembu; o primeiro treino do Corinthians na arena, o primeiro jogo oficial, o primeiro jogo à noite, o primeiro clássico etc. Dessa forma, o Pacaembu e a arena podem ser tomados nesse período como locais símbolos da interposição entre o pertencimento clubístico específico dos corintianos, o chamado "corintianismo", e os diversos eventos com os quais foram associados pelos torcedores.

Ainda segundo Sahlins, a cultura é historicamente produzida por meio da ação dos sujeitos, que, para agir, baseiam-se em noções antecedentes ou existentes da ordem cultural, e a alteração de alguns sentidos nesta ordem preconizaria "mudanças sistêmicas" (1990, p. 7). Sem me aprofundar no estruturalismo proposto por Sahlins, entendo que a noção de evento contribuiu para a pesquisa no sentido de compreender o amplo aspecto simbólico das alterações indicadas pelos torcedores. Um jogo entre Corinthians e Figueirense, por exemplo, não atrairia tanto interesse de mídia e torcedores quanto aquele contextualizado como "primeira partida oficial da Arena Corinthians". O fato de ser o primeiro jogo disputado na arena o fixou, desde o anúncio de seu agendamento, como o "evento" inaugural da "casa corintiana".

Os eventos etnografados teriam ressaltado certas mudanças no corintianismo, e, em uma visão mais ampla, na própria cultura torcedora brasileira. Isso pode ser compreendido, primeiramente, quando se observa o desenho arquitetônico e as especificidades da arena e seu respectivo projeto de atualização dos estádios brasileiros, pois, como abordado na introdução, segundo Damo & Oliven, as novas arenas destinadas à Copa de 2014 representariam uma "quarta fase" em "um processo de longa duração" (2014, p. 119) de alterações nos estádios brasileiros.

Às vésperas do Mundial de 2014, muito se falava, sobretudo por parte de atores políticos, a respeito do "legado da Copa", termo associado aos novos estádios e às diversas construções (como hospitais e obras viárias) realizadas a fim de tornar as cidades-sede aptas a receber este megaevento, e que, a posteriori, serviriam à população. Argumentava-se sobre tais "legados" a fim de justificar os altos gastos de verbas públicas nestas construções. Já o "legado intangível", como indicado por Poyter (2008, p. 139-40), diria respeito aos impactos culturais dos megaeventos, em que não haveria uma noção de "custo/benefício" passível de quantificação.

Assim, uma vez tratar-se a Arena Corinthians de um dos "legados tangíveis" da Copa do Mundo, que passou a ser acessada, sobretudo pelos torcedores corintianos, parcela significativa dos "legados intangíveis" também causaram impactos a estes sujeitos. Como visto ao longo da dissertação, torcedores atribuem mudanças simbólicas nas formas de torcer e pertencer ao Corinthians quanto às diferenças físicas entre as praças esportivas: a arena, em razão das cadeiras, seria vista por muitos como um estádio "para playboy", e, em razão das alterações nos preços e modos de venda dos ingressos, justificados pelo clube em razão das especificidades da arena, ter-se-ia intensificado a mudança no perfil dos torcedores que acompanham os jogos.

Essas alterações teriam ocorrido em um processo extenso, anterior à inauguração da arena e do qual esta seria um dos marcos. Assim, alguns aspectos já eram observados anteriormente, tais como a faceta elitista do programa de sócio torcedor e conflitos entre torcedores em razão de posturas divergentes durante os jogos, e não foram diretamente motivados pela Copa do Mundo.

A estrutura física das novas arenas e os modos como são geridas por clubes, federações e concessionárias contribuem para ressaltar uma concepção específica do futebol espetacularizado, que, dentre outros aspectos, amplifica a atuação consumidora

dos torcedores. A lógica de valorizar tais potenciais dos torcedores e os intuitos velados de "higienização" e "exclusão" sociais dos estádios[347] são, assim, no caso corintiano, fortalecidos com a arena.

Outro aspecto dessa mudança, enfocado durante a pesquisa de campo, diz respeito à descoberta, para muitos dos sujeitos, de novos lugares da cidade. Apesar de os preparativos dos torcedores para, dentre outros intuitos, se ambientarem com a região da arena, como visto no primeiro capítulo, por meio do acompanhamento das obras, ao começarem a frequentá-la se deparavam, em seus percursos, com equipamentos e locais desconhecidos e, em decorrência, situações inesperadas.

Tais situações podem ser pensadas a partir da reflexão de Georg Simmel a respeito do "estrangeiro", sujeito que

> "por sua natureza não é proprietário do solo, e o solo não é somente compreendido no sentido físico, neste caso, mas, também, como uma substância delongada da vida, que não se fixa em um espaço específico, ou em um lugar ideal do perímetro social. *Nas relações mais íntimas de pessoa a pessoa, também, todas as atrações e significâncias possíveis no cotidiano das experiências simbolizadas podem revelar o estrangeiro*. O estrangeiro é sentido, então, precisamente, como um estranho, isto é, como um *outro não 'proprietário do solo'*" (Simmel, 2005, p. 266, grifos meus).

O "outro não 'proprietário do solo'", destacado no enxerto acima, fazia-se presente na percepção dos torcedores em situações específicas, densamente descritas ao longo da dissertação. Torcedores não acostumados a frequentar a zona leste da cidade de São Paulo que passaram a elaborar distintos trajetos para chegar a Itaquera, estranhamentos com relação às próprias formas de torcer em um novo modelo de praça esportiva e a procura por locais em que a atuação de comerciantes não fosse intercedida pela força policial podem ser entendidos como aspectos que proporcionavam "surpresas e designações" (Simmel, 2005, p. 267) aos citadinos-torcedores para suas atividades habituais aos "dias de jogos".

[347] Como visto no terceiro capítulo a partir de Campos (2014, p.358) e Toledo (2012, p.157).

A mudança no local da cidade a ser frequentado tem decorrências no próprio "dia de jogo", o que pôde ser visto no período de realização da pesquisa de campo, quando os atores buscavam readequar suas dinâmicas torcedoras relativas ao Pacaembu à região da arena. A circulação junto aos interlocutores por ruas, avenidas, calçadas, praças, vagões e estações também constituem espaços de atuação desses e suscitam questões relevantes sobre mobilidade urbana em uma cidade com as dimensões de São Paulo. Por tais razões, as dinâmicas socioespaciais vivenciadas durante os deslocamentos em dias de jogos ou nos arredores das praças esportivas têm amplo destaque, como visto ao longo do trabalho. Tem-se, assim, uma complexa cidade vivenciada pelos torcedores, em que o tecido urbano é percorrido pelos citadinos em elaborações e reelaborações constantes, de modo a suscitar pontos relevantes para se pensar tais questões[348].

Sensações descritas pelos torcedores nos primeiros meses de frequência a Itaquera podem ser pensadas a partir de uma das formulações da Escola de Chicago para o conceito de sociabilidade urbana, a respeito de uma "concepção 'espacializada' do social e, reciprocamente, socializada do espaço", conforme Cuin & Gresle (*apud* Frúgoli Jr., 2007, p. 17). Era comum aos torcedores acionarem espaços do Estádio do Pacaembu e seus arredores como correspondentes a determinados agrupamentos, e com a mudança para Itaquera esta noção espacializada do social foi, ao menos em seus primórdios, fragmentada. Em um primeiro momento, durante alguns dias de jogos, essa dispersão dos sujeitos no espaço causou afastamentos e aproximações entre torcedores.

A sensação de haver ou não "laços de pertença" (Simmel, 2005, p. 269) entre sujeitos e lugares, se alongava também para dentro das praças esportivas. Com relação ao Pacaembu ressaltavam-se noções de certo ordenamento cultural, em que os espaços eram devidamente demarcados com relação às torcidas organizadas e demais agrupamentos – embora fossem passíveis de rearranjos. Em Itaquera, por sua vez, as relações entre espaços e agrupamentos foram, paulatinamente, construídas pelos torcedores em diálogo com as especificidades do local, muito embora redes de relações e hábitos observados no Pacaembu orientassem aspectos desta (re)construção, dadas as relações entre continuidade e mudança abordadas nessa dissertação.

[348] Há aspectos a serem aprofundados no sentido de pensar uma antropologia *da* cidade, conforme suscita Frúgoli Jr. (2005), nesse caso a partir dos usos da cidade por citadinos-torcedores em dias de jogos.

Entre o "tranquilo" e o "contraditório": uma última situação

Michel Agier, na abertura da discussão a respeito das "situações elementares da vida urbana" indica que:

> "o passar dos dias, como o curso do mundo em geral, desenrola-se para cada um de nós num encadeamento de situações de interações que distinguimos espontaneamente de acordo com os lugares, as atividades, os horários e as pessoas que participam, ou de acordo com uma combinação específica entre todas essas determinações" (2011, p. 89, grifos meus).

Dentre as categorias êmicas analisadas ao longo do trabalho, há amplo destaque ao termo "dia de jogo", que se refere a todo o "encadeamento de situações de interações" dos torcedores ao longo dos dias em que haveria partidas do Corinthians. Trata-se, desse ponto de vista, de datas em que ocorre "uma combinação específica" entre certas determinações. Foi a partir destas combinações de determinações que, ao vivenciar diversas situações junto aos torcedores, busquei averiguar "o que define a dimensão relacional da cidade hoje?" (Agier, 2011, p. 92), inserindo na própria dimensão da cidade, dois equipamentos específicos: o Estádio do Pacaembu e a Arena Corinthians.

Desta forma, para concluir a dissertação, apresento e discuto uma última situação em um "dia de jogo". Entre 6 e 7/12/2014, ocorreu a última rodada do Campeonato Brasileiro daquele ano, o último jogo do Corinthians realizado em 6/12, em sua arena. Em razão da disputa do campeonato ocorrer por "pontos corridos", o Cruzeiro sagrou-se campeão com duas rodadas de antecedência[349]. O jogo em Itaquera, entre Corinthians e Criciúma, então, não representava uma possibilidade de título ao Corinthians – que de toda forma havia conquistado, na rodada anterior, uma vaga para a Libertadores do ano seguinte, e terminaria a competição como terceiro colocado –, tampouco o era ao adversário, que já estava rebaixado para disputar a série B em 2015.

[349] No formato de disputa por "pontos corridos", todas as equipes do campeonato se enfrentam, e, ao término, define-se a posição de cada equipe no campeonato. Por essa razão, uma equipe que esteja em primeiro lugar e atinja uma vantagem em número de pontos maior que a diferença entre os pontos ainda em disputa, pode sagrar-se campeã com "rodadas de antecedência".

Com estes atributos, a partida não mobilizava muitas emoções entre os torcedores, pois se tratava de um "jogo fraco" – o boletim financeiro divulgado após a partida indicou apenas treze ingressos vendidos para o setor visitante (Boletim Financeiro, 2014)[350] –, e o principal interesse em acompanhar a partida por parte dos corintianos dava-se por ser o último "dia de jogo" antes de um período de cerca de dois meses, visto que o Campeonato Paulista teria início apenas em 1/2/2015.

Encontrar-me-ia com interlocutores na estação Corinthians-Itaquera, aonde cheguei intencionalmente antes do horário combinado, pois planejava almoçar um "lanche de pernil" e conversar com os vendedores. Logo no início do percurso em direção à barraca notei um homem e uma mulher, ambos na faixa dos quarenta anos, acompanhados por um garoto e uma garota, na faixa dos dez anos, perguntarem a um vendedor ambulante se sabia qual direção deveriam seguir para acessar o setor oeste[351]. Diante da resposta negativa do vendedor, entrei na conversa, informei que passaria em frente ao portão de acesso e sugeri que caminhassem comigo pela calçada paralela à pista da Radial Leste, o que foi aceito.

Após responder afirmativamente à pergunta do homem sobre eu já conhecer a arena, e comentar sobre a realização da pesquisa, seu semblante preocupado se dissipou. Apresentou-se a mim como um "colega", pois também havia realizado mestrado na USP, "mas na engenharia naval".

Durante a caminhada confirmou-se a minha hipótese de que se tratava de uma família, pai, mãe, filha e filho, por ordem de idade. Os quatro vestiam camisas oficiais do Corinthians, adquiridas em uma das lojas do clube naquele mesmo dia, juntamente aos ingressos, e apenas o garoto optou pelo modelo branco em vez do amarelo[352]. Era a primeira vez que os pais "realizavam o sonho" do filho, com onze anos de idade, de levá-lo para ver um jogo do Corinthians. Apesar de morarem "a poucos metros" do

[350] Vide Anexo E.

[351] Para essa partida os ingressos aos setores oeste e oeste vip foram comercializados respectivamente ao preço de R$200,00 e R$350,00, conforme: http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2014/12/corinthians-x-criciuma-ingressos-venda-nas-bilheterias-para-partida.html (acesso em 6/6/2016).

[352] A partir de 2008 o Corinthians passou a lançar anualmente uma "terceira camisa", que não nas cores do clube – branco e preto, respectivamente as cores da primeira e da segunda camisa – para uso em poucas partidas; em 2014 tal modelo de camisa corintiana era amarela, em referência à seleção brasileira e à Copa do Mundo disputada no Brasil. O intuito com essas camisas é sumariamente comercial, e visa colocar à disposição dos torcedores uma camisa diferenciada a venda; ver: http://esportefinal.lance.com.br/terceira-camisa-corinthians-nike/ (acesso em 9/6/2016).

Pacaembu, o pai do garoto revelou que "ficava preocupado" em levá-lo aos jogos naquele estádio, mas por ter ouvido amigos e parentes "falarem bem" da arena, passou a considerar a hipótese de acompanharem uma partida da equipe *in loco* – e, a depender do sucesso do ato, retornar para outros jogos. A data ideal para o acontecimento, fruto dos acasos do futebol, era aquele jogo, que por "não valer nada", foi tomado como "mais tranquilo".

Retomo a figura do estrangeiro, a qual, conforme aponta Frúgoli Jr., é "personificada no viajante, uma representação próxima, em certos aspectos, à do próprio antropólogo" (2007, p. 16). Ao longo do ano de 2014, era frequente ver-me, junto dos torcedores, na posição de "estranho" e "outro" com relação aos espaços e demais agrupamentos. No entanto, nos cerca de vinte minutos seguintes que duraram esta conversa, vi-me em um papel oposto: o estrangeiro era encenado por aquele "torcedor de primeira viagem", e, uma vez que me apresentei como alguém que já conhecia ao menos um caminho fundamental para auxiliar sua chegada ao estádio, nosso contato foi mediado por uma relação de proximidade e distância, cujo "caráter de objetividade" (Simmel, 2005, p. 268) baseava-se em suas perguntas; aliás, demarcava-se certa "troca de papéis", nesta situação eu mais respondia perguntas do que as fazia.

Suas dúvidas, em geral, acionavam comparativos entre a arena, como a praça esportiva que naquela tarde receberia um jogo válido pelo Campeonato Brasileiro, com a praça que sediou jogos da Copa do Mundo, tais como: "É tranquilo vir de metrô ou era só na Copa?" e "tem lanchonete dentro do estádio igual tinha na Copa?".

O termo "tranquilo", e suas variantes, conforme eram empregados por esse fugaz interlocutor, demonstravam uma nítida preocupação com a violência que permearia distintos locais da cidade, dentre eles, os estádios, as estações de metrô e a própria região de Itaquera. Neste contexto, a Arena Corinthians era tomada como local acessível por se tratar de um "estádio de Copa do Mundo", que ofereceria maior "tranquilidade", ao passo que o Estádio do Pacaembu era tomado como "perigoso". Trata-se, pois, de uma "cartografia imaginária dos citadinos que vivem em certas partes da cidade continuando a ter, sobre os outros espaços, pelo menos algumas experiências, ideias ou imagens" (Agier, 2011, p. 67). Esta cartografia, como se pode ver, é relacional e situacional, e Itaquera, então vista momentaneamente como uma "região moral" (Park, 1972), de aspectos negativos e "perigosos", perdia os estigmas ao abrigar um "estádio

de Copa do Mundo". Tinha lugar, assim, uma "implicação situacional" (Agier, 2011, p. 89) que insere a zona leste nos trajetos possíveis daquela família e faz da arena simbolicamente mais próxima a eles do que o Estádio do Pacaembu, ainda que este último fosse geograficamente mais próximo.

Sob outro ponto de vista, esta questão pode ser observada a partir de uma conversa que tive com Valter e Vinícius, na qual me explicavam que ir à arena era "frustrante e contraditório", pois, durante a construção da mesma, supunham que o estádio corintiano em um "bairro dormitório do proletariado"[353] permitiria que torcedores residentes na região frequentassem os jogos da equipe, tendo ocorrido, na leitura deles, o oposto: "a gente vem e vê que quem mora aqui não está vindo no estádio". A arena, na percepção desses, portanto, estaria mais distante, tanto para os associados da Estopim quanto para os rapazes da Brigada Miguel Bataglia, em termos geográficos e simbólicos, como se viu no capítulo dois, com relação aos trajetos pela cidade, e no capítulo três, com relação a elevação dos gastos em dias de jogos.

É relevante notar como a categoria "sonho", utilizada por anos como modo de classificar o desejo corintiano (fosse do torcedor ou do clube) por um estádio próprio, como visto no primeiro capítulo, foi remodelada conforme a arena passou a ser frequentada. Quando a pensamos a partir dos torcedores que acompanhavam os jogos do time no Pacaembu – que se dispõem a viajar para acompanhar jogos em outras cidades, estados ou países, moldando um "estilo de vida" (Toledo, 1996, p. 117-8) baseado no clube –, diversos atores dessa pesquisa, que acompanharam a construção da arena e a tomavam como a "realização de um sonho" por ser a "conquista da casa própria", nos primeiros meses com jogos da equipe em Itaquera passaram por desconfortos, estranhamentos e afastamentos. Tal sonho foi, assim, colocado em suspenso quando muitos passaram a se sentir alijados do espaço que o concretizara.

Por outro lado, quando pensamos na acepção do desejo do garoto, vizinho ao Pacaembu, mas que apenas conheceria as emoções proporcionadas pelo acompanhamento de um jogo de futebol na arena, a "concretização do sonho" apenas ocorreu em razão da edificação do sonho coletivizado. As especificidades da

[353]Os bairros da zona leste mais afastados da região central da cidade são por vezes vistos como "cidades-dormitório", conforme indicado por Frúgoli Jr. & Rolnik (2001, p. 45). Com relação ao uso de tal termo nessa situação, convém recordar a filiação a movimentos de esquerda de Vinícius, Valter e demais componentes da Brigada Miguel Bataglia.

construção, pautadas pelo "Padrão FIFA", europeu, que no discurso de seu pai confeririam maior noção de segurança, permitiam a realização do sonho individual do garoto. Ainda que o preço dos ingressos fosse tomado como alto, pagá-lo eventualmente era justificado pela "tranquilidade" e pelo conforto que se esperava daquela experiência.

Além das questões discutidas na pesquisa a respeito dos usos de uma praça esportiva construída sob as especificidades requeridas para um megaevento por torcedores do circuito de clubes, parte da agenda de pesquisa sugerida por Martin Curi (2012) para pesquisas antropológicas a partir das novas arenas[354], os usos da cidade também comporiam os "dias de jogos" dos torcedores, de modo que é colocado grande ênfase sobre as questões urbanas.

Ao observar os torcedores corintianos em atuações nas duas praças esportivas, a partir das especificidades de cada espaço e das interações entre torcedores, espaços e demais sujeitos[355], situações cruzadas ao longo dos capítulos revelaram alterações e permanências em tais dinâmicas. A inserção de cadeiras, que, nos primeiros jogos, entre maio e setembro de 2014, causou transtornos aos torcedores organizados, que viam seus hábitos dificultados, aparentemente deixou de ser um problema após a retirada das mesmas do setor norte. Demais torcedores, sobretudo no setor sul, readequavam suas formas de torcer às especificidades do "novo estádio": permanecer em pé nos degraus das escadas ou, simplesmente, como faz a maioria no setor, utilizar os assentos apenas antes dos jogos e nos intervalos.

Para finalizar, retomemos brevemente a questão dos ingressos, que surgem na pesquisa como actantes sob a forma de objetos não humanos, conforme Latour (2012, p. 98). A partir do programa sócio torcedor e da venda de entradas via internet, haveria um

[354] Martin Curi, em sua tese de doutorado a respeito do "Engenhão", estádio carioca que teria sido tomado como referencial para muitas das construções e reformas de praças para a Copa do Mundo de 2014, indica que há uma agenda de pesquisa para as ciências sociais no sentido de compreender como esses "novos estádios" estão movimentando alterações na cultura torcedora brasileira (2012, 305). Tenho certa convicção de que a esta agenda devem ser incorporadas pesquisas de caráter etnográfico nos setores destinados aos torcedores de maior poder aquisitivo. Amparo tal argumento em relatos de torcedores que os acessam, imagens e relatos a respeito do funcionamento destes (publicadas em redes sociais virtuais) e matérias da mídia a respeito. No caso da Arena Corinthians, entendo que uma etnografia aprofundada no setor oeste inferior – onde estão localizadas a área vip, que oferece buffet de alimentação aos torcedores, e, desde abril de 2015, o setor com as cadeiras chamadas "PSL" (Personal Seat License), plano do sócio torcedor em que se adquire, por um período de um a três anos, o direito de uso de uma cadeira em dias de jogos do clube – abrangeria pontos importantes para se pensar mudanças nas formas de torcer e consumir o futebol.

[355] Como se viu ao longo do trabalho, cambistas, vendedores ambulantes, funcionários do metrô e da CPTM, *stewards*, policiais militares e oficiais da guarda civil metropolitana, e, evidentemente, os demais citadinos.

movimento do clube no sentido de selecionar, por meio de uma elitização, o público torcedor. Para partidas do Corinthians disputadas no Pacaembu entre 2011 e 2013, com maior interesse dos torcedores, era frequente que os ingressos ao preço mais barato fossem esgotados pela venda antecipada aos sócios torcedores, ao "torcedor comum" – nessas situações, além de "não organizado", também "não associado" – restando ingressos mais caros ou aqueles disponíveis apenas aos "jogos ruins".

A partir da diminuição na quantidade de ingressos mais baratos na arena, em razão da revalorização dos mesmos, questão ligada à própria estrutura e gestão da arena, têm-se uma ampliação no raio de torcedores excluídos das partidas, cujo intuito é reformular o público do futebol: diminui-se a área destinada a torcidas organizadas e ao torcedor de baixa renda, e abre-se espaço para que sujeitos de classes mais abastadas sintam-se "tranquilos" nos estádios.

Ao longo da dissertação privilegiei situações que ressaltassem as rupturas entre sujeitos e espaços quando alterado o local dos jogos. Entendo que estas situações, uma vez contrastadas com outras (tomadas como regulares na atuação dos citadinos), permitem compreender o que estes sujeitos definiam por regularidades em um "dia de jogo", e quais destas noções passavam, então, por "mudanças sistêmicas". Dessa forma, puderam ser compreendidos aspectos simbólicos relacionados às mudanças no tecido urbano e modos dos citadinos lidarem com estas a partir de suas atuações e relações enquanto torcedores de futebol.

Referências bibliográficas

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Terceiro Nome, 2011.

ANTONUCCI, Denise. Higienópolis: formação e transformação. *Cadernos de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo*, v. 6, n. 1, 2006.

ARCHETTI, Eduardo P. *Masculinities. Football, Polo and the Tango in Argentina*. Oxford/New York: Berg. 1999.

ATIQUE, Fernando; GESSI, Hennan; SOUSA, Diógenes. "Uma relação concreta: A prática do futebol em São Paulo e os Estádios do Parque Antarctica e do Pacaembu". In. *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.23. n.1. jan.-jun. 2015, p. 91-109.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas, Papirus, 1994.

AZEVEDO, Clara de Assunção. *Fantasias negociadas: políticas do carnaval paulista na virada do século XX*. São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, USP, 2010.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. "Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol". *Revista Brasileira de Educação* v. 15 n. 44 maio/ago. 2010, p. 342-351.

BIONDI, Karina. *Junto e misturado: imanência e transcendência no PCC*. São Carlos, UFSCar, Dissertação de Mestrado, 2009.

BOCCHI, Gabriel M. M. *Vestir para se identificar, se identificar para vestir: a camisa oficial da Estopim da Fiel como elemento de construção e representação dos valores deste coletivo*. Trabalho de Conclusão de Curso de Ciências Sociais, FFC/Unesp, Marília: 2012.

BOURDIEU, Pierre. "Espaço social e poder simbólico". In: Bourdieu, P. *Coisas ditas*. São Paulo, Brasiliense, 2004, p.149-169.

BUFFORD, Bill. *Entre os vândalos: a multidão e a sedução da violência*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.

CAMPBELL, Colin. "Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno". In. BARBOSA, Lívia; CAMPBELL, Colin (orgs.). *Consumo, cultura e identidade*, Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2006, p. 47-64.

CAMPOS, Flávio. "Arquitetura da exclusão: Apontamentos para a inquietação com o conforto". In. ALFONSI, Daniela, CAMPOS, Flávio de (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Pauo, Leya, 2014.

CANALE, Vitor dos Santos. "Viajando com os Gaviões: narrativas de uma caravana do Movimento Rua São Jorge". In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola (orgs.). *Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2015.

CASTELLARI, Ademir Ângelo. *O tradicional e o moderno no futebol brasileiro: do moderno e de elite a uma moderna elitização*. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, PUC/SP, 2010.

COLLAÇO, J. H. L. "Restaurantes de comida rápida, os 'fast-foods', em praças de alimentação de shopping centers: transformações no comer". *Estudos Históricos* nº 33, jan.-jul./2004, p. 116-135.
CONSTANTINO, Carlos Eduardo Santos. *A COHAB-SP e uma nova política habitacional: o período 2001-2004*. São Paulo. Dissertação de mestrado apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, 2007.

COSTA, Elizabeth Goldfarb. *Anel, cordão, perfume barato: uma leitura do espaço do comércio ambulante na cidade de São Paulo*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1989.
CURI, Martin. *Espaços da emoção: arquitetura futebolística, torcida e segurança pública*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

DAMO, Arlei S. *Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

_____. "O espetáculo das identidades e alteridades – As lutas pelo reconhecimento no espectro do clubismo brasileiro". In. ALFONSI, Daniela, CAMPOS, Flávio de (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Pauo, Leya, 2014.

DAMO, Arlei S., OLIVEN, Ruben George. *Megaeventos esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Campinas, SP, Armazém do Ipê, 2014.

DORNELLES, Jonatas. "Antropologia e Internet: quando o 'campo' é a cidade e o computador é a 'rede'". *Horizontes antropológicos*, Porto Alegre, ano 10, nº21, jan/jun, 2004, p. 241-271.

DUNNING, Eric. *Sociologia do esporte e os processos civilizatórios*. São Paulo, Annablume, 2014.

FERRAZ, Talitha Gomes. "O cinema sai da rua para o último piso: sociabilidade, exibição e espectação cinematográficas no espaço urbano da Tijuca". *Lumina, Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação*, Juiz de Fora, Vol. 3, nº2, dez, 2009.

FERREIRA, João Fernando. *A construção do Pacaembu*. São Paulo, Paz e Terra, 2008.

FLORENZANO, José Paulo. *A democracia corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro.* São Paulo, FAPESP, Educ., 2010.

FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Marcio; SIMÕES, Júlio Assis. "Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo". *Cadernos Pagu* (35), julho-dezembro de 2010, p. 37-78.

FRANCISCHINI, Sandro L. M. *Campeonato brasileiro de futebol e a esportificação do futebol profissional (1971-1979).* São Carlos, UFSCar, dissertação de mestrado, 2006.

FRANCO JR., Hilário. *A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura*. São Paulo, Ed. Companhia das Letras, 2007.

FRÚGOLI Jr., Heitor. "Os shoppings de São Paulo e a trama do urbano: um olhar antropológico". In, Silvana M. Pintaudi e Heitor Frúgoli Jr (orgs.), *Shopping centers: espaço, cultura e modernidade nas cidades brasileiras*, São Paulo, Ed. da Unesp, 1992, p. 75-92.

_____. "A questão dos camelôs no contexto da revitalização do centro da metrópole de São Paulo". In: SOUZA, Maria A. A.; LINS, Sonia C.; SANTOS, Maria P. C.; SANTOS, Murilo C. (orgs.). *Metrópole e globalização: conhecendo a cidade de São Paulo*,São Paulo, Ed. CEDESP, 1999, p. 151-165.

_____. *Centralidade em São Paulo*. São Paulo, Edusp, 2000.

_____. "O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia". *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 48, n° 1, 2005, p. 133-165.

_____. *Sociabilidade Urbana*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2007.

FRÚGOLI JR., Heitor & ROLNIK, Raquel. "Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências". *Cadernos Metrópole* n. 6, 2º sem. 2001, p. 43-66.

GOMES, Laura Graziela. "Fansites ou o 'consumo da experiência' na mídia contemporânea". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 13, n. 28, jul./dez. 2007, p. 313-344.

GONÇALVES, Renata da Rocha. *Políticas habitacionais na federação brasileira: os estados em busca de seu lugar*. Dissertação de mestrado - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, FGV, 2009.

GOZZI, Ricardo; OLIVEIRA, Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de. *Democracia corintiana: a utopia em jogo*. São Paulo, Boitempo Editorial, 2002.

HERZFELD, M. *Antropologia: prática teórica na cultura e na sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2014.

HIKIJI, Rose S. G. "Etnografia da performance musical – identidade, alteridade e transformação". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, jul./dez. 2005, p. 155-184.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Sete Letras/Faperj, 2009.

_____. "A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980". In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; ET AL. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2012.

_____. "O fim do Estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014". In. ALFONSI, Daniela, CAMPOS, Flávio de (orgs.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Pauo, Leya, 2014.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola. *Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro, 7 Letra, 2015.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloísa Helena Baldy dos. *Hooliganismo e Copa de 2014*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2014.

HORNBY, Nick. *Febre de bola*. São Paulo, Companhia das Letras, 2013.

LABHAB. *Estudo preliminar: impactos urbanísticos do Trecho Oeste do Rodoanel Mário Covas*. Laboratório de Habilitação e Assentamentos Humanos- FAU/USP, 2005.

LATOUR, Bruno. *Reagregando o Social: uma introdução à teoria Ator-Rede*. Salvador: Edufba, 2012; Bauru, São Paulo: Edusc, 2012.

LOIS, Nicolas Caballero. "O caso Palmeiras-Parmalat: um case de sucesso no desenvolvimento da estratégia marketing no esporte". In: Sérgio Carvalho; Marli Hatje (orgs.). *Comunicação, Movimento e Mídia na Educação Física*. 1ed. Santa Maria: Editora da Universidade Federal de Santa Maria, 1998.

_____. *Estratégias empíricas em patrocínio esportivo à luz da experiência de organizações esportivas e empresas investidoras*. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, 2013.

LOURENÇO, Marco Aurélio Duque. *Um rio e dois parques: a formação da rivalidade entre Corinthians e Palestra Itália durante o período de construção de seus estádios (1917-1933).* Dissertação de mestrado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MAGNANI, José G. C. "Os circuitos dos jovens urbanos". *Tempo Social* (Rev. de Sociologia da USP), São Paulo, v. 17, no. 2, 2005, p. 173-205.

_____. "Etnografia como prática e experiência". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 15, n. 32, jul./dez. 2009, p. 129-156.

MOREIRA, María Verónica. "Acerca de las alianzas futbolísticas y de cómo se consolidan: un caso paradigmático en Argentina". *Revista Digital Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, número 2, Mar/Jun 2006.

MOURA, Gisela de Araújo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro, Editora FGV, 1998.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916*. São Paulo: PUCSP, 1992, dissertação de mestrado.

_____. *A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40*. Tese (Doutorado em História Social) – São Paulo: PUC-SP, 1998.

_____. *Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional*. História: Questões & Debates, Editora UFPR, Curitiba, n. 39, 2003, p. 121-151.

OJIMA, Ricardo; PEREIRA, Rafael H. M.; SILVA, Robson B. "A mobilidade pendular na definição das cidades-dormitório: caracterização sociodemográfica e novas territorialidades no contexto da urbanização brasileira". In. *Anais V Encontro Nacional sobre Migrações*, IFCH/UNICAMP, 2007.

PARK, Robert E. “A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano”. In: GUILHERME VELHO, O. (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1972.

PIRES, Lênin Santos. “‘Arreglar’ ou pedir arrego – o comércio ambulante e a administração dos conflitos nos trens de Buenos Aires e Rio de Janeiro”. In. *XXVI Reunião Brasileira de Antropologia*, 2008.

POYTER, G. “Regeneração urbana e legado Olímpico de Londres 2012”. In: DACOSTA, L. et al. (Org.). *Legados de megaeventos esportivos*. Brasília, Ministério do Esporte, 2008. p. 121-152.

RAMOS, Jair de Souza. “Subjetivação e poder no ciberespaço. Da experimentaçãoà convergência identitária na era das redes sociais”. *Vivência revista de antropologia*, UFRN, v. 1, n. 45, 2015, p. 57-75.

ROCCO JR., Ary José. “Gaviões da Fiel na rede: pertencimento, violência e consume no ciberespaço”. In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; NEGREIROS, Plínio Labriola (orgs.). *Os Gaviões da Fiel: ensaios e etnografias de uma torcida organizada de futebol*. Rio de Janeiro, 7 Letras, 2015.

RODRIGUEZ, Maria Elizabet Paez. *Radial leste, Brás e Mooca: diretrizes para requalificação urbana*. Dissertação de mestrado – Programa de Pós Graduação em Planejamento Urbano e Regional, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2006.

ROMAGNOLI, 2012. “O programa ‘Minha Casa, Minha Vida’: continuidades, inovações e retrocessos”. *Revista Temas de Administração Pública* (UNESP. Araraquara), v. 04, 2012.

ROSA, Thaís Troncon. *Cidades outras: pobreza, moradia e mediações em trajetória urbanas liminares*. Tese de Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2014.

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

_____. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: por que acultura não é um ‘objeto’ em via de extinção (Partes I e II)”. *Mana*, vol. 3, n° 1, 1997.

SANTOS, João M. C. Malaia. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, Carlos Freire da. “Viração: o comércio informal dos vendedores ambulantes”. In: CABANES, Robert, GEORGES, Isabel, RIZEK, Cibele S. e TELLES, Vera S. (orgs.). *Saídas de emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. São Paulo: Boitempo, 2011, p. 57-73.

SILVA, Fábio de Oliveira Nogueira da. *Do Tekoa Pyau à Nova Aldeia: sujeitos em movimento na produção do espaço local*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo/SP, 2015.

SIMMEL, Georg. *O estrangeiro*. Tradução por KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro, RBSE – *Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*/Grupo de Pesquisa em Antropologia e Sociologia da Emoção/Universidade Federal da Paraíba, vol. 4, n. 12, dezembro de 2005, p. 265-271.

SOUZA, Eduardo Araripe Pacheco de. *Outro olhar sobre a multidão: Práticas de sociabilidade entre os torcedores organizados dos clubes de Recife*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós Graduação em Antropologia, 2012.

SPAGGIARI, Enrico. *Tem que ter categoria: construção do saber futebolístico*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

_____. *Família joga bola: constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

STEFANI, Eduardo Baider; SUZUKI, Júlio César. "A geografia dos cinemas no lazer paulistano contemporâneo: redes e territorialidades dos cinemas multiplex e de arte". *Geo UERJ*, ano 13, nº. 22, v. 2, 2º semestre de 2011 p. 379-394.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. "Torcidas jovens: entre a festa e a briga". *Revista Contemporânea de Antropologia e Ciência Política*. Universidade Federal Fluminense. N.10/11. Niterói/RJ, Eduff, 1º/2º semestres 2001.p. 85-104.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: Ed. Autores Associados/Anpocs, 1996.

_____. "Identidades e conflitos em campo: a guerra do Pacaembu". *Revista USP*, São Paulo, nº 32, 1997.

_____. *Lógicas no Futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, São Paulo/SP, 2000.

_____. "Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010". In. HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; ET AL. *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro, 7 letras, 2012.

_____. "Quase lá: a Copa do Mundo no Itaquerão e os impactos de um megaevento na socialidade torcedora". *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 19, n. 40, jul./dez. 2013, p. 149-184.

TORRES, Lilian de Lucca. "Para não ver cara nem coração: um estudo sobre o serviço telefônico disqueamizade". *Cadernos de Campo*, São Paulo, nº3, 1993, p. 63-75.

UNZELTE, Celso. *Corinthians 100 anos: 100 jogos, 100 ídolos*. Belo Horizonte, Gutenberg, 2009.

WACQUANT, Loïc. *Corpo e Alma - Notas Etnográficas de um Aprendiz de Boxe*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

Documentos

Avanços e Desafios: Política Nacional de Habitação – Ministério das Cidades, Secretaria Nacional de Habitação. Brasília, 2010.

Boletim financeiro 353/2015, de 22/11/2015.

Boletim financeiro 373/2014, de 6/12/2014.

Estatuto do torcedor e legislação correlata. Lei nº 10.671, 2003.

Estatuto do torcedor e legislação correlata. Lei nº 12.299, 2010.

FIFA. *Football Stadiums: technical recommendations and requirements*. Official Publication of the Fédération internationale de Football association, 5th completely revised edition, 2011.

Laudo técnico nº 004, Estádio Paulo Machado de Carvalho, 2014.

Laudo técnico de segurança, Estádio Arena Corinthians, 2014.

Relatório de Sustentabilidade do SCCP, 2008.

Relatório de Sustentabilidade do SCCP, 2011.

Relatório de Sustentabilidade do SCCP, 2014.

Materiais de imprensa

HIRATA, Daniel. *A produção das cidades securitárias: polícia e política*. 7 de março de 2012. Disponível em: http://www.diplomatique.org.br/artigo.php?id=1123 (acesso em 31/5/2016).

Revista "Fiel Torcida", edição nº 4, ano 1, 1999.

Revista "Fiel Torcida", edição nº 6, ano 2, 2000.

Revista Oficial Sport Club Corinthians Paulista, 2002.

Revista Veja São Paulo, 5/2010.

SIMÕES, Irlan. *Ódio eterno ao futebol moderno?* 6 de abril de 2016. Disponível em: http://outraspalavras.net/posts/odio-eterno-ao-futebol-moderno/ (acesso em 31/5/2016).

Anexos

Anexo A – A procura por caminhos em um dia de "panes"

Em 16/4/2014, o Corinthians enfrentaria a equipe do San Lorenzo na Arena Corinthians às 22h. Para acompanhar a partida, saí da região do Butantã (zona oeste) às 17h30, e por volta das 18h30, adentrei a estação Pinheiros da linha 4 amarela do metrô. Seguiria até a estação Luz, onde realizaria baldeação para a linha coral da CPTM e seguiria ao meu destino final, a estação Corinthians-Itaquera. O intuito era o de comer em alguma lanchonete no Shopping Metrô Itaquera, a fim de observar os usos da praça de alimentação pelos torcedores, em seguida caminhar até Artur Alvim, onde me encontraria no Bar do Torcedor com Osvaldo, permaneceria junto dos demais torcedores e em seguida retornaria para a entrada da arena junto deles.

Logo que entrei na estação Pinheiros notei que a quantidade de pessoas descendo as escadas a partir do setor da CPTM para o embarque no metrô era excessivamente volumosa, e que a movimentação daquelas era, igualmente, muito lenta; a lotação me parecia 'demais', até para o horário. Tornei-me mais um naquela multidão, seguindo em direção à plataforma de embarque através dos cinco lances de escadas rolantes na base do "passinho, passinho".

Um informe sonoro foi repetido diversas vezes: "informamos que os trens da linha três-vermelha estão circulando com velocidade reduzida e maior tempo de parada em razão das chuvas". Imaginei que isso não afetaria muito o meu deslocamento, visto que pretendia seguir por meio de trens da CPTM. Mudei minha concepção sobre isso quando me deparei com um telão informativo indicando que 3 linhas do metrô (azul, amarela e vermelha) estavam circulando com "velocidade reduzida". Ao alcançar a plataforma de embarque na linha 4 amarela ainda na estação Pinheiros, entrei no primeiro trem que passou, o que me surpreendeu, devido às condições que eram anunciadas no sistema de som e telão.

Ao chegar na estação Luz, por volta das 19h, no entanto, começaram-se os problemas. Ainda dentro do vagão, observei que as escadas que levam da plataforma de embarque e desembarque para o saguão de transferência entre linhas do metrô e da CPTM estavam cheias de pessoas, compactadas, se quer se moviam. O acesso às

escadas estava igualmente cheio, e a própria plataforma era intransitável. Optei por retornar à área de embarque da linha amarela, em que eu estava, no intuito de seguir até a estação República (que atende às linhas 3 vermelha e 4 amarela) e lá tentar o embarque na linha vermelha.

O trem realizou uma movimentação para trocar de trilhos e apanhar mais passageiros na plataforma oposta, que seguiriam no sentido Butantã. Após realizar a parada, notei que as escadas desta plataforma, diferentemente das do lado oposto, estavam vazias. Rapidamente desci do vagão e subi um lance de escadas, e deparei-me com o segundo andar cheio de pessoas e com as escadas cheias, utilizei um elevador para subir ao andar seguinte, onde há os acessos para demais linhas de metrô.

O saguão da linha amarela, onde há quiosques de lanchonetes e que se diferencia do resto da estação por meio da estética visual e dos materiais utilizados em sua construção (como, por exemplo, azulejos brancos em vez de peças de granito escuro) estava lotado. Pessoas sentadas e deitadas ao chão, filas nas lanchonetes, uma grande e estática aglomeração de pessoas que se iniciava na região da porta de saída da linha amarela e, possivelmente (ao que indica a foto abaixo) seguia até as plataformas da CPTM.

(Foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi)

Permaneci alguns instantes observando aquela multidão, sem saber ao certo qual caminho seguir: se insistir em embarcar ali ou se retornar até a estação República, para lá embarcar no sentido de Corinthians-Itaquera da linha 3 vermelha. Enquanto pensava, um rapaz vestindo camisa e jaqueta do Corinthians realizou um comentário sobre a quantidade de pessoas ali presente, e em seguida, lhe perguntei se estava indo para Itaquera, ao que respondeu afirmativamente.

Olhando toda aquela quantidade de pessoas, que crescia conforme chegavam vagões das demais linhas de metrô e CPTM com pessoas que passariam por ali, comentou que estava na estação República, onde estava "tudo zoado, mas não igual aqui". Havia sido informado, por meio do *WhatsApp*, que um trem que presta serviços ao metrô havia quebrado entre as estações Brás e Bresser-Mooca[356]. Um rapaz que

[356] Posteriormente, tomei conhecimento dos acontecimentos; ver: http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/sp/2015-04-16/falha-no-metro-de-sp-divide-trem-ao-meio-e-afeta-volta-para-casa.html (acesso em 13/7/2016).

passou por nós comentou que não havia trens da CPTM circulando na linha 11 coral, e que se nosso intuito era chegarmos em Itaquera, que o fizéssemos por meio do metrô.

Por sugestão de Daniel, decidimos seguir até a estação República, por meio da linha amarela. E ao chegarmos nesta estação, não precisamos andar muito para observar que se encontrava, tal qual a estação Luz, com muitas pessoas inertes. Logo que passamos pela divisora entre as linhas amarela e vermelha observei pessoas sentadas e deitadas ao chão, apoiadas nas paredes, e um grande fluxo de pessoas seguindo na direção das escadas para as plataformas. Daniel comentou que as plataformas já estavam mais vazias do que ao passar por lá, cerca de trinta minutos antes, especulando que a circulação de trens já havia voltado ao normal.

Havia um trem parado com as portas abertas parado na plataforma, neste uma multidão se aglomerava. Não fosse pela própria arquitetura do trem, e estar observando-o do topo de uma escada, não seria possível dizer onde começava o trem e terminava a plataforma.

(Foto: Gabriel Moreira Monteiro Bocchi)

O sistema de som anunciava repetidamente que “devido a falha em composição na estação Brás a circulação de trens sentido Corinthians-Itaquera está temporariamente interrompida, e retornará gradualmente”.

Havia outras pessoas com camisa do Corinthians na plataforma, e, como restavam cerca de 2h30 para o início da partida, começavam a traçar outras possibilidades de caminho. Aproximei-me de três rapazes com camisas do clube que comentavam sobre a possibilidade de saírem da estação e seguirem a pé até o Terminal Parque Dom Pedro, onde embarcariam em um ônibus sentido Itaquera.

Daniel e eu conversamos rapidamente, e decidimos acompanhar os rapazes na realização do trajeto, no entanto, nenhum de nós cinco sabia o caminho para chegar caminhando ao Terminal Parque Dom Pedro. Um dos rapazes sugeriu que subíssemos para o saguão da estação, onde há mapas da região, a fim de elaborar um trajeto. Enquanto subíamos uma das escadas tive o meu nome chamado, e tratava-se de Osvaldo, que trabalha na região da Luz e havia enfrentado os mesmos problemas que os demais torcedores com quem eu estava. Por trabalhar na região central e residir na zona leste, seus conhecimentos sobre os modos de deslocamento entre as duas regiões eram mais amplos do que os de Daniel, residente na região central, e os demais três torcedores, residentes na região da Barra Funda. Assim, Osvaldo sugeriu que, na própria Praça da República embarcássemos em um ônibus com destino ao Terminal Parque Dom Pedro. Todos os sujeitos nesta situação mantinham seus aparelhos de *smartphone* conectados à internet e em mãos, e a todo instante compartilhávamos novas informações sobre o que estava acontecendo nos transportes férreos entre o centro e a zona leste. Aos poucos percebemos se tratar de problemas distintos, um na linha 3 vermelha do metrô, com o rompimento de um trem, e outro na linha 11 coral da CPTM, em que as fortes chuvas que caíram durante a tarde forçaram a interrupção de circulação dos trens da linha.

Realizamos um curto trajeto a pé, atravessando a Praça da República, percurso realizado com certo temor por parte dos rapazes, uma vez que todos vestiam-se com roupas alusivas ao Corinthians e aquela região é tomada como de forte presença de torcedores organizados são-paulinos, uma vez que a poucos metros da praça tem sede a Torcida Tricolor Independente.

Por volta das 20h, quando já estávamos em um ônibus a caminho do Terminal Parque Dom Pedro, os torcedores receberam mensagens de amigos informando que a

circulação de trens da CPTM estava voltando à normalidade, no entanto, as estações Luz e Brás encontravam-se lotadas.

Ao chegarmos ao Terminal Parque Dom Pedro, a plataforma de embarque para o ônibus sentido Terminal Itaquera ocupava toda a plataforma, de ponta a ponta. Havia três ônibus biarticulados estacionados naquela plataforma, cada um com capacidade para cerca de duzentas pessoas, supusemos que embarcaríamos rapidamente, no entanto, fomos informados de que a fila contornava a plataforma. Osvaldo, então, cogitou outra estratégia: embarcarmos em algum ônibus que realizasse paradas nas estações Brás ou Tatuapé, a partir de onde, segundo informações que recebeu via *WhatsApp*, os trens da CPTM já circulavam regularmente. Daniel adicionou que recebeu mensagens informando que a partir da estação Tatuapé o metrô já funcionava normalmente.

Já eram cerca de 20h30 quando Osvaldo, observando os ônibus estacionados nas plataformas, sugeriu de embarcarmos em um com destino ao Terminal Penha, para que desembarcássemos na estação Brás, onde poderíamos escolher por seguir de metrô, trem ou ônibus para Itaquera.

Havia certa apreensão por parte de Osvaldo para que chegássemos o quanto antes à região da arena, pois ele levava consigo sete cartões de sócio torcedor a serem repassados para outras pessoas.

Cerca de quatro paradas após a saída do terminal desembarcamos em uma parada na Avenida Rangel Pestana, e caminhamos por dois quarteirões até alcançarmos o acesso à estação Brás. Contei, ainda, com a solidariedade de Daniel. Em razão do intenso acesso a transportes públicos distintos, os créditos de meu "bilhete único" se esgotaram, e Daniel validou o seu por duas vezes na catraca: a primeira para que ele acessasse a estação, e a segunda para mim.

Diferente das estações visitadas anteriormente deparamo-nos com as plataformas, de certo modo, vazias. Permanecemos apenas alguns instantes na estação, pois rapidamente embarcamos em um trem sentido Corinthians-Itaquera. Estava com os bancos ocupados e algumas pessoas em pé, muitas vestiam camisas do Corinthians.

Perguntei a um homem e um garoto que estavam com camisas do Corinthians sobre como estava a estação Luz, e se sabiam por que o trem estava vazio. O homem relatou que os intervalos entre trens partindo da estação Luz estava reduzido, para dar conta de esvaziar a estação.

Com os torcedores tranquilos, valorizando que chegariam a tempo da partida, algumas considerações foram feitas. Osvaldo apontou que caso ocorresse uma

“combinação de panes” na CPTM e no metrô (como ocorrido naquele dia) em uma data com jogo iniciado às 19h30, não haveria público na arena, argumento que a grande maioria dos torcedores tem utilizado transporte público. Tal leitura teve uma questão adicionada por Daniel: caso ocorressem panes semelhantes durante a noite em um jogo iniciado às 22h, como se daria o retorno para casa dos torcedores?

Por fim, passados todos os percalços *à procura por caminhos em um dia de “panes”*, chegamos à estação Corinthians-Itaquera às 21h. Por meio do *WhatsApp*, Osvaldo rearranjou seus encontros com demais torcedores para a área de entrada da arena. Enquanto os aguardava, tomando uma cerveja, comentou que, apesar dos problemas e da distância de Itaquera com relação à região da cidade, ela, ainda assim, se fazia acessível por distintos meio, “basta saber chegar”.

Anexo B - Corinthians vs. São Paulo: a disputa por masculinidades

Corinthians *versus* São Paulo é um jogo dentre os principais clássicos do futebol nacional. Os dois clubes acumulam conquistas nacionais, nove o Corinthians e seis o São Paulo, conquistas internacionais, o São Paulo é o único clube brasileiro a sagrar-se tricampeão da Libertadores da América e do Mundial de Clubes, e o Corinthians conquistou uma Libertadores e dois Mundiais. Em termos de torcida os dois clubes também agregam grandes massas torcedoras e figuram, Corinthians e São Paulo, como segunda e terceira maior torcida do Brasil[357].

Entre o fim dos anos de 1990 e a primeira década e meia do século XXI a rivalidade entre os torcedores das duas equipes foi acirrada. Tanto por uma série de campeonatos decididos e vagas disputadas entre as duas equipes, quanto por dois períodos nomeados pela mídia especializada e pelos torcedores como "jejuns". Entre maio de 2003 e outubro de 2007 o Corinthians permaneceu sem ganhar do São Paulo, e, após vencer uma partida do rival tricolor, manteve-se imbatível por ele até março de 2011. Relações jocosas entre jornalistas declaradamente torcedores de ambos os clubes e de jogadores, eventualmente como parte da cobertura especializada sobre as partidas também fortaleceram a rivalidade.

O São Paulo é tomado historicamente nas relações de rivalidade como um clube de ricos, donde se tornou um clube de "frescos", estigma que recebeu por ter sido fundado após o encerramento das atividades futebolísticas do São Paulo da Floresta em 1933, por não concordar com a profissionalização do futebol. Ao longo dos anos essa caracterização foi reinventada pelos rivais, inclusive em 2002, quando o jogador corintiano Vampeta, às vésperas de um confronto contra o São Paulo, em um programa televisivo se referiu aos rivais como "Bambis" – referência ao personagem de um cervo, do filme de mesmo nome, produzido pelos estúdios Walt Disney em uma animação gráfica do ano de 1942. "Bambi" é uma variação do termo "bixa" para referir-se aos são-paulinos.

[357] Segundo índice publicado pela revista Placar, produzido a partir de pesquisa realizada em agosto de 2014 pelo Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística (IBOPE): http://placar.abril.com.br/materia/em-nova-pesquisa-lance-ibope-atletico-mg-ultrapassa-cruzeiro-em-torcida (acesso 12/2/2016).

O termo foi rapidamente incorporado ao repertório de ofensas por torcedores rivais ao São Paulo, não apenas corintianos. As ramificações para associar o SPFC, seus jogadores, dirigentes e torcedores a signos tomados como estereótipos homossexuais e femininos é extenso. Vai do uso de termos e cânticos os mais variados, "olha que timinho de mulher, é claro que é, é claro é: bicha!"[358], "vai pra cima delas Timão, da bicharada", montagens produzidas via softwares de manipulação de imagens e divulgadas via internet, em que jogadores recebem efeitos de maquiagens em seus rostos, a menção e todo e qualquer termo que faça menção aos são paulinos é reposicionado no feminino, assim os sujeitos tricolores são referidos como "elas", na fala do torcedor rival o Morumbi é o estádio "delas".

Observei que a referência aos sujeitos são-paulinos como desprovidos de masculinidade, portanto, "bichas" ou "afeminados", por vezes era invertida, e sujeitos tomados como "gays" eram referidos como "são paulinos" ou "bicharada".

No período da pesquisa de campo estive em dois jogos entre Corinthians e São Paulo, o primeiro no Estádio do Pacaembu, em 9/3/2014, e o segundo na Arena Corinthians, em 18/2/2015, ambos com mando do SCCP e maioria esmagadora de torcedores corintianos. Nas duas partidas chamou-me a atenção que a grande maioria dos insultos proferidos pelos corintianos, tanto de maneira coletivizada por meio de cânticos, quanto de maneira individualizada por meio de ofensas a torcedores e jogadores rivais, buscava desmoralizar os sujeitos enquanto não masculinos ou viris. E, sempre que possível, termos derivados do léxico "bicha" eram ajustados às músicas frequentemente cantadas nas arquibancadas: "vamos, vamos Corinthians, essa noite, teremos que ganhar" facilmente se torna "vamos, vamos Corinthians, dessas bichas, teremos que ganhar"; torcidas mexicanas possuem o hábito de, quando o goleiro adversário se prepara para cobrar um tiro de meta, gritar em uníssono um extenso "oh", seguido da palavra "puto" quando a bola é enfim tocada pelo jogador, nos jogos entre Corinthians e São Paulo o palavrão era substituído por "bicha".

Tendo acompanhado torcedores corintianos em duas oportunidades, e registrado uma série de ofensas aos rivais tricolores, em 8/3/2015 fui ao jogo entre as duas equipes com mando do São Paulo, no Estádio do Morumbi, em um dos setores de arquibancada

[358] Paródia da marchinha carnavalesca de autoria de João Roberto Kelly, "olha a cabeleira do Zezé, será que ele é? Será que ele é?".

destinado aos são paulino. Se no universo corintiano o rival é chamado por "bicha" e "bambi", na relação oposto o corintiano é a "galinha" – ave mais frágil e de captura mais simples do que o gavião, que nomeia a principal torcida organizada corintiana, e, claro, é a fêmea de sua espécie, permitindo que o troco na desmasculinização do adversário seja feita – e o "gambá".

Logo que entrei na área do estádio do Morumbi, em uma rampa íngreme onde ficam as catracas que permitem o acesso final ao estádio em si, acompanhei a música que era cantada pelos torcedores na fila ao lado, dedicada às torcidas organizadas, e que era repetida por torcedores ao meu lado: "gambá me diz como se sente, por que você gosta de beijar? Ronaldo saiu com dois travecos, o Sheik selinho ele foi dar. Vampeta posou pra G, Dinei desmunhecou, na *Fazenda* de calcinha ele dançou. Não adianta argumentar, todo mundo já falou, que o Gavião virou um beija flor", cantada no ritmo de uma música da torcida Argentina no período da Copa do Mundo.

A música aciona situações vivenciadas por ex-jogadores do Corinthians, exploradas pela mídia esportiva de maneira informativa e replicada por torcedores pejorativamente. No ano de 2008 o então jogador Ronaldo, que se tornaria atleta do Corinthians no final daquele ano, envolveu-se em uma "confusão" contratando travestis. No ano de 2013 o jogador Emerson Sheik, que jogou no Corinthians entre 2012 e 2014, publicou em seu Instagram uma foto dando um "selinho" (beijo labial) em um amigo. O ex-jogador Vampeta, que atuou pelo clube em diversas passagens entre 1998 e 2008, realizou um ensaio fotográfico para a revista chamada "G Magazine", especializada em fotos sensuais de modelos masculinos. O ex-jogador Dinei, atleta do Corinthians entre os anos de 1990-92 e 1998-2001, que participou do programa televisivo "A Fazenda"[359] no ano 2011 e vestiu lingeries de "colegas de confinamento"[360].

A música foi o principal cântico entoado pelos são paulinos naquela tarde, inclusive nos momentos de maior explosão da torcida, quando um pênalti foi marcado a favor do São Paulo e um jogador corintiano expulso. Não se gritou o nome do clube ou o de torcidas organizadas, mas sim se buscou construir um ethos não masculinizado do

[359] Reality show em que celebridades permanecem confinadas em uma fazenda cenográfica, tendo de desenvolver atividades tidas como "rurais".

[360] Cf.: http://tvuol.uol.com.br/video/tvobuxixo-dinei-usa-lingeries-das-colegas-de-confinamento-04020E1C336EE4C11326 (acesso em 23/3/2016).

corintiano[361], pessoalizado nas arquibancadas por cerca de dois mil torcedores em um pequeno setor de arquibancadas isolado dos demais por chapas de metal.

No setor corintiano a resposta dos visitantes se dava com o mesmo intuito, e se valia da data: em oito de março celebra-se o dia internacional da mulher, e, ironicamente, os corintianos entoavam cânticos de "parabéns, parabéns, hoje é o seu dia, que dia mais feliz" e "hey, hoje não pode te bater, hoje não pode te bater".

[361] A esse respeito, ver: http://espnfc.espn.uol.com.br/sao-paulo/spfc-da-depressao/3805-torcedores-de-torcida-homofobia-virou-unico-argumento (acesso em 23/3/2016).

Anexo C – Informativos a respeito do Fiel Torcedor

A respeito do cálculo de assiduidade do plano "Minha Vida" do programa de sócio torcedor corintiano, tal informativo foi-me enviado por e-mail no ato de meu cadastro:

Venda antecipada por assiduidade

Caro Fiel Torcedor,

Informamos que as vendas antecipadas por assiduidade, que contam com previsão e autorização expressa no termo de adesão do programa Fiel Torcedor, somente contemplarão aqueles associados efetivamente mais assíduos, inclusive em se tratando de dependentes, ou seja, para que o dependente possa se valer da aquisição antecipada por assiduidade, não basta que o titular tenha adquirido o número de pontos estabelecidos. O próprio dependente deverá ter atingido a pontuação determinada.

Visando a beneficiar os Fiéis Torcedores mais assíduos ao estádio, foram estabelecidos novos critérios para definição dos usuários, titulares ou dependentes que estarão habilitados a participar da Promoção Assiduidade "Beneficiados".

Os novos critérios são:

Será utilizada uma regra de pontuação onde cada ingresso adquirido nos últimos 12 meses (a contar da data da abertura da venda) vale 1,0 ponto e a cada ingresso adquirido no programa é somado mais 0,1 pontos.

Exemplos considerando uma pontuação mínima de 28 pontos para ter o benefício:

NÃO Beneficiado:	Ingressos	Pontos	
Ingressos Comprados nos últimos 12 meses	25	25	Pontos
Ingressos Comprados em todo programa	25	2,5	27,5
Ingressos Comprados nos últimos 12 meses	2	2	Pontos
Ingressos Comprados em todo programa	108	10,8	12,8

Beneficiado:	Ingressos	Pontos	
Ingressos Comprados nos últimos 12 meses	25	25	Pontos
Ingressos Comprados em todo programa	50	5	30
Ingressos Comprados nos últimos 12 meses	30	30	Pontos
Ingressos Comprados em todo programa	30	3	33

Todos os usuários dos planos "Minha História" e "Meu Amor" também poderão comprar ingressos durante o período promocional antecipado, como já vinha ocorrendo nas promoções anteriores.

Lembramos que para adquirir o ingresso, o usuário deverá estar com sua anuidade em dia na data da compra.

Comunicado enviado na véspera do primeiro evento teste da Arena Corinthians realizado com venda de ingressos para "clientes" – termo que aparece em predominância maior do que "torcedores" – do programa de sócio torcedor:

COMUNICADO FIEL TORCEDOR

ORIENTAÇÕES AOS CLIENTES QUE ADQUIRIRAM INGRESSOS PARA 2º EVENTO TESTE

Neste sábado (10), 10h, será realizado o segundo evento teste da Arena Corinthians. Na ocasião, 20 mil torcedores prestigiarão um desfile da história viva do Timão, com a presença de mais de 100 ídolos duelando entre eles em seis partidas de 15 minutos cada.
Para os corinthianos que adquiriram ingresso, o Sport Club Corinthians Paulista passa as seguintes orientações:

- Devido às instalações da FIFA para a Copa do Mundo, o estacionamento não poderá ser utilizado neste evento. Sendo assim, é recomendado que os transportes públicos sejam utilizados para a comodidade de todos;

- Como já informado, não haverá acesso de não pagantes menores de 12 anos, maiores de 60 anos e pessoas com deficiência. Todos precisam de ingressos para entrar no estádio;

- É IMPRESCÍNDIVEL que TODOS os clientes tragam o VOUCHER, que apresenta todas as informações necessárias para a acomodação no assento e no setor corretos;

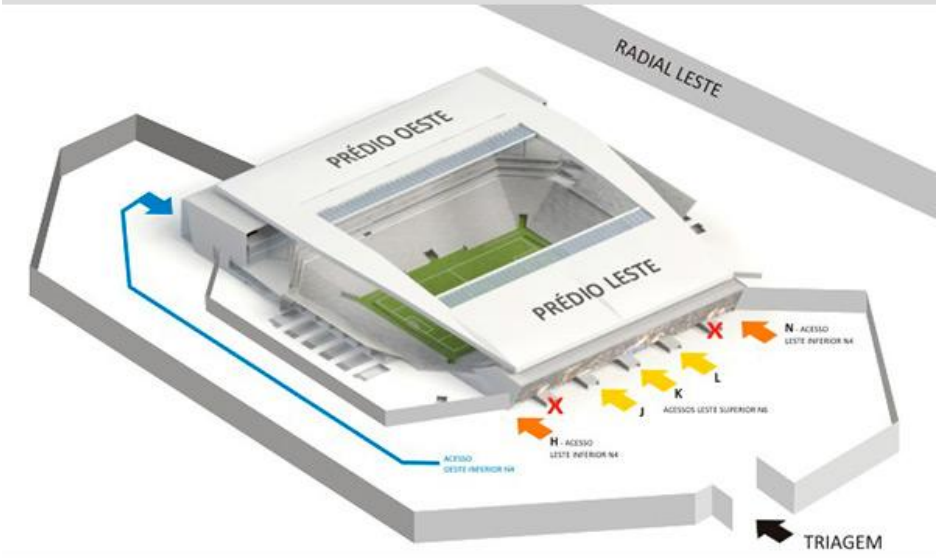
- A precisão de abertura dos portões está programada para as 8h;

- O acesso ao estádio será feito apenas pelo portão Leste do estádio (Av. Miguel Ignácio Curi). Haverá sinalização e orientadores à disposição para direcionar os clientes aos seus devidos portões de acesso;

- Não será permitida a entrada com alimentos e bebidas no estádio;

- Será feita uma triagem no portão de entrada principal que só permitirá o acesso aos setores do estádio para quem portar ingresso;

Abaixo um mapa ilustrando o estádio e seus acessos para este evento.



RUA MIGUEL IGNÁCIO CURI

Informativo enviado aos associados para informar sobre a venda do primeiro "pacote de ingressos" realizado pelo programa:

Com estreia na Libertadores, inicia venda de pacote com 10 jogos

Abertura da venda de ingressos para beneficiados com 20 pontos ou mais: 05 de janeiro de 2015
Encerramento da venda para os beneficiados: 09 de janeiro de 2015 às 10h00;
Abertura para todos os associados adimplentes: 09 de janeiro de 2015 às 11h00;
Encerramento da venda para todos os associados: 18 de janeiro de 2015 as 23h59.

Associados com plano renovado e novos sócios poderão garantir lugar nos primeiros confrontos do Timão na Arena Corinthians em 2015

O programa Fiel Torcedor começa a vender nesta segunda-feira (05) um pacote que dá direito a ingressos de 10 jogos do Timão na Arena Corinthians no começo de 2015, incluindo a estreia na Copa Bridgestone Libertadores. Com preços especiais que vão de 250 a 750 reais para todas as 10 partidas, a compra estará disponível aos associados que renovaram o plano e a novos sócios.

No pacote, estão incluídos o jogo do Alvinegro contra o Once Caldas pela Libertadores, as oito partidas em casa da fase de classificação do Campeonato Paulista e o amistoso contra o Corinthian Casuals, no dia 24 de janeiro, no primeiro compromisso do Corinthians em 2015.

Ao adquirir o pacote, o associado ganhará 15 pontos no Fiel Torcedor, o que representa um bônus de 50% relativo à pontuação normal. Com isso, terá ainda mais facilidade para compras futuras caso o Corinthians avance na Libertadores e no Paulistão.

A partir desta segunda (05), os associados com 20 ou mais pontos, desde que já estejam com o plano renovado, terão prioridade na compra. De sexta-feira (09) em diante, a venda estará aberta para todos os sócios com plano renovado e novos associados. O pacote especial de início de ano estará disponível até o dia 18 de janeiro. O pagamento pode ser feito à vista via boleto bancário e PagSeguro ou parcelado somente via PagSeguro.

Serão vendidos ingressos para os setores Norte, Sul, Leste Inferior, Leste Superior e blocos laterais do Oeste Inferior. Os blocos centrais do Oeste Inferior e o Oeste Superior farão parte do programa de vendas do PSL (Personal Seat License ou, em português, Direito Pessoal de Uso de Assento), que será divulgado em breve.

Preços do pacote de 10 jogos por plano e setor:

Minha Vida
Sul: R$ 250,00
Leste Inferior: R$ 390,00
Leste Superior: R$ 660,00

Minha História
Leste Inferior: R$ 360,00
Leste Superior: R$ 590,00

Meu Amor
Leste Inferior: R$ 360,00
Leste Superior: R$ 530,00
Oeste Inferior: R$ 750,00

Minha Torcida
Norte: R$ 250,00

Para a temporada de 2015, os associados do Programa Fiel Torcedor que também forem sócios do Corinthians e estiverem adimplentes em ambos na abertura das vendas de ingressos, terão um desconto adicional de 5% sobre o valor a ser pago.

Modelo de imagem enviada via e-mail para informar a abertura da venda de ingressos; chamo a atenção para a variação do desconto conforme a quantidade de ingressos adquiridos:

Anexo D – A procura por ‘não-lugares’ para a realização de churrascos

Outro modo de ocupação dos espaços nos arredores das praças esportivas dizia respeito à realização de churrascos por parte dos torcedores. No Churrasco da Fiel Torcida em que estive no dia 15/3/2014, abordado no primeiro capítulo, durante as conversas com Mário e Jânio, em que relataram a realização de churrascos nos arredores do Estádio do Pacaembu, ambos comentavam sobre a possibilidade de espaços nas proximidades da arena para a realização de tais encontros em dias de jogos. Embora não tenha me reencontrado com tais torcedores no período da pesquisa de campo, acompanhei a procura por um espaço para tal por outro agrupamento de corintianos.

Entre os meses de janeiro e abril de 2015, acompanhei um agrupamento de torcedores que se reunia em um bar, localizado entre a estação Artur Alvim e a Arena Corinthians. Nomeado “Bar do Torcedor”, era referido verbalmente pelos torcedores, e por seus trabalhadores, como “Bar do Japonês”, em razão de pertencer a uma família de nipo-descendentes. Conheci este local, e alguns dos torcedores que o frequentavam em dias de jogos por indicação de Osvaldo, após alguns meses interagindo com ele por meio do Twitter, sugeri de acompanhá-lo em um dia de jogo, tendo indicado o bar como local para nos encontrarmos.

O bar é acessado, assim como a praça próxima à estação Corinthians-Itaquera e a barraca que vende sanduíches, como ponto para encontros, conversas, consumo de bebidas, alimentos, e trocas de ingressos para os jogos. No entanto, dentre as especificidades acionadas pelos torcedores para frequentar o bar e não a praça do metrô ou outro local mais próximo à arena está a comodidade oferecida, ao dispor de mesas, cadeiras e banheiros, e a possibilidade de consumir cerveja em garrafa de vidro, tida como “mais saborosa” que aquela vendida pelos ambulantes, em latas de alumínio.

Na diferenciação colocada, a praça e a barraca seriam não lugares, onde o improviso necessário para uma permanência prolongada é associado ao desconforto, ao passo que o bar, um local já previamente organizado e sem muitas possibilidades ou necessidades de rearranjos, é tomado como confortável.

Em minha primeira ida a este bar, em 1/2/2015, após convite realizado por Osvaldo, permaneci alguns minutos parado próximo à porta de entrada. Acompanhei o diálogo entre um dos proprietários do bar e um torcedor, em que o primeiro informava ao segundo que o imóvel comercial ao lado do bar havia sido alugado, e o novo locatário pedido a ele que impedisse o uso de churrasqueiras na calçada a frente de seu comércio, alegando que causariam sujeira.

Algumas semanas depois, no sábado de carnaval, 14/2/2015, estive com torcedores antes e após o jogo no bar e, ainda antes da partida daquela tarde, o assunto em voga era o próximo jogo do Corinthians na arena, a ser disputado na quarta-feira de cinzas, válido pela Libertadores às 22h. Os torcedores planejavam a realização de um churrasco antes da partida, e seria necessário encontrar outro espaço para tal, visto que a frente do bar não era mais um local viável. Na quarta-feira, estive novamente com esses torcedores, no entanto o local de encontro não foi o bar, mas sim a calçada de uma área comercial na Avenida Padre Sena Freitas, a poucos metros do bar.

O amplo espaço entre a avenida e a porta de uma loja (fechada em razão do horário) e a pintura de faixas no chão indicavam que aquele espaço é ordinariamente utilizado como estacionamento. Um dos torcedores, após o jogo de 14/2/2015, passou naquela avenida, e notou comércios fechados, sugerindo que aquele fosse um novo ponto para o churrasco. Por meio de um grupo no WhatsApp os torcedores combinaram o que cada um levaria – carne, carvão, churrasqueira – e trocaram informações sobre a localização do encontro também por meio do aplicativo de mensagens[362].

Ali os torcedores montaram uma churrasqueira de alumínio e, no banco de uma moto apoiaram uma tábua de madeira onde as carnes, levadas pouco a pouco por cada torcedor, eram fatiadas. Ao lado da churrasqueira, dois isopores estavam repletos por gelo e latas de cerveja, que eram repostas a cada torcedor que chegava, trazendo mais latas. Em uma breve caminhada pela avenida, notei outros churrascos montados por outros agrupamentos de torcedores em espaços e com disposições semelhantes – variavam as bricolagens com objetos diversos, como a descrita com o banco da moto.

[362]Como não participava do grupo no WhatsApp, fui informado por Osvaldo, por meio de mensagens diretas no Twitter, da confirmação do churrasco, para o qual me convidou a acompanhá-los.

No churrasco do agrupamento com o qual estive, os torcedores permaneciam em pé, vez ou outra se apoiando em carros parados rente à calçada. Uma lanchonete, ao lado do local, era frequentemente acessada para uso do banheiro ou compra de cerveja por torcedores recém-chegados e que não haviam trazido nenhuma lata para "contribuir" com o churrasco.

Trocado o conforto do bar por uma frente de loja escura, em que era necessário iluminar a tábua com a luz das telas de celulares para cortar as carnes ou escolher uma bebida dentro dos isopores, Márcio relatou que aquele churrasco fazia com que enfim os arredores da arena tivessem "clima de estádio", comparando aquele espaço com as calçadas de bancos próximos ao Estádio do Pacaembu, onde realizavam esses encontros.

Ainda com relação aos churrascos, outro espaço deve ser mencionado. No período entre dezembro de 2014 e fevereiro de 2015, em que a equipe de futebol profissional do Corinthians não disputou jogos oficiais em São Paulo, a arena passou por um intenso período de ajustes, permitindo que uma parte do terreno, sem área construída, fosse transformada em estacionamento, previsto em projeto. As vagas são comercializadas pelo site do Fiel Torcedor, e o acesso a ele é validado por meio da apresentação do mesmo cartão magnético utilizado para a entrada no jogo.

Em novembro de 2014, quando a área ainda estava vazia, Vinícius e Valter, insatisfeitos com a ausência de lugares confortáveis para a permanência dos torcedores nos arredores da arena, conversavam sobre modos de uso de alguns espaços. Tal área foi indicada por Vinícius como mal aproveitada pelo clube. Sugeriu que ali poderia ser feito um *foodpark*[363]ou organizada uma área para que as pessoas realizassem churrascos antes dos jogos, acionando como comparativo eventos esportivos nos Estados Unidos da América, em que imagens de "fans" realizando churrascos ao lado de carros frequentemente são exibidas pela mídia esportiva brasileira ou em filmes estadunidenses.

Em fevereiro de 2015, com o estacionamento já em funcionamento, o agrupamento de torcedores que se reunia no "Bar do Torcedor", ciente da venda de

[363] "Food Park" consiste em um terreno em que são posicionados veículos utilizados para a venda de alimentos, chamados "foodtrucks". À época era recém-inaugurado o primeiro foodpark em São Paulo, no bairro do Butantã.

vagas, organizou-se para que em uma próxima partida com início às 22h, realizassem outro churrasco, porém, no estacionamento da arena. Além da divisão da compra dos elementos para o encontro – carnes e bebidas – entre todos os participantes, o valor cobrado pelo uso de uma vaga, R$30,00, seria também dividido entre eles.

Tão logo se iniciou o uso do espaço para a permanência de carros de torcedores durante as partidas, torcedores começaram a montar churrasqueiras móveis próximas a seus carros, e ali permanecer desde a abertura do espaço, cerca de duas horas antes das partidas, até minutos anteriores ao apito inicial.

Em 1/4/2015, data do jogo entre Corinthians e Danúbio Fútbol Club, do Uruguai, válido pela Libertadores, dirigi-me para o Bar do Japonês, onde encontrei-me com alguns torcedores por volta das 20h. Embora a partida tivesse início marcado para as 22h, por volta das 20h30min seguimos em direção à arena – o que costumava ser feito com cerca de trinta minutos antes do horário de início do jogo. A sugestão foi dada por Osvaldo, "vamos para o estacionamento, tem um *brother*[364] nosso com um *cooler*[365]".

Se no churrasco em que estive na Avenida Padre Sena Freitas o banco da moto era utilizado como bancada por aqueles que cuidavam das carnes, aqui o porta-malas dos carros, aberto, acomodava os *coolers* com latas de cervejas, em cima dos quais eram apoiadas as tábuas para fatiar carnes.

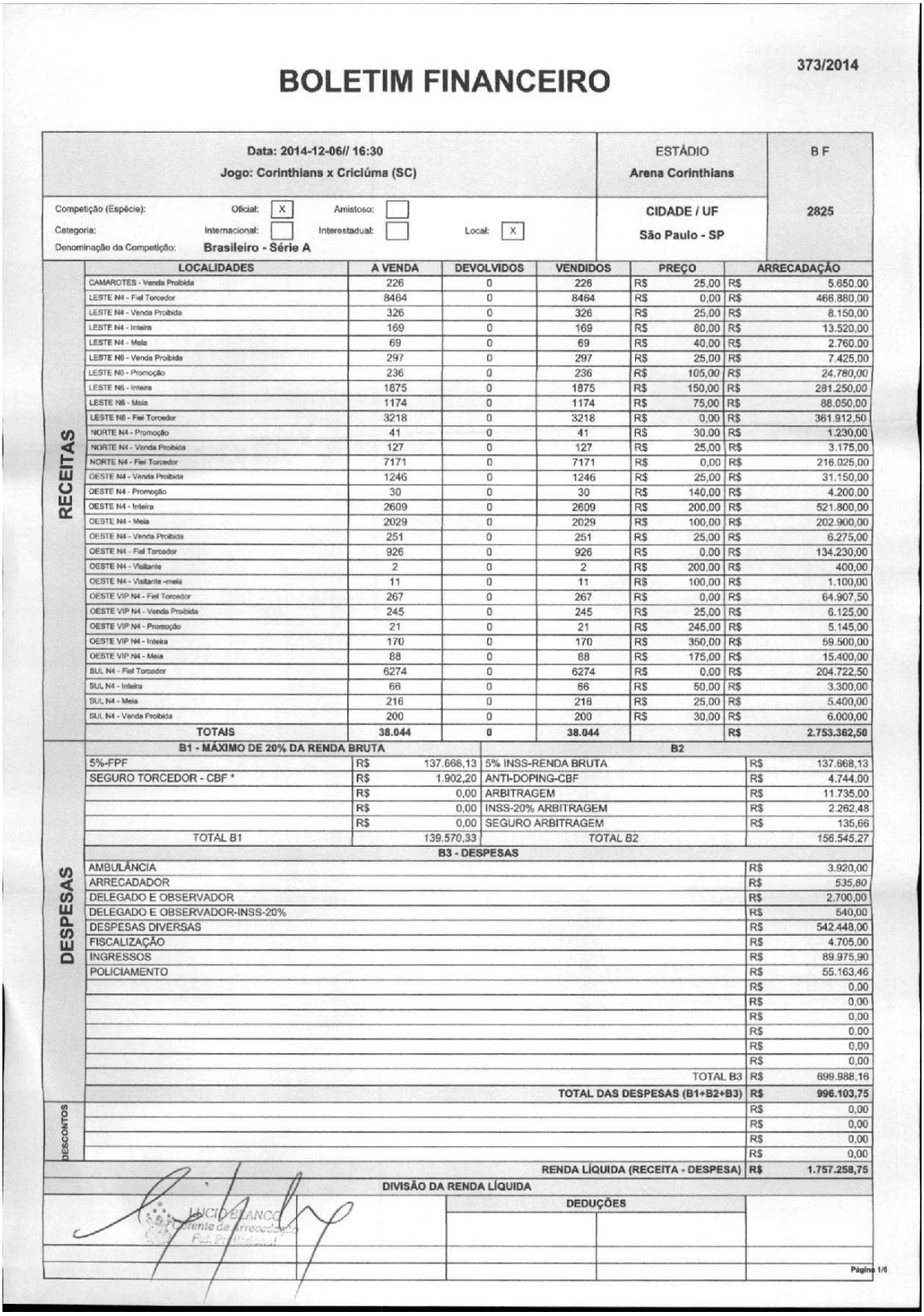
O espaço do estacionamento, por ser área privada, pertencente ao clube, não poderia ser utilizada por vendedores ambulantes, o comércio irregular nele estaria sujeito a punições mais severas do que as previstas em lei municipal para espaços como os da praça. No entanto, um amplo terreno, capitalizado para que carros permaneçam parados por pouco mais de duas horas, foi reordenado pelos torcedores, se tornando lugar para, nos termos destes sujeitos, "tomar umas antes dos jogos", "assar uma carne" e "entrar no clima da partida".

[364]A categoria "brother" é utilizada para se referir a um "chegado", alguém com quem se partilha de certa proximidade, em geral pautada pela frequência a um mesmo espaço, ou "pedaço" (Magnani, 2002, p. 21). Nessa situação, o "brother" era um dos frequentadores do Bar do Japonês.

[365]Termo que designa um tipo específico de caixa térmica, com acabamento mais aprimorado. Enquanto as primeiras são geralmente caixas de isopor, os "coolers" são revestidos com plástico rígido, possuem alças e formatos distintos.

Anexo E – Boletim financeiro

Referente à partida Corinthians vs. Criciúma, disputada em 6/12/2014:



BOLETIM FINANCEIRO

373/2014

Data: 2014-12-06// 16:30 Jogo: Corinthians x Criciúma (SC)	ESTÁDIO Arena Corinthians	B F
Competição (Espécie): Oficial: X Amistoso: ☐ Categoria: Internacional: ☐ Interestadual: ☐ Local: X Denominação da Competição: **Brasileiro - Série A**	CIDADE / UF São Paulo - SP	2825

RECEITAS

LOCALIDADES	A VENDA	DEVOLVIDOS	VENDIDOS	PREÇO	ARRECADAÇÃO
CAMAROTES - Venda Proibida	226	0	226	R$ 25,00	R$ 5.650,00
LESTE N4 - Fiel Torcedor	8464	0	8464	R$ 0,00	R$ 466.880,00
LESTE N4 - Venda Proibida	326	0	326	R$ 25,00	R$ 8.150,00
LESTE N4 - Inteira	169	0	169	R$ 80,00	R$ 13.520,00
LESTE N4 - Meia	69	0	69	R$ 40,00	R$ 2.760,00
LESTE N6 - Venda Proibida	297	0	297	R$ 25,00	R$ 7.425,00
LESTE N6 - Promoção	236	0	236	R$ 105,00	R$ 24.780,00
LESTE N6 - Inteira	1875	0	1875	R$ 150,00	R$ 281.250,00
LESTE N6 - Meia	1174	0	1174	R$ 75,00	R$ 88.050,00
LESTE N6 - Fiel Torcedor	3218	0	3218	R$ 0,00	R$ 361.912,50
NORTE N4 - Promoção	41	0	41	R$ 30,00	R$ 1.230,00
NORTE N4 - Venda Proibida	127	0	127	R$ 25,00	R$ 3.175,00
NORTE N4 - Fiel Torcedor	7171	0	7171	R$ 0,00	R$ 216.025,00
OESTE N4 - Venda Proibida	1246	0	1246	R$ 25,00	R$ 31.150,00
OESTE N4 - Promoção	30	0	30	R$ 140,00	R$ 4.200,00
OESTE N4 - Inteira	2609	0	2609	R$ 200,00	R$ 521.800,00
OESTE N4 - Meia	2029	0	2029	R$ 100,00	R$ 202.900,00
OESTE N4 - Venda Proibida	251	0	251	R$ 25,00	R$ 6.275,00
OESTE N4 - Fiel Torcedor	926	0	926	R$ 0,00	R$ 134.230,00
OESTE N4 - Visitante	2	0	2	R$ 200,00	R$ 400,00
OESTE N4 - Visitante -meia	11	0	11	R$ 100,00	R$ 1.100,00
OESTE VIP N4 - Fiel Torcedor	267	0	267	R$ 0,00	R$ 64.907,50
OESTE VIP N4 - Venda Proibida	245	0	245	R$ 25,00	R$ 6.125,00
OESTE VIP N4 - Promoção	21	0	21	R$ 245,00	R$ 5.145,00
OESTE VIP N4 - Inteira	170	0	170	R$ 350,00	R$ 59.500,00
OESTE VIP N4 - Meia	88	0	88	R$ 175,00	R$ 15.400,00
SUL N4 - Fiel Torcedor	6274	0	6274	R$ 0,00	R$ 204.722,50
SUL N4 - Inteira	66	0	66	R$ 50,00	R$ 3.300,00
SUL N4 - Meia	216	0	216	R$ 25,00	R$ 5.400,00
SUL N4 - Venda Proibida	200	0	200	R$ 30,00	R$ 6.000,00
TOTAIS	**38.044**	**0**	**38.044**		**R$ 2.753.362,50**

DESPESAS

B1 - MÁXIMO DE 20% DA RENDA BRUTA		B2	
5%-FPF	R$ 137.668,13	5% INSS-RENDA BRUTA	R$ 137.668,13
SEGURO TORCEDOR - CBF *	R$ 1.902,20	ANTI-DOPING-CBF	R$ 4.744,00
	R$ 0,00	ARBITRAGEM	R$ 11.735,00
	R$ 0,00	INSS-20% ARBITRAGEM	R$ 2.262,48
	R$ 0,00	SEGURO ARBITRAGEM	R$ 135,66
TOTAL B1	139.570,33	*TOTAL B2*	*156.545,27*

B3 - DESPESAS	
AMBULÂNCIA	R$ 3.920,00
ARRECADADOR	R$ *535,80*
DELEGADO E OBSERVADOR	R$ 2.700,00
DELEGADO E OBSERVADOR-INSS-20%	R$ 540,00
DESPESAS DIVERSAS	R$ 542.448,00
FISCALIZAÇÃO	R$ 4.705,00
INGRESSOS	R$ 89.975,90
POLICIAMENTO	R$ 55.163,46
	R$ 0,00
	R$ 0,00
	R$ 0,00
	R$ 0,00
	R$ 0,00
	R$ 0,00
TOTAL B3	R$ 699.988,16
TOTAL DAS DESPESAS (B1+B2+B3)	**R$ 996.103,75**

DESCONTOS

	R$ 0,00
	R$ 0,00
	R$ 0,00
	R$ 0,00
RENDA LÍQUIDA (RECEITA - DESPESA)	**R$ 1.757.258,75**

DIVISÃO DA RENDA LÍQUIDA

		DEDUÇÕES		

LUCIO LANCO
Gerente de Arrecadação
Fpf - Profissional

Página 1/6